

PREFÁCIO  
STEPHEN KING

# JACK KETCHUM

a garota  
da casa  
ao lado

JACK  
KETCHUM



**"Visceral."**

— STEPHEN KING —

Baseado em fatos  
que inspiraram  
também o filme  
*A Garota da  
Casa ao Lado*,  
de Gregory Wilson

**MACABRA**

DARKSIDE

DARKSIDE



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

---

**"Quando o mundo estiver  
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais  
lutando por dinheiro e poder,  
então nossa sociedade  
poderá enfim evoluir a um  
novo nível."**

---



# Capítulo um

Você acha que sabe sobre a dor?

Fale com minha segunda esposa. Ela faz. Ou ela pensa que sim.

Ela diz que uma vez, quando ela tinha dezenove ou vinte anos, ela se envolveu entre dois gatos brigando - o seu próprio gato e o de um vizinho - e um deles foi até ela, escalou-a como uma árvore, arrancou cortes em suas coxas, seios e barriga que você ainda pode ver hoje, a assustou tanto que ela caiu contra o Hoosier da virada do século de sua mãe, quebrando seu melhor prato de torta de cerâmica e raspando 15 centímetros de pele de suas costelas enquanto o gato descia por ela novamente, todos os dentes e garras e cuspiendo fúria.

Trinta e seis pontos, acho que ela disse que levou. E uma febre que durou dias.

Minha segunda esposa diz que isso é dor.

Ela não sabe merda nenhuma, aquela mulher.

002

Evelyn, minha primeira esposa, talvez tenha se aproximado.

Há uma imagem que a assombra.

Ela está dirigindo por uma estrada escorregadia de chuva em uma manhã quente de verão em um Volvo alugado, seu amante ao seu lado, dirigindo devagar e com cuidado porque ela sabe como a chuva nova em ruas quentes pode ser traiçoeira, quando um Volkswagen passa por ela a pista dela. Seu pára-choque traseiro com as placas “Live Free or Die” desliza e beija sua grade. Quase suavemente. A chuva faz o resto. O Volvo cambaleia, desvia, desliza sobre um barranco e, de repente, ela e seu amante estão rolando pelo espaço, estão sem peso e girando, e para cima é para baixo e depois para cima e para baixo novamente. Em algum momento o volante quebra seu ombro. O espelho retrovisor racha seu pulso.

Então o rolamento para e ela está olhando para o acelerador acima. Ela procura seu amante, mas ele não está mais lá; ele desapareceu, é mágico. Ela encontra a porta do lado do motorista e a abre, rasteja na grama molhada, fica de pé e espia através da chuva. E esta é a imagem que a assombra - um homem como um saco de sangue, esfolado, esfolado vivo, deitado na frente do carro em um spray de vidro manchado de vermelho.

Este saco é o amante dela.

E é por isso que ela está mais perto. Mesmo que ela bloqueie o que ela sabe – mesmo que ela durma à noite.

Ela sabe que a dor não é apenas uma questão de machucar, de seu próprio corpo assustado reclamando de alguma invasão da carne.

A dor pode atuar de fora para dentro.

Quero dizer que às vezes o que você vê é dor. Dor em sua forma mais cruel e pura. Sem drogas ou sono ou mesmo choque ou coma para entorpecer isso para você.

Você vê e absorve. E então é você.

Você é o hospedeiro de um longo verme branco que rói e come, crescendo, enchendo seus intestinos até que finalmente você tosse uma manhã e surge a cabeça pálida e cega da coisa deslizando de sua boca como uma segunda língua.

Não, minhas esposas não sabem disso. Não exatamente. Embora Evelyn esteja perto.

Mas eu sim.

Você vai ter que confiar em mim para começar.

Eu tenho há muito tempo.

Tento me lembrar de que éramos todos crianças quando essas coisas aconteceram, apenas crianças, mal tirados de nossos bonés de pele de racum Davy Crockett, pelo amor de Deus, ainda não totalmente formados.

É muito difícil acreditar que o que sou hoje é o que eu era então, exceto agora escondido e disfarçado. As crianças têm segundas chances. Gosto de

pensar que estou usando o meu.

Embora depois de dois divórcios, maus, o verme é capaz de roer um pouco.

Ainda assim gosto de lembrar que eram os anos cinqüenta, um período de estranhas repressões, segredos, histeria. Penso em Joe McCarthy, embora mal me lembre de pensar nele naquela época, exceto para imaginar o que fazia meu pai correr para casa do trabalho todos os dias para assistir às audiências do comitê na TV.

Penso sobre a Guerra Fria. Sobre exercícios de ataque aéreo no porão da escola e filmes que vimos de testes

atômicos — manequins de lojas de departamentos implodindo, explodindo em salas de estar simuladas, se desintegrando, queimando. Sobre cópias de *Playboy* and *Man's Action* escondidas em papel encerado perto do riacho, tão mofadas depois de um tempo que você odiava tocá-las. Penso em Elvis sendo denunciado pelo reverendo Deitz na Igreja Luterana Grace quando eu tinha dez anos e nos tumultos do rock 'n' roll nos shows de Alan Freed na Paramount.

Digo a mim mesmo que algo estranho estava acontecendo, algum grande furúnculo americano prestes a estourar. Que estava acontecendo por toda parte, não apenas na casa de Ruth, mas em todos os lugares.

E às vezes isso facilita.

O que fizemos.

Estou com quarenta e um agora. Nascido em 1946, dezessete meses após o lançamento da bomba em Hiroshima.

Matisse acabara de fazer oitenta anos.

Eu ganho cento e cinquenta mil por ano, trabalhando no chão de Wall Street. Dois casamentos, sem filhos.

Uma casa em Rye e um apartamento da empresa na cidade. A maioria dos lugares que vou uso limusines, embora em Rye eu dirija um Mercedes azul.

Pode ser que eu esteja prestes a me casar novamente. A mulher que eu amo não sabe nada do que estou escrevendo aqui — nem minhas outras esposas —

e eu realmente não sei se algum dia pretendo contar a ela.

Por que eu deveria? Sou bem-sucedido, equilibrado, generoso, um amante cuidadoso e atencioso.

E nada na minha vida está certo desde o verão de 1958, quando Ruth, Donny, Willie e todos nós conhecemos Meg Loughlin e sua irmã Susan.

## Capítulo dois

Eu estava sozinho no riacho, deitado de bruços do outro lado do Big Rock com uma lata na mão. Eu estava pegando lagostins. Eu já tinha dois deles em uma lata maior ao meu lado. Os pequenos. Eu estava procurando a mãe deles.

O riacho corria rápido ao meu lado. Eu podia sentir o spray em meus pés descalços balançando perto da água. A água estava fria, o sol quente.

Ouvi um som nos arbustos e olhei para cima. A garota mais bonita que eu já tinha visto estava sorrindo para mim sobre o aterro.

Ela tinha longas pernas bronzeadas e longos cabelos ruivos presos em um rabo de cavalo, usava shorts e uma blusa de cor clara aberta no pescoço. Eu tinha doze anos e meio. Ela era mais velha.

Lembro-me de sorrir de volta para ela, embora raramente fosse agradável com estranhos.

“Lagostim,” eu disse. Joguei fora uma lata de água.

"Mesmo?"

Eu balancei a cabeça.

"Grandes?"

“Não estes. Você pode encontrá-los, no entanto.”

"Entendo?"

Ela caiu da margem como um menino faria, não sentando primeiro, apenas colocando a mão esquerda no chão e saltando a queda de um metro até a primeira pedra grande na linha que conduzia em ziguezague pela água. Ela estudou a linha por um momento e então cruzou para o Rochedo. Fiquei impressionado. Ela não hesitou e seu equilíbrio era perfeito. Abri espaço para ela. De repente, havia um cheiro bom e limpo sentado ao meu lado.

Seus olhos eram verdes. Ela olhou ao redor.



Para todos nós naquela época o Rock era algo especial. Ele estava bem no meio da parte mais profunda do riacho, a água correndo clara e rápida ao seu redor. Você tinha espaço para quatro crianças sentadas ou seis em pé. Tinha sido um navio pirata, o *Nautilus de Nemo*, e uma canoa para o Lenni Lennape, entre outras coisas. Hoje a água estava com cerca de um metro e meio de profundidade. Ela parecia feliz por estar ali, sem medo.

"Nós chamamos isso de Big Rock", eu disse. "Nós costumávamos, quero dizer. Quando éramos crianças."

"Eu gosto", disse ela. "Posso ver os lagostins? Eu sou Meg."

"Eu sou Davi. Certo."

Ela olhou para dentro da lata. O tempo passou e não dissemos nada. Ela os estudou. Então ela se endireitou novamente.

"Arrumado."

"Eu apenas os pego e olho para eles por um tempo e depois os deixo ir."

"Eles mordem?"

"Os grandes sim. Eles não podem machucá-lo, no entanto. E os pequeninos apenas tentam correr."

"Parecem lagostas."

"Você nunca viu um lagostim antes?"

"Não pense que eles têm em Nova York." Ela riu. Eu não me importei. "Nós pegamos lagostas, no entanto."

*Eles* podem te machucar."

"Você pode manter um? Quero dizer, você não pode manter uma lagosta como um animal de estimação ou qualquer coisa, certo?"

Ela riu novamente. "Não. Você os come."

"Você também não pode manter um lagostim. Eles morrem. Um dia ou talvez dois, no máximo. Eu ouço as pessoas comê-los também."

"Mesmo?"

"Sim. Alguns fazem. Na Louisiana ou na Flórida ou em algum lugar."

Nós olhamos para dentro da lata.

"Eu não sei", disse ela, sorrindo. "Não há muito o que comer lá embaixo."

"Vamos pegar alguns grandes."

Nós nos deitamos lado a lado na Rocha. Peguei a lata e deslizei os dois braços para dentro do riacho. O

truque era virar as pedras uma de cada vez, devagarinho para não enlamear a água, depois ter a lata pronta para o que saísse de baixo. A água era tão profunda que eu tinha minha camisa de manga curta enrolada até os ombros. Eu estava ciente de quão longos e finos meus braços deviam parecer para ela. Eu sei que eles pareciam assim para mim.

Eu me senti muito estranho ao lado dela, na verdade. Desconfortável, mas animado. Ela era diferente das outras garotas que eu conhecia, de Denise ou Cheryl no quarteirão ou até mesmo das garotas da escola. Para começar, ela era talvez cem vezes mais bonita. No que me dizia respeito, ela era mais bonita que Natalie Wood. Provavelmente ela era mais esperta do que as garotas que eu conhecia também, mais sofisticada.

Afinal, ela morava em Nova York e tinha comido *lagostas*. E ela se movia como um menino. Ela tinha esse corpo forte e duro e graça fácil sobre ela.

Tudo isso me deixou nervoso e perdi o primeiro. Não um lagostim enorme, mas maior do que o que tínhamos. Ele correu para trás sob a Rocha.

Ela perguntou se poderia tentar. Eu dei a ela a lata.

"Nova York, hein?"

"Sim."

Ela arregaçou as mangas e mergulhou na água. E foi então que notei a cicatriz.

"Nossa. O que é isso?"

Começou bem dentro de seu cotovelo esquerdo e desceu até o pulso como um longo verme rosa retorcido.

Ela viu para onde eu estava olhando.

"Acidente", disse ela. "Nós estávamos em um carro." Então ela olhou de volta para a água, onde você podia ver seu reflexo brilhando.

“Nossa.”

Mas então ela não parecia querer falar muito depois disso.

"Tem mais deles?"

Não sei por que as cicatrizes são sempre tão fascinantes para os meninos, mas são, é um fato da vida, e eu simplesmente não pude evitar. Eu não podia calar a boca sobre isso ainda. Mesmo sabendo que ela queria que eu fizesse isso, mesmo que tivéssemos acabado de nos conhecer. Eu a vi virar uma pedra. Não havia nada embaixo dele. Ela fez isso corretamente; ela não turvou a água. Achei ela ótima.

Ela deu de ombros.

"Uns poucos. Isso é o pior.”

“Posso vê-los?”

"Não. Acho que não."

Ela riu e olhou para mim de uma certa maneira e eu entendi a mensagem. E então eu calei a boca por um tempo.

Ela virou outra pedra. Nenhuma coisa.

“Acho que foi ruim, né? O acidente?”

Ela não respondeu nada e eu não a culpo. Eu sabia o quão estúpido e estranho soava, quão insensível, no momento em que eu disse isso. Corei e fiquei feliz por ela não estar olhando.

Então ela pegou um.

A pedra deslizou e o lagostim recuou para dentro da lata e tudo o que ela tinha que fazer era trazê-lo para cima.

Ela derramou um pouco de água e inclinou a lata em direção à luz do sol. Você podia ver aquela bela cor dourada que eles têm. Sua cauda estava para cima e suas pinças balançando e ele estava espreitando o fundo da lata, procurando alguém para lutar.

"Você a pegou!"

!

“Primeira tentativa ”

"Excelente! Ela é realmente ótima."

"Vamos colocá-la junto com os outros."

Ela derramou a água lentamente para não perturbá-la ou perdê-la exatamente do jeito que você deveria, embora ninguém tivesse dito a ela, e então, quando havia apenas uma polegada ou mais na lata, a enfiou na lata maior. Os dois que já estavam lá lhe deram bastante espaço. Isso era bom porque os lagostins se matavam às vezes, eles matavam sua própria espécie, e esses dois outros eram apenas carinhas.

Daqui a pouco a nova se acalmou e ficamos ali sentados olhando ela. Ela parecia primitiva, eficiente, mortal, bonita. Cor muito bonita e muito elegante de design.

Eu enfiei meu dedo na lata para agitá-la novamente.

"Não."

A mão dela estava no meu braço. Era fresco e macio.

Tirei meu dedo novamente.

Eu ofereci a ela um pedaço de Wrigley's e peguei um para mim. Então tudo que você podia ouvir por um tempo era o vento soprando através da grama alta e fina do outro lado do aterro e farfalhando o mato ao longo do riacho e o som do riacho correndo rápido da chuva da noite passada, e nós mastigando.

"Você vai colocá-los de volta, certo? Você promete?"

"Certo. Eu sempre faço."

"Boa."

Ela suspirou e então se levantou.

"Eu tenho que voltar, eu acho. Temos compras para fazer. Mas eu queria olhar ao redor primeiro. Quero dizer, nunca tivemos um bosque antes. Obrigado, Davi. Foi divertido."

Ela estava na metade das pedras quando pensei em perguntar a ela.

"Ei! Voltar para onde? Onde você está indo?"

Ela sorriu. “Nós vamos ficar com os Chandlers. Susan e eu. Susan é minha irmã.

Então me levantei também, como se alguém tivesse me colocado de pé com cordas invisíveis.

“Os Chandlers? *Rute*? A mãe de Donny e Willie?

Ela terminou de atravessar e se virou e olhou para mim. E algo em seu rosto estava diferente agora de repente. Cauteloso.

Isso me parou.

"Está certo. Somos primos. Primos de segundo grau. Eu sou sobrinha de Ruth, eu acho.

A voz dela tinha ficado estranha comigo também. Parecia monótono, como se houvesse algo que eu não deveria saber. Como se ela estivesse me dizendo algo e escondendo ao mesmo tempo.

Isso me confundiu por um momento. Tive a sensação de que talvez isso a confundisse também.

Foi a primeira vez que a vi nervosa. Inclusive incluindo as coisas sobre a cicatriz.

Eu não deixei isso me incomodar, no entanto.

Porque a casa dos Chandler era bem ao lado da minha.

E Rute era. . . bem, Ruth foi ótima. Mesmo que seus filhos fossem idiotas às vezes. Rute foi ótima.

"Ei!" Eu disse. “Somos vizinhos! A minha é a casa marrom ao lado!”

Eu a observei escalar o aterro. Quando ela chegou ao topo, ela se virou e seu sorriso estava de volta novamente, o olhar limpo e aberto que ela tinha quando se sentou ao meu lado na Rocha.

Ela acenou. “Vejo você, Davi.”

— Até mais, Meg.

Legal, pensei. Incrível. Eu vou vê-la o tempo todo.

Foi o primeiro tal pensamento que eu já tive.

Eu percebo isso agora.

Naquele dia, naquela Rocha, conheci de frente a minha adolescência na pessoa de Megan Loughlin, uma estranha dois anos mais velha do que eu, com uma irmã, um segredo e longos cabelos ruivos. Que me pareceu tão natural, que emergi inabalável e até feliz com a experiência, acho que disse muito sobre minhas possibilidades futuras – e, claro, para as dela.

Quando penso nisso, odeio Ruth Chandler.

*Ruth, você era linda naquela época.*

*Eu pensei muito em você – não, eu pesquisei sobre você, eu fui tão longe, cavei em seu passado, estacionei do outro lado da rua um dia daquele prédio de escritórios da Howard Avenue que você sempre nos falou, onde você comandava todo o maldito show enquanto os Garotos estavam fora lutando contra o Grande, a Guerra para Acabar com Todas as Guerras Parte Dois – aquele lugar onde você era absolutamente indispensável até que os “pequenos vômitos do soldado voltaram para casa novamente”, como você diz. , e de repente você ficou desempregado. Estacionei lá e parecia comum, Ruth. Parecia sórdido, triste e chato.*

*Eu dirigi até Morristown onde você nasceu e isso também não foi nada. Claro que eu não sabia onde sua casa deveria ser, mas eu certamente não podia ver seus grandes sonhos desiludidos nascendo lá também, naquela cidade, eu não podia ver as riquezas que seus pais supostamente depositaram em você, deram banho em você com, eu não podia ver sua frustração selvagem.*

*Sentei-me no bar do seu marido Willie Sr. — Sim! — encontrei-o, Ruth! Em Fort Myers, na Flórida, onde ele estava desde que deixou você com seus três pirralhos berrantes e uma hipoteca há trinta anos, eu o encontrei brincando de barman para os idosos, um homem suave, amável, há muito passado do seu auge. — Eu sentei lá e olhei para o rosto dele e nos olhos dele e nós conversamos e eu não conseguia ver o homem que você sempre disse que ele era, o garanhão, o “adorável bastardo irlandês”, que significa filho da puta.*

*Ele parecia um homem envelhecido e macio para mim. Um nariz de bebedor, uma barriga de bebedor, uma bunda gorda caída em um par de calças largas. E ele parecia nunca ter sido duro, Ruth. Nunca. Essa foi a surpresa, realmente.*

*Como se a dureza estivesse em outro lugar.*

*Então o que foi, Ruth? Todas as mentiras? Todas as suas próprias invenções?*

*Eu não passaria por você.*

*Ou talvez tenha sido isso para você – canalizado através de você – mentiras e verdades eram a mesma coisa.*

*Vou tentar mudar isso agora, se puder. Vou contar nossa pequena história. Direto como posso daqui em diante e sem interrupções.*

*E estou escrevendo isso para você, Ruth. Porque eu nunca consegui te pagar de volta, na verdade.*

*Então aqui meu cheque. Atrasado e sacado.*

*Saque no inferno.*

## Capítulo três

No início da manhã seguinte, caminhei ao lado.

Lembro-me de me sentir tímido com isso, um pouco estranho, e isso era bastante incomum porque nada poderia ter sido mais natural do que ver o que estava acontecendo por lá.

Era de manhã. Era verão. E foi isso que você fez. Você se levantava, tomava café da manhã e depois saía e olhava ao redor para ver quem estava onde.

A casa dos Chandler era o lugar habitual para começar.

A Laurel Avenue era um beco sem saída naquela época — não é mais — um único corte raso no meio-círculo da floresta que margeava o lado sul de West Maple e corria de volta por talvez um quilômetro e meio atrás. Quando a estrada foi cortada pela primeira vez no início dos anos 1800, a floresta era tão densa com madeira alta que a chamavam de Dark Lane. Aquela madeira já havia desaparecido, mas ainda era uma rua tranquila e bonita. Sombra de árvores em todos os lugares, cada casa diferente da outra e não muito próximas umas das outras como algumas que você viu.

Ainda havia apenas treze casas no quarteirão. Ruth, nossa, outras cinco subindo a colina do nosso lado da rua e seis do outro lado.

Todas as famílias, exceto os Zorns, tinham filhos. E cada criança conhecia todas as outras crianças como conhecia seu próprio irmão. Então, se você quisesse companhia, sempre poderia encontrar alguma no riacho ou no bosque de macieiras ou no quintal de alguém — quem tivesse a maior piscina de plástico naquele ano ou o alvo para arco e flecha.

Se você queria se perder, era fácil também. A floresta era profunda.

The Dead End Kids, nós nos chamávamos.

Sempre foi um círculo fechado.

Tínhamos nosso próprio conjunto de regras, nossos próprios mistérios, nossos próprios segredos. Tínhamos uma hierarquia e a aplicamos com força total. Estávamos acostumados assim.



Mas agora havia alguém novo no quarteirão. Alguém novo na casa de Ruth. Parecia engraçado.

Especialmente porque era aquele alguém.

Especialmente porque era aquele lugar.

Parecia muito engraçado, de fato.

Ralphie estava agachado perto do jardim de pedras. Eram talvez oito horas e ele já estava sujo. Havia manchas de suor e sujeira por todo o rosto, braços e pernas, como se ele tivesse corrido a manhã toda e caído *em* nuvens profundas de poeira. Caindo com frequência. O que ele provavelmente conhecia Ralphie. Ralphie tinha dez anos e acho que nunca o vi limpo por mais de quinze minutos na minha vida. Seu short e camiseta também estavam duros.

“Ei, Woofer.”

Exceto por Ruth, ninguém o chamava de Ralphie — sempre Woofer. Quando queria, soava mais como o basset hound dos Robertsons, Mitsy, do que Mitsy.

“Oi, Dave.”

Ele estava revirando as rochas, observando insetos de batata e milhares de pernas correndo para longe da luz.

Mas eu podia ver que ele não estava interessado neles. Ele continuou movendo uma pedra após a outra.

Virando-os, deixando-os cair novamente. Ele tinha uma lata de feijão Libby's ao lado dele e continuou mudando isso também, mantendo-a perto dos joelhos sarnentos enquanto ia de pedra em pedra.

“O que tem na lata?”

"Noturno", disse ele. Ele ainda não tinha olhado para mim. Ele estava concentrado, franzindo a testa, movendo-se com aquela energia nervosa que era patenteada por Woofer. Como se ele fosse um cientista em um laboratório à beira de uma incrível descoberta fantástica e ele desejasse que você o deixasse em paz para continuar com isso.

Ele jogou outra pedra.

"Donny por aí?"

"Sim." Ele assentiu.

O que significava que Donny estava lá dentro. E como eu me sentia meio nervoso em entrar, fiquei com ele por um tempo. Ele derrubou um grande. E aparentemente encontrou o que procurava.

Formigas vermelhas. Um enxame deles lá embaixo da rocha – centenas, milhares deles. Tudo enlouquecendo com a luz repentina.

Nunca gostei de formigas. Costumávamos colocar panelas de água para ferver e depois despejá-las sobre eles sempre que eles decidiam que seria bom subir os degraus da varanda da frente da nossa casa - o que por algum motivo eles faziam uma vez a cada verão. Foi ideia do meu pai, mas eu a endosseiei inteiramente. Eu pensei que água fervente era exatamente o que as formigas mereciam.

Eu podia sentir o cheiro de iodo junto com a terra molhada e a grama cortada molhada.

Woofers afastou a pedra e enfiou a mão na lata de Libby. Ele desenterrou um nightcrawler e depois um segundo e os jogou com as formigas.

Ele fez isso a uma distância de cerca de um metro. Como se estivesse bombardeando as formigas com carne de verme.

As formigas responderam. As minhocas começaram a rolar e se debater quando as formigas descobriram sua carne macia e rosada.

“Doente, Woofers,” eu disse. “Isso é muito doentio.”

“Encontrei alguns pretos ali”, disse ele. Ele apontou para uma pedra no lado oposto da varanda. “Você sabe, os grandes. Vou coletá-los e colocá-los com esses caras aqui. Comece uma guerra de formigas. Você quer apostar quem ganha?”

“As formigas vermelhas vão ganhar,” eu disse. “As formigas vermelhas sempre vencem.”

Era verdade. As formigas vermelhas eram ferozes. E este jogo não era novo para mim.

“Eu tenho outra ideia,” eu disse. “Por que você não enfia a mão aí? Finja que você é o Filho de Kong ou algo assim.”

Ele olhou para mim. Eu poderia dizer que ele estava considerando isso. Então ele sorriu.

“Não,” ele disse. “Isso é retardado.”

Levantei-me. Os vermes ainda estavam se contorcendo.

“Vejo você, Woof”, eu disse.

Subi as escadas até a varanda. Bati na porta de tela e entrei.

Donny estava esparramado no sofá vestindo nada além de uma cueca boxer branca enrugada. Ele era apenas três meses mais velho do que eu, mas muito maior no peito e ombros e agora, recentemente, ele estava desenvolvendo uma barriga muito boa, seguindo os passos de seu irmão, Willie Jr. Não era uma coisa bonita de se ver e Eu me perguntei onde Meg estaria agora.

Ele olhou para mim de uma cópia de Plastic Man. Pessoalmente, eu praticamente desisti dos quadrinhos desde que o Comic Code chegou em 54 e você não podia mais ter *Web of Mystery*.

— Como você está, Dave?

Ruth estava passando roupa. A prancha estava inclinada em um canto e você podia sentir o cheiro forte e almiscarado de tecido limpo e superaquecido.

Eu olhei em volta.

"Muito bom. Onde estão todos?"

Ele encolheu os ombros. "Foi fazer compras."

“Willie foi fazer compras? Você está brincando."

Ele fechou o quadrinho e se levantou, sorrindo, coçando a axila.

“Não. Willie tem uma consulta com o dentista às nove. Willie tem *cáries*. Não é um assassino?"

Donny e Willie Jr. nasceram com uma hora e meia de diferença, mas por alguma razão Willie Jr. tinha dentes muito macios e Donny não. Ele estava

sempre no dentista.

Nós rimos.

"Ouvi dizer que você a conheceu."

"Who?"

Donny olhou para mim. Acho que não estava enganando ninguém.

“Ah, seu primo. Sim. No Rock ontem. Ela pegou um lagostim na primeira tentativa.”

Donny assentiu. "Ela é boa em coisas", disse ele.

Não foi exatamente um elogio entusiasmado, mas para Donny – e especialmente para Donny falando sobre uma *garota* – foi bastante respeitoso.

“Vamos,” ele disse. "Espere aqui enquanto eu me visto e vamos ver o que Eddie está fazendo."

Eu gemi.

De todos os garotos da Laurel Avenue, Eddie era aquele de quem eu tentava ficar longe. Eddie era louco.

Lembro-me de Eddie andando pela rua uma vez no meio de um jogo de stickball que estávamos jogando nu até a cintura com uma grande cobra preta viva presa entre os dentes. Menino da Natureza. Ele jogou em Woofer, que gritou, e depois em Billy Borkman. Na verdade, ele continuou pegando e jogando em todas as crianças e perseguindo-os acenando com a cobra até que a concussão de cair na estrada tantas vezes meio que chegou à cobra eventualmente e não foi mais muito divertido.

Eddie colocou você em apuros.

A ideia de Eddie de um grande momento era fazer algo perigoso ou ilegal, de preferência os dois – andar nas vigas de uma casa em construção ou atirar maçãs do caranguejo nos carros da Ponte Canoe Brook – e talvez se safar disso. Se você fosse pego ou machucado, tudo bem, isso era engraçado. Se ele fosse pego ou ferido, ainda era engraçado.

Linda e Betty Martin juraram que o viram morder a cabeça de um sapo uma vez. Ninguém duvidou.

A casa dele ficava no alto da rua do lado oposto de nós, e Tony e Lou Morino, que moravam ao lado, disseram que ouviam o pai batendo nele o tempo todo. Praticamente todas as noites. A mãe e a irmã dele também receberam. Lembro-me de sua mãe, uma mulher grande e gentil com mãos grossas e ásperas de camponesa, chorando enquanto tomava café na cozinha com minha mãe, seu olho direito era grande e inchado.

Meu pai disse que o Sr. Crocker era bom o suficiente sóbrio, mas um bêbado malvado. Eu não sabia disso, mas Eddie tinha herdado o temperamento de seu pai e você nunca sabia quando isso iria explodir em você.

Quando isso acontecesse, era tão provável que ele pegasse um pedaço de pau ou uma pedra quanto usasse as mãos. Todos nós carregamos as cicatrizes em algum lugar. Eu estive na extremidade receptora mais de uma vez. Agora eu tentei ficar longe.

Donny e Willie gostavam dele. A vida com Eddie era emocionante, você tinha que dar isso a ele. Embora até eles soubessem que Eddie era louco.

Em torno de Eddie eles ficaram loucos também.

"Diga-lhe o que", eu disse. "Eu vou te acompanhar. Mas não vou ficar por aí em cima."

"Ah, vamos."

"Tenho outras coisas para fazer."

"Que coisas?"

"Apenas coisas."

"O que você vai fazer, ir para casa e ouvir os discos do Perry Como da sua mãe?"

Eu dei a ele um olhar. Ele sabia que estava fora de linha.

Éramos todos fãs de Elvis.

Ele riu.

“Como quiser, esporte. Espere um minuto. Eu estarei lá.”

Ele desceu o corredor até seu quarto e me ocorreu imaginar como eles estavam trabalhando agora que Meg e Susan estavam lá, quem estava dormindo onde. Fui até o sofá e peguei seu *Plastic Man*. Virei as páginas e larguei novamente. Então eu vaguei da sala de estar para a área de jantar onde a roupa limpa de Ruth estava dobrada sobre a mesa e finalmente para a cozinha. Abri o Frigidaire. Como de costume, havia comida para sessenta.

Liguei para Donny. "Tudo bem tomar uma Coca-Cola?"

"Certo. E abra um para mim, sim?"

Peguei as Cocas, abri a gaveta da direita e peguei o abridor de garrafas. Dentro os talheres estavam empilhados, todos limpos e arrumados. Sempre me pareceu estranho como Ruth tinha toda essa comida o tempo todo, mas só tinha serviço para cinco — cinco colheres, cinco garfos, cinco facas, cinco facas de carne e nenhuma colher de sopa. Claro, exceto por nós, Ruth nunca teve nenhuma empresa que eu conhecesse. Mas agora havia seis pessoas morando lá. Eu me perguntei se ela finalmente teria que quebrar e comprar um pouco mais.

Abri as garrafas. Donny saiu e eu lhe entreguei um. Ele estava vestindo jeans e Keds e uma camiseta. A camiseta estava apertada sobre sua barriga. Dei um tapinha ali.

“Melhor assistir, Donald,” eu disse.

“Melhor assistir você mesmo, homo.”

“Ah, isso mesmo, eu sou um homo, certo?”

“Você é um retardado é o que você é.”

“Eu sou um retardado? Você é uma vadia.”

“Skank? *Garotas* são vadias. Garotas e homos são vadias. Você é a vadia. Eu sou o Duque de Earl. Ele pontuou com um soco no braço que eu retribuí, e nos empurramos um pouco.

Donny e eu éramos os melhores amigos que os meninos tinham naquela época.

Saímos pela porta dos fundos para o quintal, depois contornamos a entrada para a frente e começamos a subir até a casa de Eddie. Era uma questão de honra ignorar a calçada. Caminhamos no meio da rua. Bebemos nossas Cocas. Nunca houve qualquer tráfego de qualquer maneira.

“As minhocas do seu irmão no jardim de pedras,” eu disse a ele.

Ele olhou para trás por cima do ombro. “Carinha bonitinho, não é?”

"Então como você gosta?" Eu perguntei a ele.

"Como o que?"

“Tendo Meg e sua irmã por perto?”

Ele encolheu os ombros. “Não sei. Eles acabaram de chegar.” Ele tomou um gole de Coca-Cola, arrotou e sorriu.

“Mas essa Meg é muito fofa, não é? Merda! Meu primo!”

Eu não queria comentar, embora eu concordasse com ele.

“ Primo de *segundo* grau, porém, sabe? Faz a diferença. Sangue ou algo assim. Eu não sei. Antes, nunca os víamos.”

"Nunca?"

“Minha mãe disse uma vez. Eu era muito jovem para lembrar.”

“Como é a irmã dela?”

“Susan? Como nada. Apenas uma criança. O que ela é, onze ou algo assim?”

“O Woofer tem apenas dez anos.”

"Okay, certo. E o que é Woofer?"

Você não podia discutir lá.

“Fiquei mal naquele acidente, no entanto.”

“Susan?”

Ele assentiu e apontou para minha cintura. "Sim. Quebrou tudo a partir daí, minha mãe diz. Cada osso que você tem. Quadril, pernas, tudo.”

“Nossa.”

“Ela ainda não anda muito bem. Ela está toda arrematada. Tem aquelas... como você as chama?... coisas de metal, bastões, que prendem em seus braços e você as agarra, arrasta-se. Crianças com poliomielite usam. Eu esqueço como eles são chamados. Como muletas.”

“Nossa. Ela vai andar de novo?”

"Ela caminha."

“Quero dizer, normal.”

"Eu não sei."

Nós terminamos nossas Cocas. Estávamos quase no topo do morro. Estava quase na hora de deixá-lo lá. Isso ou sofrer Eddie.

"Ambos morreram, você sabe", disse ele.

Bem desse jeito.

Eu sabia a quem ele se referia, é claro, mas por um momento eu simplesmente não conseguia fazer minha mente entender isso. Não imediatamente. Era um conceito muito estranho.

Os pais não *morreram apenas* . Não na minha rua. E certamente não em acidentes de carro. Esse tipo de coisa acontecia em outros lugares, em lugares mais perigosos que a Laurel Avenue. Aconteceram em filmes ou em livros. Você ouviu falar sobre isso em Walter Cronkite.

A Laurel Avenue era um beco sem saída. Você andou no meio dela.

Mas eu sabia que ele não estava mentindo. Lembrei-me de Meg não querendo falar sobre o acidente ou as cicatrizes e eu fazendo força.

Eu sabia que ele não estava mentindo, mas era difícil de lidar.

Nós apenas continuamos andando juntos, eu sem dizer nada, apenas olhando para ele e sem realmente vê-lo também.

Vendo Meg.

Foi um momento muito especial.

Eu sei que Meg alcançou um certo glamour para mim então.

De repente, não era apenas bonita, inteligente ou capaz de atravessar o riacho — ela era quase irrereal. Como ninguém que eu já conheci ou



provavelmente encontraria fora dos livros ou da matinê. Como se ela fosse ficção, algum tipo de heroína.

Eu a imaginei de volta ao Rock e agora eu vi essa pessoa que era realmente corajosa deitada ao meu lado. Eu vi horror. Sofrimento, sobrevivência, desastre.

Tragédia.

Tudo isso em um instante.

Provavelmente eu estava de boca aberta. Acho que Donny pensou que eu não sabia do que ele estava falando.

“Os *pais de Meg* , idiotas. Ambos. Minha mãe diz que eles devem ter morrido instantaneamente. Que eles não sabiam o que os atingiu.” Ele bufou. “O fato é que o que os atingiu foi um Chrysler.”

E pode ter sido seu rico mau gosto que me puxou de volta ao normal.

“Eu vi a cicatriz no braço dela,” eu disse a ele.

“Sim, eu também vi. Legal, hein? Você deveria ver o de Susan. Cicatrizes por toda *parte* . Bruto. Minha mãe diz que tem sorte de estar viva.”

“Ela provavelmente é.”

“De qualquer forma, é assim que os pegamos. Não há mais ninguém. Somos nós ou algum orfanato em algum lugar.” Ele sorriu. "Sorte deles, hein?"

E então ele disse algo que voltou para mim mais tarde. Na hora eu achei que era verdade, mas por algum motivo eu me lembrei. Eu me lembrava bem.

Ele disse isso assim que chegamos à casa de Eddie.

Eu me vejo parado no meio da estrada prestes a virar e descer a colina novamente, ir para algum lugar sozinho, não querendo qualquer parte de Eddie - pelo menos não naquele dia.

Vejo Donny se virando para jogar as palavras por cima do ombro enquanto atravessa o gramado até a varanda. Casualmente, mas com um estranho tipo de sinceridade sobre ele, como se isso fosse um evangelho absoluto.

"Minha mãe diz que Meg é a sortuda", disse ele. *“Minha mãe diz que ela saiu fácil.”*

## Capítulo quatro

Foi uma semana e meia antes que eu pudesse vê-la novamente, além de um vislumbre aqui e ali – tirar o lixo uma vez, capinar no jardim. Agora que eu conhecia toda a história, era ainda mais difícil me aproximar dela.

Eu nunca senti pena. Eu ensaiava o que poderia dizer a ela. Mas nada parecia certo. O que você disse para alguém que acabou de perder metade de sua família? Ficou ali como uma rocha que eu não conseguia escalar. Então eu a evitei.

Então, minha família e eu fizemos nossa viagem anual de serviço ao condado de Sussex para visitar a irmã de meu pai, de modo que durante quatro dias inteiros não precisei pensar nisso. Foi quase um alívio. Digo quase porque meus pais estavam a menos de dois anos do divórcio e a viagem foi horrível - três dias tensos de silêncio no carro subindo e voltando com muita alegria falsa no meio, que deveria beneficiar minha tia e tio, mas não. Você podia ver minha tia e meu tio olhando um para o outro de vez em quando como se dissesse Jesus, tire essas pessoas daqui.

Eles sabiam. Todo mundo sabia. Meus pais não poderiam ter escondido centavos de um cego até então.

Mas uma vez que estávamos em casa, voltamos a pensar em Meg novamente. Não sei por que nunca me ocorreu apenas esquecê-lo, que ela poderia não querer ser lembrada da morte de seus pais mais do que eu queria falar sobre isso. Mas isso não aconteceu. Achei que você tinha que dizer *alguma coisa* e eu não consegui acertar. Era importante para mim que eu não fizesse papel de idiota por causa disso. Era importante para mim não fazer papel de idiota aos olhos de Meg.

Eu me perguntei sobre Susan também. Em quase duas semanas eu nunca a tinha visto. Isso ia contra tudo o que eu sabia. Como você pode viver ao lado de alguém e nunca vê-la? Eu pensei em suas pernas e Donny dizendo que suas cicatrizes eram muito ruins de se olhar. Talvez ela estivesse com medo de sair. Eu poderia me relacionar com isso. Eu tinha passado muito tempo dentro de casa esses dias, evitando sua irmã.

Mas não poderia durar. Era então a primeira semana de junho, época do Kiwanis Karnival.

Perder o Carnaval era como perder o verão.

Bem na nossa frente, a menos de meio quarteirão de distância, havia uma velha escola de seis salas chamada Central School, onde todos costumávamos ir quando crianças, do primeiro ao quinto ano. Todos os anos realizavam o Carnaval lá no recreio. Desde que tínhamos idade suficiente para poder atravessar a rua, íamos até lá e os víamos armar.

Por aquela semana, estando tão perto, fomos as crianças mais sortudas da cidade.

Apenas as concessões eram administradas pelos Kiwanis — as barracas de comida, as barracas de jogos, as rodas da fortuna. Os passeios foram todos administrados por uma empresa de turismo profissional e administrado por carnies. Para nós, os carnies eram exóticos como o inferno. Homens e mulheres de aparência áspera que trabalhavam com Camels ficaram presos entre os dentes, apertando os olhos contra a fumaça que se formava em seus olhos, exibindo tatuagens, calos e cicatrizes e cheirando a graxa e suor velho. Amaldiçoaram, beberam Schlitz enquanto trabalhavam. Como nós, eles não se opunham a cuspir no chão.

Adorámos o Carnaval e adorámos os carnies. Você tinha que. Em uma única tarde de verão, eles pegariam nosso playground e o transformariam de um par de diamantes de beisebol, um asfalto e um campo de futebol em uma cidade novinha em folha de lona e aço rodopiante. Eles fizeram isso tão rápido que você mal podia acreditar em seus olhos. Foi mágico, e todos os magos tinham sorrisos de dentes de ouro e “Eu amo Velma”

gravado em seus bíceps. Irresistível.

Ainda era muito cedo e quando cheguei eles ainda estavam desempacotando os caminhões.

Isso foi quando você não podia falar com eles. Eles estavam muito ocupados. Mais tarde, enquanto eles estavam montando ou testando o maquinário, você poderia entregar-lhes ferramentas, talvez até mesmo tomar um gole de cerveja deles. Afinal de contas, as crianças locais eram o

seu pão com manteiga. Eles queriam que você voltasse naquela noite com amigos e familiares e geralmente eram amigáveis. Mas agora você só tinha que observar e ficar fora do caminho.

Cheryl e Denise já estavam lá, apoiadas na cerca atrás do home plate e olhando através dos links.

Eu fiquei com eles.

As coisas pareciam tensas para mim. Você podia ver o porquê. Era apenas de manhã, mas o céu parecia escuro e ameaçador. Certa vez, alguns anos atrás, choveu todas as noites do Carnaval, exceto quinta-feira.

Todo mundo levou uma surra quando isso aconteceu. Os apertos e carnes trabalhavam sombriamente agora, em silêncio.

Cheryl e Denise moravam na rua em frente uma da outra. Eles eram amigos, mas acho que só por causa do que Zelda Gilroy no *The Dobie Gillis Show* costumava chamar de proximidade. Eles não tinham muito em comum. Cheryl era uma morena alta e magra que provavelmente seria bonita alguns anos depois, mas agora ela era toda braços e pernas, mais alta do que eu e dois anos mais nova. Ela tinha dois irmãos — Kenny e Malcolm. Malcolm era apenas um garotinho que às vezes brincava com Woofer. Kenny tinha quase a minha idade, mas um ano atrás de mim na escola.

Todas as três crianças estavam muito quietas e bem comportadas. Seus pais, os Robertsons, não se importavam, mas duvido que, por natureza, estivessem dispostos a dar alguma.

Denise era irmã de Eddie. Outro tipo inteiramente.

Denise estava nervosa, nervosa, quase tão imprudente quanto seu irmão, com uma propensão marcada para a zombaria. Como se todo o mundo fosse uma piada de mau gosto e ela fosse a única que conhecia a piada.

"É *David* ", disse ela. E havia a zombaria, apenas pronunciando meu nome. Não gostei, mas ignorei. Essa era a maneira de lidar com Denise. Se ela não conseguisse ascensão, não recebia recompensa e isso a tornava mais normal eventualmente.

"Olá, Cheryl. Denise. Como eles estão?"

Denise disse: “Acho que é o Tilt-a-Whirl. No ano passado foi onde eles colocaram o Octopus.”

“Ainda pode ser o Octopus”, disse Cheryl.

“Unh-unh. Vê essas plataformas?” Ela apontou para as largas folhas de metal. “O Tilt-a-Whirl tem plataformas. Espere até eles tirarem os carros. Você vai ver.”

Ela estava certa. Quando os carros saíram, era o Tilt-a-Whirl. Como seu pai e seu irmão Eddie, Denise era boa em coisas mecânicas, boa com ferramentas.

"Eles estão preocupados com a chuva", disse ela.

“ *Eles estão preocupados.*” disse Cheryl. “ *Estou preocupado!* Ela suspirou em exasperação. Foi muito exagerado. Eu sorri. Sempre havia algo docemente sério em Cheryl. Você sabia que o livro favorito dela era *Alice no País das Maravilhas* . A verdade era que eu gostava dela.

“Não vai chover”, disse Denise.

"Como você sabe?"

“Simplesmente não vai.” Como se ela não deixasse.

“Vê isso aí?” Ela apontou para um enorme caminhão cinza e branco voltando para o centro do campo de futebol. “Aposto que é a roda gigante. É onde eles tinham no ano passado e no ano anterior. Quero ver?”

“Claro,” eu disse.

Contornamos o Tilt-a-Whirl e alguns passeios de barco infantil que eles estavam descarregando no macadame, caminhamos ao longo da cerca ciclônica que separava o playground do riacho, cortamos uma fileira de barracas que subiam para o arremesso de anéis e garrafas e tudo mais, e saiu para o campo. As garras tinham acabado de abrir as portas do caminhão. A cabeça de palhaço sorridente pintada nas portas estava dividida ao meio. Eles começaram a puxar as vigas.

Parecia mesmo a roda gigante.

Denise disse: “Meu pai disse que alguém caiu no ano passado em Atlantic City. Eles se levantaram. Você já se levantou?”

Cheryl franziu a testa. "Claro que não."

Denise se virou para mim.

— Aposto que você nunca fez isso, não é?

Ignorei o tom. Denise sempre teve que trabalhar muito para ser uma pirralha o tempo todo.

"Não, eu disse. "Por que eu deveria?"

“Porque é *divertido!* ”

Ela estava sorrindo e deveria estar bonita quando sorriu. Ela tinha bons dentes brancos e uma boca linda e delicada. Mas algo sempre deu errado com o sorriso de Denise. Sempre havia algo de maníaco nele. Como se ela realmente não estivesse se divertindo muito apesar do que ela queria que você pensasse.

Também desapareceu muito rápido. Foi enervante.

Ele fez isso agora e ela disse para que apenas eu pudesse ouvir: “Eu estava pensando em The Game antes”.

Ela olhou diretamente para mim com os olhos muito arregalados e sérios como se houvesse algo mais por vir, algo importante. Eu esperei. Achei que talvez ela esperasse que eu respondesse. Eu não. Em vez disso, desviei o olhar para a caminhonete.

O Jogo, pensei. Excelente.

Eu não gostava de pensar em The Game. Mas enquanto Denise e alguns dos outros estivessem por perto, eu suponho que teria que fazer isso.

Começou no início do verão passado. Um grupo de nós — eu, Donny, Willie, Woofer, Eddie, Tony e Lou Morino e, finalmente, mais tarde, Denise — costumávamos nos encontrar no pomar de macieiras para tocar o que chamávamos de Commando. Jogamos com tanta frequência que logo era apenas “The Game”.

Não faço ideia de quem inventou isso. Talvez Eddie ou os Morinos. Parecia acontecer conosco um dia e a partir de então estava lá.

Em The Game, um cara era “isso”. Ele era o Comando. Seu território “seguro” era o pomar. O resto de nós era um pelotão de soldados acampados a poucos metros de distância em uma colina perto do riacho onde, quando crianças, brincamos de Rei da Montanha.

Éramos um estranho bando de soldados porque não tínhamos armas. Nós os perdemos, eu acho, durante alguma batalha. Em vez disso, era o Comando que tinha as armas — maçãs do pomar, tantas quantas pudesse carregar.

Em teoria, ele também tinha a vantagem da surpresa. Uma vez que estivesse pronto, ele se esgueiraria do pomar pelo mato e atacaria nosso acampamento. Com sorte, ele poderia dar uma maçã em pelo menos um de nós antes de ser visto. As maçãs eram bombas. Se você fosse atingido por uma maçã, você estava morto, você estava fora do jogo. Então o objetivo era acertar o máximo de caras que você pudesse antes de ser pego.

Você sempre foi pego.

Esse era o ponto.

O Comando nunca ganhou.

Você foi pego porque, em primeiro lugar, todo mundo estava sentado em uma colina de bom tamanho observando e esperando por você, e a menos que a grama estivesse muito alta e você tivesse muita sorte, você tinha que ser visto. Tanto para o elemento surpresa. Em segundo lugar, eram sete contra um, e você tinha apenas uma única base “segura” no pomar, a alguns metros de distância. Então aqui você estava atirando loucamente por cima do ombro correndo como um louco de volta para sua base com um monte de crianças como uma matilha de cães em seus calcanhares, e talvez você pegasse um ou dois ou três deles, mas eventualmente eles pegariam você.

E como eu disse, esse era o ponto.

Porque o Comando capturado foi amarrado a uma árvore no bosque, braços amarrados atrás das costas, pernas engatadas.

Ele foi amordaçado. Ele estava com os olhos vendados.

E os sobreviventes podiam fazer o que quisessem com ele enquanto os outros – até os caras “mortos” –

olhavam.



Às vezes todos nós fomos fáceis e às vezes não.

O ataque levou talvez meia hora.

A captura pode levar o dia todo.

No mínimo, foi assustador.

Eddie, é claro, escapou do assassinato. Metade do tempo você tinha medo de capturá-lo. Ele poderia se voltar contra você, quebrar as regras, e The Game se tornaria um violento e sangrento free-for-all. Ou, se você o pegasse, sempre havia o problema de como soltá-lo. Se você fez alguma coisa que ele não gostou, foi como libertar um enxame de abelhas.

No entanto, foi Eddie quem apresentou sua irmã.

E uma vez que Denise fez parte disso, a aparência de The Game mudou completamente.

Não a princípio. No começo era o mesmo de sempre. Todos se revezaram e você conseguiu o seu e eu consegui o meu, exceto que havia uma *garota* lá.

Mas então começamos a fingir que tínhamos que ser legais com ela. Em vez de nos revezarmos, nós a deixávamos ser o que ela quisesse ser. Tropas ou Comando. Porque ela era nova no The Game, porque ela era uma garota.

E ela começou a fingir ter essa obsessão em pegar todos nós antes de pegá-la. Como se fosse um desafio para ela. Todo dia *finalmente* seria o dia em que ela venceria no Comando.

Sabíamos que era impossível. Ela era uma péssima atiradora.

Denise nunca ganhou no Comando.

Ela tinha doze anos. Ela tinha cabelos castanho-avermelhados encaracolados e sua pele era levemente sardenta.

Ela tinha o início pequeno de seios e mamilos grossos e pálidos proeminentes.

Pensei em tudo isso agora e fixei meus olhos no caminhão, nos trabalhadores e nas vigas.

Mas Denise não deixaria isso em paz.

"É verão", disse ela. "Então, por que não jogamos?"

Ela sabia muito bem por que não jogamos, mas ela também estava certa de certa forma - o que havia parado O Jogo não era nada mais do que o clima ter esfriado demais. Isso é a culpa, claro.

"Estamos um pouco velhos para isso agora", eu menti.

Ela deu de ombros. "Uh-hum. Pode ser. E talvez vocês sejam covardes."

"Poderia ser. Eu tenho uma ideia, no entanto. Por que você não pergunta ao seu irmão se ele é covarde?"

Ela riu. "Sim. Certo. Direito."

O céu estava ficando mais escuro.

"Vai chover", disse Cheryl.

Os homens certamente pensavam assim. Junto com as vigas, eles estavam puxando lonas de lona, espalhando-as na grama por precaução. Eles estavam trabalhando rápido, tentando montar a roda gigante antes do aguaceiro. Reconheci um deles do verão passado, um sulista louro e rijo chamado Billy Bob ou Jimmy Bob algo que tinha dado a Eddie um cigarro que ele pediu. Só isso o tornou memorável. Agora ele estava martelando pedaços da roda com um grande martelo esférico, rindo de algo que o gordo disse ao seu lado. A risada foi alta e afiada, quase feminina.

Você podia ouvir o *ping* do martelo e as engrenagens dos caminhões gemendo atrás de nós, você podia ouvir geradores funcionando e o ranger de máquinas – e então um estalo repentino, a chuva caindo com força na terra seca e compactada do campo. "Aqui vem!"

Tirei minha camisa do meu jeans e puxei-a sobre a minha cabeça. Cheryl e Denise já estavam correndo para as árvores.

Minha casa era mais perto que a deles. Eu realmente não me importei com a chuva. Mas era uma boa desculpa para sair de lá por um tempo. Longe de Denise.

Eu simplesmente não conseguia acreditar que ela queria falar sobre O Jogo.

Dava para ver que a chuva não duraria. Estava descendo muito rápido, muito forte. Talvez quando acabasse algumas das outras crianças estariam

por perto. Eu poderia perdê-la.

Passei correndo por eles encolhidos sob as árvores.

“Indo para casa!” Eu disse. O cabelo de Denise estava grudado nas bochechas e na testa. Ela estava sorrindo novamente. Sua camisa estava completamente encharcada.

Eu vi Cheryl estendendo a mão para mim. Aquele longo braço ossudo e molhado pendurado.

“Podemos vir?” ela gritou. Fingi que não ouvi. A chuva estava muito forte ali nas folhas. Achei que Cheryl iria superar isso. Eu continuei correndo.

Denise e Eddie, pensei. Garoto. Que par.

Se alguém vai me colocar em apuros, serão eles. Um ou outro ou ambos. Tem que ser.

Ruth estava no patamar pegando a correspondência de sua caixa de correio enquanto eu passava correndo pela casa dela. Ela se virou na porta e sorriu e acenou para mim, enquanto a água caía em cascata pelos beirais.

## Capítulo Cinco

Eu nunca soube que sentimento ruim havia entre Ruth e minha mãe, mas algo aconteceu quando eu tinha oito ou nove anos.

Antes disso, muito antes de Meg e Susan aparecerem, eu costumava dormir com Donny, Willie e Woofer nos beliches duplos que eles tinham no quarto deles. Willie tinha o hábito de pular na cama à noite, então ele destruiu alguns beliches ao longo dos anos. Willie estava sempre se jogando em alguma coisa. Quando ele tinha dois ou três anos, Ruth disse, ele destruiu seu berço completamente. As cadeiras da cozinha estavam todas desarticuladas por causa de seu esparramamento. Mas os beliches que tinham no quarto agora eram duros. Eles sobreviveram.

Desde o que quer que acontecesse entre Ruth e minha mãe, eu só tinha permissão para ficar lá com pouca frequência.

Mas eu me lembro daquelas noites anteriores, quando éramos crianças. Nós parávamos de rir no escuro por uma hora ou duas, sussurrando, rindo, cuspidando nas laterais de quem estava nos beliches de baixo e então Ruth entrava e gritava e íamos dormir.

As noites que eu mais gostava eram as noites de carnaval. Da janela aberta do quarto que dava para o playground ouvíamos música calíope, gritos, o zumbido e o ranger das máquinas.

O céu estava vermelho-alaranjado como se um incêndio florestal estivesse ocorrendo, pontuado por vermelhos e azuis mais brilhantes enquanto o polvo girava fora de vista atrás das árvores.

Sabíamos o que havia lá fora – tínhamos acabado de voltar de lá, nossas mãos ainda pegajosas de algodão doce. Mas de alguma forma era misterioso ficar ouvindo, muito depois da hora de dormir, calado pela primeira vez, invejando adultos e adolescentes, imaginando os terrores e emoções dos grandes passeios em que éramos jovens demais para ir e que estavam recebendo todos aqueles gritos. Até que os sons e as luzes sumiram lentamente, substituídos pelas risadas de estranhos enquanto eles voltavam para os carros por todo o nosso quarteirão.

Jurei que quando tivesse idade suficiente seria o último a sair.

E agora eu estava sozinho na barraca de refrescos comendo meu terceiro cachorro-quente da noite e me perguntando o que diabos fazer comigo mesmo.

Eu montei todos os passeios que eu gostava. Eu tinha perdido dinheiro em cada jogo e roda da fortuna que o lugar tinha a oferecer e tudo que eu tinha era um pequeno poodle de cerâmica para minha mãe enfiado no meu bolso para provar.

Eu tinha minha maçã doce, meu Sno-Cone e minha fatia de pizza.

Eu saí com Kenny e Malcolm até Malcolm ficar doente no Dive Bomber e depois com Tony e Lou Morino e Linda e Betty Martin até eles irem para casa. Foi divertido, mas agora havia apenas eu. Eram dez horas.

E ainda faltam duas horas.

Eu tinha visto Woofer antes. Mas Donny e Willie Jr. não apareceram e nem Ruth, Meg ou Susan. Era estranho porque Ruth geralmente era muito grande no Karnival. Pensei em atravessar a rua para ver o que era, mas isso significaria admitir que estava entediado e ainda não estava pronto para isso.

Resolvi esperar um pouco.

Dez minutos depois, Meg chegou.

Eu estava tentando a sorte no vermelho número sete e considerando uma segunda maçã doce quando a vi caminhar lentamente pela multidão, sozinha, vestindo jeans e uma blusa verde brilhante – e de repente eu não me senti mais tão tímida. Que eu não me sentisse tímido me surpreendeu. Talvez até então eu estivesse pronto para qualquer coisa. Esperei até perder novamente no vermelho e fui.

E então foi como se eu estivesse interrompendo alguma coisa.

Ela estava olhando para a roda de samambaias, fascinada, escovando para trás uma mecha de longos cabelos ruivos com os dedos. Eu vi algo brilhar em sua mão quando ela caiu ao seu lado.

Era uma roda bem rápida. Lá em cima as meninas estavam gritando.

“Oi, Mega.” Eu disse.

Ela olhou para mim, sorriu e disse: “Oi, David”. Então ela olhou de volta para o volante.

Você poderia dizer que ela nunca esteve em um antes. Do jeito que ela olhou. Que tipo de vida era aquela?

Eu me perguntei.

“Legal, hein? É mais rápido do que a maioria.”

Ela olhou para mim novamente, toda animada. "Isto é?"

"Sim. Mais rápido que o da Playland, de qualquer maneira. Mais rápido que a Ilha de Bertram.”

"É lindo."

Particularmente eu concordei com ela. Havia um deslizamento suave e fácil no volante que eu sempre gostei, uma simplicidade de propósito e design que faltava aos passeios assustadores. Eu não poderia ter dito isso então, mas eu sempre pensei que a roda era graciosa, romântica.

"Quero tentar?"

Ouvi a ansiedade em minha voz e desejei a morte. O que eu estava fazendo? A menina era mais velha que eu. Talvez até três anos mais velho. Eu estava louco.

Tentei voltar atrás.

Talvez eu a tenha confundido.

“Quero dizer, eu continuaria com você se você quisesse. Se você está com medo de. Eu não me importo.”

Ela riu. Senti a ponta da faca se afastar da minha garganta.

"Vamos", disse ela.

Ela pegou minha mão e me levou.

De alguma forma eu comprei ingressos para nós e entramos em um carro e nos sentamos. Tudo o que me lembro é a sensação de sua mão, quente e

seca no ar frio da noite, os dedos finos e fortes. Isso e minhas bochechas vermelhas brilhantes me lembrando que eu tinha doze anos no volante com algo muito parecido com uma mulher adulta.

E então surgiu o velho problema do que dizer, enquanto eles carregavam o resto dos carros e subíamos ao topo. Resolvi sem dizer nada. Isso parecia bom para ela. Ela não parecia nada desconfortável. Apenas relaxado e contente por estar aqui em cima olhando para as pessoas e todo o Carnaval espalhado em torno dela enfeitado com luzes e acima das árvores até nossas casas, balançando o carro suavemente para frente e para trás, sorrindo, cantarolando uma música que eu não conhecia .

Então a roda começou a girar e ela riu e eu pensei que era o som mais feliz, mais bonito que eu já tinha ouvido e senti orgulho de mim mesmo por perguntar a ela, por fazê-la feliz e fazê-la rir do jeito que ela fez.

Como eu disse, a roda estava rápida e lá em cima quase completamente silenciosa, todo o barulho do Karnival mantido lá embaixo como se estivesse envolvido lá, e você mergulhava nela e depois voltava para fora, o barulho retrocedendo rapidamente, e no topo você estava quase sem peso na brisa fresca, de modo que queria se segurar na barra por um momento com medo de voar para longe.

Olhei para as mãos dela no bar e foi quando vi o anel. À luz da lua, parecia magro e pálido. Ele brilhou.

Fiz um show de apreciar a vista, mas principalmente era o sorriso e a excitação em seus olhos que eu estava apreciando, a forma como o vento pressionava e agitava a blusa em seus seios.

Então nosso passeio estava no auge e a roda girou mais rápido, o deslizamento aéreo e varrido em sua forma mais graciosa, elegante e emocionante enquanto eu olhava para ela, seu lindo rosto aberto correndo primeiro por um quadro de estrelas e depois pela escola escura e depois as tendas marrom-claras dos Kiwanis, seu cabelo esvoaçando para trás e para frente sobre suas bochechas escovadas enquanto subíamos de novo, e de repente eu senti aqueles primeiros dois ou três anos que ela viveu e eu não gostei de uma terrível ironia pesada, como uma maldição, e pensei por um momento, não é justo. Eu posso dar isso a ela, mas isso é tudo e não é justo.

A sensação passou. Quando o passeio acabou e esperamos perto do topo, tudo o que restou foi o prazer de ver como ela parecia feliz. E como vivo.

Eu poderia falar agora.

"Como você gostou?"

"Deus, eu *adorei* ! Você continua me tratando com coisas, David.

"Eu não posso acreditar que você nunca montou antes."

"Meus pais . . . Eu sei que eles sempre quiseram nos levar a algum lugar. Palisades Park ou em algum lugar.

Nós simplesmente nunca chegamos a isso, eu acho."

"Eu ouvi sobre . . . tudo. Eu sinto Muito."

Lá. Estava fora.

Ela assentiu. "O pior é sentir falta deles, sabe? E sabendo que eles não vão voltar novamente. Só sabendo disso. Às vezes você esquece e é como se eles estivessem de férias ou algo assim e você pensa, caramba, eu gostaria que eles ligassem. Você sente falta deles. Você *esquece* que eles realmente se foram. Você esquece que os últimos seis meses aconteceram. Não é estranho? Isso não é louco? Então você se pega. . . e é real novamente.

"Sonho muito com eles. E eles estão sempre ainda vivos em meus sonhos. Foram felizes."

Eu podia ver as lágrimas brotando. Ela sorriu e balançou a cabeça.

"Não me faça começar," ela disse.

Estávamos no lado negativo agora, em movimento, apenas cinco ou seis carros à nossa frente. Eu vi o próximo grupo esperando para entrar. Olhei por cima do bar e notei o anel de Meg novamente. Ela me viu olhando.

"A aliança de casamento da minha mãe", disse ela. "Ruth não gosta que eu use muito, mas minha mãe teria.

Eu não vou perdê-lo. Eu nunca a perderia."

"É bonito. É lindo."

Ela sorriu. "Melhor do que minhas cicatrizes?"



Eu corei, mas tudo bem, ela estava apenas brincando comigo. "Muito melhor."

A roda desceu novamente. Faltam apenas dois carros. O tempo se movia como um sonho para mim, mas mesmo assim se movia rápido demais. Eu odiava ver isso acabar.

"Como é que você gosta?" Eu perguntei. "Na casa do Chandler?"

Ela deu de ombros. "Ok, eu acho. Não como em casa. Não do jeito que era. Ruth é tipo. . . engraçado às vezes. Mas acho que ela tem boas intenções." Ela fez uma pausa e então disse: "Woofers são um pouco estranhos."

"Você pode dizer *isso de novo*."

Nós rimos. Embora o comentário sobre Ruth me confundisse. Lembrei-me da reserva em sua voz, da frieza daquele primeiro dia à beira do riacho.

"Vamos ver", disse ela. "Acho que leva tempo para se acostumar com as coisas, não é?"

Tínhamos chegado ao fundo agora. Um dos carneiros levantou o travessão e segurou o carro firme com o pé. Eu mal o notei. Nós saímos.

"Vou te dizer uma coisa que eu *não* gosto", disse ela.

Ela disse isso quase em um sussurro, como se talvez esperasse que alguém ouvisse e depois se reportasse a outra pessoa – e como se fôssemos confidentes, iguais, co-conspiradores.

Eu gostei bastante daquilo. Inclinei-me para perto.

"O que?" Eu disse.

"Aquele porão," ela disse. "Eu não gosto nada disso. Aquele abrigo."

## Capítulo Seis

Eu sabia o que ela queria dizer.

Em sua época, Willie Chandler Sr. tinha sido muito útil.

Útil e um pouco paranóico.

Então, acho que quando Khrushchev disse às Nações Unidas: “Vamos enterrá-lo”, Willie Sr. deve ter dito algo como você vai e construiu um abrigo antiaéreo no porão.

Era uma sala dentro de uma sala, com 2,5 por 3 metros de largura e 1,80 de altura, modelada estritamente de acordo com as especificações do governo. Você desceu as escadas da cozinha, passou pelas latas de tinta empilhadas sob as escadas e a pia e depois a lavadora e secadora, virou uma esquina e atravessou uma pesada porta trancada de metal - originalmente a porta de um frigorífico - e você estavam dentro de um recinto de concreto pelo menos dez graus mais frio do que o resto do lugar, com cheiro de mofo e escuro.

Não havia tomadas elétricas nem luminárias.

Willie pregou vigas nas vigas do piso da cozinha e as apoiou com grossos postes de madeira. Ele tinha colocado um saco de areia na única janela do lado de fora da casa e coberto o interior com uma pesada tela de arame de meia polegada. Ele havia fornecido o extintor de incêndio necessário, rádio a bateria, machado, pé de cabra, lanterna de bateria, kit de primeiros socorros e garrafas de água. Caixas de comida enlatada estavam empilhadas em uma mesa pequena e pesada de madeira feita à mão junto com um fogão Sterno, um despertador de viagem e uma bomba de ar para encher os colchões enrolados no canto.

Tudo isso construído e comprado com o salário de um leiteiro.

Ele até tinha uma picareta e uma pá lá, para cavar depois da explosão.

A única coisa que Willie omitiu e que o governo recomendou foi um banheiro químico.

Eles eram caros. E ele saiu antes de chegar a isso.

Agora, o lugar estava com uma aparência meio esfarrapada — suprimentos de comida roubados para a comida de Ruth, o extintor caído do suporte de parede, baterias descarregadas no rádio e na lanterna, e os próprios itens imundos por três anos sólidos de negligência sombria. O abrigo fez Ruth se lembrar de Willie.

Ela não ia limpá-lo.

003

Tocamos lá algumas vezes, mas não com frequência.

O lugar era assustador.

Era como se ele tivesse construído uma cela lá – não um abrigo para manter algo do lado de fora, mas um buraco negro escuro para manter algo *dentro* .

E, de certa forma, sua localização central informava toda a adega. Você estaria lá embaixo bebendo uma Coca-Cola conversando com Ruth enquanto ela lavava a roupa e olhava por cima do ombro e via esse tipo de bunker de aparência maligna, esse muro de concreto atarracado, constantemente suando, pingando, rachado em alguns lugares. Como se a própria parede fosse velha, doente e moribunda.

Nós íamos lá de vez em quando e nos assustávamos.

Era para isso que era bom. Assustando um ao outro. E nada mais.

Usamos com moderação.

## Capítulo Sete

"Eu vou te dizer, o que está faltando naquele maldito Karnival é um bom e velho hootchie-koo!"

Era terça-feira à noite, a segunda noite de Karnival e Ruth estava assistindo Cheyenne Bodie ser deputada pela enésima vez e o prefeito de merda da cidade pregando o distintivo de deputado em sua camisa de couro com franjas. Cheyenne parecia orgulhosa e determinada.

Ruth segurava uma cerveja em uma mão e um cigarro na outra e sentou-se abaixada e com ar cansado na grande cadeira estofada ao lado da lareira, as pernas compridas esticadas na almofada, descalça.

Woofers olhou para ela do chão. "O que é um hootchie-koo?"

"Hootchie-koo. Hootchie-kootchie. Garotas dançantes, Ralphie. Isso e o show de horrores. Quando eu tinha a sua idade, tínhamos os dois. Eu vi um homem com três braços uma vez."

Willie Jr. olhou para ela. "Nah", disse ele.

Mas você podia ver que ela o tinha feito.

"Não contradiga sua mãe. Eu fiz. Eu vi um homem com três braços – um deles só uma coisinha saindo daqui."

Ela levantou o braço e apontou para a axila bem raspada e lisa dentro do vestido.

"Os outros dois eram normais assim como o seu. Eu vi uma vaca de duas cabeças também, mesmo show.

'Claro que estava morto.

Sentamos ao redor do Zenith em um círculo irregular, Woofers no tapete ao lado de Ruth, eu, Willie e Donny no sofá, e Eddie agachado diretamente na frente da televisão, de modo que Woofers teve que se mexer para ver ao redor.

Em tempos como este você não precisava se preocupar com Eddie. Na casa dele não tinha televisão. Ele estava grudado nele. E se alguém pudesse

controlá-lo, Ruth poderia.

"O quê mais?" perguntou Willie Jr. "Que outras coisas você viu?"

Ele passou a mão sobre seu flattop loiro. Ele estava sempre fazendo isso. Acho que ele gostou da sensação, embora eu não pudesse ver como ele gostaria da parte gordurosa encerada na frente.

"Principalmente coisas em garrafas. Natimortos. Você conhece natimortos? Em formaldeído. Pequenos tungues encolhidos — cabras, gatos. Todos os tipos de coisas. Isso está voltando há  *muito* tempo. Eu não me lembro. Lembro-me de que um homem devia pesar duzentos, duzentos e cinqüenta quilos. Levou três outros caras para puxá-lo para cima. A coisa mais gorda que eu já vi ou  *quero* ver."

Nós rimos, imaginando os três caras tendo que ajudá-lo a se levantar.

Todos nós sabíamos que Ruth era cuidadosa com seu peso.

"Eu lhe digo, carnavais eram algo quando eu era menina."

Ela suspirou.

Você podia ver o rosto dela ficar calmo e sonhador do jeito que às vezes ficava quando ela estava olhando para trás – para trás. Não para Willie, mas até sua infância. Eu sempre gostei de observá-la naquela época. Eu acho que todos nós fizemos. As linhas e os ângulos pareciam suavizar e para a mãe de alguém, ela era quase linda.

"Já pronto?" perguntou Woofer. Foi uma grande coisa para ele esta noite, poder ir ao carnaval tão tarde. Ele estava ansioso para ir.

"Ainda não. Termine seus refrigerantes. Deixe-me terminar minha cerveja.

Ela deu uma longa tragada no cigarro, segurando a fumaça e depois soltando tudo rapidamente.

A única outra pessoa que eu conhecia que fumava tanto quanto Ruth era o pai de Eddie. Ela inclinou a lata de cerveja e bebeu.

"Eu quero saber sobre esse hootchie-koo", disse Willie. Ele se inclinou ao meu lado no sofá, seus ombros virados para dentro, arredondados.

À medida que Willie ficava mais velho e mais alto, seu desleixo ficou mais pronunciado. Ruth disse que se ele continuasse crescendo e se curvando

nesse ritmo, ele seria um corcunda. Um de seis pés.

“Sim”, disse Woofer. “O que deveria ser? Eu não entendo.”

Rute riu. “São garotas dançando, eu te disse. Doncha sabe de alguma coisa? Seminus também, alguns deles.”

Ela puxou o vestido estampado desbotado de volta até a metade de suas coxas, segurou-o ali por um momento, agitou-o para nós e depois o abaixou novamente.

"Saías até aqui", disse ela. "E sutiãs pequeninos e isso é tudo. Talvez um rubi no umbigo ou algo assim. Com pequenos círculos vermelhos escuros pintados aqui e aqui." Ela indicou seus mamilos, fazendo círculos lentos com os dedos. Então ela olhou para nós.

“O que você achou *disso*?”

Eu me senti corar.

Woofer riu.

Willie e Donny a observavam atentamente.

Eddie permaneceu fixo em Cheyenne Bodie.

Ela riu. “Bem, acho que nada disso vai ser patrocinado pelos bons e velhos Kiwanis, não é? Não *aqueles* meninos. Inferno, eles gostariam. Eles adorariam! Mas todos eles têm *esposas*. Malditos hipócritas.”

Ruth estava sempre falando sobre os Kiwanis ou o Rotary ou algo assim.

Ela não era marceneira.

Estávamos acostumados.

Ela esvaziou a cerveja e apagou o cigarro.

Ela acordou.

"Terminem suas bebidas, rapazes", disse ela. "Vamos lá. Vamos sair daqui. Meg? Meg Loughlin!"

Ela entrou na cozinha e jogou a lata de cerveja vazia na lata de lixo.

No final do corredor, a porta de seu quarto se abriu e Meg saiu, parecendo um pouco cautelosa no início, pensei que fosse a gritaria de Ruth. Então

seus olhos se fixaram em mim e ela sorriu.

Então era assim que eles estavam trabalhando, pensei. Meg e Susan estavam no antigo quarto de Ruth. Era lógico porque era o menor dos dois. Mas também significava que ou Ruth estava dormindo no sofá conversível ou com Donny, Woofers e Willie Jr. Eu me perguntava o que meus pais diriam sobre isso.

“Vou levar esses meninos para um Mister Softee na feira, Meggie. Você cuida de sua irmã e se mantém fora da geladeira. Não quero que você engorde com a gente.”

"Sim, senhora."

Ruth se virou para mim.

"David", disse ela, "sabe o que deve fazer? Você deveria ir dizer oi para Susan. Vocês nunca se conheceram e não é educado."

"Certo. OK."

Meg liderou o caminho pelo corredor à minha frente.

A porta deles ficava à esquerda, em frente ao banheiro, o quarto dos meninos em frente. Eu podia ouvir a música suave do rádio vindo de trás da porta. Tommy Edwards cantando "It's All In the Game". Meg abriu a porta e entramos.

Quando você tem doze anos, crianças pequenas são crianças pequenas e é isso. Você nem deveria notá-los, na verdade. Eles são como insetos ou pássaros ou esquilos ou o gato doméstico errante de alguém – parte da paisagem, mas e daí. A menos, claro, que seja alguém como Woofers, você não pode *deixar* de notar.

Mas eu teria notado Susan.

Eu sabia que a garota na cama olhando para mim de sua cópia de *Screen Stories* tinha nove anos – Meg me disse isso – mas ela parecia muito mais jovem. Eu estava feliz que ela estava com as cobertas para que eu não pudesse ver os gessos em seus quadris e pernas. Ela parecia frágil o suficiente sem que eu tivesse que pensar em todos aqueles ossos quebrados.

Eu estava ciente de seus pulsos, porém, e os dedos longos e finos segurando a revista.

É isso que um acidente faz com você? Eu me perguntei.

Exceto pelos olhos verdes brilhantes, era quase como encontrar o oposto de Meg. Onde Meg era toda saúde, força e vitalidade, esta era uma sombra. Sua pele tão pálida sob a lâmpada de leitura parecia translúcida.

Donny disse que ela ainda tomava pílulas todos os dias para febre, antibióticos, e que ela não estava se curando direito, que andar ainda era muito doloroso.

Pensei na história de Hans Christian Andersen sobre a pequena sereia cujas pernas também a machucaram.

No livro eu tinha a ilustração até parecia com a Susan. O mesmo cabelo louro longo e sedoso e feições delicadas e suaves, o mesmo olhar de vulnerabilidade triste de longa data. Como alguém lançado em terra.

“Você é David,” ela disse.

Eu balancei a cabeça e disse oi.

Os olhos verdes me estudaram. Os olhos eram inteligentes. Quente também. E agora ela parecia mais jovem e mais velha do que nove.

"Meg diz que você é legal", disse ela.

Sorriu.

Ela olhou para mim mais um momento e sorriu de volta para mim e depois voltou para a revista. No rádio, Alan Freed tocou “Little Star” dos Elegants.

Meg ficou observando da porta. Eu não sabia o que dizer.

Voltei pelo corredor. Os outros estavam esperando.

Eu podia sentir os olhos de Ruth em mim. Olhei para o tapete.

“Aí está,” ela disse. “Agora vocês se conhecem.”



## Capítulo Oito

Duas noites depois do carnaval, um monte de nós dormimos juntos.

Os caras mais velhos do quarteirão - Lou Morino, Glen Knott e Harry Gray - tinham o hábito de acampar nas noites quentes de verão na velha torre de água na floresta atrás do diamante da Little League com um par de seis - maços entre eles e cigarros roubados da loja de Murphy.

Nós ainda éramos jovens demais para isso, com a caixa d'água do outro lado da cidade. Mas isso não nos impediu de invejá-los em voz alta e com frequência, até que finalmente nossos pais disseram que estaria tudo bem se acampássemos também, desde que estivesse sob supervisão - ou seja, no quintal de alguém. Então foi isso que nós fizemos.

Eu tinha uma barraca e Tony Morino tinha a de seu irmão Lou quando não estava usando, então era sempre o meu quintal ou o dele.

Pessoalmente, eu preferia o meu. O de Tony estava bem, mas o que você queria fazer era voltar o mais longe possível da casa para ter a ilusão de realmente estar lá por conta própria e o quintal de Tony não era realmente adequado para isso. Ele afunilava sobre uma colina com apenas alguns arbustos e um campo atrás dele. O matagal e o campo eram chatos e você estava descansando a noite toda em um declive. Ao passo que meu quintal corria direto para uma floresta densa e profunda, assustadora e escura à noite com as sombras de olmos, bétulas e bordos e selvagem com sons de grilos e sapos do riacho. Era plano e muito mais confortável.

Não que tenhamos dormido muito.

Pelo menos naquela noite não o fizemos.

Desde o anoitecer, estávamos deitados lá contando piadas doentias e piadas de Shaddap (“Mamãe, mamãe!

Billie acabou de vomitar em uma panela no fogão!” “Shaddap e coma seu ensopado.”), nós seis rindo, esmagados em uma tenda que foi construída para quatro — eu, Donny, Willie, Tony Morino, Kenny Robertson e Eddie.

Woofers estavam sendo punidos por brincar novamente com seus soldados de plástico no incinerador de tela de arame no pátio — caso contrário, ele poderia ter choramingado o suficiente e alto o suficiente para nos fazer levá-lo também. Mas Woofers tinha esse hábito. Ele pendurava seus cavaleiros e soldados na malha do incinerador e observava seus braços e pernas queimarem lentamente junto com o lixo, imaginando Deus sabe o quê, o fogo de plástico pingando, os soldados se enrolando, a fumaça preta subindo.

Ruth odiava quando ele fazia isso. Os brinquedos eram caros e faziam uma bagunça em todo o incinerador.

Não havia cerveja, mas tínhamos cantis e garrafas térmicas cheias de Kool-Aid, então estava tudo bem.

Eddie tinha meio maço de Kool sem filtro de seu pai e nós fechávamos as abas da barraca e passávamos um de vez em quando. Afastávamos a fumaça. Então abríamos as abas novamente para o caso de minha mãe sair para nos verificar — embora ela nunca tenha feito isso.

Donny rolou ao meu lado e você podia ouvir uma embalagem do Tasty-Cake esmagando sob seu corpo.

Naquela noite, quando o caminhão passou, todos nós saímos para a rua para nos abastecer.

Agora, não importa quem se movesse, algo estalou.

Donny tinha uma piada. “Então esse garoto está na escola, certo? Ele é apenas um garotinho, sentado em sua mesa e esta simpática velhinha professora olha para ele e percebe que ele parece muito triste e diz, o que há de errado? E ele diz, uau! Não tomei café da manhã! Pobre rapazinho, diz a professora. Bem, não se preocupe, não é grande coisa, ela diz, é quase hora do almoço. Você vai ter algo para comer então, certo?”

Então, agora vamos voltar às nossas aulas de geografia. Onde fica a fronteira italiana?”

“Na cama, fodendo minha mãe, diz o garotinho. Foi por isso que não tomei café da manhã!”

Nós rimos.

“Eu ouvi essa,” disse Eddie. “Ou talvez eu tenha lido na *Playboy*.”

"Claro", disse Willie. Willie estava do outro lado de mim contra a barraca. Eu podia sentir o cheiro de sua cera de cabelo e, ocasionalmente e desagradavelmente, seus dentes ruins. “Claro”, ele disse, “você leu na *Playboy*. Como se eu tivesse fodido Debra Paget. Direito.”

Eddie deu de ombros. Era perigoso contradizê-lo, mas Donny estava deitado entre eles e Donny pesava mais de sete quilos.

"Meu velho compra", disse ele. “Compra todo mês. Então eu o penduro da gaveta, leio as piadas, dou uma olhada nas gajas e coloco de volta. Ele nunca sabe. Sem suor.”

“É melhor você torcer para que ele nunca saiba,” disse Tony.

Eddie olhou para ele. Tony morava do outro lado da rua e todos nós sabíamos que Tony sabia que o pai de Eddie batia nele.

"Nada disso", disse Eddie. Havia advertência em sua voz.

Você quase podia sentir Tony se afastando. Ele era apenas um pequeno italiano magricela, mas tinha algum status conosco porque já tinha um bigode escuro e felpudo.

“Você consegue ver *todos* eles?” perguntou Kenny Robertson. “Nossa. Ouvi dizer que houve um com Jayne Mansfield.”

“Nem todos eles,” disse Eddie.

Ele acendeu um cigarro, então eu fechei as abas novamente.

"Mas eu vi esse", disse ele.

"*Honesto?*"

"Claro que sim."

Ele deu uma tragada no cigarro, sendo muito Mister Cool sobre isso. Willie sentou-se ao meu lado e eu podia sentir sua grande barriga flácida pressionando suavemente nas minhas costas. Ele queria o cigarro, mas Eddie ainda não estava passando.

“Os maiores peitos que eu já vi”, disse ele.

“Maior que o de Julie London? Maior que o de June Wilkdnson?”

"Merda! Maior que o de *Willie* — disse ele. Então ele, Donny e Tony caíram na gargalhada — embora na verdade não devesse ter sido tão engraçado para Donny porque Donny também os estava pegando. Pequenas bolsas gordurosas onde o músculo deveria estar. Kenny Robertson, eu acho, estava com muito medo de rir. E

Willie estava bem ao meu lado, então eu não disse nada.

"Har-dee-har-har", disse Willie. "Tão engraçado pra caralho que esqueci de rir." ...- C .

"Ah, que legal", disse Eddie. "O que você é, na terceira série?"

"Coma-me", disse Willie.

"Eu teria que afastar sua mãe, spaz."

"Ei", disse Kenny. "Conte-nos sobre Jayne Mansfield. Você vê os beliscões dela?"

"Com certeza. Ela tem este grande corpo e estes pequenos beliscões pontudos e suculentos e estes grandes peitos e esta grande bunda. Mas suas pernas são magras."

"Foda-se as pernas dela!" disse Donny.

"Você fode com eles," disse Eddie. "Eu vou foder o resto dela."

"Você entendeu!" disse Kenny. "Deus. Beijocas e *tudo*! Surpreendente."

Eddie passou-lhe o cigarro. Ele deu uma tragada rápida e depois passou para Donny.

"A coisa é," Kenny disse, "ela é uma estrela de cinema. Você tem que se perguntar por que ela faria esse tipo de coisa."

"Que tipo de coisa?" perguntou Donny.

"Mostre os peitos dela dessa forma em uma revista."

Nós pensamos sobre isso.

"Bem, ela não é realmente uma estrela de cinema", disse Donny. "Quero dizer, Natalie Wood é uma estrela de cinema. Jayne Mansfield está meio que em alguns filmes."

"Uma estrela", disse Kenny.

“Não,” disse Donny. “Ela é velha demais para ser uma estrela. Dolores Hart é uma estrela. Você vê *Amar você* ? Eu amo aquela cena no cemitério, cara.”

"Eu também."

“Essa cena é com Lizabeth Scott,” disse Willie. "E daí?"

“Gosto da cena na loja de refrigerantes”, disse Kenny. “Onde ele canta e dá uma surra no cara.”

"Ótimo", disse Eddie.

"Realmente ótimo", disse Willie.

"Mesmo."

“De qualquer forma, você tem que descobrir que a *Playboy também* não é apenas uma revista”, disse Donny.

“Você sabe, é a *Playboy* . Quero dizer, Marilyn Monroe estava lá. É a melhor revista de todos os tempos.”

"Você pensa? Melhor que *Mad*?" Kenny parecia cético.

“Merda, sim. Quero dizer, *Mad* é casual. Mas é só para crianças, sabe?”

“E quanto a *Monstros Famosos*?” perguntou Tony.

Essa foi difícil. *Famous Monsters* tinha acabado de aparecer e todos nós estávamos loucos por isso.

"Claro", disse Donny. Ele deu uma tragada no cigarro e sorriu. O sorriso era tudo sabendo. “ *Famoso Monstros da Filmland* mostra seios?” ele disse.

Todos nós rimos. A lógica era irrefutável.

Ele passou a fumaça para Eddie, que deu uma última tragada e a apagou na grama, depois jogou a guimba na floresta.

Houve um daqueles silêncios em que ninguém tinha nada a dizer, estávamos todos sozinhos em algum lugar.

Então Kenny olhou para Donny. “Você já viu isso de verdade?” ele disse.

"Veja o que?"

“Tit.”

“Teta de verdade?”

"Sim."

Donny riu. “A irmã de Eddie.”

Isso gerou outra risada, porque todo mundo riu.

"Quero dizer em uma mulher."

“Não.”

"Qualquer pessoa?" Ele olhou ao redor.

“Minha mãe,” disse Tony. Você poderia dizer que ele era tímido sobre isso.

“Eu entrei uma vez, no banheiro dela, e ela estava colocando o sutiã. Por um minuto eu vi.”

“Um *minuto*?” Kenny estava realmente interessado nisso.

"Não. Um segundo."

“Nossa. Como foi?”

“O que você quer dizer com como foi? Era minha mãe, pelo amor de Deus! Senhora! Seu pequeno pervertido.”

"Ei, sem ofensa, cara."

"Sim. OK. Nenhuma tomada.”

Mas todos nós estávamos pensando na Sra. Morino agora. Ela era uma mulher siciliana de cintura grossa e pernas curtas, com muito mais bigode do que Tony, mas seus seios eram bem grandes. Era ao mesmo tempo difícil e interessante e um pouco repulsivo tentar imaginá-la daquele jeito.

“Aposto que os de Meg são legais”, disse Willie.

Ficou ali pendurado por um momento. Mas duvido que algum de nós estivesse pensando na Sra. Morino.

Donny olhou para seu irmão.

"Megs?"

"Sim."

Você podia ver as rodas girando. Mas Willie agiu como se Donny não tivesse entendido. Tentando marcar pontos nele.

“Nosso primo, droga. *Meg*.”

Donny apenas olhou para ele. Então ele disse: “Ei, que horas são?”

Kenny tinha um relógio. “Quarto para as onze.”

"Excelente!"

E de repente ele estava rastejando para fora da tenda, e então ele estava ali. Espiando, sorrindo.

"Vamos! Tive uma ideia!"

Da minha casa para a dele, tudo o que você precisava fazer era atravessar o quintal e passar por uma linha de sebes e você estava bem atrás da garagem deles.

Havia uma luz acesa na janela do banheiro do Chandler, uma na cozinha e outra no quarto de Meg e Susan.

A essa altura já sabíamos o que ele tinha em mente. Eu não tinha certeza se gostava, mas também não tinha certeza se não.

Obviamente, foi emocionante. Não deveríamos sair da barraca. Se fôssemos pegos, seria o fim de dormir fora e muitas outras coisas também.

Por outro lado, se não fôssemos pegos, era melhor do que acampar na caixa d'água. Era melhor do que cerveja.

Uma vez que você entrava no clima da coisa, era realmente meio difícil se conter para não rir.

“Sem escada,” sussurrou Eddie. “Como vamos fazer isso?”

Donny olhou ao redor. “A bétula”, disse ele.

Ele estava certo. À esquerda do pátio, a cerca de quatro metros e meio da casa, havia uma bétula alta e branca muito curvada pelas tempestades de inverno. Ele descia até a metade da grama desalinhada sobre o que estava quase no meio do gramado.

“Não podemos escalar *todos*”, disse Tony. “Vai quebrar.”

“Então vamos nos revezar. Dois de cada vez. Dez minutos cada e o melhor homem ganha.”

"OK. Quem é o primeiro?"

"Inferno, é a nossa árvore." Donny sorriu. “Eu e Willie somos os primeiros.”

Eu me senti um pouco chateado com ele por isso. Nós deveríamos ser melhores amigos. Mas então eu percebi que diabos, Willie era seu irmão.

Ele correu pelo gramado e Willie o seguiu.

A árvore se bifurcou em dois galhos fortes. Eles poderiam ficar ali lado a lado. Eles tinham uma boa visão direta para o quarto e uma vista justa para o banheiro.

Willie continuou mudando de posição, tentando ficar confortável. Era fácil ver como ele estava fora de forma. Ele estava desajeitado apenas lidando com seu próprio peso. Considerando que, apesar de todo o seu tamanho, Donny parecia ter nascido em árvores.

Nós os vimos assistindo. Vimos a casa, a janela da cozinha, procurando Ruth, esperando não vê-la.

"Eu e Tony em seguida", disse Eddie. "Que horas são?"

Kenny olhou para o relógio. “Cinco minutos a mais.”

"Merda", disse Eddie. Ele tirou o pacote de Kools e acendeu um.

"Ei!" sussurrou Kenny. “Eles podem ver!”

“Você *pode* ser estúpido,” disse Eddie. “Você coloca sob sua mão. Como isso. Ninguém vê.”

Eu estava tentando distinguir os rostos de Donny e Willie, imaginando se alguma coisa estava acontecendo lá dentro. Era difícil de ver, mas eu não pensava assim. Eles simplesmente ficaram lá como um par de grandes tumores escuros e tumorais.

Eu me perguntei se a árvore algum dia se recuperaria.

Eu não estava ciente dos sapos ou grilos, mas agora estava, um zumbido percussivo no silêncio. Tudo o que se ouvia eram eles e Eddie puxando o



cigarro com força e exalando e o ocasional ranger da bétula. Havia vagalumes no quintal piscando e apagando, flutuando.

"Tempo ", disse Kenny

Eddie largou o Kool e o esmagou e então ele e Tony correram para a árvore. Um momento depois eles se levantaram e Willie e Donny desceram, de volta conosco.

A árvore estava mais alta agora.

"Veja alguma coisa?" Eu perguntei.

"Nada", disse Willie. Era surpreendente o quão zangado ele soava. Como se fosse culpa de Meg por não aparecer. Como se ela o tivesse enganado. Mas Willie sempre foi um idiota.

Olhei para Donny. A luz não estava boa lá atrás, mas me pareceu que ele tinha a mesma intenção, olhar estudado de quando ele estava olhando para Ruth falando sobre as garotas hootchie-koo e o que elas usavam e não usavam. Era como se ele estivesse tentando descobrir alguma coisa e estivesse um pouco deprimido porque não conseguia obter a resposta.

Ficamos juntos em silêncio e, em seguida, Kenny me deu um tapinha no ombro.

"Tempo", disse ele.

Corremos até a árvore e dei um tapa no tornozelo de Tony. Ele deslizou.

Ficamos ali esperando por Eddie. Olhei para Tony. Ele deu de ombros e balançou a cabeça, olhando para o chão. Nenhuma coisa. Alguns minutos depois, Eddie também desistiu e deslizou ao meu lado.

"Isso é uma merda", disse ele. "Dane-se. Ela que se dane."

E eles foram embora.

Eu não entendi. Eddie estava louco agora também.

Eu não deixei isso me preocupar.

Nós subimos. A subida foi fácil.

No topo, senti uma grande onda de excitação. Eu queria rir alto, me senti tão bem. Alguma coisa ia acontecer. Eu sabia. Que pena para Eddie, Donny

e Willie — seríamos nós. Ela estaria na janela a qualquer momento e nós veríamos.

Não me incomodava que eu provavelmente estivesse traindo Meg espionando-a. Eu mal pensava nela como Meg. Era como se não fosse realmente ela que estávamos procurando. Era algo mais abstrato do que isso.

Uma garota de verdade e não uma foto em preto e branco em uma revista. O corpo de uma mulher Eu finalmente iria aprender alguma coisa.

O que você tinha era um caso de maior prioridade.

Nós nos instalamos.

Olhei para Kenny. Ele estava sorrindo.

Ocorreu-me perguntar por que os outros caras agiram tão irritados.



Isso foi divertido! Até o fato de você estar com medo era divertido. Com medo de que Ruth aparecesse de repente na varanda, nos dizendo para tirarmos nossas bundas de lá. Com medo de que Meg olhasse pela janela do banheiro diretamente nos seus olhos.

Eu esperei, confiante.

A luz do banheiro se apagou, mas isso não importava. Era o quarto em que eu estava focado. É onde eu a veria.

Sempre em frente. Nu. Carne e sangue, e alguém que eu realmente conhecia um pouco.

Eu me recusei a piscar.

Eu podia sentir um formigamento lá embaixo, onde eu me pressionava contra a árvore.

Uma melodia não parava de rodar na minha cabeça — “Saia naquela cozinha e chacoalhe essas panelas e frigideiras... Eu acredito para minha alma que você é o diabo na mangueira de náilon...” E assim por diante.

Selvagem, pensei. Estou deitado aqui nesta árvore. Ela está lá.

Eu esperei.

A luz do quarto se apagou.

De repente a casa escureceu.

Eu poderia ter quebrado alguma coisa.

Eu poderia ter despedaçado aquela casa.

E agora eu sabia exatamente como os outros se sentiram e exatamente por que eles pareciam tão bravos com ela, bravos com Meg – porque parecia que *era* culpa dela, como se ela fosse a pessoa que nos trouxe até aqui no primeiro lugar e prometeu tanto e depois não entregou nada. E embora eu soubesse que isso era irracional e estúpido da minha parte, era exatamente assim que eu me sentia.

Putá, pensei.

E então eu me senti culpado. Porque isso era pessoal.

Isso era sobre Meg.

E então me senti deprimido.

Era como se parte de mim soubesse – não queria acreditar ou mesmo pensar sobre isso, mas sabia o tempo todo.

*Eu nunca ia conseguir aquele patinho.* Foi uma merda desde o início.

Assim como Eddie disse.

E de alguma forma o motivo disso tudo estava relacionado com Meg e com garotas e mulheres em geral, mesmo com Ruth e minha mãe de alguma forma.

Era grande demais para eu entender inteiramente, então suponho que minha mente simplesmente deixou deslizar.

O que restava era a depressão e uma dor surda.

“Vamos,” eu disse para Kenny. Ele estava olhando para a casa, ainda sem acreditar, como se esperasse que as luzes voltassem a acender. Mas ele também sabia. Ele olhou para mim e eu poderia dizer que ele sabia.

Todos nós fizemos.

Tropeçamos silenciosamente de volta para a tenda.


Lá dentro foi Willie Jr., finalmente, quem largou o cantil e falou.

Ele disse: “Talvez pudéssemos colocá-la no The Game”.

Nós pensamos sobre isso.

E a noite desceu a partir daí.

## Capítulo Nove

Eu estava no meu quintal tentando ligar o grande cortador de grama vermelho e suando direto na minha camiseta porque a maldita coisa era pior do que uma lancha para dar partida, quando ouvi Ruth gritar com 

um tipo de voz que eu não acho. Eu já a tinha ouvido usar antes, realmente furiosa.

*Jesus Cristo! -*

Larguei o fio e olhei para cima.

Era o tipo de voz que minha mãe costumava usar quando ficava desequilibrada, o que não acontecia com frequência, apesar da guerra aberta com meu pai. Significava que você correu para se esconder. Mas quando Ruth ficava brava, geralmente era para Woofer e tudo o que ela precisava fazer era olhar para ele, os lábios apertados, os olhos estreitados em pequenas pedras brilhantes, para calá-lo ou fazê-lo parar o que quer que estivesse fazendo. O olhar era completamente intimidante.

Costumávamos imitá-lo e rir, Donny, Willie e eu — mas quando Ruth era quem o usava, não era motivo de riso.

Eu estava feliz por ter uma desculpa para parar de lutar com o cortador de grama, então caminhei ao redor da nossa garagem, onde você podia ver o quintal deles.

A roupa de Ruth estava soprando no varal. Ela estava de pé na varanda, com as mãos nos quadris, e mesmo que você não tivesse ouvido a voz ou o que ela disse, você poderia dizer que ela estava realmente brava.

“Seu idiota de merda!” foi o que ela disse.

E eu posso te dizer, isso me chocou.

Claro, Ruth amaldiçoou como um marinheiro. Essa foi uma das razões pelas quais gostamos dela. O marido dela, Willie Sr., “aquele bastardo irlandês adorável” ou “aquele filho da puta idiota do mick” e John Lentz, o prefeito da cidade — e, suspeitamos, o antigo pretendente de Ruth — foram atacados regularmente.

Todo mundo tem um pouco de vez em quando.

Mas o fato é que sempre foram palavrões casuais, praticamente sem raiva real. Era para fazer rir às custas de algum pobre rapaz, e geralmente o fazia.

Era apenas a maneira de Ruth descrever as pessoas.

Era muito parecido com o nosso. Nossos amigos eram todos retardados, canalhas, babacas ou merdas-para-cérebros. Suas mães comiam as moscas dos camelos mortos.

Isso era totalmente diferente. Merda foi o que ela disse, e merda foi o que ela quis dizer.

Eu me perguntei o que Meg tinha feito.

005

Olhei para minha própria varanda, onde a porta de tela traseira estava aberta, esperando que minha mãe não estivesse na cozinha, que ela não a tivesse ouvido. Minha mãe não aprovava Ruth e eu já sofria o suficiente por passar tanto tempo lá como passei.

Eu estava com sorte. Ela não estava por perto.

Olhei para Rute. Ela não disse mais nada e não precisava. A expressão dela dizia tudo.

Eu me senti meio engraçado, como se estivesse espionando de novo, duas vezes em dois dias. Mas é claro que foi exatamente isso que eu *fiz*. Eu não ia permitir que ela me visse olhando para ela, exposta do jeito que ela estava. Foi muito embaraçoso. Eu me aproximei da garagem e olhei para ela, esperando que ela não olhasse para mim por qualquer motivo. E ela não o fez.

A garagem deles bloqueava minha visão, porém, então eu não conseguia ver qual era o problema. Fiquei esperando Meg aparecer, para ver como ela estava sendo chamada de estúpida.

E então tive outra surpresa.

Porque não era Meg.

Era Susana.

Eu imaginei que ela estava tentando ajudar com a lavanderia. Mas tinha chovido na noite anterior, e parecia que ela tinha deixado cair algumas das roupas brancas de Ruth na desculpa suja e enlameada para um gramado que eles tinham porque você podia ver as manchas de sujeira no que ela carregava, um lençol ou talvez um par de fronhas.

Ela estava chorando, chorando muito, tanto que seu corpo inteiro tremia enquanto ela caminhava de volta para Ruth parada rígida no patamar.

Era patético – essa garotinha se movendo lentamente com suspensórios nas pernas e suspensórios nos braços tentando lidar com apenas uma pequena pilha de brancos debaixo do braço que ela provavelmente não deveria ter em primeiro lugar. Eu me senti mal por ela.

E, finalmente, Ruth também, eu acho.

Porque ela desceu do patamar e tirou as coisas dela e hesitou, observando-a por um momento enquanto ela soluçava e tremia e olhava para a terra. E então, lentamente, você podia ver a tensão sair dela quando ela levantou a mão e pousou-a levemente, inicialmente hesitante no ombro de Susan, depois se virou e caminhou de volta para a casa.

E no último momento, assim que chegaram ao topo da escada, Ruth olhou em minha direção, de modo que eu tive que me jogar para trás com força e força contra a garagem.

Mas mesmo assim eu juro pelo que vi antes disso.

Tornou-se um pouco importante para mim, na verdade, em retrospecto. Eu tento descobrir.

O rosto de Ruth parecia muito cansado. Como se a explosão de raiva fosse tão forte que a tivesse drenado.

Ou talvez o que eu estivesse vendo fosse apenas um pedacinho de algo – algo maior – algo que estava acontecendo despercebido por mim há um bom tempo e isso era como uma espécie de crescendo em um disco de longa duração.

Mas a outra coisa que vi foi o que me impressiona até hoje, o que me intriga.

Mesmo na época isso me fez pensar.

Pouco antes de eu me jogar para trás, quando Ruth se virou parecendo magra e cansada com a mão no ombro de Susan. No mesmo instante em que ela se virou.

Eu juraria que ela estava chorando também.

E a minha pergunta é, para quem?



## Capítulo Dez

A próxima coisa foram os vermes da barraca.

Parecia acontecer praticamente da noite para o dia. Um dia as árvores estavam limpas e normais e no dia seguinte estavam penduradas com esses pesados sacos brancos de teia. No fundo dos sacos dava para ver algo vagamente escuro e com aparência doentia e, se você olhasse bem de perto, poderia vê-los se movendo.

“Vamos queimá-los”, disse Ruth.

Estávamos no quintal dela, perto da bétula, Woofer, Donny e Willie, Meg e eu, e Ruth, que vestia seu velho vestido azul com bolsos fundos. Eram dez horas da manhã e Meg tinha acabado de terminar suas tarefas.

Havia uma pequena mancha de sujeira sob seu olho esquerdo.

“Vocês, rapazes, peguem alguns gravetos”, disse ela. “Longos, grossos. E não se esqueça de cortá-los verdes para que não queimem. Meg, tire o saco de trapos do porão.

Ela ficou olhando para a luz do sol da manhã, examinando os danos. Praticamente metade das árvores em seu quintal, incluindo a bétula, já estava cheia de sacos, alguns do tamanho de bolas de beisebol, mas outros largos e profundos como uma sacola de compras. A floresta estava cheia deles.

“Pequenos bastardos. Eles vão arrancar essas árvores em pouco tempo.”

Meg entrou na casa e o resto de nós foi para a floresta para encontrar alguns gravetos. Donny estava com seu machado, então cortamos algumas mudas e as desnudamos e as cortamos mais ou menos ao meio. Não demorou muito.

Quando voltamos, Ruth e Meg estavam na garagem encharcando os trapos em querosene. Nós as enrolamos sobre as mudas e Ruth as amarrou com varal e depois as encharcamos novamente.

Ela entregou um para cada um de nós.

"Eu vou te mostrar como é", disse ela. "Então você pode fazer isso sozinho. Só não coloque fogo na maldita floresta.

Parecia incrivelmente adulto.

Ruth confiando em nós com fogo, com tochas.

Minha mãe nunca teria.

Nós a seguimos até o pátio parecendo, eu acho, um bando de camponeses indo atrás do monstro de Frankenstein, nossas tochas apagadas no ar. Mas não agimos tão adultos - agimos como se estivéssemos indo para uma festa - todos nós bobos e animados, exceto Meg, que estava levando isso muito a sério. Willie deu uma chave de braço em Woofer e apertou os nós dos dedos em seu corte de cabelo, um movimento de luta livre que pegamos em Haystacks Calhoun de trezentos quilos, famoso pelo Big Splash. Donny e eu marchamos lado a lado atrás deles, agitando nossas tochas como um casal de mestres de bateria com bastões, rindo como tolos. Ruth não pareceu se importar.

Quando chegamos à bétula, Ruth enfiou a mão no bolso e tirou uma caixa de fósforos de segurança.

O ninho na bétula era grande.

"Eu vou fazer este", disse Ruth. "Tu olhas."

Ela acendeu a tocha e a segurou por um momento até que o fogo se apagou e ficou seguro de usar. Ainda era uma chama muito boa, no entanto. "Tenha cuidado", disse ela. "Você não quer queimar a árvore."

Ela o segurou uns quinze centímetros abaixo do saco.

O saco começou a derreter.

Não queimou. Ele derreteu como o isopor derrete, desaparecendo, retrocedendo. Era grosso e com várias camadas, mas foi rápido.

E de repente todos aqueles corpos se contorcendo e se contorcendo estavam caindo para fora, gordos vermes peludos pretos — fumegando, crepitando.

Você quase podia ouvi-los gritar.

Deve ter havido centenas em apenas um ninho. Uma camada do saco queimaria para expor outra camada e havia mais lá. Eles continuaram

vindo, caindo aos nossos pés como uma chuva negra.

Então Ruth acertou o filão.

Foi como se um coágulo de alcatrão vivo do tamanho de uma bola de softball se espalhasse diretamente sobre a tocha, se partindo ao cair.

A tocha crepitou, havia tantos deles, e quase pareceu se apagar por um momento. Então ele se inflamou novamente e aqueles que se agarraram a ele queimaram e caíram.

"Jesus merda!" disse Woofer.

Ruth olhou para ele.

"Desculpe", disse ele. Mas seus olhos estavam arregalados.

Você tinha que admitir que era incrível. Eu nunca tinha visto tal matança. As formigas na varanda não eram nada para isso. As formigas eram pequenas, insignificantes. Quando você jogava água fervente sobre eles, eles simplesmente se enrolavam e morriam. Considerando que alguns deles tinham uma polegada de comprimento. Eles se retorciam e se contorciam — pareciam querer viver. Olhei para o chão. Havia vermes por toda parte. A maioria deles estava morta, mas muitos não estavam, e aqueles que não estavam estavam tentando rastejar para longe.

“E esses caras?” Eu perguntei a ela.

"Esqueça-os", disse ela. “Eles vão morrer. Ou os pássaros vão pegá-los.” Ela riu. “Abrimos o forno antes que estivessem prontos. Ainda não está assado.”

“Eles com certeza estão assados agora”, disse Willie.

“Poderíamos pegar uma pedra”, disse Woofer. “Esmague-os!”

“Ouça-me quando eu falar. Esqueça-os”, disse Ruth. Ela enfiou a mão no bolso novamente. "Aqui." Ela começou a nos entregar cada um dos livros de fósforos.

"Lembrar. Quero um metro sobrando quando você terminar. E nada de voltar para a floresta. A floresta pode cuidar de si mesma.”

Nós os tiramos dela. Todos menos Meg.

"Eu não os quero", disse ela.

"O que?"

Ela estendeu os fósforos.

"Eu... eu não os quero. Vou terminar de lavar a roupa ok? Isso é... mais ou menos..."

Ela olhou para o chão, para os vermes negros enrolados ali, para os vivos rastejando. Seu rosto estava pálido.

"O que?" disse Rute. "*Repugnante?* Você se ofendeu, querida?"

"Não. só não quero..."

Rute riu. "Eu serei amaldiçoado. Olha aqui meninos", disse ela. "Eu serei amaldiçoado."

Ela ainda estava sorrindo, mas seu rosto ficou muito duro de repente. Isso me assustou e me fez pensar no outro dia com Susan. Era como se ela tivesse estado em algum tipo de gatilho de cabelo a manhã toda com Meg e nós simplesmente não tivéssemos notado. Estávamos muito ocupados, muito animados.

"Olhe aqui", disse ela. "O que temos aqui é uma lição de feminilidade." Ela se aproximou. "Meg é *melindrosa*. Você entende como as meninas ficam melindrosas, não é, meninos? *Senhoras* sim. E Meg aqui é uma dama. Por que ela tem certeza!"

Ela largou o sarcasmo pesado então e você podia ver a raiva nua ali.

"Então, o que, em nome de Jesus Cristo, você acha que isso me faz, Meggy? Você acha que eu não sou uma dama? Você acha que as senhoras não podem fazer o que é necessário? Não consegue se livrar das malditas pragas em seu maldito jardim?"

Meg parecia confusa. Veio tão rápido que você não podia culpá-la.

"Não, eu..."

"É melhor você dizer não para mim, querida! Porque eu não preciso desse tipo de insinuação de qualquer criança em uma camiseta que não consegue nem limpar o próprio rosto. Você entende?"

"Sim, senhora."

Ela recuou um passo.

E isso pareceu esfriar um pouco Ruth. Ela respirou fundo.

“Ok,” ela disse. “Você vai lá embaixo. Vá em frente, volte para sua lavanderia. E me ligue quando terminar.

Eu vou ter outra coisa para você.”

"Sim, senhora."

Ela se virou e Ruth sorriu.

"Meus meninos podem lidar com isso", disse ela. “Não podem, rapazes?”

Eu balancei a cabeça. Naquele momento eu não conseguia falar. Ninguém falou. Sua dispensa de Meg foi tão completa com autoridade e um estranho senso de justiça que fiquei realmente um pouco admirado com ela.

Ela deu um tapinha na cabeça de Woofer.

Olhei para Meg. Eu a vi voltar para casa, de cabeça baixa, enxugando o rosto, procurando a mancha de sujeira que Ruth disse estar lá.

Ruth colocou o braço em meu ombro e virou-se para os olmos na parte de trás. Eu inalei o cheiro dela -

sabonete e querosene e cigarros e cabelo limpo e fresco.

"Meus meninos podem fazer isso", ela me disse. E sua voz estava muito gentil novamente.

## Capítulo Onze

Por volta de uma hora nós tínhamos incendiado todos os ninhos no quintal dos Chandler, e Ruth estava certa

– os pássaros estavam tendo um dia de campo agora.

Eu fedia a querosene.

Eu estava morrendo de fome e teria matado por alguns Castelos Brancos naquele momento. Eu me contentei com um sanduíche de mortadela.

Eu fui para casa.

Lavei-me na cozinha e fiz um.

Eu podia ouvir minha mãe na sala passando roupa, cantarolando junto com o álbum original do elenco de *The Music Man*, que ela e meu pai tinham levado de ônibus para Nova York para ver no ano passado, pouco antes de a merda bater no ventilador sobre o que eu só podia assumir foi o último caso do meu pai. Meu pai tinha muitas oportunidades para casos amorosos e as aproveitou. Ele era co-proprietário de um bar e restaurante chamado Ninho da Águia. Ele os conheceu tarde e os conheceu cedo.

Mas acho que minha mãe havia esquecido tudo isso no momento e estava se lembrando dos bons tempos agora com o professor Harold Hill e companhia.

Eu odiava o *Music Man*.

Eu me tranquei no meu quarto por um tempo e folheei minhas cópias amassadas de *Macabro* e *Mais Estranho que a Ciência*, mas não havia nada lá que me interessasse, então decidi sair de novo.

Saí pelos fundos e Meg estava parada na varanda dos fundos dos Chandler sacudindo os tapetes da sala de estar. Ela me viu e me fez sinal.

Senti um momento de constrangimento, de lealdade dividida.

Se Meg estava na lista de merda de Ruth, provavelmente havia alguma boa razão para isso.

Por outro lado, ainda me lembrava daquele passeio na roda gigante e daquela manhã pelo Big Rock.

Ela colocou os tapetes cuidadosamente sobre a grade de ferro e desceu os degraus do outro lado da entrada para me encontrar. A mancha em seu rosto havia desaparecido, mas ela ainda usava a camisa amarela suja e as velhas bermudas enroladas de Donny. Havia poeira em seu cabelo.

Ela me pegou pelo braço e me levou silenciosamente para o lado de sua casa, fora das linhas de visão da janela da sala de jantar.

"Eu não entendo", disse ela...

Você podia ver que havia algo incomodando ela, algo em que ela estava trabalhando.

"Por que eles não gostam de mim, David?"

Isso não era o que eu esperava. "Quem, os Chandlers?"

"Sim."

Ela apenas olhou para mim. Ela estava falando sério.

"Claro que eles fazem. Eles gostam de você."

"Não, eles não. Quero dizer, eu faço tudo que *posso* para fazê-los gostar de mim. Eu faço mais do que minha parte do trabalho. Eu tento conversar com eles, conhecê-los, fazer com que eles me conheçam, mas eles simplesmente não parecem querer. É como se eles não *quisessem* gostar de mim. Como se fosse melhor assim."

Foi embaraçoso. Era de amigos que ela estava falando aqui.

"Olha," eu disse. "Então Ruth ficou brava com você. Eu não sei por quê. Talvez ela esteja tendo um dia ruim.

Mas ninguém mais ficou bravo. Willie, Woofer e Donny não ficaram bravos."

Ela balançou a cabeça. "Você não entende. Willie, Woofer e Donny nunca ficam bravos. Não é isso. Não com eles. É só que eles nunca parecem me ver aqui, também. Como se eu não existisse. Como se eu não importasse. Eu falo com eles e eles resmungam e vão embora. Ou então, quando eles percebem que há algo...

não está certo sobre isso. A maneira como eles olham para mim. E Rute...”

Ela começou agora e não havia como pará-la.

“... Ruth me *odeia* ! Eu e Susan ambos. Você não vê. Você acha que isso foi apenas uma coisa só desta vez, mas não é. É o tempo todo. Eu trabalho o dia todo para ela alguns dias e eu simplesmente não consigo agradá-la, nada está certo, nada é do jeito que ela faria. Eu sei que ela me acha estúpido, preguiçoso, feio...”

"*Feio?*" Isso, pelo menos, era obviamente ridículo.

Ela assentiu. “Nunca pensei que fosse antes, mas agora nem sei. David, você conhece essas pessoas praticamente toda a sua vida, certo?”

"Sim eu tenho."

“Então *por quê?* O que eu fiz? Vou para a cama à noite e é tudo em que consigo pensar. Nós dois éramos muito felizes antes. Sabe, antes de virmos aqui eu costumava pintar. Nada muito, apenas uma aquarela de vez em quando. Acho que nunca fui muito bom nisso. Mas minha mãe gostava deles. E Susan costumava gostar deles, e meus professores. Ainda tenho as tintas e pincéis, mas não consigo mais começar a fazer um. Você sabe porque? Porque sei o que Ruth faria, sei o que ela pensaria. Eu sei o que ela *diria* . Ela apenas olhava para mim e eu sabia que eu era estúpido e estava perdendo meu tempo para tentar.”

Eu balancei minha cabeça. Essa não era a Ruth que eu conhecia. Dava para ver Willie, Woofer e Donny agindo de forma estranha perto dela — afinal, ela era uma garota. Mas Ruth sempre foi boa para nós. Ao contrário do resto das mães do quarteirão, ela sempre tinha muito tempo para nós. Sua porta estava sempre aberta. Ela nos entregou Cocas, sanduíches, biscoitos, uma cerveja ocasional. Não fazia sentido e eu disse isso a ela.

"Vamos. Ruth não faria isso. Tente. Faça *dela* uma. Faça uma aquarela para ela. Aposto que ela adoraria.

Talvez ela não esteja acostumada a ter garotas por perto, sabe? Talvez só leve tempo. Faça. Experimente um para ela.

Ela pensou sobre isso.

"Eu não poderia", disse ela. "Honesto."



Por um momento, ficamos parados ali. Ela estava tremendo. Eu sabia que o que quer que fosse, ela não estava brincando.

Eu tive uma ideia.

“E eu, então? Você poderia fazer um para mim.”

Sem a ideia em mente, sem o plano, eu nunca teria coragem de perguntar a ela. Mas isso era diferente.

Ela se iluminou um pouco.

“Você realmente quer um?”

“Claro que eu faria. Eu gostaria muito.”

Ela me olhou fixamente até que eu tive que me virar. Então ela sorriu. "OK. Eu vou, Davi.”

Ela parecia quase como sempre novamente. Deus! Eu gostava quando ela sorria. Então ouvi a porta dos fundos se abrir.

“*Meg?*”

Era Rute.

"É melhor eu ir", disse ela.

Ela pegou minha mão e apertou. Eu podia sentir as pedras na aliança de casamento de sua mãe. Meu rosto ficou vermelho.

"Eu vou fazer isso", disse ela, e fugiu virando a esquina.

## Capítulo Doze

Ela deve ter acertado também, porque no dia seguinte choveu o dia todo e eu fiquei sentado no meu quarto lendo *The Search for Bridey Murphy* e ouvindo rádio até pensar que provavelmente mataria alguém se ouvisse aquela porra Domenico Modugno canta “Volare” mais uma vez. E então, depois do jantar, minha mãe e eu estávamos sentados na sala assistindo televisão quando Meg bateu na porta dos fundos.

Minha mãe se levantou. Eu a segui e peguei uma Pepsi na geladeira.

Meg estava sorrindo, usando uma capa amarela, o cabelo molhado.

“Eu não posso entrar,” ela disse.

“Bobagem”, disse minha mãe.

“Não, realmente”, disse ela. “Eu só vim te dar isso da Sra. Chandler.”

Ela entregou a minha mãe um saco marrom molhado com um recipiente de leite dentro. Ruth e minha mãe não se socializavam exatamente, mas ainda eram vizinhas e vizinhas emprestadas.

Minha mãe aceitou a bolsa e assentiu. “Diga à Sra. Chandler obrigado por mim,” ela disse.

“Eu irei.”

Então ela cavou debaixo da capa e olhou para mim, e agora ela estava realmente sorrindo.

“E isso é para você”, disse ela.

E me entregou minha pintura.

Estava embrulhado com folhas de papel vegetal opaco e pesado coladas em ambos os lados. Você podia ver algumas das linhas e cores através dele, mas não as formas das coisas.

Antes que eu pudesse dizer obrigado ou qualquer coisa, ela disse “Tchau” e acenou e voltou para a chuva e fechou a porta atrás dela.

"Bem", disse minha mãe, e ela estava sorrindo também agora. "O que temos aqui?"

"Eu acho que é uma foto," eu disse.

Fiquei ali, Pepsi em uma mão e a pintura de Meg na outra. Eu sabia o que minha mãe estava pensando.

O que minha mãe estava pensando tinha a palavra fofo nele.

"Você não vai abrir?"

"Sim claro. OK"

Larguei a Pepsi e virei as costas para ela e comecei a trabalhar na fita. Então eu levantei o papel vegetal.

Eu podia sentir minha mãe olhando por cima do meu ombro, mas eu realmente não me importei de repente.

"Isso é muito *bom*," minha mãe disse, surpresa. "Isso é realmente muito bom. Ela é realmente algo, não é?"

E foi bom. Eu não era crítico de arte, mas você não precisava ser. Ela havia feito o desenho a tinta, e algumas das linhas eram largas e ousadas e algumas eram muito delicadas. As cores eram lavagens pálidas - apenas as sutis sugestões de cores, mas muito verdadeiras e realistas, com muito papel aparecendo, dando a impressão de um dia claro e ensolarado.

Era a foto de um menino perto de um riacho, deitado de bruços sobre uma grande pedra plana e olhando para a água, com árvores e céu ao redor.

## Capítulo Treze

Levei-o à Casa do Cachorro para emoldurar. A Dog House era uma pet shop que virou loja de hobby. Eles tinham filhotes de beagle na janela da frente e arcos e flechas, bambolês Wham-O, kits de modelos e uma loja de molduras na parte de trás, com peixes, tartarugas, cobras e canários no meio. O cara deu uma olhada e disse: “Nada mal”.

“Posso comer amanhã?”

“Você nos vê enlouquecendo aqui?” ele disse. O lugar estava vazio. A cadeia de lojas 2-Guys From Harrison na Rota 10 o estava matando. “Você pode tê-lo esta noite. Volte às quatro e meia”

Cheguei às quatro e quinze, quinze minutos mais cedo, mas estava pronto, uma bela moldura de pinho manchada de mogno. Ele o embrulhou em papel pardo.

Ele se encaixou perfeitamente em uma das duas cestas traseiras da minha bicicleta.

Quando cheguei em casa, era quase hora do jantar, então tive que esperar até a carne assada, o feijão verde e o purê de batatas com molho. Então eu tive que tirar o lixo.

Então eu fui.

A televisão estava tocando o tema de *Father Knows Best*, meu programa de TV menos favorito, e descendo as escadas pela bilionésima vez vieram Kathy, Bud e Betty, radiantes. Eu podia sentir o cheiro das salsichas e feijões e chucrute. Ruth estava em sua cadeira com os pés apoiados na almofada. Donny e Willie se esparramaram juntos no sofá. Woofer estava deitado de bruços tão perto do aparelho de TV que você tinha que se perguntar sobre sua audição. Susan estava sentada assistindo de uma cadeira de espaldar reto na sala de jantar e Meg estava lavando a louça.

Susan sorriu para mim. Donny apenas acenou e voltou para assistir TV

“Caramba,” eu disse. “Ninguém se levante ou nada.”

“Watcha chegou lá, esporte?” disse Donny.

Segurei a pintura embrulhada em papel pardo.

“Aqueles discos de Mario Lanza que você queria.”

Ele riu. "Rastejar."

E agora Ruth estava olhando para mim.

Resolvi pular direto.

Ouvi a água ser cortada na cozinha. Virei-me e Meg estava me observando, enxugando as mãos no avental.

Dei-lhe um sorriso e meu palpite é que ela sabia imediatamente o que eu estava fazendo.

“Rute?”

"Sim? Ralphie, desligue a TV. É isso. O que foi, Davi?

Eu caminhei até ela. Olhei por cima do ombro para Meg. Ela estava vindo em minha direção pela sala de jantar. Ela estava balançando a cabeça. Sua boca estava formando um silencioso “não”.

Isso estava bem. Era apenas timidez. Ruth veria a pintura e superaria.

“Ruth,” eu disse. “Isso é da Meg.”

Eu estendi para ela.

Ela sorriu primeiro para mim e depois para Meg e tirou de mim. Woofer tinha o *Father Knows Best* abaixado agora para que você pudesse ouvir o enrugamento do papel marrom duro enquanto ela o desembrulhava. O papel caiu. Ela olhou para a pintura.

“Meg!” ela disse. “Onde você conseguiu o dinheiro para comprar isso?”

Você poderia dizer que ela o admirava. Eu ri.

"Custa apenas o enquadramento", eu disse. “Ela *pintou* para você.”

"Ela fez? Meg fez?

Eu balancei a cabeça.

Donny, Woofer e Willie se aglomeraram para ver.

Susan escorregou da cadeira. "É lindo!" ela disse.

Olhei para Meg novamente ainda de pé ansiosa e esperançosa olhando na sala de jantar.

Ruth olhou para a pintura. Parecia que ela olhou por um longo tempo.

Então ela disse: “Não, ela não fez. Não para mim. Não brinque comigo. Ela pintou para você, Davy.

Ela sorriu. O sorriso era um pouco engraçado de alguma forma. E agora eu estava ficando ansioso também.

“Olhe aqui. Um menino em uma rocha. Claro que é para você.”

Ela me devolveu.

“Eu não quero isso”, disse ela.

Eu me senti confuso. Que Ruth pudesse recusar isso nunca me ocorreu. Por um momento eu não sabia o que fazer. Fiquei ali segurando-o, olhando para ele. Era uma bela pintura.

Eu tentei explicar.

“Mas é realmente para você, Ruth . Honesto. Veja, nós conversamos sobre isso. E Meg queria fazer um para você, mas ela era tão...”

“*Davi.* ”

Era Meg, me parando. E agora eu estava ainda mais confuso, porque sua voz era severa com advertência.

Quase me deixou com raiva. Aqui estava eu no meio dessa maldita coisa e Meg não me deixava sair disso.

Ruth apenas sorriu novamente. Então olhou para Willie, Woofer e Donny.

“Tenha uma lição, rapazes. Lembre-se disso. É importante. Tudo o que você precisa fazer a qualquer momento é ser legal com uma mulher — e ela fará todo tipo de coisas boas para você. Agora Davy foi legal com Meg e conseguiu uma pintura. Boa pintura. Isso é o que você tem, não é, Davy? Quero dizer, isso é *tudo* que você tem? Eu sei que você é um pouco jovem, mas nunca se sabe.”

Eu ri, corando. “Vamos, Rute.”

“Bem, estou lhe dizendo que você *nunca* sabe. As meninas são simples. Esse é o problema deles. Prometa-lhes uma coisinha e você pode ter o que quiser na metade do tempo. Eu sei o que estou dizendo. Olhe para o seu pai. Olhe para o Willie Sr. Ele ia ter sua própria empresa quando nos casássemos. Frota de caminhões de leite. Comece com um e vá subindo. Eu ia ajudá-lo com os livros, como fiz na Howard Avenue durante a guerra. Gerenciou aquela fábrica durante a guerra. Seríamos mais ricos do que meus pais eram quando eu era criança em Morristown, e isso era muito rico, vou lhe dizer. Mas você sabe o que eu tenho? Nenhuma coisa.

Não é uma maldita coisa. Só vocês três tirando um, dois, três, e aquele lindo bastardo irlandês vai para Deus sabe onde. Então tenho três bocas famintas para alimentar, e agora tenho mais duas.

“Eu te digo, garotas são burras. As meninas são fáceis. Otários direto para baixo da linha.”

Ela passou por mim até Meg. Ela colocou o braço em volta dos ombros e então se virou para o resto de nós.

"Você leva esta pintura agora", disse ela. "Eu sei que você fez isso para David aqui e não tente me dizer nada diferente. Mas o que eu quero saber é, o que você vai *ganhar* com isso? O que você acha que esse garoto vai te dar? Agora o Davy é um bom rapaz. Melhor do que a maioria eu diria. Definitivamente melhor. Mas querida, ele não vai te dar nada! Se você acha que ele vai, você tem outra coisa vindo.

“Então, estou apenas dizendo que espero que a pintura seja tudo o que você está dando a ele e tudo o que você dará a ele, e isso é para seu próprio bem, estou lhe dizendo. Porque você já tem o que os homens querem aqui embaixo e não é a sua maldita *obra de arte*.

Eu podia ver o rosto de Meg começar a tremer, e eu sabia que ela estava tentando não chorar. Mas, por mais inesperado que tudo isso fosse, eu estava tentando não rir. Donny também. A coisa toda era estranha e talvez fosse em parte a tensão, mas o que Ruth havia dito sobre a obra de arte era *engraçado*.

Seu braço apertou os ombros de Meg.

“E se você der a eles o que eles querem, então você não passa de uma vadia, querida. Você sabe o que é uma puta? E você, Susana? Claro que

não. Você é muito jovem. Bem, uma vadia é alguém que abre as pernas para um homem, é simples assim. Para que possam abrir caminho para dentro. Woofer, você para de sorrir.

“Qualquer uma que é uma vadia merece uma surra. Qualquer um nesta cidade concordaria comigo. Então, eu só te aviso, querida, qualquer vagabunda nesta casa significa que sua bunda é grama e Ruth é o cortador de grama.

Ela soltou Meg e foi até a cozinha. Ela abriu a porta da geladeira.

“Agora,” ela disse. “Quem quer uma cerveja?”

Ela gesticulou em direção à pintura.

“Uma coisa meio pálida, de qualquer maneira,” ela disse, “você acha?” e alcançou o pacote de seis.



## Capítulo Quatorze

Duas cervejas eram tudo o que eu precisava naqueles dias e eu ia para casa preguiçoso e chapado, com a promessa de sempre de não dizer uma palavra aos meus pais, o que não era necessário. Eu preferia ter cortado um dedo.

Assim que Ruth terminou sua palestra, o resto da noite foi bem tranquilo. Meg entrou no banheiro por um tempo e quando saiu de novo era como se nada tivesse acontecido. Seus olhos estavam secos. Seu rosto um branco ilegível. Nós assistimos *Danny Thomas* e bebemos nossas cervejas e então em um ponto durante um comercial eu fiz planos para ir jogar boliche no sábado com Willie e Donny. Tentei chamar a atenção de Meg, mas ela não olhou para mim. Quando as cervejas terminaram, fui para casa.

Eu pendurei a pintura ao lado do espelho no meu quarto.

Mas havia uma sensação de estranheza que não me deixava. Eu nunca tinha ouvido ninguém usar a palavra *vagabunda* antes, mas eu sabia o que significava. Eu sabia desde que arranjei *Peyton Place* da minha mãe.

Eu me perguntei se a irmã de Eddie, Denise, ainda era muito jovem para se qualificar. Lembrei-me dela nua, amarrada a uma árvore, seus mamilos macios e macios. Chorando, rindo — às vezes os dois juntos. Lembrei-me da carne dobrada entre suas pernas.

Pensei em Mega.

Deitei na cama e pensei como era fácil machucar uma pessoa. Não precisava ser físico. Tudo o que você tinha que fazer era dar um chute forte em algo com o qual eles se importavam.

Eu também poderia se quisesse.

As pessoas eram vulneráveis.

Pensei em meus pais e no que eles estavam fazendo e como eles ficavam chutando um ao outro. Tão regularmente agora que, estando no meio como estava, tinha conseguido não me importar com nenhum deles.

Pequenas coisas, principalmente, mas somadas.

Eu não conseguia dormir. Meus pais estavam na sala ao lado, meu pai roncando. Levantei-me e fui até a cozinha pegar uma Coca-Cola. Depois fui para a sala e me sentei no sofá. Eu não acendi as luzes.

Era bem depois da meia-noite.

A noite estava quente. Não havia brisa. Como sempre, meus pais deixaram as janelas abertas.

Através da tela eu podia ver diretamente a sala de estar dos Chandler. Suas luzes ainda estavam acesas. As janelas também estavam abertas e ouvi vozes. Eu não conseguia entender muito do que estava sendo dito, mas eu sabia quem estava falando. Willie. Rute. Então Meg. Então Donny. Até Woofer ainda estava acordado — dava para ouvir sua voz alta e estridente como a de uma garota, rindo.

Os outros estavam todos gritando sobre alguma coisa.

“... para um *menino!*” Ouvi Ruth dizer. Então ela desapareceu novamente em uma mistura misturada de sons e vozes ao mesmo tempo.

Vi Meg voltar para a moldura da janela da sala. Ela estava apontando, gritando, seu corpo inteiro rígido e tremendo de raiva.

"Você *não vai!*" Eu a ouvi dizer.

Então Ruth disse algo baixo e fora do meu alcance de audição, mas saiu como um rosnado, você pode entender isso, e você pode ver Meg meio que desmaiar de repente, você pode vê-la desistir. E então ela estava chorando.

E uma mão disparou e a esbofeteou.

Ele bateu nela com tanta força que ela caiu fora de quadro e eu não podia mais vê-la.

Willie avançou.

Ele começou a segui-la. Devagar.

Como se ele a estivesse perseguindo.

"É isso!" Ouvi Ruth dizer. Significando, eu acho, que Willie deveria deixá-la em paz.

Houve um momento em que acho que ninguém se mexeu.

Então corpos vieram e foram por um tempo, flutuando pela janela, todo mundo parecendo mal-humorado e zangado, Willie e Woofer e Donny e Ruth e Meg pegando coisas do chão ou reorganizando as cadeiras ou qualquer outra coisa e se afastando lentamente. Não ouvi mais vozes, nenhuma conversa. A única que não vi foi Susan.

Eu sentei assistindo.

As luzes se apagaram. Você podia ver um brilho fraco dos quartos e isso era tudo. Então até isso se foi e a casa ficou preta como a nossa.

## Capítulo Quinze

Naquele sábado, nos becos, Kenny Robertson errou seu 7 pinos por uma folga fácil no décimo quadro, terminando com 107. Kenny era magro e tinha uma tendência a jogar cada libra que tinha na bola e jogá-la selvagem. Ele voltou enxugando a testa com o lenço da sorte de seu pai, que não tinha sido muita sorte para ele naquele dia.

Ele se sentou entre mim e Willie atrás do cartão de pontuação. Vimos Donny se alinhar em seu lugar habitual à esquerda da segunda flecha.

"Você pensa mais sobre isso?" ele perguntou a Willie. "Sobre colocar Meg no jogo?"

Willie sorriu. Acho que ele estava se sentindo bem. Ele provavelmente iria quebrar 150 e isso não acontecia com frequência. Ele balançou sua cabeça.

"Temos nosso próprio jogo agora", disse ele.

## Capítulo Dezesseis

Naquelas noites eu dormia na casa dos Chandler, quando cansávamos de brincar e Woofer dormia, conversávamos.

Era principalmente Donny e eu. Willie nunca tinha muito a dizer e o que ele dizia nunca era muito inteligente. Mas Donny era inteligente o suficiente e, como eu disse, o mais próximo que eu tinha de um melhor amigo, então conversávamos – sobre escola e garotas, as crianças no *American Bandstand*, os intermináveis mistérios do sexo, o que o rock 'n ' Roll músicas que ouvimos no rádio *realmente* significavam e assim por diante, até tarde da noite.

Conversamos sobre desejos, esperanças e até pesadelos às vezes.

Era sempre Donny quem iniciava essas conversas e sempre eu quem as terminava. Em algum momento, muito além da exaustão, eu me inclinava sobre o topo do meu beliche e dizia algo como, entende o que quero dizer? e ele estaria dormindo, deixando-me sozinha à mercê de meus pensamentos, desconfortável e não gasto, às vezes até o amanhecer. Levou tempo para eu cortar fundo o suficiente no que quer que eu sentisse e então, uma vez que o fiz, não pude suportar desistir do sabor.

Eu ainda estou assim.

O diálogo é solo agora. eu não falo. Não importa quem está na cama comigo, eu nunca faço isso. Meus pensamentos às vezes se transformam em pesadelos, mas não os compartilho. Tornei-me agora o que só comecei a ser então — completamente autoprotetor.

Tudo começou, suponho, com minha mãe entrando no meu quarto quando eu tinha sete anos. Eu estava dormindo. “Estou deixando seu pai,” ela disse, me acordando. “Mas eu não quero que você se preocupe. Eu vou te levar comigo. Eu não vou deixar você. Nunca.” E sei que das sete às catorze esperei, preparei-me, *tornei* - me eu que estava separado de cada um deles.

Acho que foi assim que começou.

Mas entre sete e treze Ruth aconteceu, e Meg e Susan aconteceram. Sem eles aquela conversa com minha mãe poderia até ter sido boa para mim. Isso só poderia ter me salvado do choque e da confusão quando chegasse a hora. Porque as crianças são resilientes. Eles se recuperam da confiança e do compartilhamento.

Eu não fui capaz. E isso se deve ao que aconteceu depois, ao que fiz e não fiz.

Minha primeira esposa, Evelyn, às vezes me liga, me acorda à noite.

“As crianças estão bem?” ela me pergunta. A voz dela está apavorada.

Não tivemos filhos juntos, Evelyn e eu.

Ela tinha entrado e saído de instituições várias vezes, sofrendo crises de depressão e ansiedade agudas, mas ainda assim é estranho, essa fixação dela.

Porque eu nunca disse a ela. Nada disso, nunca.

Então, como ela poderia saber?

Eu falo dormindo? Eu confessei a ela uma noite? Ou ela está simplesmente sentindo algo escondido em mim

– sobre a única razão real pela qual nunca tivemos filhos. Sobre por que eu nunca nos permiti.

Seus chamados são como pássaros noturnos voando guinchando ao redor da minha cabeça. Continuo esperando eles voltarem. Quando isso acontece, sou pego de surpresa.

É assustador.

*As crianças estão bem?*

Há muito que aprendi a não irritá-la. Sim, Evelyn, digo a ela. Certo. Eles estão bem. Volte a dormir agora, eu digo.

Mas as crianças não estão bem.

Eles nunca serão.

## Capítulo Dezesete

Bati na porta de tela traseira.

Ninguém respondeu.

Abri e entrei.

Eu os ouvi rindo imediatamente. Estava vindo de um dos quartos. O de Meg era uma espécie de guincho agudo, o de Woofer uma risadinha histérica. Willie Jr. e os de Donny eram mais baixos, com um som mais masculino.

Eu não deveria estar lá – eu estava sendo punida. Eu estava trabalhando em um modelo de um B-52, um presente de Natal do meu pai, e não consegui colocar uma das rodas direito. Então eu tentei umas três ou quatro vezes e depois puxei e chutei em pedaços contra a porta do quarto. Minha mãe entrou e foi uma grande cena e eu fiquei de castigo.

Minha mãe estava fazendo compras agora. Por um momento, pelo menos, eu estava livre.

Fui para os quartos.

Eles tinham Meg encostado na parede do quarto em um canto perto da janela.

Donny se virou.

“Ei, Davi! Ela é *cócegas*! Meg tem *cócegas*!”

E então foi como se houvesse um sinal pré-estabelecido porque todos eles foram até ela de uma vez, indo para suas costelas enquanto ela torcia e tentava afastá-los e depois se dobrava, cotovelos para cobrir suas costelas, rindo, seu longo rabo de cavalo vermelho oscilante.

“Pegue ela!”

“Eu peguei ela!”

*"Pegue -a, Willie!"*

Olhei e lá estava Susan sentada na cama, e ela estava rindo também.

“Owww!”

Eu ouvi um tapa. Eu olhei para cima.

A mão de Meg cobria seu seio e Woofer estava com a mão no rosto onde a vermelhidão se espalhava e dava para ver que ele ia chorar. Willie e Donny se afastaram.

"Que diabos!"

Donny estava louco. Tudo bem se ele batesse em Woofer, mas ele não gostava se alguém o fizesse.

“Sua cadela!” disse Willie.

Ele deu um golpe desajeitado com a mão aberta no topo de sua cabeça. Ela se moveu facilmente para fora do caminho. Ele não tentou novamente.

"Para que você teve que fazer isso?"

“Você viu o que ele fez!”

“Ele não fez nada.”

“Ele me beliscou.”

"E daí."

Woofer estava chorando agora. "Eu estou *dizendo!*" ele uivou.

"Vá em frente", disse Meg.

“Você não vai gostar se eu gostar”, disse Woofer.

“Eu não me importo com *o que* você faz. Eu não me importo com o que qualquer um de vocês faz.” Ela empurrou Willie para o lado e caminhou entre eles passando por mim pelo corredor até a sala de estar. Ouvi a porta da frente bater.

“Pequena vadia,” disse Willie. Ele se virou para Susan. "Sua irmã é uma puta maldita."

Susan não disse nada. Ele se moveu em direção a ela e eu a vi se encolher.

"Você viu isso?"

“Eu não estava olhando,” eu disse.



Woofers estava chorando. Havia ranho escorrendo por todo o seu queixo.

“Ela me *bateu* !” ele gritou. Então ele passou por mim também.

“Vou contar para a mamãe”, disse Willie.

“Sim. Eu também”, disse Donny. “Ela não pode se safar disso.”

“Nós estávamos apenas brincando, pelo amor de Deus.”

Donny assentiu.

“Ela realmente o acertou.”

“Bem, Woofers tocou na teta dela.”

“E daí. Ele não queria.”

“Você poderia obter um olho roxo como esse.”

“Ele ainda pode conseguir um.”

“Cadela.”

Havia toda essa energia nervosa na sala. Willie e Donny estavam andando como touros reprimidos. Susan deslizou para fora da cama. Seus suspensórios fizeram um ruído metálico agudo.

“Aonde você vai?” disse Donny.

“Eu quero ver Meg,” ela disse calmamente.

“Foda-se Meg. Você fica aqui. Você viu o que ela fez, não viu?”

Susan assentiu.

“Tudo bem então. Você sabe que ela vai ser punida, certo?”

Ele parecia muito razoável, como um irmão mais velho explicando algo com muita paciência para uma irmã não muito brilhante. Ela assentiu novamente.

“Então você quer ficar do lado dela e ser punido também? Você quer que seus privilégios sejam retirados?”

“Não.”

“Então você fica aqui, ok?”

“Tudo bem.”

“Bem nesta sala.”

"Tudo bem."

“Vamos encontrar a mamãe”, disse ele a Willie.

Eu os segui para fora do quarto pela sala de jantar e pela porta dos fundos.

Ruth estava nos fundos da garagem, capinando seu canteiro de tomates. O vestido que ela usava era velho e desbotado e muito grande para ela, apertado no meio. A gola alta pendia aberta.

Ela nunca usou sutiã. Fiquei de pé sobre ela e pude ver seus seios quase até o mamilo. Eles eram pequenos e pálidos e tremiam enquanto ela trabalhava. Continuei olhando para longe, com medo de que ela notasse, mas meus olhos eram como uma agulha de bússola e seus seios estavam para o norte.

“Meg bateu no Woofer”, disse Willie.

"Ela fez?" Ela não parecia preocupada. Ela apenas continuou capinando.

“Dei um tapa nele,” disse Donny.

"Por que?"

“Nós estávamos apenas brincando.”

“Todo mundo estava fazendo cócegas nela”, disse Willie. “Então ela se afasta e dá uma surra na cara dele.

Bem desse jeito.”

Ela puxou um pedaço de ervas daninhas. Os seios tremeram. Eles tinham arrepios neles. Fiquei fascinado.

Ela olhou para mim e meus olhos encontraram os dela bem na hora.

— Você também, Davi?

"Huh?"

— Você também está fazendo cócegas em Meg?

"Não. Acabei de entrar.”

Ela sorriu. “Eu não estou acusando você.”

Ela ficou de joelhos e então se levantou e tirou as luvas sujas de trabalho.

“Onde ela está agora?”

“Não sei,” disse Donny “Ela saiu correndo pela porta.”

“Que tal Susana?”

“Ela está no quarto.”

“Ela viu tudo isso?”

"Sim."

"OK."

Ela marchou pelo gramado em direção à casa e nós a seguimos. Na varanda, ela passou as mãos magras e ossudas nos quadris. Ela tirou o lenço que prendia seu cabelo castanho curto e o soltou.

Achei que tinha uns vinte minutos antes que minha mãe voltasse das compras, então entrei.

Nós a seguimos até o quarto. Susan estava sentada exatamente onde a deixamos na cama olhando uma revista, aberta em uma foto de Liz e Eddie Fisher em uma página de frente para Debbie Reynolds na outra.

Eddie e Liz pareciam felizes, sorrindo. Debbie parecia azeda.

“Susan? Onde está Meg?”

“Eu não sei, senhora. Ela se foi.”

Ruth sentou-se ao lado dela na cama. Ela deu um tapinha na mão.

“Agora me disseram que você viu o que aconteceu aqui. Este direito?”

"Sim, senhora. Woofer tocou em Meg e Meg bateu nele.”

“Tocou nela?”

Susan acenou com a cabeça e colocou a mão sobre seu peito magro como se estivesse jurando fidelidade à bandeira. “Aqui,” ela disse.

Ruth apenas olhou por um momento.

Então ela disse: “E você tentou impedi-la?”

"Parar Meg, você quer dizer?"

"Sim. De bater em Ralphie.

Susan parecia confusa. “Eu não podia. Foi muito rápido, Sra. Chandler. Woofer a tocou e logo Meg o acertou.”

"Você deveria ter tentado, querida." Ela deu um tapinha na mão novamente. “Meg é sua irmã.”

"Sim, senhora."

“Você bate em alguém no rosto e pode fazer todo tipo de coisa. Você pode errar e quebrar um tímpano, furar um olho. Esse é um comportamento perigoso.”

"Sim, Sra. Chandler."

“Rute. Eu te disse. Rute.”

“Sim, Rute.”

“E você sabe o que significa estar em conivência com alguém que faz esse tipo de coisa?”

Ela balançou a cabeça.

“Significa que você também é culpado, embora talvez não tenha *feito* nada em particular. Você é uma espécie de companheiro de viagem. Você me entende?”

"Eu não sei."

Rute suspirou. “Deixe-me explicar para você. Você ama sua irmã, certo?”

Susan assentiu.

“E *porque* você a ama, você a perdoaria por algo assim, não é? Como bater em Ralphie?”

“Ela não queria machucá-lo. Ela simplesmente ficou brava!”

“Claro que ela fez. Então você a perdoaria, estou certo?”

"Uh-hum."

Rute sorriu. “Bem, agora você vê que isso é simplesmente *errado*, querida! É exatamente isso que o coloca em conivência com ela. O que ela fez não foi certo, é mau comportamento, e você a perdoadando só porque a ama, isso também não está certo. Você tem que parar com essa simpatia, Suzie. Não importa que Meg seja sua irmã. Certo é certo. Você tem que se lembrar

disso se quiser se dar bem na vida. Agora basta deslizar para o lado da cama aqui, puxar o vestido e deslizar para baixo nas gavetas.

Susan olhou para ela. Olhos arregalados, congelados.

Ruth saiu da cama. Ela desafivelou o cinto.

"Vamos, querida", disse ela. "É para o seu próprio bem. Tenho que te ensinar sobre convivência. Você vê, Meg não está aqui por sua parte. Então você tem que conseguir para vocês dois. Sua parte é para não dizer, ei, pare com isso, Meg — irmã ou não irmã. Certo é certo. Sua parte é para fazê-lo em primeiro lugar. Então venha aqui agora. Não me faça arrastar você."

Susan apenas olhou. Era como se ela *não pudesse se mover*.

"Tudo bem", disse Ruth. "Desobediência é outra coisa."

Ela estendeu a mão e com firmeza - embora não seja o que você chamaria grosseiramente - pegou Susan pelo braço e a deslizou para fora da cama. Susan começou a chorar. Os suspensórios das pernas bateram. Ruth virou-a para que ela ficasse de frente para a cama e a inclinou. Então ela puxou a parte de trás de seu vestido vermelho com babados e o enfiou no cós.

Willie bufou, rindo. Ruth lançou-lhe um olhar.

Ela puxou a calcinha branca de algodão para baixo, sobre os suspensórios em torno de seus tornozelos.

"Nós lhe daremos cinco por convivência, dez por Meg. E cinco por desobedecer. Vinte."

Susan estava realmente chorando agora. Eu podia ouvi-la. Eu assisti o fluxo de lágrimas rolar em sua bochecha. De repente me senti envergonhado e comecei a voltar pela porta. Algum impulso de Donny me disse que talvez ele quisesse fazer o mesmo. Mas Ruth deve ter nos visto.

"Vocês fiquem parados, rapazes. As meninas apenas choram. Não há nada que você possa fazer sobre isso.

Mas isso é para o bem dela e você estar aqui é parte disso e eu quero que você fique.

O cinto era de tecido fino, não de couro. Então talvez não doeria muito, pensei.

Ela dobrou e levantou acima de sua cabeça. Ele assobiou.

*Smack.*

Susan engasgou e começou a chorar a sério, alto.

Seu traseiro estava tão pálido quanto os seios de Ruth, coberto com uma fina e fina penugem de platina. E

agora também tremia. Eu podia ver uma mancha vermelha subindo em sua bochecha esquerda perto da covinha.

Olhei para Ruth enquanto ela levantava o cinto novamente. Seus lábios estavam apertados juntos. Caso contrário, ela estava inexpressiva, concentrada.

O cinto caiu novamente e Susan uivou.

Uma terceira vez e depois uma quarta, em rápida sucessão.

Sua bunda estava manchada de vermelho agora.

Um quinto.

Ela parecia estar quase engasgando com muco e lágrimas, sua respiração ofegante.

Ruth estava balançando mais. Tivemos que recuar.

Eu contei. Seis. Sete. Oito nove dez.

As pernas de Susan estavam se contraindo. Seus dedos brancos onde ela agarrou a colcha.

Eu nunca tinha ouvido tanto choro.

*Corra*, pensei. Jesus! Eu correria muito bem.

Mas é claro que ela não podia correr. Ela poderia muito bem ter sido acorrentada lá.

E isso me fez pensar em The Game.

Ali estava Ruth, pensei, jogando O Jogo. Eu serei maldito. E mesmo que eu estremecesse toda vez que o cinturão descia, eu simplesmente não conseguia superar isso. A ideia foi incrível para mim. Um adulto. *Um*

*adulto* estava jogando O Jogo. Não era exatamente o mesmo, mas estava perto o suficiente.

E, de repente, não parecia mais tão proibido. A culpa pareceu desaparecer. Mas a empolgação permaneceu.

Eu podia sentir minhas unhas cavando profundamente nas palmas das minhas mãos.

Eu mantive a contagem. Onze. Doze. Treze.

Havia pequenas gotas de suor no lábio superior e na testa de Ruth. Seus golpes eram mecânicos. *Quatorze.*

*Quinze.* Seu braço subiu. Por baixo do vestido sem cinto e disforme eu podia ver sua barriga arfando.

"Uau!"

Woofers entrou no quarto entre mim e Donny.

Dezesseis.

Ele estava olhando para o rosto vermelho e retorcido de Susan. "Uau", ele disse novamente.

E eu sabia que ele estava pensando o que eu estava pensando — o que todos nós estávamos pensando.

As punições eram privadas. Na minha casa eram pelo menos. Na casa de todo mundo, até onde eu sabia.

Isso não era punição. Este era o jogo.

*Dezessete. Dezoito.*

Susan caiu no chão.

Ruth se inclinou sobre ela.

Ela estava soluçando, todo o seu corpo frágil se contorcendo agora, a cabeça enterrada entre os braços, os joelhos dobrados tão apertados contra o peito quanto os gessos permitiam.

Ruth estava respirando pesadamente. Ela puxou a calcinha de Susan. Ela a levantou e deslizou de costas na cama, deitando-a de lado e alisando o vestido sobre suas pernas.

“Tudo bem,” ela disse suavemente. “Isso vai fazer. Você só descansa agora. Você me deve dois.”

E então todos nós ficamos parados por um momento, ouvindo os soluços abafados.

Ouvi um carro estacionar ao lado.

"Merda!" Eu disse. "Minha mãe!"

Corri pela sala de estar, saí pela porta ao lado de sua casa e espiei pelas sebes. Minha mãe foi puxada até a garagem. Ela estava com a traseira da caminhonete aberta e estava inclinada para retirar as malas marcadas A&P.

Eu atravessei a entrada de carros até a nossa porta da frente e subi as escadas para o meu quarto. Abri uma revista.

Ouvi a porta dos fundos se abrir.

“Davi! Venha aqui e me ajude com as compras!”

Ele se fechou.

Saí para o carro. Minha mãe estava franzindo a testa. Ela me entregou uma bolsa atrás da outra.

“O lugar estava absolutamente lotado”, disse ela. "O que você tem feito?"

"Nenhuma coisa. Lendo."

Quando me virei para voltar para dentro, vi Meg do outro lado da rua dos Chandler, parada nas árvores em frente à casa de Zorns.

Ela estava olhando para a casa dos Chandler e mastigando uma folha de grama, parecendo pensativa, como se estivesse tentando decidir sobre alguma coisa.

Ela não parecia me ver.

Eu me perguntei o que ela sabia.

Levei as malas para dentro.

Então, mais tarde, fui até a garagem pegar a mangueira do jardim e os vi no quintal, apenas Meg e Susan, sentadas na grama alta e manchada atrás da



bétula.

Meg estava escovando o cabelo de Susan. Traços longos e suaves da escova que eram firmes e uniformes, mas também delicados, como se o cabelo pudesse se machucar se você não acertasse. Sua outra mão o acariciou por baixo e por baixo, acariciando apenas com as pontas dos dedos, levantando-o e deixando-o cair suavemente.

Susan estava sorrindo. Não era um grande sorriso, mas dava para ver o prazer dela, como Meg a acalmava.

E por um momento percebi como os dois estavam conectados, como estavam sozinhos e especiais nessa conexão. Eu quase os invejei.

Eu não os perturbei.

Encontrei a mangueira de jardim. Saindo da garagem, a brisa havia mudado e eu podia ouvir Meg cantarolando. Era muito suave, como uma canção de ninar. “Boa noite Irene.” Uma música que minha mãe costumava cantar em longas viagens noturnas de carro quando eu era pequena.

*Boa noite, Irene, boa noite, Irene, vejo você em meus sonhos.*

Eu me peguei cantarolando o dia todo. E toda vez que eu fazia eu via Meg e Susan sentadas na grama juntas e sentia o sol no meu rosto e o toque do pincel e as mãos macias e macias.

## Capítulo Dezoito

“David, você tem algum dinheiro?”

Apalpei meus bolsos e encontrei uma nota de um dólar amassada e trinta e cinco centavos de troco.

Estávamos caminhando para o parquinho, Meg e eu. Dali a pouco haveria um jogo lá. Eu tinha minha luva de campista canhoto e uma velha bola preta com fita adesiva.

Mostrei-lhe o dinheiro.

“Você me emprestaria?”

“*Tudo* isso?”

"Estou com fome", disse ela.

"Sim?"

“Eu quero ir ao Cozy Snacks para um sanduíche.”

“Para um *sanduíche*?”

Eu ri. “Por que não roubar apenas um par de barras de chocolate? O balcão é fácil lá.”

Eu mesma fiz isso em muitas ocasiões. A maioria de nós fez. O melhor era ir até o que você quisesse e pegar e depois sair de novo. Nada furtivo e sem hesitações. O lugar estava sempre cheio. Não havia nada para isso.

E ninguém tinha nenhuma utilidade para o Sr. Holly, o velho que dirigia o lugar, então não havia culpa envolvida.

Mas Meg apenas franziu a testa. "Eu não roubo", disse ela.

Bem, caramba, pensei, conheça a senhorita Priss.

Senti um pouco de desprezo por ela. *Todo mundo* roubou. Fazia parte de ser criança.

"Apenas me empreste o dinheiro, sim?" ela disse. "Eu pagarei você de volta. Eu prometo."

Eu não podia ficar bravo com ela.

"OK. Claro," eu disse. Eu joguei na mão dela. "Mas para que você quer um sanduíche? Faça um no Ruth's."

"Eu não posso."

"Por quê?"

"Eu não deveria."

"Por que?"

"Ainda não devo comer."

Atravessamos a rua. Olhei para a esquerda e para a direita e então olhei para ela. Ela tinha aquele olhar mascarado. Como se houvesse algo que ela não estava contando. Além disso, ela estava corando.

"Eu não entendo."

Kenny, Eddie e Lou Marino já estavam no diamante jogando uma bola. Denise estava atrás do guarda-costas observando-os. Mas ninguém nos viu ainda. Eu poderia dizer que Meg queria ir, mas eu apenas a encarei.

"Ruth diz que eu sou gorda," ela disse finalmente.

Eu ri.

"Nós vamos?" ela disse.

"Bem o que?"

"Eu sou?"

"O que? Gordura?" Eu sabia que ela estava falando sério, mas eu ainda tinha que rir. "Claro que não. Ela está brincando com você."

Ela se virou abruptamente. "Alguma piada," ela disse. "Você apenas tenta ficar sem jantar, *café da manhã* e almoço por um dia."

Então ela parou e se virou para mim. "Obrigada", disse ela.

E então ela foi embora.

## Capítulo Dezenove

O jogo de bola se dissolveu cerca de uma hora depois de começar. Naquela época, a maioria das crianças do quarteirão estava lá, não apenas Kenny e Eddie e Denise e Lou Morino, mas Willie, Donny, Tony Morino e até mesmo Glen Knott e Harry Gray, que apareceram porque Lou estava jogando. Com as crianças mais velhas, foi um bom jogo rápido – até Eddie acertar sua linha dura na linha da terceira base e começar a correr.

Todos, menos Eddie, sabiam que era sujo. Mas não havia como dizer isso a Eddie. Ele contornou as bases enquanto Kenny foi perseguir a bola. E então houve a discussão usual. Foda-se e foda-se e não, foda -se.

A única diferença foi que desta vez Eddie pegou seu bastão e foi atrás de Lou Morino.

Lou era maior e mais velho que Eddie, mas Eddie tinha o bastão, e o resultado foi que, em vez de arriscar um nariz quebrado ou uma concussão, ele saiu do campo em uma direção levando Harry e Glen junto com ele enquanto Eddie se afastava na outra direção. .

O resto de nós jogava bola.

Era isso que estávamos fazendo quando Meg apareceu novamente.

Ela deixou cair algumas moedas na minha mão e eu coloquei no meu bolso.

"Eu lhe devo oitenta e cinco centavos", disse ela.

"OK."

Notei que o cabelo dela estava um pouco oleoso, como se ela não tivesse lavado naquela manhã. Ela ainda parecia legal embora.

"Quer fazer algo?" ela disse.

"O que?"

Eu olhei em volta. Acho que estava com medo de que os outros ouvissem.

"Eu não sei. Descer pelo riacho?"

Donny me jogou a bola. Eu atribuí isso a Willie. Como de costume, ele caiu muito devagar e errou.

“Não importa”, disse Meg. “Você está muito ocupado.”

Ela estava irritada ou magoada ou algo assim. Ela começou a se afastar.

"Não. Ei. Esperar."

Eu não podia convidá-la para jogar. Era duro e ela não tinha luva.

"OK, claro. Vamos descer ao riacho. Aguarde um minuto."

Só havia uma maneira de fazer isso graciosamente. Eu tive que perguntar aos outros.

"Ei pessoal! Quer descer ao riacho? Pegar alguns lagostins ou algo assim? Está quente aqui."

Na verdade, o riacho não me soou mal. Estava quente.

"Certo. Eu vou," disse Donny. Willie deu de ombros e assentiu.

“Eu também”, disse Denise.

Ótimo, pensei. Denise. Agora tudo o que precisamos é Woofer.

“Vou almoçar”, disse Kenny. “Talvez eu encontre você lá embaixo.”

"OK."

Tony vacilou e então decidiu que também estava com fome. Então isso deixou apenas nós cinco.

"Vamos parar na casa", disse Donny. “Pegue alguns potes para os lagostins e uma garrafa térmica de Kool-Aid.”

Entramos pela porta dos fundos e dava para ouvir a máquina de lavar no porão.

“Donny? Que você?”

“Sim, mãe.”

Ele se virou para Meg. “Pegue o Kool-Aid, sim? Vou descer atrás dos potes e ver o que ela quer.

Sentei-me com Willie e Denise na mesa da cozinha. Havia migalhas de torrada nela e eu as escovei no chão.

Havia também um cinzeiro abarrotado de pontas de cigarro. Olhei através das pontas, mas não havia nada grande o suficiente para servir de berço para mais tarde.

Meg estava com a garrafa térmica e estava despejando com cuidado Kool-Aid de limão na grande jarra de Ruth quando eles subiram.

Willie tinha dois potes de manteiga de amendoim e uma pilha de latas com ele. Ruth estava enxugando as mãos no avental desbotado. Ela sorriu para nós e então olhou para Meg na cozinha.

"O que você está fazendo?" ela disse.

"Apenas servindo um pouco de Kool-Aid."

Ela enfiou a mão no bolso do avental e tirou um maço de Tareytos e acendeu um.

"Pensei em dizer para ficar fora da cozinha."

"Donny queria um pouco de Kool-Aid. Foi ideia de Donny."

"Eu não me importo de quem foi a ideia."

Ela soltou um pouco de fumaça e começou a tossir. Era uma tosse forte, direto dos pulmões, e ela não conseguiu falar nem por um momento.

"É apenas Kool-Aid", disse Meg. "Eu não estou comendo." Rute assentiu. "A pergunta é," ela disse, dando outra tragada no cigarro, "a pergunta é, o que você esgueirou antes de eu chegar aqui?"

Meg terminou de servir e largou a jarra. "Nada", ela suspirou. "Eu não escondi nada."

Ruth assentiu novamente. "Venha aqui", disse ela.

Meg ficou ali parada.

"Eu disse venha aqui."

Ela se aproximou.

"Abra a boca e deixe-me cheirar seu hálito."

"O que?"

Ao meu lado, Denise começou a rir.

"Não me zombe. Abra sua boca."

"Rute..."

"Abra."

"Não!"

"O que é isso? O que você disse?"

"Você não tem o direito de..."

"Eu tenho todo o direito do mundo. Abra."

"Não!"

"Eu disse para abrir, mentiroso."

"Eu não sou um mentiroso."

"Bem, eu sei que você é uma vadia, então eu acho que você é uma mentirosa também. Abra!"

"Não."

"Abra sua boca!"

"Não!"

"Eu estou dizendo a você."

"Eu não vou."

"Ah, sim, você vai. Se eu tiver que fazer esses garotos abrirem, você o fará."

Willie bufou, rindo. Donny ainda estava de pé na porta segurando as latas e potes. Ele parecia envergonhado.

"Abra a *boca*, vadia."

Isso fez Denise rir novamente.

Meg olhou Ruth diretamente nos olhos. Ela respirou fundo.

E por um momento ela de repente conseguiu uma dignidade adulta, quase estonteante.

“Eu te disse, Ruth,” ela disse. "Eu disse não."

Até Denise calou a boca então.

Ficamos surpresos.

Nunca tínhamos visto nada parecido antes.

As crianças eram impotentes. Quase por definição. As crianças deveriam *suportar a* humilhação, ou fugir dela. Se você protestou, tinha que ser oblíquo. Você correu para o seu quarto e bateu a porta. Você gritou e gritou. Você meditou durante o jantar. Você agiu - ou quebrou coisas acidentalmente de propósito. Você estava mal-humorado, silencioso. Você estragou tudo na escola. E foi isso. Todas as armas do seu arsenal.

Mas o que você *não* fez foi não enfrentar um adulto e dizer vá se foder com tantas palavras. Você não ficou simplesmente parado e calmamente dizer não. Ainda éramos muito jovens para isso. De modo que agora era bastante surpreendente.

Ruth sorriu e apagou o cigarro no cinzeiro desordenado.

"Acho que vou buscar Susan", disse ela. "Eu espero que ela esteja em seu quarto."

E então foi sua vez de encarar Meg.

Durou um momento, os dois se enfrentando como pistoleiros.

Então a postura de Meg quebrou.

“Você deixa minha irmã *fora* disso! Você a deixa em paz!”

Suas mãos estavam fechadas em punhos, brancos nos nós dos dedos. E eu sabia que ela sabia, então, sobre a surra no outro dia.

Eu me perguntei se houve outras vezes, outras surras.

Mas de certa forma ficamos aliviados. Isso era mais parecido com isso. Mais parecido com o que estávamos acostumados.

Ruth apenas deu de ombros. “Não há necessidade de você ficar chateada com isso, Meggy. Eu só quero perguntar a ela o que ela sabe sobre você invadir a geladeira entre as refeições. Se você não fizer o que eu peço, então acho que ela seria a única a saber.



“Ela nem estava *conosco* !”

“Tenho certeza que ela ouviu você, querida. Tenho certeza que os vizinhos ouviram você. De qualquer forma, as irmãs sabem, não sabem? Meio instintivo, na verdade.

Ela se virou para o quarto. “Susan?”

Meg estendeu a mão e agarrou seu braço. E era como se ela fosse uma outra garota agora, assustada, indefesa, desesperada.

“ *Maldito* seja você!” ela disse.

Você soube imediatamente que era um erro.

Ruth girou e deu um tapa nela.

"Você me tocou? Você me *toca* , caramba? Você é *ousado* comigo?

Ela bateu nela novamente quando Meg recuou, e novamente quando ela tropeçou contra a geladeira, desequilibrada, e caiu de joelhos. Ruth se inclinou e agarrou sua mandíbula, puxando-a com força.

“Agora você abre sua maldita boca, está me ouvindo? Ou eu vou chutar a merda de você e sua preciosa irmãzinha! Você me escuta? Willie? Donny?”

Willie se levantou e foi até ela. Donny parecia confuso.

"Segurá-la."

Eu me senti congelado. Tudo estava acontecendo tão rápido. Eu estava ciente de Denise sentada ao meu lado, com os olhos arregalados.

"Eu disse para segurá-la."

Willie saiu de seu assento e pegou seu braço direito e eu acho que Ruth estava machucando ela onde ela segurou firme em sua mandíbula porque ela não resistiu. Donny colocou seus potes e latas na mesa e segurou a esquerda dela. Duas das latas rolaram da mesa e caíram no chão.

“Agora *abra* , vagabundo.”

E então Meg lutou, tentando ficar de pé, resistindo e rolando contra eles, mas eles a seguraram firme. Willie estava se divertindo, isso era óbvio. Mas Donny parecia sombrio. Ruth tinha ambas as mãos sobre ela agora, tentando erguer suas mandíbulas.

Meg a mordeu.

Ruth gritou e cambaleou para trás. Meg se pôs de pé. Willie torceu o braço atrás das costas e puxou-o para cima. Ela gritou e se dobrou e tentou se afastar, sacudindo o braço esquerdo com força para afastá-lo de Donny em uma espécie de pânico simultâneo e ela quase conseguiu, o aperto de Donny era incerto o suficiente, ela quase o soltou.

Então Ruth deu um passo à frente novamente.

Por um instante, ela apenas ficou ali, estudando-a, procurando, acho, por uma abertura. Então ela cerrou o punho e a atingiu no estômago exatamente como um homem atingiria um homem, e quase com a mesma força. O que você ouviu foi como alguém socando uma bola de basquete.

Meg caiu, engasgada e ofegante.

Donny a soltou.

"Jesus!" sussurrou Denise ao meu lado.

Ruth deu um passo para trás.

“Você quer lutar?” ela disse. "OK. Lutar."

Meg balançou a cabeça.

“Você não quer lutar? Não?”

Ela balançou a cabeça.

Willie olhou para sua mãe.

“Que pena,” ele disse calmamente.

Ele ainda tinha o braço dela. E agora ele começou a torcer. Ela se dobrou.

"Willie está certo", disse Ruth. “É muito ruim. Vamos, querida Meg, *lute*. Lute com ele."

Willie se contorceu. Ela pulou com a dor e engasgou e balançou a cabeça uma terceira vez.

"Bem, eu acho que ela simplesmente não vai fazer isso", disse Ruth. “Essa garota não quer fazer *nada do que* eu disser hoje.”

Ela apertou a mão que Meg havia mordido e a examinou. De onde eu estava sentado, era apenas uma mancha vermelha. Meg não tinha quebrado a pele nem nada.

"Deixe-a ir", disse Ruth.

Ele deixou cair o braço dela. Meg caiu para a frente. Ela estava chorando.

Eu não gostava de assistir. Desviei o olhar.

Eu vi Susan de pé no corredor, segurando na parede, parecendo assustada, olhando para o canto. Olhos fixos em sua irmã.

"Eu tenho que ir", eu disse em uma voz que soou estranhamente grossa para mim.

"E o riacho?" disse Willie. Soando desapontado, o grande asno. Como se nada tivesse acontecido.

"Mais tarde," eu disse. "Eu tenho que ir agora"

Eu estava ciente de Ruth me observando.

Levantei-me. Eu não queria passar por Meg por algum motivo. Em vez disso, passei por Susan até a porta da frente. Ela não pareceu me notar.

"David", disse Ruth. Sua voz estava muito calma.

"Sim?"

"Isso é o que você chamaria de uma disputa doméstica", disse ela.

"Só entre nós aqui. Você viu o que viu. Mas não é da conta de ninguém além da nossa. Você sabe? Você entende?"

Eu hesitei, então assenti.

"Bom menino", disse ela. "Eu sabia que você era. Eu sabia que você entenderia."

Eu andei para fora. Era um dia quente e abafado. Lá dentro estava mais fresco.

Voltei para a floresta, desviando do caminho para o riacho e entrando na floresta mais profunda atrás da casa dos Morino.

Lá era mais fresco. Cheirava a pinho e terra.

Continuei vendo Meg caída, chorando. E então eu a via parada na frente de Ruth olhando-a friamente nos olhos dizendo eu disse a você que disse não. Por alguma razão, eles alternavam com a lembrança de uma discussão com minha mãe no início daquela semana. Você é igual ao seu pai, ela disse. Eu respondi furiosamente. Não tão bem quanto Meg. Eu tinha perdido. Eu me enfureci. Eu a odiava. Eu pensei sobre isso agora de uma maneira distante e depois pensei em todas essas outras coisas hoje.

Foi uma manhã incrível.

Mas era como se tudo cancelasse tudo.

Caminhei pela floresta.

Eu não senti nada.

## Capítulo Vinte

Você poderia ir da minha casa até o Cozy Snacks pela floresta atravessando o riacho no Big Rock e depois andando pela margem oposta, passando por duas casas antigas e um canteiro de obras, e eu voltaria para casa por ali no dia seguinte com um Três Mosqueteiros , um pouco de alcaçuz vermelho e um pouco de Fleer's Double Bubble - que, pensando em Meg, eu realmente paguei - em um saco de papel quando ouvi Meg gritar.

Eu sabia que era ela. Foi apenas um grito. Poderia ter sido de qualquer um. Mas eu sabia.

fiquei quieto. Eu me movi ao longo da margem.

Ela estava de pé no Big Rock. Willie e Woofer devem tê-la surpreendido ali com a mão na água, porque sua manga estava arregaçada e a água do riacho percorria seu antebraço e dava para ver a longa cicatriz lívida como um verme pulsando através de sua pele.

Estavam atirando nela com as latas do porão, e a pontaria de Woofer, pelo menos, era boa.

Mas então Willie estava mirando na cabeça.

Um alvo mais difícil. Ele sempre foi largo.

Enquanto Woofer a golpeava primeiro no joelho nu e depois, quando ela se virava, no centro das costas.

Ela se virou novamente e os viu pegar os potes de vidro de manteiga de amendoim. Woofer disparou.

Vidro se estilhaçou a seus pés, espirrou em suas pernas.

A teria machucado muito ser atingida por um desses.

Não havia para onde ir, exceto para o riacho. Ela não poderia ter escalado a margem alta ao meu lado, pelo menos não a tempo. Então foi isso que ela fez.

Ela entrou na água.

O riacho estava correndo rápido naquele dia e o fundo estava coberto de pedras cobertas de musgo. Eu a vi tropeçar e cair quase imediatamente enquanto outro pote se espatifava em uma pedra próxima. Ela se levantou, ofegante e molhada até os ombros, e tentou correr. Ela deu quatro passos e caiu novamente.

Willie e Woofer estavam uivando, rindo tanto que se esqueceram de jogar os potes.

Ela se levantou e desta vez manteve o equilíbrio e mergulhou rio abaixo.

Quando ela virou a esquina, havia uma boa moita pesada para cobri-la.

Tinha acabado.

Surpreendentemente, ninguém tinha me visto. Eles ainda não o fizeram. Eu me senti como um fantasma.

Observei-os recolher as poucas latas e potes restantes. Então eles saíram rindo pelo caminho para sua casa.

Eu podia ouvi-los todo o caminho, vozes gradualmente desaparecendo.

*Idiotas*, pensei. Há vidro por toda parte agora. Não podemos ir vadeando. Não pelo menos até inundar novamente.

Atravessei cuidadosamente a Rocha até a outra

## **Capítulo Vinte e Um**

Meg lutou no dia 4 de julho.

Era crepúsculo, uma noite quente graciosamente escurecendo, e havia centenas de nós lá fora em cobertores no Memorial Field em frente à escola esperando os fogos de artifício começarem.

Donny e eu sentamos com meus pais - eu o convidei para jantar naquela noite - e eles se sentaram com seus amigos, os Hendersons, que moravam a dois quarteirões de distância.

Os Henderson eram católicos e não tinham filhos, o que logo significava que algo estava errado, embora ninguém parecesse saber exatamente o que era. O Sr. Henderson era grande e aventureiro e dado a xadrez e veludo cotelê, o que você chamaria de homem de homem, meio divertido. Ele

criava beagles em seu quintal e nos deixava disparar suas armas BB às vezes quando íamos para lá. A Sra. Henderson era magra, loira, de nariz arrebitado e bonita.

Donny disse uma vez que não conseguia ver o problema. Ele a teria fodido em um minuto.

De onde estávamos sentados podíamos ver Willie, Woofer, Meg, Susan e Ruth do outro lado do campo sentados ao lado da família Morino.

A cidade inteira estava lá.

Se você pudesse andar, dirigir ou engatinhar, no 4 de julho você veio para os fogos de artifício. Além do Memorial Day Parade, foi nosso único grande espetáculo do ano.

E pro forma os policiais estavam lá. Ninguém realmente esperava nenhum problema. A cidade ainda estava naquele estágio em que todo mundo conhecia todo mundo, ou conhecia alguém que conhecia. Você saiu e deixou a porta aberta o dia todo para o caso de alguém passar e você não estar lá.

Os policiais eram amigos da família, a maioria deles. Meu pai os conhecia do bar ou do VFW.

Principalmente eles estavam apenas se certificando de que ninguém jogasse bombas de cereja muito perto dos cobertores. De pé esperando o show como o resto de nós.

Donny e eu ouvimos o Sr. Henderson, que estava falando sobre a nova ninhada dos beagles e bebeu chá gelado da garrafa térmica e arrotou fumaça de assado um para o outro, rindo. Minha mãe sempre fazia carne assada com muita cebola. Isso deixou meu pai louco, mas era do jeito que gostávamos. Em meia hora estaríamos peidando.

O sistema de alto-falantes tocou John Philip Sousa.

Um quarto de lua estava acima do prédio da escola.

Na luz cinzenta fraca dava para ver criancinhas correndo umas atrás das outras no meio da multidão. As pessoas estavam acendendo faíscas. Atrás de nós, um pacote cheio de canhões de cinco centímetros disparou como uma metralhadora.

Resolvemos tomar um sorvete.

O caminhão do Bom Humor estava fazendo um negócio estrondoso, crianças entrando em quatro profundidades. Aos poucos fomos avançando sem sermos pisoteados. Eu peguei uma Brown Cow e Donny pegou um Fudgesicle e nós nos arrastamos de volta para fora.

Então vimos Meg ao lado do caminhão, conversando com o Sr. Jennings.

E isso nos parou em nossas trilhas.

Porque o Sr. Jennings também era o *Oficial* Jennings. Ele era um policial.

E havia algo na maneira como ela estava agindo, gesticulando com as mãos, inclinando-se um pouco *para* ele, de modo que sabíamos imediatamente o que ela estava dizendo.

Foi assustador, chocante.

Ficamos ali enraizados no local.

Meg estava contando. Trair Rute. Trair Donny e todos.

Ela estava de costas para nós.

Por um momento nós apenas olhamos para ela e então, como se fosse uma deixa, olhamos um para o outro.

Então passamos. Comendo nossos sorvetes. Muito casual. Ficamos bem ao lado dela de um lado.

O Sr. Jennings olhou para nós por um segundo, mas depois desviou o olhar na direção geral de Ruth, Willie e os outros, e então, balançando a cabeça, ouvindo com atenção, olhou atentamente de volta para Meg.

Nós trabalhamos cuidadosamente nos sorvetes. Nós olhamos ao redor.

"Bem, isso é certo, eu acho", disse ele.

"*Não*", disse Meg. "Você não entende."

Mas então não podíamos ouvir o resto.

O Sr. Jennings sorriu e deu de ombros. Ele colocou uma grande mão sardenta em seu ombro.



“Ouça,” ele disse. “Pelo que sei, talvez seus pais se sentissem exatamente da mesma forma. Quem pode dizer? Você tem que pensar em Miz Chandler como sua mãe agora, não é?”

Ela balançou a cabeça.

E então ele ficou ciente de nós, eu acho, realmente ciente de Donny e eu e quem nós éramos pela primeira vez e o que poderíamos significar em termos da conversa que eles estavam tendo lá. Você podia ver o rosto dele mudar. Mas Meg ainda estava falando, discutindo.

Ele nos observou por cima do ombro; olhou para nós longa e duramente.

Então ele pegou o braço dela.

"Vamos andar", disse ele.

Eu a vi olhar nervosamente na direção de Ruth, mas estava ficando difícil de ver agora, quase totalmente escuro com apenas a lua e as estrelas e o brilho ocasional para ver, então não havia muita chance de Ruth ter notado eles juntos. De onde eu estava, a multidão já era uma massa disforme como arbustos e cactos salpicando uma pradaria. Eu sabia onde eles estavam sentados, mas não conseguia distingui-los, nem a meus pais e aos Hendersons.

Mas você sabia perfeitamente bem por que ela estava com medo. Eu mesma senti medo. O que ela estava fazendo parecia excitante e proibido, exatamente como tentar vê-la através das janelas da bétula.

O Sr. Jennings virou as costas para nós e gentilmente a afastou.

"Merda" sussurrou Donny.

Eu ouvi um assobio. O céu explodiu. Bolas brancas brilhantes estouraram e caíram.

Oooooooooo , foi a multidão.

E na luz branca fantasmagórica do tremor secundário eu olhei para ele. Eu vi confusão e preocupação.

Ele sempre foi o relutante com Meg. Ele ainda estava agora.

"O que você vai fazer?" Eu perguntei a ele.

Ele balançou sua cabeça.

"Ele não vai acreditar nela", disse ele. "Ele não vai fazer *nada*. Os policiais falam, mas nunca fazem nada com você."

Era como algo que Ruth nos disse uma vez. Os policiais falam, mas nunca o *fazem*.

Ele repetiu agora enquanto caminhávamos de volta para nossos cobertores como um artigo de fé. Como é *ruim* ser.

Quase como uma oração.

## Capítulo Vinte e Dois

O carro de patrulha parou por volta das oito da noite seguinte. Eu vi o Sr. Jennings subir os degraus e bater e Ruth deixá-lo entrar. Então eu esperei, olhando pela janela da minha sala. Algo girando e revirando no meu estômago.

Meus pais estavam em uma festa de aniversário nos Cavaleiros de Colombo e minha babá era Linda Cotton, dezoito anos e sardenta e, pensei, fofa, embora nada comparada a Meg. A setenta e cinco centavos por hora, ela não poderia se importar menos com o que eu estava fazendo, desde que estivesse quieto e não interferisse com ela assistindo *As Aventuras de Ellery Queen* na TV.

Tínhamos um acordo, Linda e eu. Eu não contaria sobre o namorado dela Steve vindo ou os dois se agarrando no sofá a noite toda e eu poderia fazer praticamente o que quisesse desde que estivesse em casa na cama antes do meu pais voltarem. Ela sabia que eu estava ficando velho demais para babás de qualquer maneira.

Então esperei até que o carro de patrulha se afastasse novamente e então fui para o lado. Eram cerca de um quarto para as nove.

Eles estavam sentados na sala de estar e na sala de jantar. Todos eles. Estava quieto e ninguém se mexia e tive a sensação de que estava assim há muito tempo.

Todos olhavam para Meg. Até Susan estava.

Tive a sensação mais estranha.

Mais tarde, durante os anos sessenta, eu perceberia o que era. Eu abria uma carta do Sistema de Atendimento Seletivo e lia o cartão dentro que me dizia que meu status havia sido alterado para 1A.

Era uma sensação de *escalada*.

Que as apostas eram maiores agora.

Fiquei na porta. Foi Ruth quem me reconheceu.

“Olá, David,” ela disse calmamente. "Sentar-se. Junte-se a nós." Então ela suspirou. "Alguém me traga uma cerveja, sim?"

Willie levantou-se na sala de jantar e foi até a cozinha, pegou uma cerveja para ela e outra para ele, abriu e entregou uma para ela. Então ele se sentou novamente.

Ruth acendeu um cigarro.

Olhei para Meg sentada em uma cadeira dobrável em frente ao olho cinza vazio da televisão. Ela parecia assustada, mas determinada. Pensei em Gary Cooper andando na rua silenciosa no final de *High Noon*.

“Bem agora,” disse Ruth. "Bem agora."

Ela bebeu a cerveja, fumou o cigarro.

Woof se contorceu no sofá.

Quase me virei e saí de novo.

Então Donny se levantou na sala de jantar. Ele caminhou até Meg. Ele ficou ali na frente dela.

"Você trouxe um policial aqui atrás da minha mãe", disse ele. “Depois da minha mãe.”

Meg olhou para ele. Seu rosto relaxou um pouco. Era Donny, afinal. Relutante Donny.

"Sinto muito", disse ela. “Eu só tinha que ter certeza de que não...”

Sua mão disparou e cortou em seu rosto.

"Cale-se! Cale a boca, você!”

A mão dele estava parada na frente dela, pronta, trêmula.

Parecia que era tudo o que ele podia fazer para não bater nela de novo e muito mais forte desta vez.

Ela o encarou, horrorizada.

“Sente-se,” Ruth disse calmamente.

Era como se ele não a tivesse ouvido.

"Sentar-se!"

Ele se afastou. Sua reviravolta foi praticamente militar. Ele caminhou de volta para a sala de jantar.

Então houve um silêncio novamente.

Finalmente Ruth se inclinou para frente. "O que eu quero saber é isso. O que você achou, Meggy? O que passou pela sua cabeça?"

Meg não respondeu.

Ruth começou a tossir. Aquela tosse profunda e cortante que ela tinha. Então ela assumiu o controle.

"O que eu quero dizer é, você achou que ele ia te levar embora ou algo assim? Você e Susana? Tirar você daqui?"

"Bem, eu vou te dizer que isso não vai acontecer. Ele não vai te levar a lugar nenhum, garota. Porque ele não se *importa*. Se ele se importasse, ele teria feito isso na hora dos fogos de artifício e ele não fez, não é?"

"Então, o que resta? O que você tinha em mente?"

"Você acha que talvez eu tenha medo dele?"

Meg ficou ali sentada, de braços cruzados, com aquele olhar determinado nos olhos.

Ruth sorriu, tomou um gole de cerveja.

E ela parecia determinada também em seu caminho.

"O problema é", ela disse, "o que vamos fazer agora? Não há nada sobre esse homem ou qualquer outro homem que me assusta, Meggy. Se você não sabia disso antes, então espero que saiba agora. Mas também não posso ter você correndo para a polícia a cada dez, vinte minutos. Então a pergunta é, e agora?"

"Eu te mandaria para algum lugar se houvesse algum lugar para te mandar. Acredite, eu faria. Maldito seja se eu precisar de alguma puta estúpida arruinando minha reputação. E Deus sabe que eles não me pagam o suficiente para me dar ao trabalho de tentar corrigi-lo. Inferno, com o que eles pagam é uma maravilha que eu possa até alimentá-lo!"

Ela suspirou. "Acho que tenho que pensar sobre isso", disse ela. Então ela se levantou e caminhou até a cozinha. Ela abriu a geladeira.

"Você vai para o seu quarto. Susie também. E fique aí."

Ela pegou uma cerveja e então riu.

"Antes que Donny comece a pensar que ele pode vir e bater em você de novo."

Ela abriu a lata de Budweiser.

Meg pegou o braço da irmã e a levou para o quarto.

"Você também, David", disse Ruth. "É melhor você ir para casa. Desculpe. Mas eu tenho alguns pensamentos difíceis de fazer."

"Tudo bem."

"Você quer uma Coca-Cola ou algo assim para a estrada?"

Eu sorri. Para a estrada. Eu estava bem ao lado.

"Não, tudo bem."

"Quer que eu te traga uma cerveja?"

Ela tinha aquele velho brilho travesso em seus olhos. A tensão se dissolveu. Eu ri.

"Isso seria legal."

Ela me jogou um. Eu peguei.

"Obrigado", eu disse.

"Não mencione isso," ela disse e desta vez todos nós rimos, porque *não mencione* que era um código entre nós.

Era sempre o que ela dizia para nós, crianças, quando nos deixava fazer algo que nossos pais não queriam que fizéssemos ou que fizéssemos em nossas próprias casas. *Não mencione isso.*

"Eu não vou," eu disse.

Enfiei a lata na minha camisa e saí.

Quando voltei para minha casa, Linda estava enrolada na frente da TV assistindo Ed Byrnes pentear o cabelo durante os créditos de abertura de 77 *Sunset Strip*. Ela parecia meio triste. Imaginei que Steve não apareceria esta noite.

“Boa noite,” eu disse e subi para o meu quarto.

Bebi a cerveja e pensei em Meg. Eu me perguntei se deveria tentar ajudá-la de alguma forma. Houve um conflito aqui. Eu ainda estava atraído por Meg e gostava dela, mas Donny e Ruth eram amigos muito mais velhos. Eu me perguntei se ela realmente *precisava* de ajuda. As crianças foram esbofeteadas, afinal. As crianças levaram socos. Eu me perguntei onde isso estava indo.

*O que fazemos agora?* disse Rute.

Olhei para a aquarela de Meg na minha parede e comecei a me perguntar sobre isso também.

## Capítulo Vinte e Três

O que Ruth decidiu foi que, a partir de então, Meg nunca mais poderia sair de casa sozinha. Ou ela estava com ela, ou Donny ou Willie. Principalmente ela não saiu de jeito nenhum. Para que eu nunca tivesse a chance de perguntar a Meg o que ela queria que fosse feito, se ela queria que algo fosse feito, muito menos decidir se eu faria ou não.

Estava fora das minhas mãos. Ou assim eu pensei.

Isso foi um alívio para mim.

Se eu sentia que alguma coisa estava perdida – a confiança de Meg, ou mesmo apenas sua companhia – eu nunca estava tão ciente disso. Eu sabia que as coisas tinham tomado um rumo bem incomum ao lado e acho que estava procurando alguma distância por um tempo, para resolver as coisas por mim mesma.

Então eu vi menos do que o normal dos Chandlers nos próximos dias e isso também foi um alívio. Eu andava com Tony e Kenny e Denise e Cheryl, e até com Eddie de vez em quando quando parecia seguro.

A rua fervilhava de notícias do que estava acontecendo ali. Mais cedo ou mais tarde, todas as conversas voltavam para os Chandler. O que tornava tudo tão incrível era que Meg havia envolvido a polícia. *Esse* foi o ato revolucionário, aquele que não conseguimos superar. Você poderia imaginar entregar um adulto – especialmente um adulto que poderia muito bem ter sido sua mãe – para a polícia? Era praticamente impensável.

No entanto, também estava cheio de potencial. Você podia ver Eddie em particular pensando na ideia.

Sonhando acordado com o pai, imaginei. Um Eddie pensativo também não era algo a que estávamos acostumados. Isso aumentou a estranheza.

Mas, fora o negócio com os policiais, tudo o que alguém realmente sabia - inclusive eu - era que as pessoas estavam sendo muito punidas por lá por um motivo aparentemente pequeno, mas isso não era nada novo, exceto que estava acontecendo na casa dos Chandler, o que nós 'd todos considerados



porto seguro. Isso e o fato de Willie e Donny estarem participando. Mas mesmo isso não nos pareceu muito estranho.

Tínhamos The Game como precedente.

Não, principalmente eram os policiais. E foi Eddie quem, depois de um tempo, teve a palavra final sobre o assunto.

"Bem, isso não pegou sua *merda* , porém, fez isso", disse ele. Pensativo Eddie.

Mas era verdade. E, curiosamente, no decorrer da semana que se seguiu, nossos sentimentos mudaram lentamente em relação a Meg como resultado disso. Da admiração pela pura ousadia de tudo ou nada do ato, pelo próprio *conceito* de desafiar a autoridade de Ruth de forma tão completa e pública, passamos a uma espécie de desprezo vago por ela. Como ela podia ser tão burra a ponto de pensar que um policial ficaria do lado de uma criança contra um adulto, afinal? Como ela poderia deixar de perceber que isso só iria piorar as coisas? Como ela poderia ter sido tão ingênua, tão confiante, tão estúpida de Deus e torta de maçã?

*O policial é seu amigo.* Merda. Nenhum de nós teria feito isso. Sabíamos melhor.

Você quase poderia se ressentir dela por isso. Era como se, ao falhar com o Sr. Jennings, ela tivesse jogado na nossa cara o fato de quão impotentes éramos quando crianças. Ser “apenas uma criança” assumiu uma nova profundidade de significado, de ameaça sinistra, que talvez soubéssemos que existia o tempo todo, mas nunca tivemos que pensar antes. Merda, eles poderiam nos jogar em um rio se quisessem. Nós éramos *apenas crianças*. Nós éramos propriedade. *Pertencemos aos* nossos pais, corpo e alma. Significava que estávamos condenados diante de qualquer perigo real do mundo adulto e isso significava desesperança, humilhação e raiva.

Era como se, ao falhar consigo mesma, Meg tivesse falhado conosco também.

Então, viramos essa raiva para fora. Em direção a Meg.

Eu fiz também. Durante apenas alguns dias, acionei um interruptor mental lento. Parei de me preocupar. Eu a desliguei completamente.

Foda-se, pensei. Deixe ir para onde for.

# Capítulo Vinte e Quatro

Onde ele foi foi para o porão.

## Capítulo Vinte e Cinco

No dia em que finalmente fui até lá e bati na porta, ninguém respondeu, mas, de pé na varanda, percebi duas coisas. Um era Susan chorando em seu quarto alto o suficiente para ouvi-la através da tela. A outra estava lá embaixo. Uma briga. Móveis raspando grosseiramente pelo chão. Vozes abafadas. Grunhidos, gemidos. Todo um perigo rançoso no ar.

A merda, como dizem, estava batendo no ventilador.

É incrível para mim agora como eu estava ansioso para chegar lá.

Subi as escadas de dois em dois e virei a esquina. Eu sabia onde eles estavam.

Na porta do abrigo, Ruth estava observando. Ela sorriu e se moveu para o lado para me deixar passar.

"Ela tentou fugir", disse ela. "Mas Willie a impediu."

Eles a estavam parando agora, todos eles, Willie, Woofer e Donny todos juntos, indo para ela como um manequim contra a parede de concreto, revezando-se, esmagando seu estômago. Ela já tinha passado muito tempo discutindo sobre isso. Tudo o que você ouviu foi a respiração ofegante quando Donny bateu nela e enfiou os braços firmemente cruzados em sua barriga. Sua boca estava firme, sombria. Uma concentração dura em seus olhos.

E por um momento ela foi a heroína novamente. Lutando contra as probabilidades.



Mas só por um momento. Porque de repente ficou claro para mim novamente que tudo o que ela podia fazer era aguentar, impotente. E perder.

E lembro-me de pensar *que pelo menos não sou eu*.

Se eu quisesse, poderia até me juntar a eles.

Naquele momento, pensando nisso, eu tinha poder.

Eu me pergunto desde então, *quando isso aconteceu? quando fui, sim, corrompido?* e continuo voltando exatamente a este momento, esses pensamentos.

Essa sensação de poder.

Não me ocorreu considerar que este era apenas um poder concedido a mim por Ruth, e talvez apenas temporário. Na época era bastante real. Enquanto eu observava, a distância entre Meg e eu parecia de repente enorme, intransponível. Não que minhas simpatias por ela tenham parado. Mas pela primeira vez eu a vi como essencialmente diferente de mim. Ela era vulnerável. Eu não estava. Minha posição foi favorecida aqui. O dela era o mais baixo possível. Isso era inevitável, talvez? Lembrei-me dela me perguntando, *por que eles me odeiam?* e eu não acreditei então, eu não tinha nenhuma resposta para ela. Será que eu perdi alguma coisa? Havia talvez alguma falha nela que eu não tinha visto que predeterminava tudo isso? Pela primeira vez, senti que talvez a separação de Meg de nós pudesse ser justificada.

Eu queria sentir que era justificado.

Digo isso agora com a maior vergonha.

Porque me parece agora que muito disso era estritamente pessoal, parte da natureza do mundo como eu o via.

Tentei pensar que era tudo culpa da guerra de meus pais, da calma fria e vazia que desenvolvi no centro de seu furacão constante. Mas já não acredito muito nisso. Eu duvido que eu tenha feito inteiramente. Meus pais me amavam, de muitas maneiras mais do que eu merecia — independentemente de como se sentissem um pelo outro. E eu sabia disso. Para quase qualquer um, isso teria sido suficiente para eliminar qualquer apetite por isso.

Não. A verdade é que fui eu. Que eu estava esperando por isso, ou algo assim, acontecer o tempo todo. Era como se algo totalmente elementar estivesse nas minhas costas, varrendo através de mim, liberando e se

tornando eu, algum vento negro selvagem de minha própria criação naquele lindo dia ensolarado.

E eu me pergunto: quem eu odiei? A quem e o que eu temia?

No porão, com Ruth, comecei a aprender que raiva, ódio, medo e solidão são todos um botão esperando o toque de apenas um dedo para colocá-los em chamas em direção à destruição.

E aprendi que eles podem ter gosto de vitória.

006

Eu assisti Willie dar um passo para trás. Pela primeira vez ele não parecia desajeitado. Seu ombro a pegou diretamente no estômago, levantou-a do chão.

Suponho que sua única esperança era que um deles errasse e batesse a cabeça contra a parede. Mas ninguém iria. Ela estava cansativa. Não havia nenhum lugar para manobrar, nenhum lugar para ir. Nada a fazer a não ser levá-la até ela cair. E isso seria em breve agora.

Woofers começou a correr. Ela teve que dobrar os joelhos para não levar na virilha.

“Chora, porra!” Willie gritou. Como os outros, ele estava respirando com dificuldade. Ele se virou para mim.

"Ela não vai *chorar*", disse ele.

“Ela não se importa”, disse Woofers.

“Ela vai chorar”, disse Willie. "Eu vou fazê-la."

"Muito orgulho", disse Ruth atrás de mim. “O orgulho precede a queda. Todos vocês deveriam se lembrar disso. O orgulho cai.”

Donny bateu nela.

O futebol era o seu jogo. Sua cabeça bateu para trás contra o bloco de concreto. Seus braços se abriram. O

olhar em seus olhos estava vidrado agora.

Ela deslizou alguns centímetros na parede.

Então ela parou e ficou ali.

Rute suspirou.

"Isso será suficiente por agora, rapazes", disse ela. "Você não vai fazê-la chorar. Não dessa vez."

Ela estendeu o braço, acenando.

"Vamos."

Você podia ver que eles não estavam prontos ainda. Mas Ruth parecia entediada e final.

Então Willie murmurou algo sobre prostitutas estúpidas, e uma a uma elas passaram por nós.

Eu fui o último a sair. Foi difícil tirar os olhos.

Que isso pudesse acontecer.

Eu a vi deslizar pela parede para se agachar no chão frio de concreto.

Eu não tenho certeza se ela já estava ciente de mim.

"Vamos", disse Ruth.

Ela fechou a porta de metal e a trancou atrás de mim.

Meg foi deixada lá no escuro. Atrás da porta de um armário de carne. Subimos e servimos algumas Cocas.

Ruth pegou queijo cheddar e bolachas. Sentamos em volta da mesa da sala de jantar.

Eu ainda podia ouvir Susan chorando no quarto, mais suave agora. Então Willie se levantou e ligou a televisão e veio *Truth or Consequences* e você não podia mais ouvi-la.

Nós assistimos por um tempo.

Ruth tinha uma revista feminina aberta à sua frente sobre a mesa. Ela estava fumando um Tareyton, folheando a revista, bebendo de sua garrafa de Coca-Cola.

Ela chegou a uma foto — um anúncio de batom — e parou.

"Eu não vejo isso", disse ela. "A mulher é comum. Você vê?"

Ela ergueu a revista.

Willie olhou e deu de ombros e mordeu um biscoito. Mas achei a mulher bonita. Mais ou menos da idade de Ruth, talvez um pouco mais nova, mas bonita.

Ruth balançou a cabeça.

“Eu a vejo em todos os lugares que olho,” ela disse, “eu juro. Em toda parte. O nome é Suzy Parker. Modelo grande. E eu simplesmente não vejo isso. Uma ruiva. Talvez seja isso. Homens gostam de ruivas. Mas diabos, Meg tem cabelo ruivo. E o cabelo de Meg é mais bonito que isso, não acha?

Olhei para a foto novamente. Eu concordei com ela.

"Eu simplesmente não vejo isso", disse ela, franzindo a testa. “Meg é definitivamente mais bonita do que isso. Muito mais bonita.”

"Claro que ela é", disse Donny.

“O mundo está louco”, disse Ruth. “Simplesmente não faz o menor sentido para mim.”

Ela cortou uma fatia de queijo e colocou em um biscoito.

## Capítulo Vinte e Seis

“Peça para sua mãe deixar você dormir na minha casa hoje à noite,” disse Donny. “Há algo que eu quero falar com você.”

Estávamos na ponte de Maple, deslizando as pedras para dentro da água. O riacho estava claro e lento.

"O que há de errado em falar agora?"

"Nenhuma coisa."

Mas ele não disse o que estava em sua mente.

Não sei por que resisti à ideia de dormir aqui. Talvez fosse saber que eu me envolveria mais com eles de alguma forma. Ou talvez fosse apenas porque eu sabia o que minha mãe diria – havia garotas na casa dos Chandler esses dias, e ficar lá não pareceria mais tão claro para ela.

Ela só deveria saber, pensei.

"Willie quer falar com você também", disse Donny.

"*Willie* faz?"

"Sim."

Eu ri. A noção de Willie ter algo em mente que vale a pena falar.

Na verdade, era intrigante.

“Bem, nesse caso, acho que vou ter que fazer isso, não é?”, eu disse.

Donny riu também, e deslizou três saltos longos sobre as faixas manchadas de luz do sol.

## Capítulo Vinte e Sete

Minha mãe não estava feliz.

“Acho que não”, disse ela.



“Mãe, eu durmo lá o tempo *todo* .”

"Não ultimamente você não."

"Você quer dizer desde Meg e Susan?"

"Está certo."

"Veja. Não é grande coisa. É o mesmo de antes. Os caras pegam os beliches e Meg e Susan estão no quarto de Ruth.

"Sra. O quarto de Chandler.

"Direito. O quarto da Sra. Chandler.

"Então, onde está a Sra. Chandler?"

"No sofá. Na arrancada na sala de estar. Qual é o problema?"

“Você sabe qual é o problema.”

"Não, eu não."

"Sim, você faz."

“Não, eu *não*. ”

"O que?" disse meu pai, entrando na cozinha vindo da sala. “Que grande coisa é essa?”

“Ele quer ficar lá de novo”, disse minha mãe. Ela estava partindo feijão verde em uma peneira.

"O que? Lá?"

"Sim."

"Então deixe-o." Sentou-se à mesa da cozinha e abriu o jornal.

“Robert, há duas meninas lá agora.”

?

“Então ”

Ela suspirou. "Por favor", disse ela. “Por favor, não seja estúpido, Robert.”

"Denso, inferno", disse meu pai. "Deixe-o. Tem café?"

"Sim", disse ela. Ela suspirou novamente e limpou as mãos no avental.

Levantei-me e fui até a cafeteira à frente dela e acendi a chama abaixo dela. Ela olhou para mim e depois voltou para o feijão.

“Obrigado, pai,” eu disse.

“Eu não disse que você poderia ir”, disse minha mãe.

Eu sorri. — Você também não disse que eu não podia.

Ela olhou para meu pai e balançou a cabeça. “Droga, Robert,” ela disse.

“Certo”, disse meu pai. E então ele leu seu jornal.

## Capítulo Vinte e Oito

“Contamos a ela sobre The Game”, disse Donny.

"Who?"

“Rute. Minha mãe. Quem mais, merda-para-cérebros?”

Donny estava sozinho na cozinha quando entrei, fazendo um sanduíche de manteiga de amendoim que acho que era o jantar daquela noite.

Havia manchas de manteiga de amendoim, geleia de uva e migalhas de pão no balcão. Só por diversão contei os talheres na gaveta. Ainda havia apenas cinco.

"Você *disse* a ela?"

Ele assentiu. “Woofers fez.”

Ele deu uma mordida no sanduíche e sentou-se à mesa da sala de jantar. Sentei-me em frente a ele. Havia uma queimadura de cigarro de meia polegada na madeira que eu não tinha visto antes.

"Jesus. O que ela disse?"

"Nada'. Foi estranho. Era como se ela soubesse, sabe?"

"Sabia? Sabia o quê?"

"Tudo. Como se não fosse suor. Como se ela achasse que estávamos fazendo isso o tempo todo. Como toda criança fez.”

"Você está brincando."

"Não. Juro."

"Besteira."

"Estou te dizendo. Tudo o que ela queria saber era quem estava conosco, então eu disse a ela.”

“Você *disse* a ela? Eu? Eddie? *Todo mundo?*”

“Como eu disse, ela não se importava. Ei. Você poderia, por favor, não explodir a calma com isso, Davy?”

Isso não a incomodou.”

“Denis? Você também contou a ela sobre Denise?”

"Sim. Tudo."

"Você disse que ela estava *nua*?"

Eu não podia acreditar. Eu sempre pensei que Willie era o estúpido. Eu o vi comer o sanduíche. Ele sorriu para mim e balançou a cabeça.

"Estou te dizendo. Você não precisa se preocupar com isso", disse ele.

“Donny.”

"Mesmo."

“ *Donny* .”

“Sim, Davi.”

“Você está *maluco*?”

“Não, Davi.”

“Você percebe por um maldito segundo o que aconteceria comigo se . . .”

“Nada vai acontecer com você, pelo amor de Deus. Você vai parar de ser tão esquisita sobre isso? É minha mãe, pelo amor de Deus. Lembrar?”

“Ah, isso me faz sentir muito bem. Sua mãe sabe que amarramos garotinhas nuas em árvores. Excelente.”

Ele suspirou. “David, se eu soubesse que você seria um retardado tão incrível sobre isso, eu não teria te contado.”

“*Eu sou* o retardado, certo?”

"Sim." Ele estava chateado agora. Ele enfiou o último pedaço pegajoso do sanduíche na boca. Ele levantou-se.

“Olha, idiota. O que você acha que está acontecendo no abrigo agora? Neste minuto?”

Eu só olhei para ele. Como eu sabia? Quem se importava?

Então me dei conta. Meg estava lá.

"Não, eu disse.

"Sim", disse ele. Ele foi até a geladeira pegar uma Coca-Cola.

"Besteira."

Ele riu. "Você vai parar de dizer besteira? Olha, não acredite em mim. Vá dar uma olhada. Inferno, eu só vim para um sanduíche.

Eu corri para baixo. Eu podia ouvi-lo rindo atrás de mim.

Estava escurecendo lá fora, então as luzes do porão estavam acesas, lâmpadas nuas sobre a lavadora/secadora e sob as escadas e sobre a bomba no canto.

Willie estava atrás de Ruth na porta do abrigo.

Ambos tinham lanternas nas mãos.

Ruth acendeu o dela e acenou para mim uma vez como um policial em um bloqueio na estrada.

"Aqui está Davy", disse ela.

Willie me deu um olhar. *Quem dá a mínima.*

Minha boca estava aberta. Parecia seco. Eu lambi meus lábios. Eu balancei a cabeça para Ruth e olhei ao virar da esquina pela porta.

E foi difícil de compreender no começo – acho que talvez porque estivesse fora de contexto, e provavelmente porque era Meg, e definitivamente porque Ruth estava lá. Parecia um sonho – ou como um jogo que você joga no Halloween quando todo mundo está fantasiado e ninguém é muito reconhecível, mesmo que você saiba quem eles são. Então Donny desceu e bateu a mão no meu ombro. Ele me ofereceu a Coca-Cola.

"Ver?" ele disse. "Eu te disse."

Eu vi mesmo.

Eles pegaram pregos de dez centavos e os enfiaram nas vigas que Willie Sr. havia colocado ao longo do teto

— dois pregos, separados por cerca de um metro.

Eles cortaram dois pedaços de varal e amarraram os pulsos de Meg e amarraram uma linha em cada um dos pregos e depois correram as linhas até as pernas da pesada mesa de trabalho, amarrando-as lá embaixo em vez

de no prego para que pudessem ser ajustado, apertado, apenas desamarrando cada um e puxando-o ao redor do laço e depois amarrando-o mais apertado novamente.

Meg estava de pé sobre uma pequena pilha de livros — três grossos volumes vermelhos da World Book Encyclopedia.

Ela estava amordaçada e com os olhos vendados.

Seus pés estavam descalços. Seu short e blusa de manga curta estavam sujos. No espaço entre as duas, esticada como estava, dava para ver seu umbigo.

Meg era uma pousada.

Woofers andava de um lado para o outro na frente dela correndo o facho de sua lanterna para cima e para baixo em seu corpo.

Havia um hematoma logo abaixo da venda em sua bochecha esquerda.

Susan estava sentada em uma caixa de vegetais enlatados, observando. Um fio de fita azul fazia um laço em seu cabelo.

No canto vi uma pilha de cobertores e um colchão de ar. Percebi que Meg estava dormindo lá. Eu me perguntei por quanto tempo.

“Estamos todos aqui”, disse Ruth.

Uma tênue luz âmbar penetrava do resto do porão, mas na maior parte era apenas o feixe de Woofers ali e as sombras se moviam erraticamente junto com ele quando ele se movia, fazendo as coisas parecerem estranhas, fluidas e fantasmagóricas. A tela de arame sobre a única janela alta parecia se mover para frente e para trás em sutis centímetros. Os dois postes de madeira de quatro por quatro que sustentavam o teto deslizavam pela sala em ângulos estranhos. O machado, a picareta, o pé-de-cabra e a pá empilhados no canto oposto à cama de Meg pareciam trocar de posição um com o outro, aparecendo e encolhendo enquanto você observava, mudando de forma.

O extintor de incêndio caído rastejou pelo chão.

Mas era a própria sombra de Meg que dominava a sala — cabeça para trás, braços bem separados, balançando. Era uma imagem de todos os nossos quadrinhos de terror, de *A Gata Negra* com Lugosi e Karloff, de *Famous*

*Monsters of Filmland*, de todos os thrillers históricos baratos de 25 centavos sobre a Inquisição já escritos. A maioria dos quais eu imaginei que tínhamos coletado.

Era fácil imaginar a luz das tochas, estranhos instrumentos e procissões, braseiros cheios de brasas.

Eu estremeci. Não no frio, mas no potencial.

“O jogo é que ela tem que contar”, disse Woofer.

"OK. Como?" Ruth perguntou.

“Diga qualquer coisa. Algo secreto.”

Ruth assentiu, sorrindo. “Parece certo. Só como ela vai fazer isso com a mordança?

“Você não *quer* que ela conte imediatamente, mãe,” disse Willie. “De qualquer forma, você sempre sabe quando eles estão prontos.”

"Tem certeza que? Você quer contar, Meggy? disse Rute.

"Esta pronto?"

“Ela não está pronta”, insistiu Woofer. Mas ele não precisava ter se incomodado. Meg não emitiu nenhum som.

“E agora?” Ruth perguntou.

Willie se afastou do batente da porta onde ele estava inclinado e entrou no quarto.

“Agora tiramos um livro”, disse ele.

Ele se inclinou, puxou o do meio e deu um passo para trás.

As cordas estavam mais apertadas agora.

Willie e Woofer estavam com as lanternas acesas. Ruth ainda estava ao seu lado, apagada.

Pude ver um pouco de vermelho ao redor dos pulsos de Meg por causa do puxão das cordas. Suas costas arquearam ligeiramente. A camisa de manga curta subiu. Ela mal conseguia ficar de pé com os pés apoiados nos dois livros restantes e eu já podia ver a tensão em suas panturrilhas e coxas. Ela

ficou na ponta dos pés por um momento para aliviar a pressão de seus pulsos e depois afundou novamente.

Willie desligou a lanterna. Era mais assustador assim.

Meg ficou ali pendurada, balançando um pouco.

“Confesse”, disse Woofer. Então ele riu. “Não. Não”, disse ele.

“Faça outro livro”, disse Donny.

Olhei para Susan para ver como ela estava levando isso. Ela estava sentada com as mãos cruzadas no colo do vestido e seu rosto parecia muito sério e ela estava olhando fixamente para Meg, mas não havia como ler o que ela estava pensando ou sentindo.

Willie se abaixou e tirou o livro.

Ela estava na ponta dos pés agora.

Ainda assim, ela não fez nenhum som.

Os músculos de suas pernas se definiram nitidamente contra sua pele.

“Vamos ver quanto tempo ela aguenta assim,” disse Donny. “Vai doer depois de um tempo.”

“Não”, disse Woofer. “Ainda é muito fácil. Vamos fazer o último. Fique na ponta dos pés.”

“Quero observá-la um pouco. Veja o que acontece.”

Mas o fato era que nada estava acontecendo. Meg parecia determinada a aguentar isso. E ela era forte.

“Você não quer dar a ela uma chance de confessar? Não é essa a ideia?” perguntou Rute.

“Não”, disse Woofer. “Ainda muito cedo. Vamos lá.

Isso não é bom. Pegue o outro livro, Will.

Willie fez.

E então Meg fez algum tipo de som por trás da mordaça, apenas uma vez, uma espécie de pequeno gemido exalado quando, de repente, apenas respirar se tornou mais difícil. Sua blusa puxada até a direita abaixo de seus



seios. e eu podia ver sua barriga subir e descer em um ritmo irregular e trabalhoso contra sua caixa torácica. Sua cabeça caiu para trás por um momento e depois voltou para frente.

Seu equilíbrio era precário. Ela começou a balançar.

Seu rosto corou. Seus músculos se retesaram com a tensão.

Nós assistimos, em silêncio.

Ela era bonita.

Os sons vocais que acompanhavam sua respiração vinham com mais frequência agora que a tensão aumentava. Ela não podia evitar. Suas pernas começaram a tremer. Primeiro as panturrilhas e depois as coxas.

Uma fina camada de suor se formou sobre suas costelas, brilhando em suas coxas.

"Devemos despi-la", disse Donny.

As palavras ficaram suspensas por um momento, suspensas como Meg estava suspensa, balançando um equilíbrio que era tão precário quanto.

De repente, fui eu que me senti tonta.

"Sim", disse Woofer.

Meg tinha ouvido. Ela balançou a cabeça. Havia indignação, raiva e medo ali. Os sons vinham de trás da mordaca. Não não não.

"Cala a boca", disse Willie.

Ela começou a tentar pular, puxando as cordas, tentando tirá-las dos pregos, se contorcendo. Mas tudo o que ela estava fazendo era se machucar, esfolando seus pulsos.

Ela não parecia se importar. Ela não ia deixar isso acontecer.

Ela continuou tentando.

*Não não.*

Willie se aproximou e bateu na cabeça dela com o livro.

Ela caiu para trás, atordoada.

Olhei para Susana. Suas mãos ainda estavam entrelaçadas em seu colo, mas os nós dos dedos estavam brancos agora. Ela olhou diretamente para sua irmã, não para nós. Seus dentes estavam mordendo forte e firmemente em seu lábio inferior.

Eu não podia vê-la.

Limpei a garganta e encontrei algo como uma voz.

“Ei, uh. . . pessoal . . . ouça, eu realmente não acho. . .”

Woofers virou-se para mim.

“Temos *permissão!*” ele gritou. “Nós fazemos! Eu digo para tirar a roupa dela! Eu digo despi-la!”

Nós olhamos para Ruth.

Ela estava encostada na porta, seus braços cruzados perto de sua barriga.

Havia algo tenso nela, como se estivesse com raiva ou pensando muito. Seus lábios pressionados juntos em uma linha fina característica.

Seus olhos nunca deixaram o corpo de Meg.

Então, finalmente, ela deu de ombros.

“Esse é o jogo, não é?” ela disse.

Comparado com o resto da casa e até mesmo com o porão, estava frio lá embaixo, mas agora, de repente, não parecia legal. Em vez disso, havia uma proximidade cada vez maior na sala, uma sensação de preenchimento, um engrossamento, um calor elétrico lento que parecia subir de cada um de nós enchendo e carregando o ar, nos cercando, nos isolando, mas de alguma forma nos misturando. também. Você podia ver na forma como Willie estava inclinado para a frente, o World Book agarrado em sua mão. No modo como Woofers se aproximou, o feixe de sua lanterna menos errático agora, demorando-se, acariciando o rosto de Meg, suas pernas, sua barriga. Eu podia sentir isso de Donny e Ruth ao meu lado, penetrando e passando por mim como um doce veneno, um conhecimento silencioso compartilhado.

Nós íamos fazer isso. Nós íamos fazer isso.

Ruth acendeu um cigarro e jogou o fósforo no chão.

"Vá em frente", disse ela.

Sua fumaça se enrolou no abrigo.

"Quem pode fazer isso?" disse Woofer.

"Eu faço", disse Donny.

Ele passou por mim. Tanto Woofer quanto Willie estavam com suas lanternas apontadas para ela agora. Eu podia ver Donny enfiar a mão no bolso e tirar o canivete que ele sempre carregava lá. Ele se virou para Rute.

"Você se importa com as roupas, mãe?" ele perguntou.

Ela olhou para ele.

"Eu não vou ter que fazer os shorts ou qualquer coisa", disse ele. "Mas . . ."

Ele estava certo. A única maneira de tirar a blusa dela era rasgá-la ou cortá-la.

"Não", disse Ruth. "Eu não me importo."

"Vamos ver o que ela tem", disse Willie.

Woofer riu.

Donny se aproximou dela, desdobrando a lâmina.

"Não comece nada", disse ele. "Eu não vou te machucar. Mas se você começar algo, teremos que bater em você de novo. Você sabe? É estúpido."

Ele desabotoou a blusa com cuidado, afastando-a do corpo dela como se tivesse vergonha de tocá-la. Seu rosto estava vermelho. Seus dedos eram estranhos. Ele estava tremendo.

Ela começou a lutar, mas então eu acho que pensei melhor.

Desabotoada, a blusa pendia sem forma sobre ela. Eu podia ver que ela usava um sutiã de algodão branco por baixo. Por algum motivo isso me surpreendeu. Ruth nunca usava sutiã. Acho que imaginei que Meg também não.

Donny estendeu a mão com o canivete e cortou a manga esquerda até o decote. Ele teve que serrar através da costura. Mas ele manteve a lâmina afiada. A blusa caiu atrás dela.

Meg começou a chorar.

Ele caminhou até o outro lado e cortou a manga direita da mesma maneira. Então ele separou a costura, um som rápido de rasgar. Então ele deu um passo para trás.

"Shorts", disse Willie.

Você podia ouvi-la chorando baixinho e tentando dizer algo por trás da mordada. *Não por favor.*

"Não chute", disse Donny.

O short fechava na metade do lado. Ele abriu o zíper e puxou para baixo sobre seus quadris, ajustando a calcinha branca fina para cima enquanto fazia isso, então deslizou o short pelas pernas até o chão. Os músculos das pernas estremeceram e tremeram.

Ele se afastou dela novamente e olhou para ela.

Todos nós fizemos.

Tínhamos visto Meg vestindo tão pouco, suponho. Ela tinha um maiô de duas peças. Todo mundo fez naquele ano. Até criancinhas. E nós a vimos usando isso.

Mas isso era diferente. Um sutiã e calcinha eram privados e apenas outras garotas deveriam vê-los e as únicas outras garotas na sala eram Ruth e Susan. E Ruth estava permitindo isso. Incentivando isso. O

pensamento era grande demais para ser considerado por muito tempo.

Além disso, aqui estava Meg bem na nossa frente. Diante de nossos olhos. Os sentidos subjugaram todo pensamento, toda consideração.

— Você já confessou, Meggy? A voz de Ruth era suave. Ela balançou a cabeça sim. *Um sim* entusiasmado .

"Não, ela não quer", disse Willie. "De jeito nenhum." Um brilho de suor gorduroso rolou de seu flattop para baixo em sua testa. Ele a limpou.

Todos nós estávamos suando agora. Meg acima de tudo. Gotas brilhavam em suas axilas, em seu umbigo, em sua barriga.

"Faça o resto", disse Willie. "Então talvez a deixemos confessar."

Woofers deu uma risadinha. "Logo depois de deixá-la fazer o hoochykoo", disse ele.

Donny deu um passo à frente. Ele cortou a alça direita do sutiã e depois a esquerda. Os seios de Meg deslizaram ligeiramente para cima, soltando-se dos bojos.

Ele poderia tê-lo aberto na parte de trás, mas em vez disso, deu a volta na frente dela. Ele deslizou a lâmina sob a fina faixa branca entre os copos e começou a serrar.

Meg estava soluçando.

Deve ter doído chorar assim porque toda vez que seu corpo se movia as cordas estavam lá, puxando-a.

A faca estava afiada, mas demorou um pouco. Então houve um pequeno estalo e o sutiã caiu. Seus seios estavam nus.

Eles eram mais brancos que o resto dela, pálidos e perfeitos e adoráveis. Eles estremeceram com ela chorando. Os mamilos eram marrom-rosados e – para mim – surpreendentemente longos, quase achatados nas pontas. Pequenos platôs de carne. Uma forma que eu nunca tinha visto antes e queria tocar instantaneamente.

Eu tinha entrado mais na sala. Ruth estava completamente atrás de mim agora.

Eu podia me ouvir respirando.

Donny se ajoelhou na frente dela e estendeu a mão. Por um momento parecia adoração, como adoração.

Então seus dedos engancharam na calcinha e a puxaram para baixo sobre seus quadris, para baixo de suas pernas. Ele tomou seu tempo.

Então foi outro choque.

O cabelo de Meg.

Um pequeno tufo de penugem louro-laranja pálido no qual gotas de suor brilhavam.

Eu vi pequenas sardas em suas coxas.

Eu vi a pequena dobra de carne meio escondida entre suas pernas.

Eu a estudei. Seus seios. Como eles se sentiriam ao tocar?

Sua carne era inimaginável para mim. O cabelo entre as pernas. Eu sabia que seria suave. Mais suave que o meu. Eu queria tocá-la. Seu corpo estaria quente. Ele tremeu incontrolavelmente.

Sua barriga, suas coxas, sua forte bunda branca pálida.

O ensopado de sexo amadureceu, engrossou em mim.

O quarto cheirava a sexo.

Senti um peso duro entre minhas pernas. Avancei, fascinado. Passei por Susan. Eu vi o rosto de Woofer, pálido e sem sangue enquanto ele observava. Eu vi os olhos de Willie cravados naquele tufo de penugem.

Meg tinha parado de chorar agora.

Virei-me para olhar para Ruth. E ela se moveu para frente também, estava parada na porta agora. Eu vi sua mão esquerda se mover contra o seio direito, os dedos se fechando suavemente e depois caindo.

Donny se ajoelhou embaixo dela, olhando para cima.

“Confesse,” ele disse.

Seu corpo começou a ter espasmos.

Eu podia sentir o cheiro de seu suor.

Ela assentiu. Ela teve que assentir.

Foi rendição.

"Pegue as cordas", disse ele a Willie.

Willie foi até a mesa e desamarrou as cordas, soltou um pouco até seus pés baterem no chão de cimento nu, depois amarrou-os novamente.

Sua cabeça caiu para frente com alívio.

Donny se levantou e tirou a mordaça. Percebi que era o lenço amarelo de Ruth. Então ela abriu a boca e ele puxou o trapo que eles amassaram e enfiaram lá. Ele jogou o pano no chão e colocou o lenço no bolso de trás da calça jeans. Um canto pendia ligeiramente. Por um momento, ele parecia um fazendeiro.

"Você poderia . . . ? Meus braços . . ." ela disse. "Meus ombros . . . Eles magoam."

"Não", disse Donny. "É isso. Isso é tudo que você ganha."

"Confesse", disse Woofer.

"Conte-nos como você joga consigo mesmo", disse Willie. "Eu aposto que você colocou o dedo, doncha?"

"Não. Conte-nos sobre o sifão. Woofer riu.

"Sim, as palmas", disse Willie, sorrindo.

"Chore", disse Woofer.

"Eu já chorei", disse Meg. E você podia ver que ela tinha um pouco do velho desafio duro de volta agora que ela não estava mais sofrendo tanto.

Woofer apenas deu de ombros. "Então chore de novo", disse ele.

Meg não disse nada.

Percebi que seus mamilos ficaram mais macios agora, um rosa brilhante de aparência suave e sedosa.

Deus! Ela era bonita.

Era como se ela lesse minha mente.

"David está aqui?" ela disse.

Willie e Donny olharam para mim. Eu não podia responder.

"Ele está aqui," disse Willie.

"Davi. . ." ela disse. Mas então eu acho que ela não conseguiu terminar. Ela não precisava, no entanto. Eu sabia pelo jeito que ela disse isso.

Ela não me queria lá.

Eu também sabia por quê. E saber por que me envergonhou assim como ela me envergonhou antes. Mas eu não podia sair. Os outros estavam lá. Além disso, eu não queria. eu queria ver. Eu precisava ver. Vergonha olhou diretamente na cara do desejo e desviou o olhar novamente.

"E Susana?"

"Sim. Ela também," disse Donny.

"Oh Deus."

"Dane-se isso", disse Woofer. "Quem se importa com Susan? Onde está a confissão?"

E agora Meg parecia cansada e adulta. "A confissão é estúpida," ela disse. "Não há confissão."

Isso nos parou.

"Nós poderíamos levá-lo para cima novamente", disse Willie.

"Eu sei que."

"Podemos *chicoteá* -lo", disse Woofer.

Meg balançou a cabeça. "Por favor. Apenas me deixe em paz. Deixe-me ser. Não há confissão."

E a coisa era que ninguém realmente esperava isso.

Por um momento, todos ficamos parados esperando que alguém dissesse alguma coisa, algo que a convencesse a jogar O Jogo da maneira que deveria ser jogado. Ou forçá-la. Ou talvez para Willie arrastá-la de volta como ele disse. Qualquer coisa que iria mantê-lo indo mais longe.

Mas naqueles poucos momentos algo se foi. Para recuperá-lo, teríamos que começar tudo de novo. Acho que todos nós sabíamos. A doce sensação inebriante de perigo de repente desapareceu. Tinha ido assim que ela começou a falar.

Essa era a chave.

Falando, era Meg novamente. Não uma bela vítima nua, mas Meg. Uma pessoa com uma mente, uma voz para expressar sua mente e talvez até mesmo direitos próprios.

Tirar a mordaça foi um erro.

Isso nos deixou mal-humorados, irritados e frustrados. Então ficamos lá.

Foi Ruth quem quebrou o silêncio.

"Nós poderíamos fazer isso", disse ela.



"Fazer o que?" perguntou Willie.

"Faça o que ela diz. Deixa a em paz. Deixe-a pensar um pouco. Isso me parece bom."

Nós pensamos sobre isso.

"Sim", disse Woofer. "Deixa a em paz. No escuro. Só *batendo* lá."

Era uma maneira, pensei, de recomeçar.

Willie deu de ombros.

Donny olhou para Meg. Eu podia ver que ele não queria sair. Ele olhou para ela duro.

Ele levantou a mão. Lentamente, hesitantemente, ele o moveu em direção aos seios dela.

E de repente era como se eu fosse parte dele. Eu podia sentir minha própria mão ali, os dedos quase a tocando. Eu quase podia sentir o calor úmido e escorregadio de sua pele.

"Unh-unh," disse Ruth. "*Não.*"

Donny olhou para ela. Então ele parou. A poucos centímetros de seu peito.

Eu respirei.

"Não toque nessa garota", disse Ruth. "Eu não quero nenhum de vocês tocando nela."

Ele baixou a mão.

"Garota como ela", disse Ruth, "nem é limpa. Você mantém suas mãos longe dela. Você ouve?"

Nós ouvimos.

"Sim, mãe", disse Donny.

Ela se virou para ir. Ela pisou a ponta do cigarro no chão e acenou para nós. "Vamos," ela disse. "Mas primeiro é melhor você amordaçá-la novamente."

Olhei para Donny, que estava olhando para o trapo no chão.

"É sujo", disse ele.

"Não é tão sujo", disse Ruth. "Eu não quero que ela grite conosco a noite toda. Coloque dentro."

Então ela se virou para Meg.

"Você quer pensar em uma coisa, garota," ela disse. "Bem, duas coisas exatamente. Primeiro que poderia ser sua irmãzinha e não você pendurada lá. E segundo que *eu sei* algumas das coisas que você fez de errado. E

estou interessado em ouvi-los. Então talvez essa confissão não seja uma brincadeira de criança, afinal. Posso ouvir de um de vocês ou posso ouvir do outro. Você pensa sobre isso," ela disse, e se virou e foi embora.

Nós a ouvimos subir as escadas.

Donny a amordaçou.

Ele poderia tê-la tocado então, mas não o fez.

Era como se Ruth ainda estivesse na sala, observando. Uma presença que era muito mais do que o cheiro persistente de sua fumaça no ar, mas igualmente insubstancial. Como se Ruth fosse um fantasma que nos assombrava, seus filhos e eu. Quem nos assombraria para sempre se a empurrássemos ou a desobedecêssemos.

E acho que percebi então o fio de navalha afiado que ela havia afiado com sua permissão.

O show foi só de Ruth e Ruth.

O jogo não existia.

E por esse cálculo não era apenas Meg, mas todos nós despidos e nus, pendurados lá.

## Capítulo Vinte e Nove

Deitados na cama, fomos assombrados por Meg. Não conseguimos dormir.

O tempo passava em silêncio total na escuridão quente e então alguém dizia alguma coisa, como ela estava quando Willie pegou o último livro, como deve ser ficar ali tanto tempo com as mãos amarradas na cabeça, se doeu , como era finalmente ver o corpo nu de uma garota, e conversávamos sobre isso um pouco até que momentos depois ficamos quietos novamente enquanto cada um de nós se envolvia em seu próprio casulo de pensamentos e sonhos.

Mas havia apenas um objeto para esses sonhos. Meg. Meg como a deixamos.

E finalmente tivemos que vê-la novamente.

Assim que Donny sugeriu isso, vimos os riscos envolvidos. Ruth nos disse para deixá-la em paz.

A casa era pequena e os sons eram transmitidos, e Ruth dormia a uma porta fina de distância, no quarto de Susan — *Susan estava deitada acordada como nós? pensando na irmã?* — logo acima do abrigo. Se Ruth acordasse e nos pegasse, o impensável poderia acontecer — ela poderia nos excluir a todos no futuro.

Já sabíamos que haveria um futuro.

Mas as imagens que lembramos eram fortes demais. Era quase como se precisássemos de confirmação para acreditar que realmente estivemos lá. A nudez e acessibilidade de Meg eram como o canto de uma sereia.

Eles absolutamente acenaram.

Tivemos que arriscar.

A noite estava sem lua, negra.

Donny e eu descemos dos beliches superiores. Willie e Woofer deslizaram para baixo.

A porta de Ruth estava fechada.

Passamos na ponta dos pés. Pela primeira vez Woofer resistiu à vontade de rir.

Willie levantou uma das lanternas da mesa da cozinha e Donny abriu a porta do porão.

As escadas rangeram. Não havia nada a fazer a não ser rezar e esperar pela sorte.

A porta do abrigo rangeu também, mas não tanto. Nós a abrimos e entramos, descalças no chão frio de concreto como ela estava – e lá estava Meg, exatamente como nos lembrávamos, como se nenhum tempo tivesse passado, exatamente como a imaginávamos.

Bem, não exatamente.

Suas mãos eram brancas, manchadas de vermelho e azul. E mesmo na luz tênue e irregular da lanterna dava para ver como seu corpo estava pálido. Ela estava toda arrepiada, os mamilos enrugados e marrons e apertados.

Ela nos ouviu entrar e fez um som suave de ganido.

"Quieto", sussurrou Donny.

Ela obedeceu.

Nós a observamos. Era como estar na frente de algum tipo de santuário – ou como observar algum estranho animal exótico em um zoológico.

Como os dois ao mesmo tempo.

E me pergunto agora se alguma coisa teria sido diferente se ela não fosse tão bonita, se seu corpo não fosse jovem e saudável e forte, mas feio, gordo, flácido. Possivelmente não. Possivelmente teria acontecido de qualquer maneira. A punição inevitável do estranho.

Mas parece-me mais provável que foi precisamente *porque* ela era bonita e forte, e nós não éramos, que Ruth e o resto de nós fizemos isso com ela. Para fazer uma espécie de julgamento sobre aquela beleza, sobre o que ela significava e não significava para nós.

“Aposto que ela gostaria de um pouco de água”, disse Woofer.

Ela balançou a cabeça. *sim*. Oh sim por favor.

“Se dermos água a ela, teremos que tirar a mordaca”, disse Willie.

"E daí? Ela não vai fazer barulho."

Ele deu um passo à frente.

“Você não vai fazer barulho, vai, Meg? Não podemos acordar a mamãe.”

Não. Ela balançou a cabeça firmemente de um lado para o outro. Você poderia dizer que ela queria muito aquela água.

"Você confia nela?" disse Willie.

Donny deu de ombros. “Se ela fizer algum barulho, ela também terá problemas. Ela não é estúpida. Então dê a ela. Por que não?”

“Eu pego”, disse Woofer.

Havia uma pia ao lado da lavadora/secadora. Woofer o ligou e pudemos ouvi-lo correndo atrás de nós. Ele estava estranhamente quieto sobre isso.

Extraordinariamente bom, também, para Woofer.

Willie desamarrou a mordaca exatamente como tinha feito antes e puxou o chumaço sujo de pano de sua boca. Ela gemeu e começou a mexer a mandíbula de um lado para o outro.

Woofer voltou com uma velha jarra de frutas cheia de água.

“Encontrei perto das latas de tinta”, disse ele. “Não cheira muito mal.”

Donny pegou dele e inclinou para os lábios de Meg. Ela bebeu avidamente, fazendo pequenos ruídos de alegria em sua garganta cada vez que engolia. Ela esvaziou o frasco em nenhum momento.

“Oh Deus,” ela disse. "Oh Deus. Obrigada."

E foi uma sensação estranha. Como se tudo estivesse perdoado. Como se ela estivesse realmente *grata* a nós.

Foi incrível de certa forma. Que apenas um jarro de água poderia fazer isso.

Eu pensei novamente como ela era indefesa.

E me perguntei se os outros estavam sentindo o que eu estava sentindo – essa necessidade esmagadora, quase estonteante de tocá-la. Para colocar minhas mãos sobre ela. Para ver exatamente como ela se *sentia*. Seios, nádegas, coxas. Aquele tufo encaracolado louro-avermelhado entre as pernas.

Exatamente o que não deveríamos fazer.

Isso me fez sentir como se estivesse desmaiando. O empurra e puxa. Foi tão forte.

"Quer um pouco mais?" disse Woofer.

"Posso? Por favor?"

Ele correu para a pia e depois voltou com outra jarra cheia. Ele deu para Donny e ela bebeu também.

"Obrigado. Obrigada."

Ela lambeu os lábios. Eles estavam rachados, secos, partidos em alguns lugares.

"Você . . . Você acha que você poderia . . .? As cordas . . . eles me machucaram muito".

E você pode ver que eles fizeram. Mesmo com os pés apoiados no chão, ela ainda estava bem esticada.

Willie olhou para Donny.

Então ambos olharam para mim.

Eu me senti confuso por um momento. Por que eles deveriam se importar com o que eu pensava? Era como se houvesse algo que eles estavam procurando de mim e eles não tinham certeza de que iriam encontrá-lo.

De qualquer forma, eu assenti.

"Acho que podemos", disse Donny. "Um pouco. Mas com uma condição."

"Nada. O que?"

"Você tem que prometer não lutar."

"Lutar?"

“Você tem que prometer não fazer barulho nem nada e você tem que prometer não lutar e não contar a ninguém mais tarde. Conte a qualquer um *a qualquer hora.*”

"Como?"

"Que tocamos em você."

E lá estava.

Era o que todos sonhávamos naquele quarto no andar de cima. Eu não deveria ter ficado surpreso. Mas eu estava. Eu mal conseguia respirar. Eu senti como se todos na sala pudessem ouvir meu batimento cardíaco.

"Me tocou?" disse Meg.

Donny corou profundamente. "Você sabe."

"Oh meu Deus", disse ela. Ela balançou a cabeça. "Ai Jesus. Vamos."

Ela suspirou. Então pensei por um momento.

“Não,” ela disse.

"Nós não machucariamos você nem nada", disse Donny. “Basta tocar.”

"Não."

Como se ela tivesse pesado e considerado e simplesmente não pudesse ver seu caminho claro para fazer isso, não importa o que acontecesse e essa fosse sua palavra final sobre o assunto.

"Honesto. Nós não iríamos.”

"Não. Você não está fazendo isso comigo. Qualquer um de vocês."

Ela estava louca agora. Mas Donny também.

*“Nós poderíamos fazer isso com você de qualquer maneira, idiota. Quem vai nos parar?”*

"Eu sou."

"Quão?"

“Bem, você só vai fazer isso comigo uma vez, maldito seja, e apenas um de vocês. Porque eu não vou apenas contar. Eu vou gritar.”

E não havia dúvida de que ela falava sério. Ela gritaria. Ela não se importou.

Ela nos teve.

"Tudo bem", disse Donny. "Multar. Então deixamos as cordas do jeito que estão. Colocamos a mordança de volta e é isso."

Você podia ver que ela estava à beira das lágrimas. Mas ela não estava cedendo a ele. Não sobre isso. Sua voz era amarga.

"Tudo bem", disse ela. "Acalme-me. Faça. Sair. Saia daqui!"

"Vamos."

Ele acenou para Willie e Willie deu um passo à frente com o pano e o cachecol.

"Abra", disse ele.

Por um momento ela hesitou. Então ela abriu a boca. Ele colocou o pano e amarrou o lenço em volta dele.

Ele amarrou mais apertado do que precisava, mais apertado do que antes.

"Ainda temos um acordo", disse Donny. "Você tem um pouco de água. Mas nunca estivemos aqui. Você me entende?"

Ela assentiu. Era difícil estar nua e pendurada lá e orgulhosa ao mesmo tempo, mas ela conseguiu.

Você não podia deixar de admirá-la.

"Bom", disse ele. Ele se virou para sair.

Eu tive uma ideia.

Estendi a mão e toquei seu braço quando ele passou e o parei.

"Donny?"

"Sim?"

"Veja. Vamos dar uma folga a ela. Só um pouco. Tudo o que temos a fazer é empurrar a mesa de trabalho uma ou duas polegadas. Ruth não vai notar. Quero dizer, olhe para ela. Você quer deslocar um ombro ou algo assim? A manhã está longe, você sabe o que quero dizer?"



Eu disse isso em uma voz alta o suficiente para que ela pudesse ouvir.

Ele encolheu os ombros. “Nós demos a ela uma escolha. Ela não estava interessada.”

“Eu sei disso,” eu disse. E aqui me inclinei para frente e sorri para ele e sussurrei. “Mas ela pode ficar *grata*,” eu disse. “Você sabe? Ela pode se lembrar. Próxima vez.”

Empurramos a mesa.

Na verdade nós meio que levantamos e empurramos para não fazer muito barulho e com nós três e Woofer não foi muito difícil. E quando terminamos ela tinha talvez uma polegada de folga, apenas o suficiente para lhe dar uma curva no cotovelo. Era mais do que ela tinha em muito tempo.

“Vejo você”, eu sussurrei enquanto fechava a porta.

E no escuro acho que ela assentiu.

Eu era um conspirador agora, pensei. De duas maneiras. Em ambos os lados.

Eu estava trabalhando os dois lados a partir do meio.

Que grande idéia.

Eu estava orgulhoso de mim mesmo.

Eu me senti inteligente, virtuoso e animado. Eu a ajudei. Um dia viria a recompensa. Um dia, eu sabia, ela me deixaria tocá-la. Chegaria a isso. Talvez não os outros, mas eu.

Ela me *deixou* .

Então “Até logo, Meg,” eu sussurrei.

Como se ela fosse me agradecer.

Eu estava fora de mim. Eu estava louco.

## Capítulo Trinta

De manhã descemos e Ruth a desamarrou e trouxe uma muda de roupa para ela junto com uma xícara de chá quente e uma torrada branca sem manteiga e ela estava bebendo e comendo aquela sentada de pernas cruzadas no colchão de ar quando chegamos.

Vestida, liberta, sem a mordaça e a venda, não havia muito mistério nela. Ela parecia pálida, abatida.

Cansado e claramente mal-humorado. Era difícil lembrar da orgulhosa Meg ou da sofredora Meg do dia anterior.

Você podia ver que ela estava tendo problemas para engolir.

Ruth ficou de pé sobre ela agindo como uma mãe.

"Coma sua torrada", disse ela.

Meg olhou para ela e depois para o prato de papel em seu colo.

Podíamos ouvir a televisão no andar de cima — algum game show. Willie arrastou os pés.

Estava chovendo lá fora e podíamos ouvir isso também.

Ela deu uma mordida na crosta e depois mastigou para sempre até que deve ter sido tão fina quanto cuspe antes de engolir.

Rute suspirou. Era como se ver Meg mastigando fosse uma grande provação para ela. Ela colocou as mãos nos quadris e com as pernas abertas parecia George Reeves nos créditos de abertura de *Superman*.

"Continue. Tome um pouco mais", disse ela.

Meg balançou a cabeça. "É também . . . Eu não posso. Minha boca está tão seca. Eu poderia apenas esperar?"

Tem mais tarde? Eu vou beber o chá."

"Eu não estou desperdiçando comida, Meg. A comida é cara. Eu fiz aquele brinde para você."

"EU . . . Eu sei. Somente . . ."

"O que você quer que eu faça? Jogue fora?"

"Não. Você não poderia simplesmente deixar aqui? Eu o terei em um tempo."

"Vai ser difícil até lá. Você deve comê-lo agora. Enquanto está fresco. Vai trazer bugs. Baratas. Formigas.

Não estou tendo insetos em minha casa."

O que foi meio engraçado porque já havia algumas moscas zumbindo por lá.

"Vou comer em breve, Ruth. Eu prometo."

Ruth pareceu pensar sobre isso. Ela ajustou sua postura, juntou os pés, cruzou os braços sobre os seios.

"Meg querida," ela disse, "eu quero que você tente comer agora. É bom para você."

"Eu sei que é. Só que agora é difícil para mim. Vou beber o chá, está bem?"

Ela levou a caneca aos lábios.

"Não deveria ser fácil", disse Ruth. "Ninguém disse que era fácil." Ela riu. "Você é uma mulher, Meg. Isso é difícil – não é fácil." Meg ergueu os olhos para ela, assentiu e bebeu o chá sem parar.

Donny, Woofer, Willie e eu ficamos de pijama e observamos da porta.

Eu também estava ficando com um pouco de fome. Mas nem Ruth nem Meg nos reconheceram.

Ruth a observou e Meg manteve os olhos em Ruth e bebeu, pequenos goles cuidadosos porque o chá ainda estava quente e fumegante, e podíamos ouvir o vento e a chuva lá fora e então a bomba do reservatório entrando em ação por um tempo e parando, e ainda assim Meg bebeu. e Ruth apenas olhou.

E então Meg olhou para baixo por um momento, respirando o vapor quente e perfumado do chá, apreciando-o.

E Ruth explodiu.

Ela arrancou a caneca de suas mãos. Ele se estilhaçou contra a parede de blocos de concreto caiado. Chá escorrendo, cor de urina.

*“Coma!”*

Ela esfaqueou o dedo na torrada. Tinha escorregado até a metade do prato de papel.

Meg ergueu as mãos.

"OK! Tudo bem! Eu irei! Vou comê-lo imediatamente! Tudo bem?"

Ruth se inclinou para ela de modo que eles estavam quase nariz com nariz e Meg não poderia ter dado uma mordida se quisesse – não sem empurrar a torrada na cara de Ruth. O que não seria uma boa ideia. Porque Ruth estava ficando louca.

"Você fodeu a parede de Willie", disse ela. "Maldito seja, você quebrou minha caneca. Você acha que as canecas são baratas? Você acha que o chá é *barato*?"

"Eu sinto Muito." Ela pegou a torrada, mas Ruth ainda estava se aproximando. "Eu irei comer. Tudo bem?"

Rute?"

"Você está fodidamente melhor."

"Eu vou."

"Você fodeu a parede de Willie."

"Eu sinto Muito."

“Quem vai limpar? Quem vai limpar essa parede?”

"Eu irei. Sinto muito, Rute. Mesmo."

“Foda-se, irmã. Você sabe quem vai limpá-lo?

Meg não respondeu. Você podia ver que ela não sabia o que dizer. Ruth parecia ficar cada vez mais furiosa e nada conseguia acalmá-la.



"Você?"

“N. . . sobre."

Ruth se endireitou e gritou.

“*Su-san!* Su-san! Você desce aqui!”

Meg tentou se levantar. Ruth a empurrou para baixo novamente.

E desta vez a torrada caiu do prato no chão.

Meg se abaixou para pegá-lo e pegou o pedaço que estava comendo. Mas o mocassim marrom de Ruth caiu no outro.

"Esqueça!" ela disse. "Você não quer comer, você não precisa comer."

Ela pegou o prato de papel. O pedaço restante de torrada saiu voando.

"Você acha que eu deveria cozinhar para você? Sua putinha. Seu pequeno ingrato!"

Susan desceu as escadas mancando. Você podia ouvi-la antes de vê-la.

"Susan, você entra aqui!"

"Sim, Sra. Chandler."

Abrimos caminho para ela. Ela passou por Woofer e ele se curvou e riu.

"Cala a boca", disse Donny.

Mas ela parecia muito digna para uma garotinha, já bem vestida e muito cuidadosa como ela andava e muito séria.

"Para a mesa", disse Ruth.

Ela fez como lhe foi dito.

"Inversão de marcha."

Ela se virou para a mesa. Ruth olhou para Meg e depois tirou o cinto.

"É assim que limpamos a parede", disse ela. "Nós limpamos a parede limpando a lousa."

Ela se virou para nós.

"Um de vocês, rapazes, venham até aqui e levantem o vestido dela e se livrem da calcinha."

Foi a primeira coisa que ela nos disse durante toda a manhã.

Meg começou a se levantar novamente, mas Ruth a empurrou com força pela segunda vez.

"Nós vamos fazer uma regra", disse ela. "Você desobedece, você me fala esperta, você me atreve, *qualquer coisa* assim, senhorita – e ela paga por isso. Ela leva a surra. E você pode assistir. Vamos tentar isso. E se isso não funcionar, tentaremos outra coisa."

Ela se virou para Susan.

"Você acha isso justo, Suzie? Que você deve pagar por sua irmã lixo? Pelo que ela faz?"

Susan estava chorando baixinho.

"N... nãooooo," ela gemeu.

"Claro que não. Eu nunca disse que era. Ralphie, você vem aqui e mostra a bunda dessa garota para mim.

Vocês, outros garotos, peguem Meg, para o caso de ela ficar malvada ou estúpida o suficiente para entrar na linha de fogo aqui.

"Ela lhe dá qualquer problema, bata nela. E cuidado onde você a toca. Ela provavelmente tem caranguejos ou algo assim. Só Deus sabe onde aquela boceta estava antes de pegá-la.

"Caranguejos?" disse Woofer. "*Caranguejos de verdade?*"

"Não importa", disse Ruth. "Apenas faça o que eu disse para você fazer. Você tem toda a sua vida para aprender sobre prostitutas e piolhos.

E foi exatamente como antes, exceto que Meg estava lá. Exceto que o raciocínio era louco.

Mas a essa altura já estávamos acostumados com isso.

Woofer abaixou suas calças sobre os gessos e ninguém teve que segurá-la desta vez enquanto Ruth lhe dava vinte, rápido, sem parar, enquanto ela gritava e uivava enquanto sua bunda ficava cada vez mais vermelha naquele quartinho fechado que Willie Sr. construído para resistir à bomba atômica - e a princípio Meg lutou quando ouviu o uivo e o choro e o som do cinto descendo, mas Willie pegou seu braço e o torceu atrás das costas,

pressionou o rosto para baixo no colchão de ar para que ela tinha tudo o que podia fazer para respirar, não importava em ajudar, lágrimas escorrendo não apenas pelo rosto de Susan, mas também pelo dela e manchando o colchão sujo enquanto Donny e eu ficávamos assistindo e ouvindo em nossos pijamas amassados.

007

Quando acabou, Ruth recuou e enfiou o cinto nas presilhas e Susan se curvou com dificuldade, os suspensórios batendo, e puxou a calcinha para cima, depois alisou a parte de trás do vestido sobre ela.

Willie soltou Meg e se afastou.

Quando Susan se virou para nós, Meg levantou a cabeça do colchão e vi seus olhares se encontrarem. Eu vi algo passar entre eles. Algo que parecia subitamente plácido por trás das lágrimas, triste e estranhamente tranquilo.

Isso me enervou. Eu me perguntei se eles não eram mais fortes do que todos nós, afinal.

E eu estava ciente de que mais uma vez essa coisa tinha escalado de alguma forma.

Então os olhos de Meg se voltaram para Ruth e eu vi como.

Seus olhos eram selvagens.

Ruth também viu e deu um passo involuntário para longe dela. Seus próprios olhos se estreitaram e percorreram a sala. Eles se fixaram no canto onde a picareta, o machado, o pé-de-cabra e a pá estavam apoiados juntos como uma pequena família de aço da destruição.

Rute sorriu. "Acho que Meg está chateada com a gente, rapazes", disse ela.

Meg não disse nada.

"Bem, todos nós sabemos que isso não a levará a lugar nenhum. Mas vamos pegar essas coisas ali para que ela não fique muito tentada. Ela talvez seja burra o suficiente para tentar. Então pegue-os. E tranque a porta atrás de você quando sair.

"A propósito, Meggy", disse ela. "Você acabou de passar no almoço e no jantar. Tenha um bom dia mesmo."

Ela se virou e saiu do quarto.

Nós a vimos partir. Seu andar era um pouco instável, pensei, quase como se ela estivesse bebendo, embora eu soubesse que não era assim.

"Você quer amarrá-la de novo?" Woofer perguntou a Willie.

"*Experimente*", disse Meg.

Willie bufou. "Isso é muito legal, Meg", disse ele. "Aja duro. Podemos fazer isso quando quisermos e você sabe disso. E Susan está aqui. Lembre-se disso."

Meg olhou para ele. Ele encolheu os ombros.

"Talvez mais tarde, Woof", disse Willie, e foi buscar o machado e a pá. Woofer pegou a picareta e o pé de cabra e o seguiu.

E então houve uma discussão sobre onde colocar tudo agora que estava fora da proteção do abrigo. O porão às vezes inundava, então havia o perigo de enferrujar. Woofer queria pendurá-los nas vigas de suporte do teto. Donny sugeriu que eles os pegassem na parede. Willie disse foda-se, coloque-os na caldeira. *Deixe* -os enferrujar. Donny ganhou e eles foram procurar no antigo baú da Segunda Guerra Mundial de Willie Sr. na secadora, que agora servia como uma caixa de ferramentas, para martelo e pregos.

Olhei para Meg. Eu tive que me preparar para isso. Acho que esperava ódio. Meio temendo e meio esperando que estivesse lá, porque então, pelo menos, eu saberia onde estava com ela e com o resto deles. Eu já podia ver que jogar no meio ia ser difícil. Mas não havia nenhum ódio que eu pudesse ver. Seus olhos estavam firmes. Meio neutro.

"Você poderia fugir", eu disse suavemente. "Talvez eu possa te ajudar."

Ela sorriu, mas não era bonito.

"E o que você quer por isso, David?" ela disse. "Tem alguma ideia?"

E por um momento ela soou um pouco como a vagabunda que Ruth disse que ela era.

"Não. Nada," eu disse. Mas ela me pegou. Eu estava corando.



"Mesmo?"

"Honesto. Mesmo. Nenhuma coisa. Quer dizer, eu não sei para onde você poderia ir, mas pelo menos você poderia escapar.

Ela assentiu e olhou para Susan. E então seu tom de voz era totalmente diferente, muito prático, incrivelmente razoável e muito adulto novamente.

"*Eu* poderia", disse ela. "Mas *ela* não pode."

E de repente Susan estava chorando de novo. Ela ficou olhando para Meg por um momento e então mancou e beijou-a nos lábios e na bochecha e depois nos lábios novamente.

"Faremos *alguma coisa*" , disse ela. "Meg? Faremos alguma coisa. Tudo bem?"

"Tudo bem", disse Meg. "Tudo bem."

Ela olhou para mim.

Eles se abraçaram e quando terminaram Susan veio até mim de pé na porta e pegou minha mão.

E juntos nós a trancamos novamente.

## Capítulo Trinta e Um

Então, como se quisesse negar minha oferta de ajuda, me afastei.

Dadas as circunstâncias, foi o melhor que pude fazer.

Imagens me assombravam.

Meg rindo na roda-gigante, deitada na Rocha junto ao riacho. Trabalhando no jardim de bermuda e cabresto com um grande chapéu de palha na cabeça. Bases de corrida, rápidas, no recreio. Mas, acima de tudo, Meg nua no calor de seus próprios esforços, vulnerável e aberta para mim.

Do outro lado eu vi o manequim de Willie e Donny.

Vi uma boca esmagada em um colchão de ar por não conseguir engolir uma torrada.

As imagens eram contraditórias. Eles me confundiram.

Então, tentando decidir o que fazer, se alguma coisa, e com a desculpa de uma semana chuvosa e feia para viver, eu fiquei longe.

Eu vi Donny duas vezes naquela semana. Os outros eu não vi de jeito nenhum.

A primeira vez que o vi eu estava esvaziando o lixo e ele saiu correndo para a garoa cinzenta da tarde com um moletom puxado sobre a cabeça.

"Adivinhe", disse ele. "Sem água esta noite."

Choveu por três dias.

"Huh?"

"Meg, idiota. Ruth não vai deixá-la beber água esta noite. Não até amanhã de manhã."

"Por quê?"

Ele sorriu. "Longa história", disse ele. "Falo sobre isso mais tarde."

Então ele correu de volta para dentro de casa.

A segunda vez foi alguns dias depois. O tempo havia clareado e eu estava subindo na minha quatro marchas a caminho da loja para minha mãe. Donny veio subindo a calçada atrás de mim em seu velho Schwinn surrado.

"Aonde você vai?"

"Para a loja. Minha mãe precisa de leite e merda. Você?"

"Até Eddie. Há um jogo na torre de água mais tarde. Bravos contra Bucks. Quer que esperemos por você?"

"Não." Era Little League e não me interessava.

Donny balançou a cabeça.

"Eu tenho que sair daqui", disse ele. "Essa coisa está me deixando louco. Você sabe o que eles me fizeram fazer agora?"

"O que."

"Jogando sua panela de merda nos fundos do quintal! Você acredita que?"

"Eu não entendo. Por que?"

"Ela não tem mais permissão para subir. Sem privilégios de banheiro, nada. Então o idiota estúpido tenta segurá-lo. Mas até *ela* tem que mijar e cagar em algum momento e agora eu tenho o maldito detalhe! Você acredita? Qual é o problema com Woofer? Ele encolheu os ombros. "Mas mamãe diz que tem que ser um de nós, caras mais velhos."

"Por que?"

"Como diabos eu sei?"

Ele empurrou.

"Ei, você tem certeza que não quer que esperemos por você?"

"Não. Hoje nao."

"OK. Vejo você então. Pare, hein?"

"Tudo bem, eu vou."

Eu não fiz, no entanto. Não, então.

Parecia tão estranho para mim. Eu não conseguia nem imaginá-la indo ao banheiro, muito menos usando uma panela que alguém teria que despejar

no fundo do quintal. E se eu fosse até lá e eles ainda não tivessem limpado naquele dia? E se eu tivesse que sentir o cheiro de mijó e merda dela lá embaixo? A coisa toda me enojou. *Ela* me enojou. Essa não era Meg. Essa era outra pessoa.

Tornou-se mais uma nova imagem estranha para me incomodar. E o problema era que não havia ninguém com quem conversar, ninguém com quem resolver as coisas.

Se você falasse com os garotos do quarteirão, ficava claro que todos tinham alguma noção do que estava acontecendo ali — alguns vagos e outros bem específicos. Mas ninguém tinha opinião sobre isso. Era como se o que estivesse acontecendo fosse uma tempestade ou um pôr do sol, alguma força da natureza, algo que simplesmente acontecia às vezes. E não fazia sentido discutir chuveiros de verão.

Eu sabia o suficiente para saber que, se você fosse um menino, deveria trazer alguns assuntos para seu pai.

Então eu dei um tiro nisso.

Agora que eu era mais velho, eu deveria passar algum tempo no Ninho da Águia de vez em quando, ajudando a estocar e limpar e tudo mais, e eu estava trabalhando na grelha da cozinha com uma pedra de amolar e um pouco de água com gás, empurrando o graxa nas calhas laterais com a pedra de amolar enquanto a grelha esfriava lentamente e a água com gás soltava a graxa — trabalho pesado do tipo que eu tinha visto Meg fazer milhares de vezes — quando finalmente comecei a falar.

Meu pai estava fazendo salada de camarão, esfarelando pedaços de pão para fazê-lo esticar ainda mais.

Havia uma entrega de bebidas chegando e através da divisória envidraçada entre o bar e a cozinha pudemos ver Hodie, o barman do turno do dia do meu pai, marcando as caixas em uma folha de pedidos e discutindo com o entregador sobre algumas caixas de vodka. Era a marca da casa e, evidentemente, o cara o havia encurtado. Hodie estava louco. Hodie era um craque da Geórgia com um temperamento volátil o suficiente para mantê-lo preso durante metade da guerra. O entregador estava suando.

Meu pai assistiu, divertido. Exceto para Hodie, dois casos não eram nada demais. Desde que meu pai não pagasse por algo que não estava recebendo. Mas talvez tenha sido a raiva de Hodie que me fez começar.

“Pai,” eu disse. “Você já viu um cara bater em uma garota?”

Meu pai deu de ombros.

"Claro", disse ele. "Eu acho. Crianças. Bêbados. Eu vi alguns. Por que?"

“Você acha que é sempre. . . OK . . . fazer isso?”

"OK? Você quer dizer justificado?"

"Sim."

Ele riu. "Essa é difícil", disse ele. “Uma mulher pode realmente te irritar às vezes. Eu diria que em geral, não.

Quero dizer, você tem que ter maneiras melhores de lidar com uma mulher do que isso. Você tem que respeitar o fato de que a mulher é a mais fraca da espécie. É como ser um valentão, sabe?”

Ele enxugou as mãos no avental. Então ele sorriu.

“A única coisa é,” ele disse, “eu tenho que dizer que eu os vi merecer isso de vez em quando. Você trabalha em um bar, você vê esse tipo de coisa. Uma mulher bebe demais, fica abusiva, barulhenta, talvez até dê uma cutucada no cara com quem está. Agora, o que ele deveria fazer? Apenas sentar lá? Então ele bate nela.

Agora, você tem que acabar com esse tipo de coisa imediatamente.

“Veja, é como a exceção que confirma a regra. Você nunca deve bater em uma mulher, nunca – e Deus me livre de eu pegar você fazendo isso. Porque se eu fizer isso você já teve. Mas às vezes não há mais nada que você possa fazer. Você é empurrado tão longe. Você vê? Funciona nos dois sentidos.”

Eu estava suando. Era tanto a conversa quanto o trabalho, mas com o trabalho lá eu tinha uma desculpa.

Meu pai tinha começado com a salada de atum. Também havia pão esfarelado e pickles. Na sala ao lado, Hodie levou o cara de volta para sua caminhonete para procurar a vodca desaparecida.

Tentei entender o que ele estava dizendo: nunca estava tudo bem, mas às vezes estava.

*Você é empurrado tão longe.*

Isso ficou na minha mente. Meg havia pressionado Ruth demais em algum momento? Fez algo que eu não tinha visto?

Esta foi uma situação *nunca ou às vezes* ?

"Por que você pergunta?" disse meu pai.

"Eu não sei," eu disse. "Alguns de nós estavam conversando."

Ele assentiu. "Bem, a melhor aposta é manter suas mãos para si mesma. Homens ou mulheres. É assim que você fica longe de problemas."

"Sim senhor."

Coloquei mais água com gás na grelha e a observei chiar.

"As pessoas dizem que o pai de Eddie bate na Sra. Crocker, no entanto. Em Denise e Eddie também."

Meu pai franziu a testa. "Sim. Eu sei."

"Você quer dizer que é verdade."

"Eu não disse que era verdade."

— Mas é, certo?

Ele suspirou. "Ouça," ele disse. "Eu não sei por que você está tão interessado de repente. Mas você tem idade suficiente para saber, para entender, eu acho. . . é como eu disse antes. Às vezes você é empurrado, um homem se sente pressionado, e ele faz. . . o que ele sabe que não deveria fazer."

E ele estava certo. Eu tinha idade suficiente para entender. E eu ouvi um subtexto lá. Distintos como os ecos de Hodie gritando com o entregador do lado de fora.

Em algum momento e por algum motivo, meu pai bateu em minha mãe.

E então eu até me lembrei disso. Acordar de um sono profundo. A queda dos móveis. Gritando. E um tapa.

A muito tempo atrás.

Senti um súbito choque de raiva em relação a ele. Olhei para seu corpo e pensei em minha mãe. E então, lentamente, a frieza se instalou, a sensação de isolamento e segurança.

E me ocorreu que minha mãe era a pessoa com quem falar sobre tudo isso. Ela saberia como se sentia, o que significava.

Mas eu não podia então. Nem mesmo se ela estivesse lá naquele minuto. Eu não tentei.

Eu assisti meu pai terminar as saladas e limpar as mãos novamente no avental branco de algodão que costumávamos brincar sobre ser condenado pelo Conselho de Saúde e depois começar a fatiar salame no cortador de carne elétrico que ele tinha acabado de comprar e do qual estava tão orgulhoso e Empurrei a graxa na calha até que a grelha estivesse limpa e brilhante.

E nada foi resolvido.

E logo voltei novamente.

## Capítulo Trinta e Dois

O que me trouxe de volta foi aquela imagem única e imparável do corpo de Meg.

Despertou mil fantasias, dia e noite. Alguns deles ternos, alguns violentos, alguns ridículos.

Eu estava deitada na cama à noite com o rádio transistor escondido debaixo do travesseiro tocando “At the Hop” de Danny and the Juniors, e eu fechava meus olhos e lá estava Meg agitada com algum parceiro invisível, a única garota no Teen's Canteen dançando em um par de bobby sox branco enrolado no topo e nada mais. Confortável com sua nudez como se tivesse acabado de comprar as roupas novas do imperador.

Ou estaríamos jogando Monopoly sentados um de frente para o outro e eu ia para Boardwalk ou Marvin Gardens e ela se levantava, suspirava e saía de sua fina calcinha branca de algodão.

Mas na maioria das vezes a música no rádio era algo como “Twilight Time” dos Platters e Meg estava nua em meus braços sob a luz azul das estrelas Technicolor e nós nos beijávamos.

Ou o jogo seria O Jogo — e não havia nada de engraçado nisso.

Eu me senti nervoso e nervoso.

Senti que *tinha* que passar. Assim como eu estava com medo do que eu encontraria quando o fizesse.

Até minha mãe percebeu. Eu a pegava me olhando, lábios franzidos, imaginando, enquanto eu pulava da mesa de jantar derramando o copo d'água ou cambaleava para a cozinha para tomar uma Coca-Cola.

Talvez essa tenha sido uma razão pela qual eu nunca falei com ela. Ou talvez fosse apenas que ela era minha mãe, e uma mulher.

Mas eu passei.

E quando o fiz, as coisas mudaram novamente.



Entrei e a primeira coisa que ouvi foi Ruth tossindo, depois falando em voz baixa, e percebi que devia ser Meg com quem ela estava falando. Ela tinha aquele tom que ela nunca teria usado para qualquer um de nós, como se ela fosse uma professora conversando com uma garotinha, instruindo. Eu fui lá embaixo.

Eles montaram a luz de trabalho, amarraram o cabo da tomada sobre a lavadora até um gancho em uma das vigas de Willie Sr.. A lâmpada enjaulada pendia, brilhantemente brilhante.

Ruth estava sentada em uma cadeira dobrável, parte da velha mesa de jogo que eles mantinham lá embaixo, sentada de costas para mim, fumando. Pontas de cigarro espalhadas pelo chão como se ela estivesse lá há algum tempo.

Os meninos não estavam por perto.

Meg estava parada na frente dela com um vestido amarelo com babados, não o tipo de vestido que você imaginaria usando, e imaginei que fosse de Ruth, e velho, e pude ver que não estava muito limpo. Tinha mangas curtas bufantes e uma saia cheia de pregas, de modo que seus braços e pernas estavam nus.

Ruth estava usando uma versão azul-esverdeada de algo semelhante, mas mais simples, com menos babados e babados.

Acima da fumaça do cigarro eu podia sentir o cheiro de cânfora. Naftalina.

Ruth continuou falando.

Você pode ter pensado que elas eram irmãs no início, mais ou menos do mesmo peso, embora Ruth fosse mais alta e mais magra, ambas com o cabelo um pouco oleoso agora e ambas usando aqueles vestidos velhos e fedorentos como se estivessem experimentando coisas para uma festa.

Exceto que Ruth ficou sentada fumando.

Enquanto Meg estava encostada em um dos postes de apoio de quatro por quatro de Willie, os braços amarrados firmemente em volta das costas, os pés amarrados também.

Ela estava com a mordaca, mas sem venda.

“Quando eu era uma garota como você”, Ruth estava dizendo, “eu procurei por Deus. Fui a todas as igrejas da cidade. Batista, Luterana, Episcopal, Metodista. O que você disser. Até fui às novenas em Saint Matties, sentei-me na varanda onde estava o órgão.

“Isso foi antes de eu *saber*, veja, o que as mulheres eram. E sabe quem me ensinou? Minha mãe fez.”

“Claro, ela não sabia que estava me ensinando, não do jeito que estou ensinando a você. Foi mais o que eu vi.

“Agora eu quero que você saiba e entenda que eles me deram tudo, meus pais deram – tudo que uma garota poderia desejar, era o que eu tinha. Exceto para a faculdade, é claro, mas as meninas não iam muito para a faculdade naqueles dias de qualquer maneira. Mas meu pai, descanse sua alma, ele trabalhou duro para viver e minha mãe e eu tínhamos tudo. Não como Willie fez comigo.

Ela acendeu um novo Tareyton com a coronha do antigo e jogou a coronha no chão. E eu imaginei que ela não tinha me notado atrás dela ou então ela não se importou porque, embora Meg estivesse olhando diretamente para mim com um tipo estranho de expressão em seu rosto, e mesmo que eu tivesse feito o barulho de sempre descendo a escadas velhas e precárias, ela não se virou nem parou de falar, nem mesmo para acender o cigarro. Ela falou através da fumaça.

“Mas meu pai *bebia* como Willie,” ela disse, “e eu o ouvia. Ele chegando à noite e direto para a cama e monta na minha mãe como uma égua. Eu ouvia eles bufando e bufando lá dentro, minha mãe não-não-não-não e o ocasional tapa de vez em quando e isso era como Willie também. Porque nós mulheres repetimos os mesmos erros que nossas mães cometeram dando o tempo todo para um homem. Eu também tinha essa fraqueza e foi por isso que consegui todos esses garotos com quem ele me deixou para passar fome. Não posso trabalhar do jeito que eu trabalhava lá atrás durante a guerra. Os homens ficam com todos os empregos agora. E eu tenho filhos para criar.

“Ah, Willie manda os cheques, mas não chega. Você sabe disso. Você viu isso. Seus cheques também não fazem muito bem.

“Você pode ver o que estou dizendo para você? Você tem a maldição. E não me refiro ao seu período. Você ficou pior ainda do que eu já fiz. Posso sentir o cheiro em você, Meggy! Você vai estar fazendo exatamente o que minha mãe e eu fizemos com um idiota de um irlandês batendo em você e fodendo você e fazendo você gostar, fazendo você adorar, e então, pá, ele está de pé e se foi.

“Essa porra. Essa é a coisa. Essa sua boceta molhada e quente. Essa é a maldição, sabe? Maldição de Eva.

Essa é a fraqueza. Foi aí que eles nos pegaram.

"Te digo. Uma mulher não passa de uma vadia e um animal. Você tem que ver isso, você tem que lembrar.

Apenas usado e ferrado e punido. Nada além de uma vadia perdedora estúpida com um buraco nela e isso é tudo que ela sempre será.

“A única coisa que posso fazer por você é o que estou fazendo. Eu posso meio que tentar *queimá* -lo fora de você.

Ela acendeu um fósforo.

"Ver?"

Ela jogou no vestido amarelo de Meg. Morreu ao alcançá-la e caiu fumegante no chão. Ela acendeu outro.

"Ver?"

Ela se inclinou mais desta vez e jogou-o e quando o fósforo atingiu o vestido ainda estava queimando.

Alojou-se entre as pregas. Meg se contorceu contra o quatro por quatro e se livrou dele.

“Uma jovem forte e saudável como você – você acha que tem um cheiro tão fresco e bom. Mas para mim você cheira a queimado. Como boceta quente. Você tem a Maldição e a fraqueza. Você conseguiu, Meggy.

Havia uma pequena mancha preta em seu vestido onde o fósforo estivera. Meg estava olhando para mim, fazendo sons por trás da mordança.

Ruth largou o cigarro e moveu o pé para apagá-lo.

Ela se levantou da cadeira, inclinou-se e riscou outro fósforo. A sala parecia de repente cheia de enxofre.

Ela o segurou na bainha do vestido.

"Ver?" ela disse. "Eu acho que você ficaria grato."

Meg se contorceu, lutando com força contra as cordas. A bainha chamuscou marrom e preto, mas não alargou.

O fósforo queimou baixo. Ruth sacudiu-o e deixou-o cair.

Então ela acendeu outro.

Ela o segurou até a bainha, o mesmo lugar que ela já tinha queimado. Havia nela um sentimento como um estranho cientista maluco realizando um experimento em um filme.

O vestido queimado cheirava a ferro de passar.

Meg lutou. Ruth apenas pegou seu vestido e aplicou o fósforo até começar a queimar, depois o jogou de volta na perna de Meg.

Eu assisti a linha fina de chama começar a rastejar.

Espalhando.

Era como Woofer com seus soldados no incinerador. Só que isso era pra valer. O guincho alto e abafado de Meg tornou isso real.

Estava na metade da coxa agora.

Comecei a me mover, a apagar as chamas com as mãos. Então Ruth estendeu a mão e molhou seu vestido com a Coca-Cola que ela tinha ao lado dela no chão.

Ela olhou para mim, rindo.

Meg caiu de alívio.

Eu acho que eu parecia bem assustado. Porque Ruth continuou rindo. E percebi que parte dela devia estar ciente de que eu estava lá atrás dela o tempo todo. Mas ela não se importou. Minha escuta não importava.

Nada importava a não ser sua concentração na lição que estava dando a Meg. Estava lá em seus olhos, algo que eu nunca tinha visto antes.

Eu tenho visto desde então.

Com muita frequência.

Aos olhos de minha primeira esposa, após seu segundo colapso nervoso. Aos olhos de alguns de seus companheiros na “casa de repouso”. Um dos quais, segundo me disseram, assassinou sua esposa e filhos pequenos com uma tesoura de jardim.

É um vazio frio e austero que não tem riso nele. Sem compaixão e sem misericórdia. É selvagem. Como os olhos de um animal de caça.

Como os olhos das cobras.

Essa era Rute.

"O que você acha?" ela disse. "Acha que ela vai ouvir?"

“Eu não sei,” eu disse.

“Você quer jogar cartas?”

"Cartões?"

“Oito Malucos ou algo assim.”

"Certo. Eu acho." Qualquer coisa, pensei. Qualquer coisa que você queira fazer.

"Só até os meninos voltarem para casa", disse ela.

Subimos e jogamos e acho que não dissemos dez palavras um para o outro durante todo o jogo.

Bebi muitas Cocas. Ela fumava muito cigarro.

Ela ganhou.

## Capítulo Trinta e Três

Descobriu-se que Donny, Willie e Woofer tinham ido a uma matinê de *How to Make a Monster*. Isso teria me irritado normalmente porque apenas alguns meses atrás nós vimos uma dupla de *I Was a Teenage Werewolf* e *I Was a Teenage Frankenstein* e isso era uma espécie de sequência, com os mesmos monstros, e eles deveriam esperar por mim ou pelo menos me lembrar. Mas eles disseram que não era tão bom quanto os dois primeiros de qualquer maneira e eu ainda estava pensando sobre o que eu tinha visto abaixo, e quando Ruth e eu chegamos às últimas mãos, o assunto veio para Meg.

“Ela fede”, disse Woofer. “Ela está suja. Devemos lavá-la.

Eu não tinha notado nenhum fedor.

Apenas cânfora, fumaça e enxofre.

E Woofer era quem falava.

“Boa ideia,” disse Donny. “Faz algum tempo. Aposto que ela iria gostar.

“Quem se importa com o que ela gosta?” disse Willie.

Ruth apenas ouviu.

“Teríamos que deixá-la subir”, disse Donny. “Ela poderia tentar fugir.”

“Vamos. Para onde ela vai?” disse Woofer. “Para onde ela vai correr? De qualquer forma, poderíamos amarrá-la.

“Eu acho.”

“E nós poderíamos pegar Susan.”

“Eu acho.”

“Onde ela está?”

“Susan está em seu quarto”, disse Ruth. “Acho que ela se esconde de mim.”

“Não,” disse Donny. “Ela lê o tempo todo.”

“Ela esconde. Acho que ela se esconde.”

Os olhos de Ruth ainda pareciam estranhos e brilhantes para mim, e acho que para os outros também. Porque ninguém a contradisse mais.

“Que tal, mãe?” disse Woofer. “Nós podemos?”

Nosso jogo de cartas acabou, mas Ruth ainda estava sentada ali, embaralhando o baralho. Então ela assentiu.

“Ela poderia usá-lo, eu suponho”, disse ela estupidamente.

“Teremos que despi-la,” disse Willie.

“*Eu vou fazer isso*”, disse Ruth. “Vocês, rapazes, lembram-se.”

“Sim”, disse Woofer. “Nós lembramos. Não toque.”

“Está certo.”

Olhei para Willie e Donny. Willie estava carrancudo. Ele estava com as mãos nos bolsos. Ele arrastou os pés, ombros curvados.

Que retardado, pensei.

Mas Donny parecia pensativo, como um homem adulto com um propósito e um trabalho a fazer agora e ele estava considerando a melhor e mais eficiente maneira de fazer isso.

Woofer sorriu brilhantemente.

“Ok”, disse ele. “Vamos pegá-la!”

Nós descemos as escadas, Ruth logo atrás.

Donny a desamarrou, as pernas primeiro e depois as mãos, deu-lhe um momento para massagear seus pulsos e depois os amarrou novamente na frente dela. Ele tirou a mordaca e colocou-a no bolso.

Ninguém mencionou os vagabundos ou manchas de Coca-Cola em seu vestido. Embora eles tivessem que ser a primeira coisa que você notava.

Ela lambeu os lábios.

“Uma bebida?” ela perguntou.

“Em um minuto”, disse Donny. “Nós vamos para cima.”

“Nós somos?”

"Sim."

Ela não perguntou por quê.

Segurando a corda, Donny a levou para cima, com Woofer na frente dele e Willie e eu logo atrás. Novamente Ruth ficou para trás.

Eu estava muito ciente dela lá atrás. Havia algo de errado com ela, disso eu tinha certeza. Ela parecia cansada, distante, não totalmente *ali*. Seus passos na escada pareciam mais leves do que os nossos, mais leves do que deveriam ser, apenas um sussurro, embora ela se movesse devagar e com dificuldade, como se tivesse ganhado dez quilos. Eu não sabia muito sobre problemas mentais na época, mas sabia que o que estava assistindo não era totalmente normal. Ela me incomodou.

Quando chegamos lá em cima, Donny sentou Meg na mesa da sala de jantar e pegou um copo de água para ela na pia da cozinha.

Foi a primeira vez que notei a pia. Estava cheio de pratos sujos, mais do que eles poderiam ter usado em apenas um dia. Mais como dois ou três dias estava enfiado lá.

E ver isso me fez perceber outras coisas, me fez olhar um pouco em volta.

Eu não era uma criança que notava poeira. Quem fez? Mas notei como o lugar estava empoeirado e sujo agora, mais visivelmente nas mesas laterais da sala atrás de mim, onde você podia ver as marcas de mãos na superfície. Havia migalhas de torrada na mesa na frente de Meg. O cinzeiro ao lado dela parecia que não era limpo há décadas. Vi dois fósforos de madeira no tapete do corredor ao lado de um pedaço de papel que parecia a tampa amassada de um maço de cigarros, casualmente descartado.

Tive a sensação mais estranha. De algo que está acabando. Desintegrando-se lentamente.

Meg terminou seu copo de água e pediu outro. *Por favor*, ela disse.

"Não se preocupe", disse Willie. "Você vai pegar água."

Meg parecia confusa.

"Nós vamos lavar você", disse ele.

"O que?"



“Os meninos acharam que seria legal se você tomasse banho”, disse Ruth.  
“Você gostaria disso, não é?”

Meg hesitou. Você podia ver o porquê. Não foi exatamente assim que Willie colocou. Willie disse que vamos lavar você.

"S-sim", disse ela.

"Muito atencioso da parte deles também", disse Ruth. “Estou feliz que você esteja feliz.”

Era como se ela estivesse falando sozinha, quase resmungando.

Donny e eu trocamos um olhar. Eu podia ver que ele estava um pouco nervoso com ela.

“Acho que vou tomar uma cerveja”, disse Ruth.

Ela se levantou e foi até a cozinha.

“Alguém se juntou a mim?”

Ninguém parecia querer nada. Isso em si era incomum. Ela espiou dentro da geladeira. Ela olhou ao redor.

Então ela fechou novamente.

"Nenhum restou", disse ela, arrastando os pés de volta para a sala de jantar.  
“Por que alguém não comprou cerveja?”

"Mãe", disse Donny. “Não podemos. Somos crianças. Eles não nos *deixam* comprar cerveja.”

Rute riu. “Certo,” ela disse.

Então ela se virou novamente. "Vou tomar um uísque em vez disso."

Ela cavou no armário e veio com uma garrafa. Ela voltou para a sala de jantar, pegou o copo de água de Meg e serviu cerca de cinco centímetros da bebida.

“Vamos fazer isso ou não?” disse Willie.

Rute bebeu. "Claro que estamos", disse ela.

Meg olhou de um de nós para o outro. "Eu não entendo", disse ela. "Fazer o que? Eu pensei que eu era . . .

Eu pensei que você estava me deixando tomar um banho.

“Nós estamos,” disse Donny.

“Mas temos que supervisionar”, disse Ruth.

Ela tomou outro gole e o licor pareceu acender um fogo repentino atrás de seus olhos.

"Certifique-se de ficar limpo", disse ela.

Meg a entendeu então.

"Eu não quero isso", disse ela.

“Não *importa* o que você queira”, disse Willie. “O que importa é o que queremos.”

“Você fede”, disse Woofer. “Você precisa de um banho.”

"Já está decidido", disse Donny.

Ela olhou para Rute. Ruth curvou-se sobre sua bebida observando-a como uma velha ave de rapina cansada.

"Por que você não pode apenas... me dar... um pouco de *privacidade*?"

Rute riu. "Eu pensei que você teria tido isso com privacidade, lá embaixo o dia todo."

“Não é isso que quero dizer. Quero dizer...”

"Eu sei o que você quer dizer. E a resposta é que não podemos confiar em você. Não posso confiar em você de um jeito, não posso confiar em você de outro. Você vai lá, joga um pouco de água em si mesmo, e isso não é limpo.”

“Não, eu não faria. Eu juro que não. Eu *mataria* por um banho.”

Rute deu de ombros. "Bem então. Você tem um. E você não precisa matar por isso, não é?"

"Por favor."

Ruth acenou para ela. “Saia desse vestido agora, antes que você me enlouqueça.”

Meg olhou para cada um de nós um de cada vez e então eu acho que ela percebeu que um banho supervisionado era melhor do que não tomar banho porque ela suspirou.

"Minhas mãos", disse ela.

"Certo", disse Ruth. "Descompacte ela, Donny. Em seguida, desfaça as mãos dela. Então faça-os de novo."

"Eu?"

"Sim."

Eu também fiquei um pouco surpreso. Acho que ela decidiu relaxar com a regra de não tocar.

Meg se levantou e Donny também. O vestido abriu até a metade de suas costas. Ele a desamarrou. Então ele foi atrás dela novamente para tirar o vestido de seus ombros.

"Posso ter uma toalha, por favor, pelo menos?"

Rute sorriu. "Você ainda não está molhada," ela disse. Ela acenou para Donny.

Meg fechou os olhos e ficou muito quieta e rígida enquanto Donny pegava as mangas curtas com babados e as puxava para baixo sobre seus braços e mostrava seus seios e depois seus quadris e coxas, e então ela estava a seus pés. Ela saiu disso. Seus olhos ainda estavam bem fechados. Era como se ela não pudesse nos ver, então não poderíamos vê-la.

"Amarre-a novamente", disse Ruth.

Percebi que estava prendendo a respiração.

Donny andou na frente dela. Ela juntou as mãos para ele e Donny começou a amarrá-las.

"Não", disse Ruth. "Coloque-os atrás dela desta vez."

Os olhos de Meg se abriram.

"*Atrás de mim!* Como vou me lavar se...?"

Rute se levantou. "Droga! Não me zombe, garota! Se eu disser atrás de você, então está atrás de você e se eu disser enfiar na sua bunda, você

também fará isso! Não me zombe! Você ouve? Droga! Maldito seja você!

*“Eu vou te lavar – é assim! Agora faça o que eu digo. Rápido!”*

E você podia ver que Meg estava com medo, mas ela não resistiu quando Donny pegou seus braços atrás dela e os amarrou nos pulsos. Ela fechou os olhos novamente. Só que desta vez havia pequenas poças de água ao redor deles.

"Tudo bem, leve-a para dentro", disse Ruth.

Donny a conduziu pelo corredor estreito até o banheiro. Nós seguimos. O banheiro era pequeno, mas todos nós nos esprememos lá dentro. Woofer sentou-se no cesto. Willie encostou-se na pia. Fiquei ao lado dele.

No corredor em frente ao banheiro havia um armário, e Ruth estava vasculhando lá dentro. Ela saiu com um par de luvas de borracha amarelas.

Ela os colocou. Eles foram até os cotovelos.

Ela se inclinou e abriu a torneira da banheira.

A torneira marcada com “H” para quente.

Essa torneira só.

Ela deixou correr um pouco.

Ela o testou com a mão, deixando-o escorrer sobre a luva de borracha.

Sua boca era uma linha reta sombria.

A água corria dura e fumegante. Bateu contra o ralo. Então ela jogou a configuração para “Chuveiro” e fechou a cortina de plástico transparente.

O vapor subiu.

Os olhos de Meg ainda estavam fechados. Lágrimas escorriam por seu rosto.

O vapor jogou uma névoa sobre todos nós agora.

De repente, Meg sentiu. E sabia o que significava.

Ela abriu os olhos e se jogou para trás, assustada, gritando, mas Donny já tinha um braço e Ruth agarrou o outro. Ela lutou contra eles, resistindo e se contorcendo, gritando *não*, não. E ela era forte. Ela ainda era forte.

Ruth perdeu o controle.

“Maldito seja você!” ela gritou. “Você quer que eu pegue sua irmã? Quer que eu pegue sua preciosa Susan?”

Você a quer aqui em vez disso? *Queimando?*”

Meg virou-se para ela. De repente furioso. Selvagem. Insano.

"Sim!" ela gritou. "Sim! Sua cadela! Chame Susana! Pegue ela! Eu não *ligo* mais!"

Ruth olhou para ela, os olhos semicerrados. Então ela olhou para Willie. Ela deu de ombros.

"Pegue-a", disse ela suavemente.

Ele não precisava.

Eu me virei quando ele passou por mim e então o vi parar porque Susan já estava lá, nos observando, de pé no corredor. E ela estava chorando também.

Meg também a viu.

E ela desmoronou.

"Nãããã", ela gritou. "Nãoooooooo. Por favor. . ."

E por um momento ficamos em silêncio na névoa quente e pesada, ouvindo o fluxo escaldante e seus soluços. Sabendo o que aconteceria. Sabendo como seria.

Então Ruth jogou a cortina de lado.

"Coloque-a dentro", disse ela para Donny. “E tenha cuidado consigo mesmo.”

Eu os observei colocá-la e Ruth ajustar o bico do chuveiro para enviar o jato abrasador lentamente sobre suas pernas, coxas e barriga e, finalmente, sobre seus seios para quebrar em seus mamilos enquanto seus braços se esforçavam desesperadamente para se libertar atrás dela e em todos os lugares. o golpe de água ficou de repente vermelho, vermelho, da cor da dor — e por fim não consegui suportar os gritos.

E eu corri.

## Capítulo Trinta e Quatro

Mas apenas uma vez.

Eu não corri novamente.

Depois daquele dia eu estava como um viciado, e minha droga era *saber*. Saber o que era possível. Saber até onde pode ir. Onde eles se atreveriam a levar tudo.

Sempre foram *eles*. Fiquei do lado de fora, ou senti que estava. De Meg e Susan de um lado e dos Chandlers do outro. Eu não participei de nada diretamente. Eu assisti. Nunca tocado. E isso era tudo. Enquanto mantivesse essa postura, poderia imaginar que era, se não exatamente inocente, tampouco exatamente culpado.

Era como sentar em um filme. Às vezes era um filme de terror, claro – onde você se preocupava se o herói e a heroína iriam sobreviver bem. Mas apenas isso. Apenas um filme. Você se levantaria quando tudo acabasse assustado e excitado, sairia do escuro e deixaria tudo para trás.

E então, às vezes, era mais como o tipo de filme que surgiu mais tarde nos anos sessenta – filmes estrangeiros, principalmente – onde o sentimento dominante que você tinha era de habitar alguma densidade fascinante e hipnótica de ilusão obscura, de camadas e camadas de significado que em o final indicava uma total ausência de sentido, onde atores com rostos de papelão moviam-se passivamente por paisagens surreais de pesadelo, vazias de emoções, à deriva.

Como eu.

Claro que escrevemos e dirigimos esses nossos filmes mentais, assim como os assistimos. Então, suponho que era inevitável adicionarmos ao nosso elenco de personagens.

Suponho que também era inevitável que Eddie Crocker fosse nossa primeira audição.

Era uma manhã brilhante e ensolarada no final de julho, três semanas após o cativeiro de Meg, quando fui até lá e o encontrei.

Nos poucos dias desde o banho, eles a deixaram ficar com as roupas - havia bolhas e eles estavam permitindo que elas cicatrizassem - e eles a estavam tratando muito bem, alimentando-a com sopa e sanduíches, dando-lhe água quando ela queria. isto. Ruth tinha até colocado lençóis sobre o colchão de ar e varrido as pontas de cigarro do chão. E era difícil dizer se Willie se queixava mais de sua última dor de dente ou de como as coisas tinham ficado chatas.

Com Eddie, isso mudou.

Ela ainda estava vestida quando cheguei lá – um par de jeans desbotados e uma blusa – mas eles a amarraram e amordaçaram novamente, deitada de bruços sobre a mesa de trabalho, cada braço amarrado a uma das pernas da mesa, pés amarrados no chão.

Eddie tinha um de seus Keds e estava batendo na bunda dela.

Então ele parou por um tempo e Willie trabalhou em suas costas, pernas e traseiro com um cinto de couro.

Eles bateram nela com força. Eddie especialmente.

Woofers e Donny ficaram observando.

Eu assisti também. Mas apenas brevemente.

Eu não gostava dele lá.

Eddie estava muito envolvido nisso.

Era muito fácil imaginá-lo andando pela rua naquele dia sorrindo para nós com a cobra preta entre os dentes, jogando-a repetidamente em nós até que a cobra estivesse morta na rua.

Este era o garoto que morderia a cabeça de um sapo.

Este era o garoto que iria bater em sua cabeça com uma pedra ou bater em suas bolas com um pedaço de pau do que olhar para você.

Eddie era apaixonado.

Estava quente naquele dia e o suor escorria dele, escorria de seu cabelo ruivo curto e descia pela testa. Como de costume, ele estava sem camisa para que pudéssemos ver seu grande físico e o cheiro de seu suor também.

Ele cheirava salgado e adocicado, como carne velha e estragada.

eu não fiquei.

Eu fui lá em cima.

Susan estava montando um quebra-cabeça na mesa da cozinha. Havia um copo meio vazio de leite ao lado dela.

A televisão, pela primeira vez, ficou em silêncio. Você podia ouvir os tapas e risos de baixo.

Perguntei por Rute.

Ruth, disse Susan, estava deitada no quarto. Uma de suas dores de cabeça. Ela os estava tendo muito ultimamente.

Então ficamos lá sem dizer nada. Peguei uma Budweiser na geladeira. Susan estava indo muito bem no quebra-cabeça. Ela fez mais da metade. A foto se chamava “Fur Traders Descending the Missouri”, de George Caleb Bingham, e mostrava um velho sombrio e retorcido com um boné pontudo engraçado e um adolescente de rosto sonhador em uma canoa remando rio abaixo ao pôr do sol, um gato preto sentado amarrado à proa . Ela tinha as bordas e o gato e a canoa e a maior parte do homem e do menino. Restavam apenas o céu, o rio e algumas das árvores.

Eu a observei encaixar um pedaço no rio. Bebi a cerveja.

"Então, como você está?" Eu perguntei.

Ela não olhou para cima. "Tudo bem", disse ela.

Ouvi risadas do abrigo.

Ela experimentou outro pedaço. Não se encaixava.

“Isso te incomoda?” Eu disse. Eu quis dizer os sons.

"Sim", disse ela. Mas ela não disse isso como se dissesse. Era apenas um fato da vida.

"Muito?"



"Uh-hum."

Eu balancei a cabeça. Não havia muito o que dizer depois disso. Eu a observei e bebi a cerveja. Logo ela terminou o menino e estava trabalhando nas árvores.

"Eu não posso fazê-los parar, sabe?" Eu disse.

"Eu sei."

"Eddie está lá. Por uma coisa."

"Eu sei."

Terminei a cerveja.

"Eu faria se pudesse," eu disse. Eu me perguntei se era verdade. Ela também.

"Sim?" ela disse.

E pela primeira vez ela olhou para mim, olhos muito maduros e pensativos. Muito parecido com o de sua irmã.

"Claro que sim."

Ela voltou para o quebra-cabeça novamente, franzindo a testa.

"Talvez eles se cansem," eu disse, percebendo assim que eu disse o quão idiota isso soava. Susan não respondeu.

Mas então, um momento depois, os sons pararam e ouvi passos subindo as escadas.

Era Eddie e Willie. Ambos coraram, camisas abertas. Willie está no meio de um rolo feio, gordo e branco morto. Eles nos ignoraram e foram até a geladeira. Eu os vi quebrar uma Coca-Cola para Willie e um Bud para Eddie e depois empurrar as coisas por aí procurando algo para comer. Eu acho que não havia muito porque eles fecharam novamente.

"Você tem que dar a ela," Eddie estava dizendo. "Ela não chora muito. Ela não é galinha."

Se eu me senti desapegado de tudo isso, Eddie estava em outro reino inteiramente. A voz de Eddie era como gelo. Foi Willie que era gordo e feio, mas foi Eddie que me deu nojo.

Willie riu. "Isso é porque ela chorou", disse ele. "Você deveria tê-la visto depois de esfregar no outro dia."

"Sim. Eu acho. Você acha que devemos trazer algo para Donny e Woofer?"

"Eles não pediram nada. Eles querem, deixe-os conseguir."

"Eu gostaria que você tivesse um pouco de comida, cara," disse Eddie.

E eles começaram a descer. Eles continuaram a nos ignorar. Isso foi bom para mim. Eu os observei desaparecer na escada.

"Então, o que você vai fazer?" disse Eddie. Senti sua voz flutuar para mim como um fio de fumaça tóxica.

"Mate ela?"

Eu congelo.

"Não," disse Willie.

E então ele disse outra coisa, mas o som de seus passos na escada abafou tudo para nós.

Mate ela? Senti as palavras deslizarem pela minha espinha. *Alguém andando sobre meu túmulo*, minha mãe diria.

Deixe isso para Eddie, pensei. Deixe isso para ele.

Para afirmar o óbvio.

Eu me perguntei até onde isso poderia ir, como poderia terminar. Maravilhava-se obscuramente, como um problema matemático.

*E aqui estava o inimaginável imaginado em silêncio, duas crianças discutindo, uma Coca-Cola e uma cerveja na mão.*

Pensei em Ruth deitada no quarto com sua dor de cabeça doentia.

Pensei em como eles estavam lá embaixo sozinhos com ela agora — com Eddie com eles.

Poderia acontecer. Sim, poderia.

Pode acontecer rápido. Quase por acaso.

Não me ocorreu perguntar por que eu ainda equiparava Ruth com supervisão. Eu apenas fiz.

Ela ainda era uma adulta, não era?

Os adultos não podiam deixar isso acontecer, podiam?

Olhei para Susana. Se ela ouviu o que Eddie disse, não deu sinal. Ela trabalhou no quebra-cabeça.

Mãos trêmulas, com medo de ouvir e com medo de não ouvir, trabalhei com ela.

# Capítulo Trinta e Cinco



Eddie esteve lá todos os dias depois disso por cerca de uma semana. No segundo dia sua irmã Denise veio também. Juntos, eles a alimentaram à força com bolachas, que ela realmente não conseguia comer porque a mordança havia passado a noite novamente e eles lhe negaram a água. Eddie ficou bravo e deu um tapa na boca dela com uma haste de cortina de alumínio, dobrando a haste e deixando um grande vergão vermelho em sua bochecha, cortando seu lábio inferior.

O resto do dia eles jogaram manequim novamente.

Ruth quase nunca estava lá. Suas dores de cabeça vinham com cada vez mais frequência agora. Ela se queixou de coceira na pele, principalmente no rosto e nas mãos. Pareceu-me que ela tinha perdido peso. Uma bolha de febre apareceu em seu lábio e permaneceu por dias. Mesmo com a TV ligada, você sempre podia ouvi-la tossindo lá em cima, no fundo dos pulmões.

Com Ruth não por perto, a proibição de tocar em Meg desapareceu.

Denise foi quem começou. Denise gostava de beliscar. Ela tinha dedos fortes para uma garota de sua idade.

Ela pegaria a carne de Meg e a torceria, ordenando que ela chorasse. Na maioria das vezes, Meg não chorava. Isso fez Denise se esforçar mais. Seus alvos favoritos eram os seios de Meg – você poderia dizer porque ela os guardou para o final.

E então, geralmente, Meg chorava.

Willie gostava de colocá-la sobre a mesa, abaixar suas calças e bater em seu traseiro.

A coisa do Woofer eram insetos. Ele colocaria uma aranha ou mil pernas em sua barriga e a observaria se encolher.

Foi Donny quem me surpreendeu. Sempre que ele achava que ninguém estava olhando, ele passava as mãos pelos seios dela ou os apertava levemente ou a sentia entre as pernas. Eu o vi muitas vezes, mas nunca deixei transparecer.

Ele fez isso suavemente, como um amante. E uma vez, quando a mordaca acabou, eu até o vi beijá-la. Foi um beijo desajeitado, mas meio terno e estranhamente casto quando você considera que ele a tinha lá para fazer qualquer coisa que ele quisesse com ela.

Então Eddie chegou rindo um dia com um cocô de cachorro em um copo de plástico e eles a seguraram sobre a mesa enquanto Woofer beliscava suas narinas até que ela teve que abrir a boca para respirar e Eddie enfiou dentro. E essa foi a última vez que alguém a beijou.

008

Na sexta-feira daquela semana eu estava trabalhando no quintal a tarde toda até por volta das quatro horas, e quando fui até lá pude ouvir o rádio berrando do patamar da porta dos fundos, então desci e vi que o grupo havia se expandido novamente .

A palavra tinha se espalhado.

Não apenas Eddie e Denise estavam lá, mas também Harry Gray, Lou e Tony Morino, Glenn Knott e até Kenny Robertson — uma dúzia de pessoas amontoadas naquele pequeno abrigo contando Meg e eu — e Ruth estava parada na porta observando, sorrindo enquanto eles empurravam e deu uma cotovelada para frente e para trás entre eles como um pinball humano preso entre uma dúzia de nadadeiras humanas.

Suas mãos estavam amarradas atrás dela.

Havia latas de cerveja e Coca-Cola no chão. A fumaça do cigarro pairava sobre a sala em espessas nuvens cinzentas à deriva. Em algum momento, o rádio tocou uma velha música de Jerry Lee Lewis, “Breathless”, e todos riram e começaram a cantar.

Terminou com Meg no chão, machucada e soluçando. Subimos as escadas para tomar um refresco.

Meu filme continuou rodando.

Crianças iam e vinham depois disso durante toda a semana seguinte. Normalmente eles não faziam nada além de assistir, mas eu me lembro de Glen Knott e Harry Gray transformando-a no que eles chamavam de “sanduíche” um dia – quando Ruth não estava por perto – esfregando-se contra ela de frente e de trás enquanto ela se pendurava nas cordas suspensas. os pregos nas vigas do teto. Lembro-me de Tony Morino trazendo para Woofer meia dúzia de lesmas de jardim para colocar em todo o corpo dela.

Mas, a menos que doesse, Meg costumava ficar quieta agora. Depois do incidente da merda de cachorro, foi difícil humilhá-la. E não muito poderia assustá-la. Ela parecia resignada. Como se talvez tudo o que ela tivesse que fazer era esperar e talvez todos nós ficássemos entediados com isso eventualmente e passasse.

Ela raramente se rebelava. Se ela o fizesse, ligaríamos para Susan. Mas na maioria das vezes não chegava a isso. Ela saíria ou vestiria suas roupas praticamente sob comando agora. Fora apenas quando sabíamos que Ruth não estaria por perto ou se a própria Ruth sugerisse, o que não era muito frequente.

E na maior parte do tempo ficávamos sentados em volta da mesa de trabalho, jogando cartas ou Clue e bebendo Cocas ou folheando revistas, conversando, e era como se Meg nem estivesse lá, exceto que disséssemos algo para zombar ou envergonhar ela de vez em quando. Abuso que era casual e comum. Sua presença nos compelia da mesma forma passiva que um troféu fazia – ela era a peça central do nosso clube.

Passamos a maior parte do nosso tempo lá. Estávamos no meio do verão, mas estávamos todos ficando pálidos de tanto ficar sentados no porão. Meg apenas se sentou ou ficou ali amarrada e silenciosa, e na maioria das vezes não pedimos nada a ela. Então talvez alguém tivesse uma ideia – uma nova maneira de usá-la – e experimentasse.

Mas basicamente parecia que talvez ela estivesse certa. Talvez a gente ficasse entediado um dia e parasse de vir. Ruth parecia preocupada consigo mesma e suas várias doenças físicas — preocupada, estranha e distante.

E sem ela para alimentar as chamadas nossas atenções para com Meg ficaram cada vez mais esporádicas, menos intensas.

Ocorreu-me também que estávamos bem em agosto agora. Em setembro, todos nós começamos a escola novamente. Willie, Donny e eu estávamos indo para o nosso primeiro período em uma nova escola secundária, Mount Holly, concluída apenas neste verão, e Meg estaria começando no ensino médio. Teria que acabar até lá. Era apenas razoável. Você poderia manter uma pessoa acorrentada fora de vista durante as férias de verão e ninguém notaria necessariamente. Mas manter uma criança fora da escola era outra coisa.

Então, em setembro estaria acabado, de uma forma ou de outra.

Então, talvez ela estivesse certa, pensei. Talvez tudo o que ela precisava fazer era esperar.

Então eu pensava no que Eddie disse. E se preocupe que ela estava realmente errada.

Foi Eddie quem terminou o clube.

Ele fez isso aumentando a aposta novamente.

Houve dois incidentes. O primeiro aconteceu em um dia chuvoso e feio, o tipo de dia que começa cinza e nunca vai além da cor de creme de sopa de cogumelos antes de escurecer novamente.

Eddie havia roubado dois pacotes de seis cervejas de seu pai e os trouxe consigo e ele, Denise e Tony Morino beberam um pouco enquanto Willie, Woofer, Donny e eu fomos mais devagar. Logo os três estavam bêbados e os pacotes de seis se foram e Willie subiu para mais. Foi quando Eddie decidiu que tinha que mijar. O que lhe deu uma ideia. Ele sussurrou ao redor.

Quando Willie voltou, ele e Tony Morino levaram Meg para o chão e a deitaram de costas e amarraram seus braços firmemente às pernas da mesa. Denise agarrou seus pés. Eles espalharam alguns jornais sob sua cabeça.

Então Eddie mijou na cara dela.

Se Meg não estivesse amarrada à mesa, acho que ela teria tentado matá-lo.

Mas, em vez disso, as pessoas estavam rindo enquanto ela lutava e, finalmente, ela caiu de volta e deitou lá.

Então Donny começou a pensar que Ruth não ia gostar muito. É melhor eles limparem as coisas. Então eles colocaram Meg de pé e amarraram seus braços atrás das costas e a seguraram, e Woofer pegou os papéis e os levou para fora do incinerador enquanto Donny enchia um pouco de água na grande pia de cimento que eles tinham no porão para drenar o lixo. água da lavadora. Ele jogou muito Tide. Então ele voltou e ele, Tony e Willie a levaram para fora do abrigo até o porão até a pia.

Eles empurraram sua cabeça para baixo na água com sabão e a seguraram, rindo, enquanto Willie esfregava seu cabelo. Em um momento ou dois ela estava lutando. Quando eles a soltaram, ela teve que respirar fundo.

Mas ela estava limpa.

Então Eddie teve outra ideia.

Tivemos que lavá-la, disse ele.

Ele soltou a água, esvaziou-a e correu a água de enxágue bem quente, assim como Ruth tinha feito no chuveiro.

Então, sozinho, ele a mergulhou.

Quando ele a deixou subir à superfície novamente, seu rosto estava vermelho como lagosta e ela estava gritando, e a mão de Eddie estava tão vermelha que você ficou imaginando como ele a havia segurado ali.

Mas agora ela foi lavada.

Limpo e enxaguado. E Ruth não ficaria satisfeita com isso?

Rute ficou furiosa.

Durante todo o dia seguinte ela manteve compressas frias sobre os olhos de Meg. Havia um medo sério por sua visão. Seus olhos estavam tão inchados que ela mal conseguia abri-los, e eles continuavam escorrendo um líquido muito mais grosso do que as lágrimas de qualquer pessoa deveriam ser. Seu rosto parecia manchado e horrível, como se ela tivesse contraído um



gigantesco caso de hera venenosa. Mas eram os olhos que preocupavam a todos.

Nós a mantivemos no colchão de ar. Nós a alimentamos.

Sabidamente, Eddie ficou longe.

E no dia seguinte ela estava melhor. E no dia seguinte melhor ainda.

E no terceiro dia Eddie voltou novamente.

Eu não estava lá naquele dia - meu pai me recebeu no Ninho da Águia - mas ouvi sobre isso rápido o suficiente.

Parecia que Ruth estava deitada no andar de cima e eles acharam que ela estava dormindo, cochilando por causa de outra dor de cabeça. Woofer, Donny e Willie estavam jogando Crazy Eights quando Eddie e Denise entraram.

Eddie queria tirar a roupa dela de novo, só para olhar, ele disse, e todos concordaram. Ele estava quieto, calmo. Bebendo uma Coca-Cola.

Eles a despiram e amordaçaram e a amarraram de braços sobre a mesa de trabalho, só que desta vez amarraram cada um de seus pés a uma das pernas da mesa também. ideia de Eddie. Ele queria espalhá-la.

Eles a deixaram um pouco enquanto o jogo de cartas continuava e Eddie terminava sua Coca.

Então Eddie tentou colocar a garrafa de Coca dentro dela.

Acho que todos estavam tão maravilhados e envolvidos com o que ele estava fazendo que não ouviram Ruth descer atrás deles porque quando ela entrou pela porta lá estava Eddie com a boca da garrafa de Coca-Cola verde dentro dela e todo mundo se aglomerando em volta .

Ruth deu uma olhada e começou a gritar como ninguém deveria tocá-la, ninguém, ela estava suja, tinha *doenças*, e Eddie e Denise saíram dali, rápido, deixando-a para criticar Woofer, Willie e Donny.

E o resto eu recebi de Donny.

E Donny disse que estava com medo.

Porque Ruth ficou realmente maluca.

Ela se enfureceu pela sala rasgando coisas e tagarelando coisas malucas sobre como ela nunca saiu mais, não para um filme ou jantar ou dança ou festas, tudo o que ela sempre fez foi sentar aqui cuidando dessas malditas crianças, limpando, passando, fazendo o almoço e café da manhã, como ela estava ficando velha ali, velha, seus bons anos se foram, seu corpo virou um inferno nela - o tempo todo batendo nas paredes e na tela de tela de arame sobre a janela e a mesa de trabalho, chutando a Eddie's Coke garrafa até bater contra a parede.

E então ela disse algo como *e você! vocês!* para Meg e a encarou furioso como se fosse culpa dela que o corpo de Ruth estivesse indo e ela não pudesse mais sair e a chamou de puta e vagabunda e lixo inútil — e então a puxou e a chutou, duas vezes, entre as pernas dela.

E agora ela tinha hematomas lá. Contusões terríveis.

Por sorte, disse Donny, Ruth estava de chinelos.

Eu poderia imaginar.

Tive um sonho naquela noite, na noite em que ele me contou.

Eu estava em casa assistindo televisão e as lutas começaram, Sugar Ray Robinson contra um cara branco grande e desajeitado sem rosto, e meu pai estava dormindo ao meu lado roncando na cadeira estofada enquanto eu estava sentado assistindo do sofá, e além da luz da TV estava escuro na casa e eu estava cansado, muito cansado - e então as coisas mudaram e de repente eu estava realmente nas lutas, eu estava ao lado do ringue, com as pessoas torcendo ao meu redor, e Sugar Ray estava atacando o cara em daquele jeito que ele tinha, movendo-se como um tanque, de pés chatos, balançando. Foi emocionante.

Então eu estava torcendo por Sugar Ray e olhei ao redor para ver se meu pai estava torcendo também, mas ele estava dormindo no banco ao meu lado, assim como ele estava no sofá, afundando lentamente no chão.

“Acorde,” minha mãe disse, cutucando-o. Eu acho que ela estava lá o tempo todo, mas eu não a tinha visto lá. “Acorde”, disse ela.

Mas ele não o fez. E eu olhei de volta para o ringue e em vez de Sugar Ray era Meg dentro do ringue, Meg como eu a tinha visto pela primeira vez no riacho naquele dia em shorts e uma blusa sem mangas, seu rabo de cavalo vermelho como chama balançando para trás e para trás atrás dela enquanto ela batia no cara, batia nele. E eu me levantei, torcendo, gritando.

“Meg! Meg! *Meg!*”

Acordei chorando. Meu travesseiro encharcado de lágrimas.

Eu me senti confuso. Por que eu deveria estar chorando? Eu *não estava* sentindo nada.

Fui para o quarto dos meus pais.

Eles tinham camas separadas agora. Eles os tinham há anos. Como no sonho, meu pai estava roncando.

Minha mãe dormia silenciosamente ao lado dele.

Caminhei até a cama da minha mãe e fiquei ali olhando para ela, uma mulher delicada de cabelos escuros que parecia mais jovem naquele momento, dormindo, do que eu acho que já a tinha visto.

O quarto cheirava pesado com o sono deles, o cheiro de mofo da respiração.

Eu queria acordá-la. Eu queria dizer a ela. Tudo.

Ela era a única que eu *poderia* dizer.

"Mãe?" Eu disse. No entanto, eu disse isso bem baixinho, parte de mim ainda com muito medo ou muito relutante em arriscar perturbá-la. Lágrimas rolavam pelo meu rosto. Meu nariz estava escorrendo. Eu funguei. A fungada soou mais alta para mim do que minha voz ao chamá-la.

"Mãe?"

Ela se mexeu, gemendo levemente.

Só precisava tentar mais uma vez, pensei, para acordá-la.

E então pensei em Meg, sozinha na longa noite escura do abrigo, deitada ali. Machucando.

Então eu vi o sonho.

Senti algo me agarrar.

Eu não conseguia respirar. Senti um súbito horror crescente e vertiginoso.

A sala ficou preta. Eu me senti explodindo.

E eu sabia minha parte nisso.

Minha traição maçante e descuidada.

Meu mal.

Senti o soluço vir até mim enorme e involuntário como um grito. Parecia um *grito*. Eu cobri minha boca e corri tropeçando para fora da sala, caí de joelhos no corredor do lado de fora da porta deles. Fiquei ali sentado tremendo, chorando. Eu não conseguia parar de chorar.

Fiquei sentado lá muito tempo.

Eles não acordaram.

Quando me levantei, era quase de manhã.

Fui para o meu quarto. Pela janela da minha cama eu vi a noite ficar preta mais profunda e depois um rico azul escuro.

Meus pensamentos giravam e giravam, mergulhando em mim como os pardais matinais voando dos beirais.

Sentei-me e me conhecia inteiramente e calmamente observei o nascer do sol.

## Capítulo Trinta e Seis

Ajudou que, por enquanto, pelo menos os outros foram excluídos. Eu precisava falar com ela. Eu tinha que convencê-la de que finalmente ajudaria.

Eu a faria fugir com ou sem Susan. Eu não podia ver que Susan estava em tanto perigo de qualquer maneira.

Nada tinha acontecido com ela até agora, exceto algumas surras, pelo menos nada que eu tivesse visto. Era Meg quem estava em apuros. A essa altura, pensei, ela já deve ter percebido isso.

Foi mais fácil e mais difícil do que eu esperava.

Mais difícil porque descobri que também fui excluída.



"Minha mãe não quer *ninguém* por perto", disse Donny. Estávamos pedalando até a Piscina Comunitária, nosso primeiro dia lá em semanas. Estava quente sem brisa e a três quarteirões da nossa rua estávamos suando.

"Por quê? Eu não fiz nada. Por que eu?"

Andamos por uma ladeira descendente. Atravessamos um pouco.

"Não é isso. Você ouviu o que Tony Morino fez?"

"O que."

"Ele contou para a mãe dele."

"O que?"

"Sim. O merdinha. O irmão dele, Louie, nos deixou entrar. Quer dizer, nem tudo. Acho que ele não podia contar tudo a ela. Mas o suficiente. Disse a ela que tínhamos Meg no porão. Disse a ela que Ruth a chamou de prostituta e vadia e bateu nela.

"Jesus. O que ela disse?"

Donny riu. "Para nossa sorte, os Morinos são realmente católicos rígidos. A mãe dele disse que ela provavelmente merecia, ela provavelmente está solta

ou algo assim. Ela disse que os pais têm o direito e Ruth é sua mãe agora. Então você sabe o que nós fizemos?”

"O que?"

“Eu e Willie fingimos que não sabíamos. Pedimos que Tony fosse conosco até a Fazenda Bleeker, a floresta lá atrás. Ele não conhece o lugar. Nós o perdemos e depois o jogamos de volta nos pântanos. Levou duas horas e meia para encontrar o caminho para sair e chegar em casa e então já estava escuro. Mas sabe a melhor parte disso? A mãe dele deu uma surra nele por perder o jantar e voltar para casa cheio de lama e merda do pântano. A *mãe dele!*”

Nós rimos. Entramos na entrada recém-aberta do prédio de recreação e estacionamos nossas bicicletas no suporte de bicicletas e atravessamos a pista pegajosa e cheirosa até a piscina.

Mostramos nossos crachás de plástico no portão. A piscina estava lotada. Crianças chutando e chapinhando nas águas rasas como um cardume de piranhas. A piscina de bebês cheia de mães e pais guiando seus bebês, dedos gorduchos segurando tubos internos de patinhos e dragões. Havia longas filas impacientes nos trampolins e na barraca de refrescos. Jaquetas amarelas em cada lata de lixo fervilhando de embalagens de sorvete e refrigerante.

Os gritos, salpicos e gritos enquanto todos corriam pela grama cercada e pelo concreto eram ensurdecedores.

O apito do salva-vidas parecia gritar a cada trinta segundos. Tiramos nossas toalhas e fomos até a seção de dois metros e meio e sentamos com as pernas penduradas na água com cheiro de cloro.

“Então o que isso tem a ver comigo?” Eu perguntei a ele.

Ele encolheu os ombros. "Eu não sei", disse ele. “Minha mãe está toda preocupada agora. Que alguém vai contar.”

"Eu? Caramba, eu não vou contar," eu disse. Imaginando-me no escuro, de pé sobre minha mãe adormecida.

“Você sabe que eu não vou contar.”

"Eu sei. Ruth está estranha esses dias.

Eu não poderia empurrá-lo ainda mais. Donny não era tão estúpido quanto seu irmão. Ele me conhecia. Ele saberia se eu estivesse empurrando e imaginando.

Então eu esperei. Salpicamos com os pés.

“Olha”, ele disse, “vou falar com ela, está bem? É uma merda. Você está vindo em nossa casa há quantos anos?”

"Muito."

“Então foda-se. Eu vou falar com ela. Vamos nos molhar.”

Entramos na piscina.

009

A parte mais fácil foi convencer Meg a ir.

Havia uma razão para isso.

Pela última vez, disse a mim mesmo, teria que ficar de pé e assistir, esperando o momento de falar. E então eu a convenceria. Eu até tinha um plano em mente.

E então estaria acabado.

Eu teria que fingir que estava com eles, não importa o quê, que não importava. Uma última vez.

No entanto, quase não aconteceu.

Porque aquela última vez foi quase o suficiente para nos levar ao limite. Essa última vez foi horrível.

## Capítulo Trinta e Sete

“Está tudo bem,” Donny me disse no dia seguinte. “Minha mãe diz que não há problema em vir.”

“Vem para onde?” disse minha mãe.

Ela estava atrás de mim no balcão da cozinha, cortando cebolas. Donny estava na varanda atrás da tela.

Comigo do jeito que ele não tinha notado ela.

A cozinha cheirava a cebola.

"Onde você está indo?" ela disse.

Eu olhei para ele. Ele pensou rápido.

“Vamos tentar chegar a Esparta no próximo sábado, Sra. Moran. Suave de um piquenique em família.

Pensamos que talvez David pudesse vir também. Estaria tudo bem?”

“Não vejo por que não”, disse minha mãe, sorrindo. Donny era infalivelmente educado com ela sem ser desagradável sobre isso e ela gostava dele por isso, embora ela não tivesse nenhuma utilidade, na verdade, para o resto da família.

"Excelente! Obrigado, Sra. Moran. Vejo você mais tarde, David”, disse ele.

Então, em pouco tempo eu fui.

Ruth estava de volta ao jogo.

Ela parecia terrível. Havia feridas em seu rosto e você sabia que ela estava coçando porque duas já estavam com crostas. Seu cabelo era oleoso, mole, salpicado de caspa. A fina camisola de algodão parecia que ela estava dormindo há dias. E agora eu tinha certeza que ela tinha perdido peso. Você



podia ver em seu rosto – as cavidades sob os olhos, a pele esticada sobre as maçãs do rosto.

Ela estava fumando como sempre, sentada em uma cadeira dobrável de frente para Meg. Havia um sanduíche de atum meio comido em um prato de papel ao lado dela e ela o estava usando como cinzeiro.

Duas bundas de Tareyton surgiram do pão branco molhado e flácido.

Ela estava observando atentamente, inclinando-se para a frente na cadeira, os olhos semicerrados. E eu pensei na aparência dela quando ela estava assistindo seus programas de jogos na TV, programas como *Twenty-One*. Charles Van Doren, o professor de inglês de Columbia, acabara de ser chamado de trapaceiro por ganhar US\$ 129.000 no programa na semana anterior. Ruth estava inconsolável. Como se ela também tivesse sido enganada.

Mas agora ela observava Meg com a mesma intensidade pensativa de quando Van Doren estava em sua cabine à prova de som.

Jogando junto.

Enquanto Woofer cutucava Meg com o canivete.

Eles a penduraram no teto novamente, e ela estava na ponta dos pés, se esforçando, volumes do World Book espalhados a seus pés. Ela estava nua. Ela estava suja, estava machucada. Sua pele tinha uma palidez agora sob o brilho do suor. Mas nada disso importava. Deveria, mas não aconteceu. A magia – a pequena magia cruel de vê-la desse jeito – pairando sobre mim por um momento como um feitiço.

Ela era tudo que eu sabia sobre sexo. E tudo que eu sabia sobre crueldade. Por um momento, senti-o inundar-me como um vinho inebriante. Eu estava com eles novamente.

E então olhei para Woofer.

Uma versão minúscula de mim, ou o que eu poderia ser, com uma faca na mão.

Não admira que Ruth estivesse se concentrando.

Todos eles eram, Willie e Donny também, ninguém dizendo uma palavra, porque uma faca não era uma alça ou um cinto ou um jato de água quente,

facas podiam machucá-lo seriamente, permanentemente, e Woofer era pequeno o suficiente para mal entender isso, saber que morte e ferimentos podem acontecer, mas não sentir as consequências. Eles estavam patinando em gelo fino e sabiam disso. No entanto, eles o deixaram ir.

Eles queriam que acontecesse. Eles estavam educando.

Eu não precisava das aulas.

Até agora não havia sangue, mas eu sabia que havia todas as chances de que houvesse, era apenas uma questão de tempo. Mesmo por trás da mordaca e da venda, você podia ver que Meg estava apavorada. Seu peito e estômago arfavam com a respiração irregular. A cicatriz em seu braço se destacou como um relâmpago irregular.

Ele a cutucou na barriga. Na ponta dos pés do jeito que ela estava, não havia como ela se afastar dele. Ela apenas empurrou contra as cordas convulsivamente. Woofer deu uma risadinha e cutucou-a abaixo do umbigo.

Ruth olhou para mim e acenou uma saudação e acendeu outro Tareyton. Reconheci a aliança de casamento da mãe de Meg se soltando em seu dedo anelar.

Woofer deslizou a lâmina sobre a caixa torácica de Meg e cutucou sua axila. Ele fez isso tão rápido e tão imprudentemente que continuei procurando por uma linha de sangue ao longo de suas costelas. Mas dessa vez ela teve sorte. Mas eu vi outra coisa.

"O que é isso?"

"O que é o quê?" disse Ruth distraidamente.

"Na perna dela ali."

"Havia uma marca vermelha em forma de cunha de duas polegadas em sua coxa, logo acima do joelho.

Ela deu uma baforada no Tareyton. Ela não respondeu.

Willie fez. "Mamãe estava passando roupa", disse ele. "Ela nos deu alguma merda, então mamãe jogou o ferro nela. Esfolou-a. Não é grande coisa, exceto que agora o ferro está quebrado.

"Não é grande coisa minha bunda", disse Ruth.

Ela quis dizer o ferro.

Enquanto isso Woofer deslizou a faca de volta para a barriga de Meg. Desta vez ele a cortou apenas na parte inferior da caixa torácica.

"Opa", disse ele.

Ele se virou para olhar para Ruth. Rute se levantou.

Ela deu uma tragada no cigarro e apagou as cinzas.

Então ela se aproximou.

Woofer recuou.

"Droga, Ralphie," ela disse.

"Sinto muito", disse ele. Ele largou a faca. Ela caiu no chão.

Dava para ver que ele estava com medo. Mas seu tom era tão vazio quanto seu rosto.

"Merda," ela disse. "Agora temos que cauterizar." Ela levantou o cigarro.

Desviei o olhar.

Ouvi Meg gritar por trás da mordaça, um grito agudo e abafado que se transformou abruptamente em um lamento.

"Cala a boca", disse Ruth. "Cale a boca ou eu vou fazer isso de novo."

Meg não conseguia parar.

Eu me senti tremendo. Olhei para a parede de concreto nua.

Espere, pensei, ouvi o silvo. Eu a ouvi gritar.

Eu podia sentir o cheiro de queimado.

Olhei e vi Ruth com o cigarro em uma mão enquanto a outra segurava o seio através do vestido de algodão cinza. A mão estava amassando. Eu vi as marcas de queimadura juntas sob as costelas de Meg, seu corpo banhado em suor repentino. Eu vi a mão de Ruth se mover rudemente sobre seu vestido amassado para pressionar entre suas pernas enquanto ela grunhia e balançava e o cigarro flutuava para frente mais uma vez.

Eu ia explodi-lo. Eu sabia. Eu podia sentir isso crescendo. Eu ia ter que fazer alguma coisa, dizer alguma coisa. Qualquer coisa para parar a queima.

Fechei os olhos e ainda vi a mão de Ruth agarrar o lugar entre suas pernas. O cheiro de carne queimada estava ao meu redor. Meu estômago embrulhou. Virei-me e ouvi Meg gritar e gritar de novo e, de repente, Donny estava dizendo Mamãe! Mãe! Mãe! em uma voz que foi abafada e de repente cheia de medo.

Eu não conseguia entender.

E então eu ouvi. A batida.

Havia alguém na porta.

A porta da frente.

Olhei para Rute.

Ela estava olhando para Meg e seu rosto estava calmo e relaxado, despreocupado e distante. Lentamente, ela levou o cigarro aos lábios e deu uma longa tragada. Degustando ela.

Senti meu estômago revirar novamente.

Eu ouvi a batida.

"Pegue", disse ela. "Vai devagar. Vá com *calma*."

Ela ficou quieta enquanto Willie e Donny se entreolharam e depois subiram.

Woofers olhou para Ruth e depois para Meg. Ele parecia confuso, de repente apenas um garotinho de novo que queria que lhe dissessem o que fazer. Devo ir ou devo ficar? Mas não havia nenhuma ajuda para ele, não com Ruth desse jeito. Então, finalmente, ele se decidiu. Ele seguiu seus irmãos.

Esperei até que ele fosse embora.

"Rute?" Eu disse.

Ela parecia não me ouvir.

"*Rute?*"

Ela apenas continuou olhando.

"Você não acha...? Quero dizer, se for alguém... Você deveria deixar isso para eles? Para Willie e Donny?"

"Hmmm?"

Ela olhou para mim, mas não tenho certeza se ela me viu. Nunca vi alguém se sentir tão vazio.

Mas essa era minha chance. Talvez minha única chance. Eu sabia que tinha que empurrá-la.

"Você não acha que deveria lidar com isso, Ruth? Suponha que seja o Sr. Jennings de novo?"

"Who?"

"Senhor. Jennings. *Oficial* Jennings. Os policiais, Ruth.

"Oh."

"Eu posso... cuidar dela para você."

"Observe-a?"

"Para ter certeza de que ela não..."

"Sim. Boa. Observe-a. Boa ideia. Obrigado, Davi." Ela foi em direção à porta, seus movimentos lentos e oníricos. Então ela se virou. E agora sua voz estava firme e afiada, suas costas retas. Seus olhos pareciam quebrados com a luz refletida.

"É melhor você não estragar tudo", disse ela.

"O que?"

Ela pressionou o dedo nos lábios e sorriu.

"Um som aqui embaixo e eu prometo que vou matar vocês dois. Não te punir. *Mate* você. Morto. Você entendeu isso, Davy? Somos honestos sobre isso?"

"Sim."

"Tem certeza que?"

"Sim, senhora."

"Boa. Muito bom."

Ela se virou e então ouvi seus chinelos subindo as escadas. Ouvi vozes de cima, mas não consegui distingui-las.

Eu me virei para Meg.

Eu vi onde ela a queimou pela terceira vez. Seu seio direito.

“Oh Jesus, Meg,” eu disse. Eu fui até ela. “É Davi. Tirei a venda para que ela pudesse me ver. Seus olhos eram selvagens.

“Meg,” eu disse. “Meg, escute. Ouça por favor. Por favor, não faça barulho. Você ouviu o que ela disse? Ela vai fazer isso, Meg. Por favor, não grite nem nada, ok? Eu quero te ajudar. Não há muito tempo. Escute-me.

Vou tirar a mordaça, está bem? Você não vai gritar? Não vai ajudar. Pode ser qualquer um lá em cima. A senhora Avon. Ruth pode se livrar disso. Ela pode falar o seu caminho para fora de qualquer coisa. Mas eu vou tirar você daqui, você me entende? Eu vou te tirar daqui!”

Eu estava falando a mil por hora, mas não conseguia parar. Tirei a mordaça para que ela pudesse responder.

Ela lambeu os lábios.

"Quão?" ela disse. Sua voz um pequeno e doloroso som.

"Esta noite. Atrasado. Quando estão dormindo. Deve parecer que você fez isso sozinho. Por você mesmo.

OK?"

Ela assentiu.

“Eu tenho algum dinheiro,” eu disse. "Você ficará bem. E posso ficar por aqui e garantir que nada aconteça com Susan. Então talvez possamos descobrir uma maneira de afastá-la também. Voltar para a polícia, talvez.

Mostre a eles . . . isto. "Tudo bem?"

"Tudo bem."

"Tudo bem. Esta noite. Eu prometo."

Ouvi a porta da frente ser fechada e passos cruzando a sala, os ouvi descendo as escadas. Eu a engasguei novamente. Eu escorreguei na venda.

Era Donny e Willie.

Eles olharam para mim.

"Como você sabe?" perguntou Donny.

"Sabe o que?"

— Você contou a ele?

"Contar para quem? Diga a ele o quê? Do que você está falando?"

"Não brinque comigo, David. Ruth disse que você disse a ela que poderia ser Jennings na porta.

"Então, quem diabos você acha que foi, idiota?"

Oh Jesus, pensei. Ah Merda. E eu implorei para ela não gritar.

Poderíamos ter parado ali mesmo.

Eu tive que jogar para eles embora.

"Você está brincando," eu disse.

"Eu não estou brincando."

"Senhor. Jennings? Meu Deus, foi só um *palpite*."

"Muito bom palpite", disse Willie.

"Era apenas uma coisa a dizer para pegá-la..."

"Pegar o quê?"

*Lá em cima* eu pensei.

"Para fazê-la *se mover* novamente. Cristo, você a viu. Ela era como uma porra de um zumbi aqui embaixo!"

Eles olharam um para o outro.

"Ela ficou bem estranha", disse Donny.

Willie deu de ombros. "Sim. Eu acho."

Eu queria mantê-los. Então eles não pensariam em eu estar aqui sozinho com ela.

"O que você disse?" Eu perguntei. "Ele estava atrás de Meg?"

"Mais ou menos," disse Donny. "Disse que ele só apareceu para ver como as garotas boas estavam indo.

Então mostramos a ele Susan em seu quarto. Disse que Meg estava fazendo compras. Susan não disse uma palavra, é claro, não se atreveu. Então acho

que ele comprou. Parecia meio desconfortável. Meio tímido para um policial.”

“Onde está sua mãe?”

“Ela disse que queria se deitar um pouco.”

"O que você vai fazer para o jantar?"

Foi uma coisa tola de se dizer, mas a primeira coisa que pensei.

"Eu não sei. Cozinhe alguns cachorros na grelha, eu acho. Por quê? Quer vir?"

“Vou perguntar à minha mãe,” eu disse. Olhei para Meg. "Então e ela?" Eu perguntei a ele.

"Então e ela?"

“Você vai simplesmente deixá-la lá ou o quê? Você deveria colocar algo sobre essas queimaduras pelo menos. Eles vão se infectar.”

"Foda-se ela", disse Willie. "Eu não tenho certeza se terminei com ela ainda."

Ele se inclinou e pegou a faca de Woofer.

Ele a jogou em sua mão, lâmina para manusear, e largou e sorriu e olhou para ela.

"Então, novamente, talvez eu esteja", disse ele. "Eu não sei. Eu não sei." Ele caminhou em direção a ela. E

então, para que ela pudesse ouvi-lo muito clara e distintamente, ele disse: “Eu *simplesmente não sei*”.

Provocando-a.

Eu decidi ignorá-lo.

“Vou perguntar à minha mãe,” eu disse a Donny.

Eu não queria ficar para ver qual seria a escolha dele. Não havia nada que eu pudesse fazer de uma forma ou de outra. Algumas coisas você teve que abrir mão. Você tinha que manter sua mente no que você poderia fazer. Virei-me e subi as escadas.



No topo, levei um momento para verificar a porta.

Contava com a preguiça deles, com a falta de organização deles.

Verifiquei a fechadura.

E sim, ainda estava quebrado.

## Capítulo Trinta e Oito

Era uma época em que até os culpados exibiam uma rara inocência.

Em nossa cidade, o roubo era inédito. Os roubos aconteciam nas cidades, mas não aqui fora – essa foi uma das razões pelas quais nossos pais deixaram as cidades em primeiro lugar.

As portas estavam fechadas contra o frio, o vento e a chuva, mas não contra as pessoas. De modo que, quando a fechadura de uma porta ou janela se partia ou enferrujava ao longo de anos de mau tempo, na maioria das vezes ela ficava assim. Ninguém precisava de um cadeado para impedir a entrada de neve.

A casa dos Chandler não foi exceção.

Havia uma porta de tela nos fundos com uma fechadura que eu acho que nunca funcionou – não na memória viva. Em seguida, uma porta de madeira que estava ligeiramente empenada e de tal forma que a lingueta da fechadura não combinava mais com a aba do batente da porta.

Mesmo com Meg prisioneira lá, eles nunca se preocuparam em consertá-lo.

Isso deixou a porta de metal do depósito de gelo para o próprio abrigo, que trancou. Foi um caso desajeitado e barulhento, mas tudo que você tinha que fazer era jogar o ferrolho.

Achei que poderia ser feito.

Às três e vinte e cinco da manhã saí para ver.

Eu tinha uma lanterna, um canivete e trinta e sete dólares em dinheiro de pá de neve no bolso. Eu usava tênis e jeans e a camiseta que minha mãe tingiu de preto para mim depois que Elvis usou uma em *Loving You*. No momento em que atravessei a entrada para o quintal deles, a camiseta estava grudada nas minhas costas como uma segunda pele.

A casa estava escura.

Subi na varanda e esperei, ouvindo. A noite estava calma e clara sob uma lua de três quartos.

A casa dos Chandler parecia respirar em mim, rangendo como os ossos de uma velha adormecida.

Foi assustador.

Por um momento eu quis esquecer isso, ir para casa e ir para a cama e puxar as cobertas. Eu queria estar em outra cidade inteiramente. Toda aquela noite eu fantasiei minha mãe ou meu pai dizendo, bem, David, eu não sei como te contar isso, mas estamos nos mudando.

Sem essa sorte.

Eu ficava me vendo sendo pego nas escadas. De repente a luz se acendia e havia Ruth acima de mim apontando uma espingarda. Duvido que eles ainda possuíssem uma arma. Mas eu vi mesmo assim. Mais e mais como um disco preso no groove final.

Você é maluco, eu ficava pensando.

Mas eu prometi.

E por mais assustador que isso fosse, hoje tinha me assustado mais. Olhando para Ruth eu finalmente tinha visto todo o caminho até o fim. Clara e inconfundivelmente eu finalmente vi Meg morrendo.

Não sei quanto tempo fiquei ali esperando na varanda.

Tempo suficiente para ouvir a alta Rosa de Sharon raspar a casa com uma brisa suave, para perceber os sapos coaxando do riacho e os grilos na floresta. Tempo suficiente para meus olhos se ajustarem à escuridão e para a normalidade de sapos e grilos falando uns com os outros à noite para me acalmar. Então, depois de um tempo, o que eu finalmente senti não foi tanto o puro terror com o qual eu comecei, mas a excitação por finalmente fazer algo, algo por Meg e por mim, e algo que ninguém que eu conhecia jamais havia feito. Me ajudou a pensar sobre isso. Sobre a realidade tensa presente momento a momento do que eu estava fazendo.

Se eu fizesse isso, poderia transformá-lo em uma espécie de jogo. Eu estava invadindo uma casa à noite e as pessoas estavam dormindo. Isso foi tudo. Não pessoas perigosas. Não Rute. Não os Chandler. Apenas pessoas. Eu era

um ladrão de gatos. Frio, cuidadoso e furtivo. Ninguém ia me pegar. Nem esta noite e nem nunca.

Abri a porta de tela externa.

Mal fez um gemido.

A porta interna era mais complicada. Sua madeira havia se expandido com a umidade. Virei a maçaneta e pressionei meus dedos contra o batente da porta, meu polegar contra a porta. Eu empurrei devagar, suavemente.

Ele gemeu.

Eu empurrei mais forte e com mais firmeza. Segurei firme a maçaneta, mantendo uma leve pressão para trás para que, quando abrisse, não estalasse e estremecesse.

Ele gemeu um pouco mais.

Eu tinha certeza que a casa inteira estava ouvindo isso. Todo mundo.

Eu ainda poderia correr se fosse preciso. Foi bom saber.

Então, de repente, abriu. Com ainda menos ruído do que a tela havia feito.

Eu escutei.

Entrei no patamar.

Liguei a lanterna. As escadas estavam cheias de trapos, esfregões, escovas, baldes — coisas que Ruth usava para limpar, junto com potes de pregos, latas de tinta e diluente. Felizmente, a maior parte estava alinhada apenas de um lado, o lado oposto à parede. Eu sabia que as escadas seriam mais firmes e menos barulhentas ao lado da parede, onde teriam apoio. Se eu fosse pego, este era o lugar mais provável, o lugar onde haveria mais barulho. Desci com cuidado.

A cada degrau eu parava e ouvia. Eu variava o tempo entre os passos para que não houvesse ritmo.

Mas cada degrau tinha a sua palavra.

Demorou uma eternidade.

Então, finalmente, eu estava no fundo. A essa altura, meu coração parecia prestes a explodir. Eu não podia acreditar que eles não tinham me ouvido.

Atravessei a porta do abrigo.

O porão cheirava a umidade, mofo e roupa suja — e algo como leite azedo derramado.

Eu joguei o parafuso tão silenciosamente e uniformemente quanto possível. Metal chiou contra metal do mesmo jeito.

Abri a porta e entrei.

Foi só então, acho, que me lembrei do que estava fazendo aqui.

Meg estava sentada no canto em seu colchão de ar, as costas contra a parede, esperando. No fino feixe de luz pude ver como ela estava assustada. E como o dia tinha ido mal para ela.

Eles lhe deram uma camisa fina e amarrotada para vestir e isso foi tudo. Suas pernas estavam nuas.

Willie os atacara com a faca.

Havia linhas e arranhões cruzando suas coxas e suas panturrilhas quase até os tornozelos.

Havia sangue na camisa também. Sangue seco principalmente - mas não todo. Parte disso vazando.

Ela levantou.

Ela caminhou em minha direção e pude ver um novo hematoma em sua têmpora.

Apesar de tudo isso, ela ainda parecia firme e pronta.

Ela começou a dizer algo, mas eu coloquei meu dedo em meus lábios, silenciando-a.

“Vou deixar o ferrolho e a porta dos fundos abertos,” sussurrei.

“Eles vão pensar que simplesmente esqueceram. Dê-me talvez meia hora. Fique ao lado da parede nas escadas e tente não correr. Donny é rápido. Ele te pegaria. Aqui.”

Enfiei a mão no bolso e entreguei-lhe o dinheiro. Ela olhou para ele. Então ela balançou a cabeça.

"Melhor não", ela sussurrou. "Se algo der errado e eles encontrarem comigo, saberão que alguém esteve aqui. Nunca teríamos outra chance. Deixe para mim..." Ela pensou por um momento. "Deixe no Big Rock.

Coloque uma pedra em cima dele ou algo assim. Eu vou encontrá-lo, não se preocupe.

"Onde você irá?" Eu disse.

"Eu não sei. Ainda não. De volta ao Sr. Jennings, talvez. Não muito longe. Quero ficar perto de Susan. Vou encontrar uma maneira de informá-lo assim que puder."

"Você quer a lanterna?"

Ela balançou a cabeça novamente. "Eu conheço as escadas. Você mantê-lo. Vá em frente. Vai. Saia daqui."

Eu me virei para sair.

"Davi?"

Virei-me novamente e ela estava de repente ao meu lado, estendendo a mão. Eu vi as lágrimas brilharem em seus olhos assim que ela os fechou e me beijou.

Seus lábios estavam machucados, quebrados, rachados e rasgados.

Eram as coisas mais suaves e bonitas que já me tocaram, que eu já toquei.

Senti minhas próprias lágrimas virem com pressa.

"Deus! Me desculpe, Meg. Sinto *muito*.

Eu mal conseguia tirá-lo. Tudo o que eu podia fazer era ficar ali, balançar a cabeça e pedir que ela me perdoasse.

"Davi", disse ela. "Davi. *Obrigado* . O que você faz por último – isso é o que importa."

Eu olhei para ela. Era como se eu a estivesse bebendo, como se de alguma forma eu estivesse me tornando ela.

Limpei meus olhos, meu rosto.

Eu balancei a cabeça e me virei para ir.

Então eu tive um pensamento. “Espere,” eu disse.

Saí do abrigo e passei o facho da lanterna pelas paredes. Encontrei o que procurava. Tirei a chave de roda dos pregos, voltei e entreguei a ela.

"Se você precisar", eu disse.

Ela assentiu.

“Boa sorte, Meg,” eu disse e silenciosamente fechei a porta.

E então eu estava no meio dela novamente, no silêncio chocante da casa adormecida, movendo-me lentamente para cima até a porta, pesando cada passo contra o ranger das camas e os sussurros dos galhos das árvores.

E então eu estava fora da porta.

Atravessei o pátio até a entrada da garagem, atravessei a parte de trás da minha casa e entrei na floresta. A lua estava brilhante, mas eu conhecia o caminho sem a lua. Eu ouvi a água correndo pelo riacho.

No Rochedo me abaixei para pegar algumas pedras e me abaixei cuidadosamente sobre o aterro. A superfície da água brilhava ao luar, estilhaçada sobre as rochas. Subi no Rochedo e enfiei a mão no bolso, coloquei o dinheiro em uma pilha e o pesei com uma pequena e organizada pirâmide de pedras.

No aterro olhei para trás.

O dinheiro e as pedras me pareciam pagãos, como uma oferenda.

Através do rico aroma verde das folhas, corri para casa.

## Capítulo Trinta e Nove

E então eu sentei na cama e escutei minha própria casa dormindo. Achei que seria impossível dormir, mas não contava com tensão e exaustão. Caí logo após o amanhecer, meu travesseiro úmido de suor.

Dormi mal — e tarde.

Olhei para o relógio e era quase meio-dia. Vesti minhas roupas e descí as escadas correndo, engoli a necessária tigela de cereal porque minha mãe estava lá reclamando de pessoas que dormiam o dia todo e para onde isso as levava quando adultas – principalmente prisão e desemprego – e fugi pela porta bem no chão.

pegajosa luz do sol de agosto.

De jeito nenhum eu ousei ir direto para a casa dos Chandler. E se eles tivessem descoberto que era eu?

Corri pela floresta até a Rocha.

A pequena pirâmide que eu tinha feito de pedras e dólares ainda estava lá.

À luz do dia já não parecia uma oferenda. Parecia uma pilha de merda de cachorro em cima de uma pilha de folhas. Ficou ali zombando de mim.

Eu sabia o que significava. Ela não tinha saído.

Eles a pegaram.

Ela ainda estava dentro.

Eu senti uma terrível sensação de mal estar no meu estômago e o cereal quase escorregou de novo. Eu estava com raiva e então eu estava com medo e então eu estava simplesmente confuso. Suponha que eles tenham decidido que fui eu quem jogou o ferrolho? Ou suponha que eles tivessem feito algo para Meg contar a eles?

O que eu deveria fazer agora?

Saia da cidade?

*Você poderia ir à polícia*, pensei. Você poderia ir ver o Sr. Jennings.



E então eu pensei, ótimo, e dizer a ele o quê? Que Ruth está torturando Meg há meses e eu sei que ela está de fato porque eu meio que estou ajudando?

Eu tinha visto programas policiais suficientes para saber o que era um cúmplice.

E eu conhecia um garoto - um amigo do meu primo de West Orange - que passou quase um ano em Juvenile por ficar bêbado com cerveja e roubar o carro do vizinho. Segundo ele, eles poderiam bater em você, eles poderiam drogá-lo, eles poderiam enfiar uma camisa de força em você se quisessem. E eles deixaram você sair quando estavam muito bem e prontos.

Deve haver alguma outra maneira, pensei.

Como Meg disse sobre ficar com o dinheiro, poderíamos tentar de novo. Pense melhor desta vez.

Se eles já não soubessem sobre mim.

Só havia uma maneira de descobrir isso.

Subi até o Rock e peguei as notas de cinco e as simples e as coloquei no bolso.

Então eu respirei fundo.

E então eu fui.

## Capítulo Quarenta

Willie me encontrou na porta e ficou claro que, mesmo que soubessem ou suspeitassem, Willie tinha outras coisas mais urgentes em mente.

"Vamos", disse ele.

Ele parecia exausto e cansado, porém excitado, os dois combinando para torná-lo mais feio do que nunca.

Você sabia que ele não tinha se lavado e seu hálito era ruim até mesmo para ele.

"Feche a porta atrás de você."

Eu fiz.

Nós descemos.

E Ruth estava lá, sentada em sua cadeira dobrável. E Woofer. Eddie e Denise empoleiraram-se na mesa de trabalho. E Susan sentou-se silenciosamente chorando ao lado de Ruth.

*Cada um deles sentado quieto enquanto no chão de concreto frio e úmido Donny estava gemendo em cima de Meg com as calças abaixadas nos tornozelos, estuprando-a, seu corpo nu amarrado com as mãos e os pés entre as vigas de suporte de quatro por quatro .*

E eu imaginei que Ruth finalmente mudou de ideia de uma vez por todas sobre tocar.

Eu me sinto doente.

Eu me virei para sair de lá.

"Unh-unh", disse Willie. "Você fica."

E a faca de trincar em sua mão e o olhar em seus olhos diziam que ele estava certo. Eu fiquei.

Eles estavam todos tão quietos lá que você podia ouvir as duas moscas zumbindo.

Parecia um sonho ruim e doentio. Então eu fiz o que você faz em um sonho. Passivamente, observei-o desenrolar-se.

Donny cobriu a maior parte dela. Eu podia ver apenas a parte inferior de seu corpo, suas pernas e coxas. Ou eles estavam muito machucados desde ontem ou ficaram muito sujos. As solas dos pés eram pretas.

Eu quase podia sentir seu peso em cima dela, pressionando para baixo, batendo-a no chão duro e áspero. Ela estava amordaçada, mas não com os olhos vendados. Atrás da mordaça eu podia ouvir sua dor e a indignação impotente.

Ele gemeu e arqueou de repente e agarrou seu seio queimado e então rolou lentamente para fora dela.

Ao meu lado, Willie respirou aliviado.

"Pronto", disse Ruth, assentindo. "É para isso que você serve."

Denise e Woofer riram.

Donny levantou as calças. Ele os fechou. Ele olhou para mim, mas não encontrou meus olhos. Eu não podia culpá-lo. Eu também não teria conhecido o dele.

"Você provavelmente aplaude agora", disse Ruth. "Mas não importa. Eles têm curas hoje em dia."

Susan de repente começou a soluçar.

"Mamãeee!"

Ela continuou balançando para frente e para trás em sua cadeira.

"Eu quero minha *mãeeee!*"

"Ah, cale a boca por que doncha?" disse Woofer.

"Sim", disse Eddie.

"Cala a boca", disse Ruth. "Cale-se!"

Ela chutou a cadeira. Ela recuou e chutou novamente e Susan caiu. Ela ficou lá gritando, raspando o chão com seus suspensórios.

"*Fique* aí!" disse Rute. "Você fica aí! Fique onde está." Então ela olhou ao redor para o resto de nós. "Quem mais quer uma vez?" ela disse. "Davy?"

Edi?

“Eu”, disse Willie.

Ruth olhou para ele.

"Eu não sei sobre isso", disse ela. "Seu irmão acabou de tê-la. Parece meio incesto para mim. Eu não sei."

“Ai, mãe!” disse Willie.

“Bem, isso *acontece*. Não que a putinha fosse dar a mínima. Mas eu me sentiria muito melhor se fosse Eddie ou Davy.”

“Davy não a *quer* pelo amor de Deus!”

"Claro que ele faz."

"Não, ele não!"

Ela olhou para mim. Desviei o olhar.

Ela deu de ombros. "Talvez não. O rapaz é sensato. Eu sei que não iria tocá-la. Mas então eu não sou um homem, sou. Eddie?"

"Eu quero cortá-la", disse Eddie.

"Sim. Eu também!" disse Woofer.

"Cortá-la?" Ruth parecia confusa.

“Você disse que poderíamos cortá-la, Sra. Chandler,” disse Denise.

"Eu fiz?"

“Claro que sim”, disse Woofer.

"Eu fiz? Quando? Cortá-la como?"

"Ei. Vamos, eu quero transar com ela,” disse Willie.

“Cala a boca”, disse Ruth. “Estou falando com Ralphie. Cortá-la como?”

“Coloque algo nela”, disse Ralphie. “Então as pessoas saberiam. Assim as pessoas saberiam que ela era uma prostituta.

"Está certo. Como uma letra escarlate ou algo assim”, disse Denise. “Como nos Quadrinhos Clássicos.”

"Ah, você quer dizer como marcá-la", disse Ruth. "Você quer dizer marcá-la, não cortá-la."

"Você disse para cortá-la", disse Woofer.

"Não me diga o que eu disse. Não conte para sua mãe."

"Você fez, Sra. Chandler", disse Eddie. "Honesto. Você disse para cortá-la."

"Eu fiz?"

"Eu te ouvi. Todos nós fizemos."

Rute assentiu. Ela pensou sobre isso. Então ela suspirou.

"OK. Vamos querer uma agulha. Ralphie, suba e pegue meu kit de costura no... acho que está no armário do corredor."

"OK."

Ele correu por mim.

Eu não podia acreditar que isso estava acontecendo.

"Ruth," eu disse. "Rute?"

Ela olhou para mim. Seus olhos pareciam tremer, estremecer nas órbitas.

"O que."

"Você não está realmente fazendo isso, está?"

"Eu disse que poderíamos. Então eu acho que nós vamos."

Ela se inclinou para perto de mim. Eu podia sentir o cheiro da fumaça do cigarro vazando de todos os poros.

"Você sabe o que a cadela tentou fazer na noite passada?" ela disse. "Ela tentou sair daqui. Alguém deixou a porta destrancada. Achamos que foi Donny porque ele foi o último a chegar ontem e, além disso, Donny gosta dela. Sempre foi. Então eu finalmente deixei ele tê-la. Você tem uma mulher, você não a quer mais."

Acho que Donny está curado agora.

"Mas é bom deixar as pessoas verem e saberem o que ela é. Você não acha?"

"Mãe", disse Willie. Ele estava choramingando agora.

"O que."

"Por que não posso?"

"Não pode o quê?"

"*Foda -se* ela!"

"Porque eu *disse* isso, caramba! É incesto! Agora você me deixa em paz com isso. Quer mergulhar na escória do seu próprio irmão? Isso que você quer? Não fale comigo. Você é nojento! Assim como seu maldito pai.

"Ruth," eu disse. "Você... você não pode fazer isso."

"Não pode?"

"Não."

"Não? Por que não?"

"Não é... não é certo."

Ela acordou. Ela se aproximou de mim e eu tive que olhar para ela. Eu tive que olhar diretamente nos olhos dela.

"Por favor, não me diga o que é certo, garoto," ela disse.

Sua voz era um grunhido baixo e trêmulo. Eu estava ciente dela tremendo com uma fúria que mal estava sob controle. Os olhos cintilaram como velas gotejantes. Eu dei um passo para trás. Eu pensei, meu Deus, esta era uma mulher que eu gostava uma vez. Uma mulher que eu achava engraçada, às vezes até bonita. Um dos caras.

Essa mulher me assustou pra caramba.

Ela vai te matar, pensei. Ela vai matar todos nós, incluindo seus próprios filhos, e nem se importa ou pensa nisso até mais tarde.

Se ela sente vontade.

"Não me diga," ela disse.

E eu acho que ela sabia o que estava em minha mente então. Acho que ela me leu completamente.

Não a preocupava. Ela se virou para Willie.

"Este menino tenta sair", disse ela. "Corte as bolas dele e entregue-as aqui para mim. Você entendeu?"

Willie retribuiu o sorriso. "Claro, mãe", disse ele.

Woofers entrou correndo na sala segurando uma caixa de sapato de papelão surrada. Ele o entregou a Ruth.

"Não estava lá", disse ele.

"Alto?"

"Não estava no armário. Estava no quarto sobre a cômoda."

"Oh."

Ela abriu. Eu peguei um vislumbre de barbante e novelos de linha, alfinetes, botões, agulhas. Ela o colocou sobre a mesa de trabalho e o remexeu.

Eddie saiu da mesa para dar espaço a ela e olhou por cima do ombro dela.

"Aqui vamos nós", disse ela. Ela se virou para Woofers, "nós temos que esquentar isso, ou ela vai pegar uma infecção".

Ela segurava uma agulha de costura longa e grossa.

A sala estava de repente crepitando com a tensão.

Olhei para a agulha e depois para Meg deitada no chão e ela estava olhando para ela também e Susan também.

"Quem pode fazer isso?" disse Eddie.

"Bem, para ser justo, cada um pode escrever uma carta. Tudo bem?"

"Excelente. O que vamos escrever?"

Ruth pensou sobre isso.

"Suponha que mantemos as coisas simples. Que tal escrevermos, 'eu fodo. Foda-me. Isso deveria fazê-lo'.

Isso deve dizer a quem precisa saber."

"Claro", disse Denise. "Isso vai ser ótimo." Para mim, naquele momento, ela se parecia com Ruth. A mesma luz trêmula em seus olhos, a mesma expectativa tensa.

“Uau”, disse Woofer. “São muitas cartas. Quase dois cada.”

Ruth contou, assentiu.

“Na verdade,” ela disse, “se David não quer entrar nisso, e eu suspeito que ele não quer, você pode fazer dois para cada um e eu fico com um. Davi?”

Eu balancei minha cabeça.

“Eu imaginei,” disse Ruth. Mas ela não parecia zangada ou zombando disso.

“Tudo bem”, disse Ruth. “Vou pegar o *I*. Vamos fazer isso.”

“Rute?” Eu disse. “*Rute?*”

Willie se aproximou de mim, movendo a faca de trincar em círculos lentos e preguiçosos logo abaixo do meu queixo. Ele me deixou muito nervoso porque você não poderia dizer com Willie. Olhei para Eddie e o vi mexer com a lâmina de seu próprio canivete suíço, os olhos frios e mortos como eu sabia que estariam antes mesmo de olhar. Depois, em Donny. Era um novo Donny. Também não houve ajuda dele.

Mas Ruth apenas se virou para mim, ainda sem raiva, parecendo calma e meio cansada. Quase como se ela estivesse tentando me dizer algo que eu deveria saber o tempo todo, estritamente para meu próprio benefício.

Como se ela estivesse fazendo algo muito bom para mim. Como se de todas as pessoas aqui nesta sala, eu fosse sua favorita.

“David,” ela disse, “eu estou lhe dizendo. Apenas deixe isso pra lá.”

“Eu quero ir, então,” eu disse. “Eu quero sair daqui.”

“Não.”

“Eu não quero ver isso.”

“Então não olhe.”

Eles iam fazer isso com ela. Woofer tinha fósforos.

Ele estava aquecendo a agulha.

Eu estava tentando não chorar.

“Eu também não quero ouvir.”



"Que pena", disse ela. "A menos que você tenha cera em seus ouvidos, você ouvirá bastante."

E eu fiz.

## Capítulo Quarenta e Um

Quando acabou e eles terminaram de limpá-la com álcool, fui até lá para ver o que eles tinham feito. Não apenas isso, mas ontem à noite e esta manhã também.

Foi a primeira vez que estive perto dela o dia todo.

Eles removeram a mordaca assim que terminaram, sabendo que ela estava muito fraca agora para dizer muito de qualquer maneira. Seus lábios estavam inchados e inchados. Um de seus olhos estava se fechando, ficando vermelho e roxo. Vi três ou quatro novos cigarros no peito e na clavícula e um na parte interna da coxa. A queimadura triangular do ferro de Ruth era uma bolha aberta agora. Havia hematomas nas costelas e nos braços, nas panturrilhas e nas coxas, onde Willie a havia cortado no dia anterior.

E lá estavam as palavras.

*EU ME FODA FODA*

Letras de duas polegadas. Tudo em maiúsculas. Meio queimado e meio cortado profundamente na carne em seu estômago.

Escrito no que parecia ser a mão trêmula e hesitante de um colegial de seis anos.

“Agora você não pode se casar”, disse Ruth. Ela estava sentada em sua cadeira novamente, fumando, abraçando os joelhos e balançando para frente e para trás. Willie e Eddie subiram para pegar Coca-Cola. O

quarto fedia a fumaça, suor e álcool. “Veja, está lá *para sempre*, Meggy”, disse ela. “Você não pode se despir. Não para qualquer um, nunca. Porque ele verá essas palavras lá.”

Olhei e percebi que era verdade.

Ruth a havia mudado.

Mudou-a para a vida.

As queimaduras e hematomas desapareceriam, mas isso permaneceria legível, ainda que fracamente, mesmo daqui a trinta anos. Era algo que ela

teria que pensar e explicar cada vez que ela ficasse nua na frente de alguém. Sempre que ela se olhava no espelho, ela o via ali e se lembrava. Eles aprovaram uma regra na escola este ano que dizia que os banhos eram obrigatórios depois da aula de ginástica. Como ela poderia lidar com isso, em uma sala cheia de adolescentes?

Ruth não estava preocupada. Era como se Meg fosse sua protegida agora.

"Você está melhor", disse ela. "Você vai ver. Nenhum homem vai querer você. Você não terá filhos. Vai ser muito melhor assim. Você é sortudo. Você pensou que é bom ser bonito? Para ser sexy? Bem, eu vou te dizer, Meggy. Uma mulher é mais *repugnante* neste mundo."

Eddie e Willie entraram rindo com um pacote de seis Cocas e os distribuíram. Peguei um deles e segurei, tentando manter a garrafa firme. O leve aroma doce de caramelo era doentio. Um gole e eu sabia que vomitaria. Eu estava tentando não desde que começou.

Donny não pegou um. Ele apenas ficou ao lado de Meg olhando para baixo.

"Você está certa, mãe," ele disse depois de um tempo. "Isso torna as coisas diferentes. O que escrevemos quero dizer. É estranho."

Ele estava tentando decifrá-lo. Então, finalmente, ele conseguiu lidar com isso.

"Ela não é mais tanto", disse ele.

Ele parecia um pouco surpreso e até um pouco feliz.

Rute sorriu. O sorriso era fino e trêmulo.

"Eu disse a você", disse ela. "Você vê?"

Eddie riu, se aproximou e a chutou nas costelas. Meg mal grunhiu. "Não. Ela não é muito," ele disse.

"Ela não é *nada*!" disse Denise. Ela tomou um gole de Coca-Cola.

Eddie a chutou novamente, desta vez com mais força, em total solidariedade com sua irmã.

Tire-me daqui, pensei.

Por favor. Me deixar ir.

“Acho que podemos amarrá-la de novo agora”, disse Ruth.

"Deixe-a ficar", disse Willie.

“Está frio lá embaixo. Não quero nariz escorrendo ou espirros. Leve-a de volta para cima e vamos dar uma olhada nela.

Eddie desamarrou seus pés e Donny libertou suas mãos do quatro por quatro, mas as manteve amarradas juntas e enrolou a linha em um dos pregos no teto.

Meg olhou para mim. Você podia ver o quão fraca ela era. Nem mesmo uma lágrima. Nem mesmo forças para chorar. Apenas um olhar triste e derrotado que dizia, você vê o que aconteceu comigo?

Donny puxou a linha e levantou os braços acima da cabeça. Ele a amarrou na mesa de trabalho, mas deixou um pouco de folga desta vez. Era desleixado e diferente dele – como se ele realmente não se importasse mais. Como se ela não valesse o esforço.

Alguma coisa tinha mudado.

Era como se, ao esculpir as letras nela, eles a tivessem despojado de todo o poder de excitar – de provocar medo, luxúria ou ódio. O que restava era tanta carne agora. Fraco. E de alguma forma desprezível.

Ruth ficou sentada olhando para ela como um pintor estudando sua tela.

"Há uma coisa que devemos fazer", disse ela.

"O que?" disse Donny.

pensou Rute. “Bem,” ela disse, “nós a pegamos então nenhum homem vai querê-la agora. O problema é, veja, Meg ainda pode querê -lo. Ela balançou a cabeça. “Vida de tormento lá.”

"Assim?"

Ela considerou. Nós a observamos.

"Diga-lhe o que você faz", disse ela finalmente. “Suba para a cozinha e pegue alguns jornais da pilha e traga-os para baixo. Bando deles. Coloque-os na pia atrás de nós aqui.

“Por que jornais? O que vamos fazer com os jornais?”

“*Ler* para ela?” disse Denise. Eles riram.

"Apenas faça isso", disse ela.

Ele subiu, pegou os papéis e desceu. Ele os jogou na pia ao lado da lavadora.

Rute se levantou.

"OK. Quem tem um fósforo? Estou fora."

“Eu tenho alguns,” disse Eddie.

Ele os entregou a ela. Ela se abaixou e pegou a chave de roda que eu tinha dado a Meg na noite passada.

Eu me perguntei se ela teve alguma chance de usá-lo.

"Aqui. Pegue isso”, disse ela. Ela entregou o ferro para Eddie. "Vamos."

Eles largaram as Cocas e passaram por mim. Todos queriam ver o que Ruth tinha em mente. Todos menos eu e Susan. Mas Susan apenas se sentou no chão onde Ruth tinha dito para ela se sentar e eu estava com a faca de Willie a cerca de meio metro da minha caixa torácica.

Então eu fui também.

“Enrole”, disse Ruth. Eles olharam para ela.

"Os papéis", disse ela. “Enrole-os bem e apertados. Em seguida, jogue-os de volta na pia.”

Woofers, Eddie, Denise e Donny fizeram o que ela disse. Ruth acendeu um cigarro com os fósforos de Eddie.

Willie ficou atrás de mim.

Olhei para a escada a poucos metros de distância. Acenando.

Eles enrolaram os papéis.

"Embale-os bem", disse Ruth.

Eles os enfiaram na pia.

"Veja, aqui está a coisa", disse Ruth. “Uma mulher não quer um homem em todo o seu corpo. Não. Ela só o quer em um lugar em particular. Sabe o que

quero dizer, Denise? Não? Ainda não? Bem, você vai. A mulher quer um homem em um determinado lugar e isso é bem aqui entre suas pernas.”

Ela apontou, então pressionou a mão no vestido para mostrá-los. Eles pararam de rolar.

"Um pequeno ponto", disse ela. "Agora. Você tira aquela mancha, e sabe o que acontece? Você tira todo o desejo dela.

"Mesmo. Você tira para sempre. Ele apenas funciona. Eles fazem isso em alguns lugares o tempo todo, como se fosse apenas a coisa normal a se fazer, quando uma garota atinge uma certa idade, eu acho. Impede que ela se desvie. Lugares como, ah, não sei, África e Arábia e Nova Guiné. Eles consideram isso uma prática civilizada lá embaixo.

“Então eu imagino, por que não aqui? *Vamos apenas tirar aquele pequeno ponto.*

“ *Nós vamos queimá-la. Queime -o.* Usaremos o ferro.

"E então ela vai ser... perfeita."

A sala ficou em silêncio enquanto eles a encaravam por um momento, sem acreditar muito no que estavam ouvindo.

Eu acreditei nela.

E o sentimento que eu estava tentando entender por dias agora finalmente veio junto para mim.

Comecei a tremer como se estivesse nua em um vento rude de dezembro. Porque eu podia ver, cheirar, ouvir seus gritos. Eu podia ver todo o caminho até o futuro de Meg, até *o meu* futuro — as consequências vivas de tal ato.

E eu sabia que estava sozinho nisso.

As outras — até Ruth, por toda a impulsividade que a transformara em carcereira, por toda a sua inventividade com a dor, por toda a sua conversa sobre o que poderia ter sido se ela tivesse mantido o emprego e não conhecido Willie Sr. tinham filhos — os outros não tinham imaginação.

Nenhum. Nenhuma. Eles não tinham ideia.

Para todos, menos para eles mesmos, para tudo, menos para o momento, eles eram cegos, vazios.

E eu tremia, sim. Com razão. Com compreensão.

Fui capturado por selvagens. Eu tinha vivido com eles. Eu tinha sido um deles.

Não. Não selvagens. Na verdade, não.

Pior que isso.

Mais como uma matilha de cães ou gatos ou enxames de formigas vermelhas ferozes com as quais Woofer gostava de brincar.

Como algumas outras espécies completamente. Alguma inteligência que só parecia humana, mas não tinha acesso aos sentimentos humanos.

Fiquei entre eles inundado pela alteridade.

Pelo mal.

Eu parei para as escadas.

Ouvi Willie xingar e senti sua faca roçar a parte de trás da minha camisa. Agarrei o corrimão de madeira e subi as escadas.

Eu tropecei. Abaixo de mim, vi Ruth apontando, gritando, sua boca um grande buraco negro e vazio. Senti a mão de Willie agarrar meu pé e puxar. Ao meu lado havia latas de tinta e um balde. Eu os arrastei escada abaixo atrás de mim e o ouvi xingar novamente e Eddie também enquanto eu puxava meu pé para longe. Eu fiquei de pé. Eu bati cegamente pelas escadas.

A porta estava aberta. Eu abri a tela.

O calor do verão tomou conta de mim em uma única onda pesada. Eu não podia gritar. Eu tive que ofegar por ar. Eu os ouvi perto de mim. Eu pulei escada abaixo.

"Jogada!" Donny gritou.

Então, de repente, ele estava em cima de mim, o impulso de seu salto do patamar me derrubando e tirando o fôlego de mim e rolando-o para longe de mim. Eu era mais rápido do que ele. Eu fiquei de pé. Eu vi Willie ao meu lado, bloqueando meu caminho para minha casa. Eu vi a faca brilhar à luz do sol. Eu não tentei.

Passei correndo pelos braços estendidos de Donny pelo pátio em direção à floresta.

Eu estava no meio do caminho quando Eddie me acertou, se jogou com força na parte de trás das minhas pernas. Eu caí e de repente ele estava em cima de mim, socando, chutando, tentando arrancar meus olhos. Eu rolei e torci. Eu tinha peso nele. Eu lutei com ele. Ele agarrou minha camisa. Deixei rasgar e me afastei. Eu tropecei para trás e então Donny estava em cima de mim também e então Willie e foi só quando eu senti a faca de Willie na minha garganta e senti cortar que eu parei de lutar.

"Dentro, boceta", disse ele. "E nem uma porra de palavra!"

Eles marcharam comigo de volta.

A visão da minha própria casa me atormentava. Continuei olhando para ele em busca de sinais de vida, mas não havia nenhum.

Subimos e descemos na escuridão fria e cheirando a tinta.

Eu coloquei minha mão na minha garganta. Meus dedos ficaram molhados com apenas um pouco de sangue.

Ruth ficou ali, os braços cruzados apertados sobre os seios.

"Tolo," ela disse. "Agora, onde diabos você estava indo?"

Eu não respondi.

"Bem, acho que você está com ela agora", disse ela. "Não sei o que diabos vamos fazer com todos vocês."

Ela balançou a cabeça. Então ela riu.

"Apenas fique feliz por você não ter uma daquelas *pequenas manchas* como ela tem. Claro, então, você tem outra coisa com que se preocupar, não é?"

Denise riu.

"Willie, você vai pegar uma corda. Acho melhor amarrá-lo, caso ele sinta vontade de vagar novamente.

Willie entrou no abrigo. Ele voltou com um pequeno pedaço de corda e entregou a faca a Donny. Donny segurou enquanto Willie amarrava minhas mãos atrás de mim.



Todos assistiram e esperaram.

E desta vez Donny parecia não ter nenhum problema em me olhar nos olhos.

Quando terminaram, Ruth virou-se para Woofer e entregou-lhe os fósforos.

“Ralfia? Você quer as honras?”

Woofer sorriu, acendeu um fósforo e se inclinou sobre a pia. Ele estendeu a mão para trás e acendeu um canto de um dos papéis enrolados. Então ele acendeu outro canto mais perto dele.

Ele deu um passo para trás. O papel começou a queimar intensamente.

“Você sempre gostou de uma fogueira”, disse Ruth. Ela se virou para o resto deles. Ela suspirou.

“Quem quer fazer isso agora?” ela disse.

“*Eu tenho,*” disse Eddie.

Ela olhou para ele, sorrindo um pouco. Parecia-me o mesmo olhar que uma vez, não muito tempo atrás, tinha sido reservado para mim.

Acho que eu não era mais seu filho favorito no quartoirão.

“Pegue a chave de roda,” ela disse.

E Eddie fez.

Eles o seguraram contra as chamas. Foi muito tranquilo.

Quando ela julgou que estava quente o suficiente, ela disse a ele para removê-lo e todos nós voltamos para dentro.

## Capítulo Quarenta e Dois

Eu não vou te falar sobre isso.

Eu me recuso.

Há coisas que você sabe que vai morrer antes de contar, coisas que você sabe que deveria ter morrido antes mesmo de ter visto.

Eu assisti e vi.

## Capítulo Quarenta e Três

Ficamos amontoados no escuro.

Eles haviam removido a luz de trabalho e fechado a porta e estávamos sozinhos, Meg, Susan e eu, deitados nos colchões de ar que Willie pai havia providenciado para sua família.

Eu podia ouvir passos passando da sala de estar para a sala de jantar e voltando. Passos pesados. Donny ou Willie. Então a casa ficou em silêncio.

Exceto pelos gemidos de Meg.

Ela desmaiou quando a tocaram com o ferro, ficou rígida e de repente manca como se tivesse sido atingida por um raio. Mas agora uma parte dela estava lutando para voltar à consciência novamente. Eu estava com medo de pensar como seria para ela uma vez que ela acordasse. Eu não podia imaginar a dor. Não essa dor.

Eu não queria.

Eles nos desamarraram. Pelo menos nossas mãos estavam livres.

Eu poderia cuidar dela de alguma forma.

Eu me perguntei o que eles estavam fazendo lá em cima agora. O que eles estavam pensando. Eu poderia imaginá-los. Eddie e Denise teriam ido jantar em casa. Ruth estaria deitada na cadeira com os pés apoiados na almofada, um cigarro aceso no cinzeiro ao lado dela, olhando para a tela em branco da televisão. Willie se esparramou no sofá, comendo. Woofer de bruços no chão. E Donny sentado em uma das cadeiras de costas retas da cozinha, talvez comendo uma maçã.

Haveria jantares de TV congelados no forno.

Eu estava com fome. Eu não tinha comido nada desde o café da manhã agora.

Jantar. Eu pensei sobre isso.

Quando eu não voltava para casa para comer, meus pais ficavam zangados. Então eles começariam a se preocupar.

*Meus pais se preocupariam .*

Duvido que alguma vez tenha me ocorrido antes exatamente o que isso significava.

E por um momento eu os amei tanto que quase chorei.

Então Meg gemeu novamente e pude senti-la tremer ao meu lado.

Pensei em Ruth e nos outros sentados no silêncio do andar de cima. Quer saber o que fazer com a gente.

Porque estar aqui mudou tudo.

Depois de hoje eles não podiam confiar em mim. E ao contrário de Meg e Susan, eu faria falta.

Meus pais viriam me procurar? Claro, claro que eles iriam. Mas *quando*? Eles me procurariam aqui? Eu não tinha dito a eles onde diabos eu estaria.

Bobo, Davi.

Outro erro. Você sabia que poderia estar em apuros aqui.

Senti a escuridão apertada ao meu redor, me tornando menor de alguma forma, apertando meu espaço e limitando minhas opções, meu potencial. E tive uma pequena noção de como deve ter sido para Meg todas essas semanas, sozinha aqui embaixo.

Você quase poderia desejar que eles voltassem apenas para aliviar a tensão da espera, a sensação de isolamento.

Na escuridão, percebi, você tende a desaparecer.

“Davi?”

Era Susan e ela me assustou. Acho que foi a única vez que a ouvi falar comigo — ou com alguém, aliás —

sem falar primeiro.

Sua voz era um sussurro assustado e trêmulo. Como se Ruth ainda estivesse na porta ouvindo.

“Davi?”

"Sim? Você está bem, Susana?

"Estou bem. Davi? Você me odeia?"

"Odeio você? Não, claro que não. Por que eu deveria... ?"

"Você deve. Meg deveria. Porque a culpa é minha."

"Não é sua culpa, Susan."

"Sim, ele é. É tudo culpa minha. Sem mim, Meg poderia ter ido e não ter voltado."

"Ela *tentou* , Susan. Eles a pegaram."

"Você não *entende*."

Mesmo sem vê-la, você poderia dizer o quanto ela estava tentando não chorar.

"Eles a pegaram no *corredor* , David."

"Huh?"

"Ela veio me buscar. Ela saiu, de alguma forma."

"Eu a *soltei* . Deixei a porta aberta."

"E ela subiu as escadas e entrou no meu quarto e colocou a mão aqui, sobre a minha boca para que eu ficasse quieta e ela me levantou da cama. E ela estava me carregando pelo corredor quando Ruth, quando Ruth..."

Ela não conseguia mais se conter. Ela chorou. Estendi a mão e toquei seu ombro.

"Ei, está tudo bem. Está tudo bem."

"... quando Ruth saiu do banheiro dos meninos - acho que ela nos ouviu, sabe - e ela agarrou Meg pelos cabelos e a jogou no chão e eu caí bem em cima dela para que ela não pudesse se mexer no começo e então Willie saiu e Donny e Woofers e eles começaram a bater nela, bater nela e chutá-la. E então Willie foi até a cozinha e pegou uma faca e colocou bem aqui na garganta dela e disse que se ela se mexesse ele cortaria sua cabeça. Ele cortou a cabeça dela fora o que ele disse.

"Então eles nos levaram para baixo. Mais tarde, eles jogaram meu aparelho no chão. Este está preso."

Eu o ouvi chacoalhar.

“E então eles bateram nela mais um pouco e Ruth usou o cigarro nela... nela...”

Ela deslizou e eu coloquei meu braço em volta dela enquanto ela chorava em meu ombro.

“Eu não entendo,” eu disse. “Ela ia voltar para você. Íamos dar um jeito. Porque agora? Por que ela tentou te levar? Por que ela tentou levar você com ela?”

Ela enxugou os olhos. Eu a ouvi fungar.

“Eu acho que porque... Ruth,” ela disse. “Ruth... me toca. Lá embaixo... você sabe... lá embaixo. E uma vez ela... ela me fez sangrar. E Meg... eu disse a Meg... e ela ficou brava com isso... muito brava e ela disse a Ruth que sabia e Ruth bateu nela de novo, bateu nela com uma pá da lareira e...

Sua voz quebrou.

"Eu sinto Muito! Eu não quis dizer isso. Ela deveria ter ido! Ela *deveria* ter! Eu não queria que ela se machucasse. Eu não pude evitar! Eu odeio quando ela me toca! Eu *odeio* Ruth! Eu a *odeio*. E eu disse a Meg... eu contei a ela o que ela fez e é por isso que eles a pegaram. É por isso que ela veio para mim. Por minha causa, David. Por *minha causa* !”

Eu a segurei e foi como embalar um bebê, ela se sentia tão frágil.

“Shhh. Fácil. Vai ficar tudo bem.”

Pensei em Ruth tocando-a. Eu poderia imaginar. A garotinha quebrada e indefesa, incapaz de lutar, a mulher com os olhos vazios e brilhantes como a superfície de um riacho que corre rápido. Então eu bloqueei isso da minha mente.

Depois de um longo tempo ela se acalmou.

“Eu tenho algo,” ela disse, fungando. “Eu dei para Meg. Alcance atrás da perna mais distante da mesa de trabalho. Passado onde Meg está. Sinta-se ao redor.”

Eu fiz. Eu vim com um maço de fósforos e o toco de uma vela de cinco centímetros.

“Onde você...?”

“Eu tirei isso de Ruth.”

Acendi a vela. Seu brilho de mel encheu o abrigo. Isso me faz sentir melhor.

Até que eu vi Meg.

Até que nós dois fizemos.

Ela estava deitada de costas, coberta até a cintura com um velho e fino lençol sujo que eles jogaram sobre ela. Seus seios e ombros estavam nus. Ela tinha hematomas em todos os lugares. Suas queimaduras estavam abertas, líquido escorrendo.

Mesmo durante o sono, os músculos de seu rosto repuxavam sua pele de dor. Seu corpo tremeu.

A escrita brilhava.

*EU ME FODA FODA*

Olhei para Susan e pude ver que ela ia chorar de novo.

"Vire-se", eu disse.

Porque era ruim. Tudo isso era ruim.

Mas o pior de tudo não era o que tinham feito com ela, mas o que ela estava fazendo consigo mesma.

Seus braços estavam fora do lençol. Ela dormiu.

*E as unhas sujas e irregulares de sua mão trabalhavam constantemente e profundamente contra seu cotovelo esquerdo até o pulso.*

Ela estava rasgando a cicatriz.

Rasgando-o aberto.

O corpo, maltratado e espancado, voltava-se finalmente contra si mesmo.

“Não olhe,” eu disse. Tirei minha camisa e consegui morder e rasgar a costura. Rasguei duas tiras do fundo.

Afastei os dedos de Meg. Enrolei a camisa com força duas vezes ao redor de seu braço. Depois amarrei em cima e embaixo. Ela não poderia fazer muito dano agora.

“Ok,” eu disse.

Susana estava chorando. Ela tinha visto. O suficiente para saber.

"*Por que?*" ela disse. "Por que ela faria isso?"

"Eu não sei."

Mas eu fiz, de certa forma. Eu quase podia sentir a raiva de Meg consigo mesma. Por falhar. Por não ter conseguido se libertar, por ter falhado consigo mesma e com a irmã. Talvez até por ser o tipo de pessoa com quem isso pudesse acontecer em primeiro lugar. Por permitir que isso acontecesse e pensar que ela passaria por isso de alguma forma.

Era injusto e errado da parte dela se sentir assim, mas achei que entendia.

Ela tinha sido enganada – e agora aquela mente boa e clara estava zangada consigo mesma. *Como eu pude ser tão estúpido?* Quase como se ela merecesse sua punição agora. Ela foi enganada pensando que Ruth e os outros eram humanos da mesma forma que ela era humana e que, consequentemente, isso só poderia ir tão longe. Só até agora. E não era verdade. Eles não eram os mesmos. Ela percebeu isso. Muito tarde.

Observei os dedos sondarem a cicatriz.

Havia sangue escorrendo pela camisa. Ainda não muito. Mas eu senti a estranha e triste ironia de saber que eu poderia ter que usar a camisa para amarrá-la novamente, eventualmente, a fim de contê-la.

No andar de cima, o telefone tocou.

"Pegue", ouvi Ruth dizer. Passos cruzaram a sala. Ouvi a voz de Willie e depois uma pausa e depois a voz de Ruth, falando ao telefone.

Eu me perguntei que horas eram. Olhei para a pequena vela e me perguntei quanto tempo duraria.

A mão de Meg se afastou da cicatriz.

Ela engasgou e gemeu. Suas pálpebras tremeram.

?

"Meg "

Ela abriu os olhos. Estavam vidrados de dor.

Seus dedos voltaram para a cicatriz novamente.



“Não,” eu disse. “Não faça isso.”

Ela olhou para mim, sem compreender a princípio. Então ela tirou a mão.

“Davi?”

"Sim. Wsou eu. E Susan está aqui.

Susan se inclinou para frente para poder vê-la e os cantos da boca de Meg se ergueram no mais pálido fantasma de um sorriso. Então até isso pareceu doer.

Ela gemeu. “Oh Deus,” ela disse. "Isso dói."

“Não se mova,” eu disse. “Eu sei que sim.”

Puxei o lençol até o queixo dela.

"Há alguma coisa... alguma coisa que você quer que eu...?"

“Não”, ela disse. "Apenas me deixe... Oh Deus."

“Meg?” disse Susana. Ela estava tremendo. Ela estendeu a mão sobre mim, mas não conseguiu alcançá-la.

“Sinto muito, Meg. Eu sinto Muito. Eu sinto Muito."

“Está tudo bem, Suz. Nós tentamos. Está bem. Seu ..."

Você quase podia sentir a dor elétrica percorrê-la.

Eu não conseguia pensar no que fazer. Continuei olhando para a vela como se a luz fosse me dizer alguma coisa, mas não disse. Nenhuma coisa.

“Onde... onde eles estão?” ela disse.

"Lá em cima."

“Eles vão ficar? É... noite?

"Quase. Perto da hora do jantar. Eu não sei. Não sei se eles vão ficar."

“Eu não posso... David? Eu não aguento mais. Você sabe?"

"Eu sei."

“Eu não posso.”

"Descanso. Apenas descanse." Eu balancei minha cabeça.

"O que?" ela disse.

"Eu continuo desejando que houvesse algo..."

"O que?"

"... para *machucá* -los. Para nos tirar daqui."

"Não há nada. Nenhuma coisa. Você não sabe quantas noites eu..."

"Tem isso," disse Susan.

Ela ergueu a braçadeira.

Eu olhei para ele. Ela estava certa. Era de alumínio leve, mas se você pegasse a extremidade do poste e girasse o suporte articulado, poderia causar algum dano.

Não o suficiente, no entanto. Não contra Willie e Donny ambos. E Rute. Você não poderia subestimá-la.

Talvez se eles fossem gentis o suficiente para entrar um de cada vez com alguns minutos de espaço entre eu poderia ter tido uma chance, mas isso era muito improvável. Eu nunca fui muito de um lutador de qualquer maneira.

Tudo o que você precisava fazer era perguntar ao Eddie.

Precisaríamos de outra coisa.

Eu olhei em volta. Eles tinham removido quase tudo. O extintor de incêndio, o rádio, as caixas de comida, até o despertador e a bomba de ar para os colchões tinham desaparecido. Eles até pegaram o comprimento do varal com o qual nos amarraram. Tudo o que tínhamos era a mesa de trabalho – quase pesada demais para se mover sozinha e muito menos jogar – os colchões, o lençol de Meg, seu copo de plástico e as roupas em nossas costas. E os fósforos e a vela.

E então eu vi um uso para os fósforos e a vela.

Pelo menos poderíamos trazê-los para cá quando *quiséssemos* e não quando quiséssem. Poderíamos confundi-los e surpreendê-los. Isso era algo. Algo.

Eu respirei fundo. Uma ideia estava se formando.

"Ok," eu disse. "Você quer tentar algumas coisas?"

Susan assentiu. Fracamente, Meg também.

“Pode não funcionar. Mas é possível.”

"Vá", disse Meg. "Faça." Ela gemeu.

“Não se mova,” eu disse. “Eu não preciso de você.”

"OK. Apenas faça isso”, disse ela. "Pegue eles."

Tirei meus tênis de cano alto Keds e puxei os cadarços e os amarrei juntos. Então tirei os sapatos de Susan e amarrei seus cadarços nos meus, de modo que eu tivesse cerca de três metros e meio de linha para trabalhar.

Deslizei uma ponta em volta da dobradiça inferior da porta e amarrei-a bem e passei a linha até a primeira das vigas de suporte de quatro por quatro, e amarrei-a a cerca de sete centímetros do chão. Deu-me um fio de tropeçar correndo em um pequeno ângulo de porta a viga, cortando cerca de um terço do lado esquerdo da sala quando você entrou.

“Ouça,” eu disse. “Isso vai ser difícil. E perigoso. Quero dizer, não serão apenas eles. Eu quero fazer uma fogueira aqui. Bem ali na frente da mesa, pouco antes do meio da sala. Eles sentirão o cheiro da fumaça e descerão. E espero que alguém atinja essa linha lá. Enquanto isso, posso ficar do outro lado da porta com um dos suspensórios de Susan.

“Mas haverá muita fumaça e não há muito ar. É melhor eles virem rápido ou teremos problemas. Vê o que quero dizer?”

“Vamos gritar”, disse Susan.

"Sim. Espero que dê certo. Mas temos que esperar um pouco para que sintam o cheiro da fumaça. As pessoas ficam em pânico perto do fogo e isso vai ajudar. O que você acha?"

“O que posso *fazer* ?” disse Susana.

Eu tive que sorrir. “Não muito, Suz.”

Ela pensou sobre isso, a delicada menininha tem traços muito graves.

“*Eu* sei o que posso fazer. Eu poderia ficar aqui perto dos colchões e se alguém tentar passar eu posso tropeçar neles!”

“Ok, mas cuidado. Não há mais ossos quebrados. E certifique-se de me dar bastante espaço para balançar essa coisa.

"Eu irei."

“Meg? Está tudo bem com você?”

Ela parecia pálida e fraca. Mas ela assentiu.

"Qualquer coisa", disse ela.

Tirei minha camiseta.

“Eu vou... eu vou precisar do lençol,” eu disse.

"Pegue."

Eu o desenhei cuidadosamente dela.

Ela moveu as mãos para cobrir onde eles a queimaram. Mas não antes de ver o ferimento preto-vermelho brilhante. Estremeci e Meg me viu e virou o rosto. Através da camisa ela começou a trabalhar na cicatriz novamente. Eu não tive coragem de detê-la, de chamar a atenção para o que ela estava fazendo.

E de repente eu mal podia esperar para usar aquela cinta em alguém. Embrulhei o lençol e o coloquei onde queria, na frente da mesa. Coloquei minha camiseta e meias por cima.

“A minha também,” disse Susan.

Eles não faziam muita diferença, mas ela precisava ajudar, então eu os tirei dela e os coloquei também.

"Você quer a camisa?" disse Meg.

"Não. Você fica com isso."

"Tudo bem", disse ela. As unhas continuaram cavando.

Seu corpo parecia velho, os músculos finos e frouxos.

Peguei o suporte de Susan e o coloquei contra a parede perto da porta. Então peguei o toco de vela e caminhei até a pilha.

Meu estômago deu um nó de medo.

“Vamos,” eu disse e baixe a vela.

## Capítulo Quarenta e Quatro

O fogo queimava baixo, mas havia fumaça. Ele caiu até o teto e ondulava para fora. Nossa própria nuvem de cogumelo, dentro do abrigo.

Em segundos, encheu a sala. Eu mal podia ver Meg deitada no chão. Nossa tosse era real.

À medida que a fumaça ficava mais espessa, nossos gritos também aumentavam.

Você podia ouvir as vozes lá em cima. Confusão. Medo. Em seguida, o barulho de passos descendo as escadas. Eles estavam correndo. Eles estavam preocupados. Isso foi bom. Segurei firme no suporte e esperei ao lado da porta.

Alguém se atrapalhou com o parafuso. Então a porta se abriu e Willie ficou na luz do porão praguejando enquanto a fumaça o cobria como uma névoa repentina. Ele cambaleou para dentro. Ele bateu na linha de cadarços e tropeçou, caiu e derrapou pelo chão na pilha de cabeça, gritando, batendo no trapo queimando em sua bochecha e no chiado gorduroso que estava derretendo em sua testa.

Ruth e Donny empurraram ombro a ombro, Donny mais perto de mim, tentando entender o que estava acontecendo através da fumaça. Eu balancei a cinta. Eu vi sangue voar da cabeça de Donny manchando Ruth e a porta quando ele caiu, agarrando-se a mim. Baixei o suporte como um machado, mas ele se afastou. A braçadeira caiu no chão. Então, de repente, Ruth estava passando por mim em direção a Susan.

*Susana . Seu peão. Seu escudo.*

Eu girei e girei a cinta e a peguei nas costelas e nas costas, mas não foi o suficiente para detê-la.

Ela foi rápida. Eu estava atrás dela, levantando a órtese do chão como uma tacada de costas no tênis, mas ela alcançou o peito esquelético de Susan e a empurrou contra a parede, então enfiou a mão em seu cabelo e o puxou para trás. Ouvi um baque como uma abóbora caída e Susan deslizou pela parede.

Eu chicoteei a cinta na parte inferior das costas de Ruth com tudo que eu tinha. Ela uivou e caiu de joelhos.

Vi um movimento com o canto do olho. Eu mudei.

Donny estava de pé, vindo em minha direção através da fumaça rala. Então Willie.

Eu chicoteei a cinta para frente e para trás na minha frente. Eles se moveram lentamente no início, com cuidado. Eles estavam perto o suficiente para que eu pudesse ver como o rosto de Willie estava queimado, um olho fechado e lágrimas escorrendo. Havia sangue na camisa de Donny.

Então Willie veio baixo, me apressando. Eu girei a cinta e ela bateu em seu ombro, correu para cima e bateu em um batente ruidoso contra seu pescoço. Ele gritou e caiu.

Eu vi Donny dar uma guinada para frente e puxei a órtese, ouvi um som arranhando atrás de mim.

Ruth se jogou nas minhas costas, arranhando-me, silvando como um gato. Eu tropecei sob o peso tortuoso.

Meus joelhos dobraram. Eu caí. Donny se moveu para frente e eu senti uma dor repentina na minha bochecha e meu pescoço estalou para trás. De repente, cheirei a couro. Couro de sapato. Ele me chutou como você chuta uma bola de futebol. Eu vi uma luz ofuscante. Meus dedos tentaram apertar contra o suporte, mas ele não estava mais lá. Ele se foi. A luz brilhante desvaneceu rapidamente para preto. Eu me mexi de joelhos.

Ele me chutou no estômago. Desci, ofegante. Tentei me levantar novamente, mas meu equilíbrio estava errado. Senti uma onda de mal-estar e confusão. Então alguém estava me chutando também, minhas costelas, meu peito. Eu me encolhi, apertei meus músculos e esperei a escuridão clarear. E ainda estavam me chutando e xingando. Mas estava começando a funcionar, eu estava começando a ver, finalmente o suficiente para saber onde estava a mesa, então rolei até ela, rolei embaixo dela, olhando para as pernas de Ruth e Donny na minha frente – e então eu ficou confuso novamente porque havia outro par de pernas onde Meg deveria estar, exatamente onde Meg deveria estar deitada no tapete.

Pernas nuas. Queimado e com cicatrizes.

*da Meg.*

"Não!" Eu gritei.

Saí de baixo. Ruth e Donny se viraram e se moveram em direção a ela.

"Você!" Rute gritou. "Você! Você! *Você!*"

E eu ainda não sei o que Meg pensava que estava fazendo, se ela realmente achava que poderia ajudar —

talvez ela estivesse apenas cansada disso, cansada de Ruth e morrendo de dor, cansada de tudo — mas ela deveria saber para onde iria toda a fúria de Ruth, não para mim ou para Susan, mas direto para ela como uma flecha venenosa perfeita e maligna.

Mas não havia nenhum medo nela. Seus olhos eram duros e claros. E fraca como estava, conseguiu dar um passo à frente.

Ruth correu contra ela como uma louca. Agarrou sua cabeça entre as duas mãos como um evangelista, curando.

E então o esmagou contra a parede.

O corpo de Meg começou a tremer.

Ela olhou para Ruth, diretamente em seus olhos, e por um momento seus olhos ficaram com uma expressão perplexa, como se mesmo agora ela estivesse perguntando a Ruth *por quê. Por que.*

Então ela caiu. Direto para o colchão de ar como um saco desossado.

Ela tremeu um pouco mais e então parou.

Estendi a mão para a mesa em busca de apoio.

Ruth apenas ficou olhando para a parede. Como se ela não acreditasse que Meg ainda não estivesse ali. Seu rosto um branco acinzentado.

Donny e Willie também estavam de pé.

O silêncio na sala foi súbito e imenso.

Donny se abaixou. Ele colocou a mão em seus lábios, então em seu peito.

"Ela está... respirando?"

Eu nunca tinha ouvido Ruth tão pequena.

"Sim. Um pouco."

Rute assentiu. "Cubra-a", disse ela. "Cubra-a. Deixe-a coberta."

Ela acenou com a cabeça novamente para ninguém em particular e então se virou e atravessou a sala com tanto cuidado e lentidão como se estivesse atravessando um vidro quebrado. Na porta ela parou para se equilibrar. Então ela se afastou.

E então éramos apenas nós, crianças.

Willie foi o primeiro a se mexer. "Vou pegar alguns cobertores", disse ele.

Ele estava com a mão no rosto cobrindo o olho. Metade de seu cabelo estava queimado.

Mas ninguém parecia mais zangado.

Na frente da mesa o fogo ainda ardia, levantando nuvens de fumaça.

"Sua mãe ligou," Donny murmurou.

Ele estava olhando para Meg.

"Huh?"

"Sua mãe", disse ele. "Ela chamou. Queria saber onde você estava. Atendi o telefone. Ruth conversou com ela.

Eu não tive que perguntar o que ela disse a ela. Eles não tinham me visto.

"Onde está Woofer?"

"Ele comeu no Eddie's."

Peguei a braçadeira e a trouxe para Susan. Eu não acho que ela sabia ou se importava. Ela estava olhando para Meg,

Willie voltou com os cobertores. Ele olhou para cada um de nós por um momento e jogou os cobertores no chão e depois se virou e saiu novamente.

Nós o ouvimos subindo as escadas.

— O que você vai fazer, Donny? Eu perguntei a ele.

"Eu não sei", disse ele.



Sua voz parecia monótona e desfocada, atordoada, como se ele tivesse sido chutado na cabeça em vez de mim.

“Ela pode morrer,” eu disse. “Ela *vai* morrer. A menos que você faça alguma coisa. Ninguém mais vai. Você sabe disso. Ruth não vai. Willie não vai.

"Eu sei."

“Então faça alguma coisa.”

"O que?"

"Algo. Diga a alguém. Os policiais."

"Eu não sei", disse ele.

Ele pegou um dos cobertores do chão e a cobriu como Ruth havia dito. Ele a cobriu com muita delicadeza.

"Eu não sei", disse ele. Ele balançou sua cabeça.

Então ele se virou. "Eu tenho que ir."

“Deixe-nos a luz de trabalho, hein? Pelo menos fazer isso? Para que possamos cuidar dela?”

Ele pareceu pensar por um momento.

"Sim. Claro", disse ele.

“E um pouco de água? Um pano e um pouco de água?”

"OK."

Ele saiu para o porão e ouvi a água correndo. Ele voltou com um balde e alguns trapos e os colocou no chão.

Então ele pendurou a luz de trabalho no gancho no teto. Ele não olhou para nós. Nem uma vez.

Ele alcançou a porta.

"Vejo você", disse ele.

"Sim", eu disse. "Vê você."

E então ele fechou a porta.

## Capítulo Quarenta e Cinco

A longa noite fria se aproximava.

Não recebemos mais visitas de cima.

A casa estava quieta. Podíamos ouvir vagamente o rádio no quarto dos meninos, o Everly cantando “All I Have To Do Is Dream”, de Elvis “Hard Headed Woman”. Cada música zombava de nós.

A essa altura, minha mãe estaria frenética. Eu podia imaginá-la ligando para todas as casas do quarteirão para ver se eu estava lá, acampando ou apenas passando a noite em algum lugar sem dizer a ela. Então meu pai chamaria a polícia. Fiquei esperando aquela batida soando oficial na porta. Eu não conseguia imaginar por que eles não tinham vindo.

A esperança se transformou em frustração, frustração em raiva, raiva em uma resignação maçante. Então o ciclo recomeçou. Não havia nada a fazer a não ser esperar e banhar o rosto e a testa de Meg.

Ela estava febril. A parte de trás de sua cabeça estava pegajosa com crostas de sangue.

Entramos e saímos do sono.

Minha mente ficava presa a cantigas, jingles. *Use Ajax! O limpador de espuma-da-da-da-da-dadum-dum.*

*Lave a sujeira direto no ralo-da-da-da-da-da-dum. Sobre o rio e através da floresta... o rio e através da floresta... o rio e através do ...* eu não conseguia segurar nada. Eu também não conseguia largar nada.

Às vezes Susan começava a chorar.

Às vezes, Meg se mexia e gemia.

Eu ficava feliz quando ela gemia. Significava que ela estava viva.

Ela acordou duas vezes.

A primeira vez que ela acordou eu estava passando o pano em seu rosto e estava prestes a parar por um tempo quando ela abriu os olhos. Eu quase deixei cair de tão surpreso. Então escondi atrás de mim porque estava rosa de sangue e eu não queria que ela visse. De alguma forma, a ideia realmente me incomodou.

“Davi?”

"Sim."

Ela parecia ouvir. Olhei em seus olhos e vi que uma de suas pupilas estava com a metade do tamanho da outra e me perguntei o que ela estava vendo.

"Você a ouve?" ela disse. "Ela está lá?"

“Só ouço rádio. Ela está lá, no entanto.

"O rádio. Sim." Ela assentiu lentamente.

"Às vezes eu a ouço", disse ela. "O dia inteiro. Willie e Woofer também... e Donny. Eu costumava pensar que podia ouvir... e ouvir e aprender alguma coisa, descobrir por que ela estava fazendo isso comigo... ouvindo-a atravessar uma sala ou sentar-se em uma cadeira. Eu nunca fiz."

“Meg? Ouvir. Eu não acho que você deveria estar falando, sabe? Você está muito machucado.”

Foi uma tensão, você pode ver isso. Houve uma gagueira em suas palavras, como se sua língua de repente tivesse se tornado do tamanho errado para ela.

"Unh-unh", disse ela. "Não. Eu quero conversar. Eu nunca falo. Nunca tenho com quem conversar. Mas ... ?"

Ela me olhou estranhamente. "Como é *que você está* aqui?"

“Nós dois estamos aqui. Eu e Susan ambos. Eles nos trancaram. Lembra?

Ela tentou sorrir.

“Eu pensei que talvez você fosse uma fantasia. Eu acho que você já foi isso antes para mim às vezes. Tenho muitas... muitas fantasias. Eu os tenho e então eles... vão embora. E então às vezes você tenta ter um, você quer um e não consegue. Você não consegue pensar em nada. E então mais tarde... você faz.

“Eu costumava implorar a ela, sabe? Parar. Só para me deixar ir. Eu pensei, ela tem que, ela vai fazer isso por um tempo e então ela vai me deixar ir, ela vai ver que ela deveria gostar de mim, e então eu pensei que não, ela não vai parar, eu tenho que sair mas eu não posso, eu não a entendo, como ela pôde deixar ele *me queimar* ?”

“Por favor, Meg...”

Ela lambeu os lábios. Ela sorriu.

"Você está cuidando de mim, no entanto, não é?"

"Sim."

“E Susan também.”

"Sim."

"Onde ela está?"

"Ela está dormindo."

"É difícil para ela também", disse ela.

"Eu sei. Eu sei que é."

Eu estava preocupado. Sua voz estava ficando mais fraca. Eu tive que me curvar muito perto agora para ouvi-la.

"Faça-me um favor?" ela disse.

"Certo."

Ela segurou minha mão. Seu aperto não era forte.

“Recuperar o anel da minha mãe? Você conhece o anel da minha mãe? Ela não vai me ouvir. Ela não se importa. Mas talvez... Você poderia perguntar a ela? Você poderia me devolver meu anel?”

"Eu vou pegar."

"Você promete?"

"Sim."

Ela soltou.

"Obrigada", disse ela.

Então, um momento depois, ela disse: “Sabe? Eu nunca amei minha mãe o suficiente. Não é estranho? Você fez?”

"Não. Eu acho que não."

Ela fechou os olhos.

“Acho que gostaria de dormir agora.”

“Claro,” eu disse. “Você descansa.”

"É uma coisa engraçada", disse ela. “Não há dor. Você pensaria que haveria. Eles me queimaram e me queimaram, mas não há dor”.

“Descanse,” eu disse.

Ela assentiu. E então ela fez. E eu sentei ouvindo a batida do policial Jennings, a letra de “Green Door”

passando absurdamente pela minha cabeça como um carrossel pintado berrando, girando e girando: ... *meia-noite, mais uma noite sem dormir, vigiar, até a manhã chegar rastejando/porta verde, que segredo é esse que você está guardando?/porta verde?*l Até que eu dormi também.

Quando acordei, provavelmente era madrugada.

Susan estava me sacudindo.

"Pare ela!" ela disse, sua voz um sussurro assustado. "Pare ela! Por favor! Não a deixe *fazer* isso!"

Por um momento pensei que estava em casa na minha cama.

Eu olhei em volta. Lembrei-me.

E Meg não estava mais ao meu lado.

Meu coração começou a bater forte, minha garganta se apertou.

Então eu a vi.

Ela jogou fora o cobertor para que ela estivesse nua, curvada no canto da mesa de trabalho. Seu longo cabelo emaranhado pendia sobre seus ombros. Suas costas estavam marcadas com manchas marrons opacas, canais

entrecruzados de sangue seco. A parte de trás de sua cabeça brilhava molhada sob a luz de trabalho.

Eu podia ver os músculos puxando ao longo de seus ombros e para fora da elegante linha de vértebras enquanto ela trabalhava. Ouvi o raspar de unhas.

Eu me levantei e fui até ela.

Ela estava cavando.

Cavando com os dedos no chão de concreto onde encontrava a parede de concreto. Túnel para fora.

Minúsculos sons de esforço escapando dela. Suas unhas quebradas e sangrando, uma já foi, as pontas de seus dedos sangrando também, seu sangue se misturando com a areia que ela cavou do concreto lascado em uma produção irregular das substâncias de cada um. Sua recusa final em se submeter. Seu ato final de desafio. A vontade erguendo-se sobre um corpo derrotado, para forçar-se em pedra sólida.

A pedra era Rute. Impenetrável - produzindo apenas areia e fragmentos.

*Ruth era a pedra.*

“Meg. Vamos. Por favor.” Eu disse.

Coloquei minhas mãos sob seus braços e a levantei. Ela saiu tão facilmente quanto uma criança.

Seu corpo estava quente e cheio de vida.

Eu a deitei de volta no colchão novamente e a cobri com o cobertor. Susan me entregou o balde e eu lavei as pontas dos dedos dela. A água ficou mais vermelha.

Comecei a chorar.

Eu não queria chorar porque Susan estava lá, mas não era nada que eu pudesse ajudar ou atrapalhar.

Simplesmente veio, fluiu, como o sangue de Meg pelo bloco de concreto.

Seu calor era febre. Seu calor tinha sido uma mentira.

Eu quase podia sentir o cheiro da morte nela.

Eu tinha visto isso na pupila dilatada de seu olho, um buraco cada vez maior no qual uma mente poderia desaparecer.

Eu lavei seus dedos.

Quando terminei, desviei Susan para que ela pudesse se deitar entre nós e deitamos juntos em silêncio, observando sua respiração superficial, cada sopro de ar fluindo através de seus pulmões outro momento unindo os momentos, mais alguns segundos de graça, a cintilação de sua metade - pálpebras abertas falando da vida que rolava suavemente sob a superfície ferida - e quando ela abriu os olhos novamente não nos assustamos. Ficamos felizes em ver Meg ali olhando para nós, a velha Meg, aquela que viveu antes disso na mesma época que nós e não neste febril espaço de sonho.

Ela moveu os lábios. Então sorriu.

"Acho que vou conseguir", disse ela, e pegou a mão de Susan. "Acho que vou ficar bem."

No clarão artificial da luz de trabalho, na madrugada que para nós não era madrugada, ela morreu.

## Capítulo Quarenta e Seis

A batida na porta não poderia ter acontecido mais de uma hora e meia depois.

Eu os ouvi levantando de suas camas. Ouvi vozes masculinas e passos pesados e desconhecidos cruzando a sala de estar para a sala de jantar e descendo as escadas.

Eles jogaram o ferrolho e abriram a porta e Jennings estava lá, junto com meu pai e outro policial chamado Thompson que conhecíamos do VFW. Donny, Willie, Woofer e Ruth estavam atrás deles, sem fazer nenhuma tentativa de escapar ou mesmo de explicar, apenas observando enquanto Jennings foi até Meg e levantou a pálpebra e sentiu o pulso que não estava lá.

Meu pai se aproximou e colocou o braço em volta de mim. *Jesus Cristo*, ele disse, balançando a cabeça.

*Graças a Deus encontramos você. Graças a Deus encontramos você.* Acho que foi a primeira vez que o ouvi usar as palavras, mas também acho que ele quis dizer isso.

Jennings puxou o cobertor sobre a cabeça de Meg e o policial Thompson foi confortar Susan, que não conseguia parar de chorar. Ela estava quieta desde que Meg morreu e agora o alívio e a tristeza estavam saindo dela.

Ruth e os outros observavam impassíveis.

Jennings, a quem Meg avisara sobre Ruth no dia 4 de julho, parecia pronto para matar.

Com o rosto vermelho, mal controlando a voz, ele continuou atirando perguntas para ela – e você podia ver que não eram tantas perguntas que ele queria atirar, mas a pistola que ele continuava acariciando em seu quadril. *Como isso aconteceu? como isso aconteceu? há quanto tempo ela está aqui embaixo? quem colocou essa escrita lá?*

Por um tempo Ruth não respondeu. Tudo o que ela fazia era ficar ali coçando as feridas abertas em seu rosto.



Então ela disse: “Eu quero um advogado”.

Jennings agiu como se não a tivesse ouvido. Ele continuou com as perguntas, mas tudo o que ela dizia era:

“Quero chamar um advogado”, como se estivesse se preparando para tomar a Quinta e pronto.

Jennings ficou cada vez mais furioso. Mas isso não ajudou. Eu poderia ter dito isso a ele.

Ruth era a rocha.

E seguindo seu exemplo, seus filhos também.

Eu não estava. Respirei fundo e tentei não pensar em meu pai ao meu lado.

“Vou te contar tudo o que você quer saber,” eu disse. “Eu e Susan vamos.”

“Você viu tudo isso?”

“A maioria,” eu disse.

“Algumas dessas feridas ocorreram semanas atrás. Você vê alguma coisa disso?”

“Um pouco disso. O suficiente.”

*“Você viu isso?”*

“Sim.”

Seus olhos se estreitaram. “Você é mantido ou guardião aqui, garoto?” ele disse.

Eu me virei para meu pai. “Eu nunca a machuquei, pai. Eu nunca fiz. Honesto.”

“Você também nunca a ajudou,” disse Jennings.

Era apenas o que eu estava dizendo a mim mesma a noite toda.

Exceto que a voz de Jennings apertou as palavras como um punho e as atirou em mim. Por um momento, eles me tiraram o fôlego.

Há o correto e o correto, pensei.

“Não, eu disse. “Não, nunca fiz.”

"Você tentou", disse Susan, chorando.

"Ele fez?" disse Thompson.

Susan assentiu.

Jennings olhou para mim por mais um longo momento e então ele assentiu também.

"Ok", disse ele. "Vamos conversar sobre isso mais tarde. É melhor ligarmos, Phil. Todo mundo lá em cima."

Ruth murmurou alguma coisa.

"O que?" perguntou Jennings.

Ela estava falando em seu peito, murmurando.

"Eu não posso te ouvir, senhora."

A cabeça de Ruth disparou, os olhos brilhando.

"Eu disse que ela era uma *puta* ", disse Ruth. " *Ela* escreveu essas palavras! *Ela* fez! 'EU FODA. FODA-ME.

Você acha que eu escrevi? Ela mesma as escreveu, em si *mesma* , porque estava *orgulhosa* disso!

"Eu estava tentando ensiná-la, discipliná-la, mostrar-lhe alguma decência. Ela escreveu apenas para me irritar, 'EU FODA. FODA-ME. E ela fez, ela fodeu *todo mundo* . Ela transou com ele, com certeza.

Ela apontou para mim. Em seguida, em Willie e Donny.

"E ele e ele também. Ela fodeu com todos eles! Ela teria fodido o pequeno Ralphie se eu não a tivesse parado, não a tivesse amarrado aqui embaixo onde ninguém tinha que ver suas pernas e sua bunda e sua boceta, sua *boceta* - porque, senhor, isso era tudo que ela era uma boceta, mulher que não sabe nada melhor do que ceder a um homem sempre que ele pede um pedaço de buceta. E eu fiz a ela um maldito *favor* . Então foda-se você e o que você pensa. Maldita carne de uniforme. Grande soldado. Grande merda. Foda-se! Eu fiz a ela um maldito favor..."

"Senhora," disse Jennings. "Acho que você deveria calar a boca agora."

Ele se inclinou para perto e era como se estivesse olhando para algo que havia pisado na calçada.

“Você entende o que quero dizer, senhora? Sra. Chandler? Por favor, eu realmente espero que você faça. Essa armadilha de mijo que você chama de boca - você a mantém *fechada*.”

Ele se virou para Susan. "Você pode andar, querida?"

Ela cheirou. “Se alguém me ajudar a subir as escadas.”

“É melhor levá-la”, disse Thompson. “Ela não vai pesar muito.”

"OK. Você primeiro, então.”

Thompson a pegou e saiu pela porta e subiu as escadas. Willie e Donny o seguiram, olhando para seus pés como se não tivessem certeza do caminho. Meu pai foi atrás deles, como se ele fosse parte da polícia agora, observando-os, e eu o segui. Ruth veio logo atrás de mim, forte nos meus calcanhares, como se estivesse com pressa para acabar com isso de repente. Olhei por cima do ombro e vi Woofer chegando praticamente ao lado dela, e a policial Jennings atrás dele.

Então eu vi o anel.

Brilhava à luz do sol que entrava pela janela da porta dos fundos.

Continuei subindo as escadas, mas por um momento mal percebi onde estava. Senti o calor correndo pelo meu corpo. Continuei vendo Meg e ouvindo sua voz me fazendo prometer devolver o anel de sua mãe para ela, *pedir a* Ruth como se não pertencesse a Meg em primeiro lugar, mas estivesse apenas emprestado a ela, como se Ruth tivesse qualquer direito a isso, como se ela não fosse apenas uma maldita ladra, e eu pensei em tudo o que Meg deve ter passado antes mesmo de conhecê-la, perdendo as pessoas que ela amava, com apenas Susan sobrando – e então para conseguir essa substituta. Esta paródia de uma mãe. Essa piada maldosa de uma mãe que roubou não apenas o anel dela, mas tudo, sua vida, seu futuro, seu corpo - e tudo em nome de criá-la, enquanto o que ela estava fazendo não era levantar, mas empurrar para baixo, empurrando-a cada vez mais longe e amando-o, exultante com isso, *vindo* pelo amor de Deus - finalmente para a própria terra que era onde ela estava agora, *não* ressuscitada, apagada, desaparecida.

Mas o anel permaneceu. E na minha fúria repentina percebi que podia empurrar também.

Parei e me virei e levantei minha mão para o rosto de Ruth, os dedos bem abertos, e observei os olhos escuros me olharem espantados por um momento e com medo antes de desaparecerem sob minha mão.

Eu a vi *saber* .

E querer viver.

Eu a vi tatear em busca do corrimão.

Senti sua boca se abrir.

Por um momento, senti a carne fria e solta de suas bochechas sob meus dedos.

Eu estava ciente de que meu pai continuava subindo as escadas à minha frente. Ele estava quase no topo agora.

Eu empurrei.

Eu nunca me senti tão bem ou tão forte, então ou desde então.

Ruth gritou e Woofer estendeu a mão para ela, assim como o oficial Jennings, mas o primeiro passo que ela deu foi o de Jennings e ela torceu quando bateu e ele mal a tocou. Latas de tinta caíram no concreto abaixo.

Assim como Ruth, um pouco mais devagar.

Sua boca se abriu contra as escadas. O impulso a arremessou para cima e para trás como um acrobata, de modo que quando ela atingiu o fundo ela bateu de cara novamente, boca, nariz e bochecha estourando sob todo o peso de seu corpo caindo atrás dela como um saco de pedras.

Eu podia ouvir seu pescoço estalar.

E então ela deitou lá.

Um fedor repentino encheu a sala. Eu quase sorri. Ela se cagava como um bebê e eu achava que era mais apropriado, tudo bem.

Então todo mundo desceu instantaneamente, Donny e Willie, meu pai e o policial Thompson menos o fardo de Susan passando por mim, e todo mundo gritando e cercando Ruth como se ela fosse algum tipo de achado

em uma escavação arqueológica. *O que aconteceu? O que aconteceu com minha mãe!* Willie estava gritando e Woofer estava chorando, Willie realmente enlouquecendo, agachado sobre ela, mãos segurando seus seios e barriga, tentando massageá-la de volta à vida. *Que porra aconteceu!* gritou Donny. Todos eles olhando escada acima para mim como se quisessem me rasgar membro por membro, meu pai na base da escada para o caso de tentarem.

“Então o *que* aconteceu?” perguntou o oficial Thompson.

Jennings apenas olhou para mim. Ele sabia. Ele sabia muito bem o que aconteceu.

Mas eu não me importei naquele momento. Senti como se tivesse golpeado uma vespa. Um que tinha me picado. Nada mais e nada pior do que isso.

Desci as escadas e o encarei.

Ele olhou para mim um pouco mais. Então ele deu de ombros.

"O menino tropeçou", disse ele. “Sem comida, falta de sono, seu amigo morrendo. Um acidente. É uma pena.

Acontece as vezes."

Woofer, Willie e Donny não estavam acreditando nisso, mas ninguém parecia se importar muito com eles hoje e com o que estavam comprando e o que não estavam.

O cheiro da merda de Ruth era terrível.

“Vou pegar um cobertor para nós”, disse Thompson. Ele passou por mim.

“Aquele anel,” eu disse. Eu apontei. “O anel em seu dedo era de Meg. Pertencia à mãe de Meg. Deve ir para Susan agora. Posso dar a ela?”

Jennings me deu um olhar de dor que dizia que bastava e não insistir.

Mas também não me preocupei com isso.

“O anel pertence a Susan,” eu disse.



Jennings suspirou. "Isso é verdade, rapazes?" ele perguntou. “As coisas vão melhorar daqui em diante se você não mentir.”

"Eu acho", disse Donny.

Willie olhou para o irmão. "Você fode", ele murmurou.

Jennings ergueu a mão de Ruth e olhou para o anel.

"Ok," ele disse e então, de repente, sua voz era gentil. "Você vai dar a ela." Ele tirou o dedo dela.

"Diga a ela para não perder isso", disse ele.

"Eu irei."

Eu fui lá em cima.

De repente me senti muito cansado.

Susan estava deitada no sofá.

Eu andei até ela e antes que ela pudesse perguntar o que estava acontecendo eu levantei para ela. Eu a vi olhar para o anel e ver o que era e então de repente o olhar em seus olhos me fez cair de joelhos ao lado dela e ela me alcançou com seus braços finos e pálidos e eu a abracei e nós choramos e choramos.

# EPÍLOGO

## Capítulo Quarenta e Sete

Éramos jovens — não criminosos, mas delinquentes.

De modo que, sob a lei, éramos inocentes por *definição*, não para sermos responsabilizados por nossos atos exatamente, como se todos com menos de dezoito anos fossem legalmente insanos e incapazes de distinguir o certo do errado. Nossos nomes nunca foram divulgados à imprensa. Não tínhamos antecedentes criminais nem publicidade.

Pareceu-me muito estranho, mas como fomos excluídos dos direitos dos adultos, suponho que era a coisa natural nos excluir das responsabilidades dos adultos também.

Natural, a menos que você fosse Meg ou Susan.

Donny, Willie, Woofer, Eddie, Denise e eu fomos ao tribunal juvenil e Susan e eu testemunhamos. Não havia promotor nem advogado de defesa, apenas o honorável juiz Andrew Silver e um punhado de psicólogos e assistentes sociais discutindo seriamente o que fazer com todos. Mesmo desde o início, o que fazer era óbvio.

Donny, Willie, Woofer, Eddie e Denise foram colocados em centros de detenção juvenil — reformatório para nós. Eddie e Denise por apenas dois anos desde que eles não tiveram nenhuma participação no assassinato real. Donny, Willie e Woofer até completarem dezoito anos, a sentença mais dura que se podia receber naqueles dias. Aos dezoito anos eles deveriam ser soltos e seus registros destruídos.

Os atos da criança não podiam ser considerados contra o homem.

Eles encontraram um lar adotivo para Susan em outra cidade, no distrito dos lagos, muito longe.

Por causa do que ela disse sobre mim na audiência e pelo fato de que sob a lei juvenil não havia, estritamente falando, algo como cúmplice, fui detido à custódia de meus pais e designado a um assistente social psiquiátrico, um

uma professora chamada Sally Beth Cantor que me viu uma vez por semana e depois uma vez por mês durante exatamente um ano e que sempre parecia preocupada com meu “progresso” em “lidar com” o que eu tinha visto e feito – e não feito – mas sempre parecia meio adormecida também, como se ela já tivesse passado por isso um bilhão de vezes antes e desejasse contra toda razão e evidência que meus pais seriam muito mais implacáveis comigo ou que eu os atacaria com um machado ou algo assim. , apenas para dar a ela algum problema ou ocorrência para afundar os dentes. Então o ano acabou e ela simplesmente parou de vir. Passaram-se três meses completos antes que eu sentisse falta dela.

010

Nunca mais vi nenhum deles. Pelo menos não pessoalmente.

Eu me correspondi com Susan por um tempo. Seus ossos se curaram. Ela gostava de seus pais adotivos. Ela conseguiu fazer alguns amigos. Então ela parou de escrever. Eu não perguntei por quê. Eu não a culpo.

Meus pais se divorciaram. Meu pai se mudou da cidade. Eu o via poucas vezes. Acho que ele ficou envergonhado por mim no final. Eu também não o culpo.

Eu me formei na escola no terço médio da minha classe, o que não foi surpresa para ninguém.

Fui para a faculdade por seis anos, interrompido por dois anos no Canadá para evitar o recrutamento, e saí com um mestrado em negócios. Desta vez eu me formei em terceiro lugar na minha classe. O que foi uma grande surpresa para todos.

Consegui um emprego em Wall Street, casei com uma mulher que conheci em Victoria, me divorciei, casei de novo e me divorciei novamente um ano depois.

Meu pai morreu de câncer em 1982. Minha mãe teve um ataque cardíaco em 1985 e morreu no chão da cozinha ao lado da pia, segurando uma cabeça de brócolis. Mesmo no final, sozinha e sem ninguém para quem



cozinhar, ela manteve o hábito de comer bem. Você nunca sabia quando a Depressão voltaria.

Voltei para casa com Elizabeth, minha noiva, para vender a casa de minha mãe e liquidar sua propriedade e juntos despejamos as relíquias desordenadas de seus quarenta anos de vida lá. Encontrei cheques não descontados em um romance de Agatha Christie. Encontrei cartas que escrevi na faculdade e desenhos de giz de cera que fiz na primeira série. Encontrei artigos de jornal marrons com a idade sobre meu pai abrindo o Ninho da Águia e recebendo este ou aquele prêmio dos Kiwanis ou do VFW ou do Rotary.

E encontrei recortes das mortes de Megan Loughlin e Ruth Chandler.

Obituários do jornal local.

A de Meg era curta, quase dolorosamente curta, como se a vida que ela tinha vivido dificilmente se qualificasse como uma vida.

*LOUGHLIN—Megan, 14, Filha do falecido Daniel Loughlin e da falecida Joanne Haley Loughlin. Irmã de Susan Loughlin. Os serviços serão realizados na Fisher Funeral Home, 110 Oakdale Avenue, Farmdale, NJ, sábado, às 13h30*

A de Ruth era mais longa:

*CHANDLER—Ruth, 37, Esposa de William James Chandler, Filha do falecido Andrew Perkins e da falecida Barbara Bryan Perkins. Ela deixa seu marido e seus filhos William Jr., Donald e Ralph. Os serviços serão realizados na Hopkins Funeral Home, 15 Valley Road, Farmdak, NJ, sábado, às 14h.*

Era mais longo, mas igualmente vazio.

Olhei para os recortes e percebi que seus cultos haviam sido separados por apenas meia hora naquele dia, realizados em funerárias a cerca de seis ou sete quarteirões um do outro. Eu tinha ido para nenhum. Eu não podia imaginar quem tinha.

Olhei pela janela da sala para a casa do outro lado da calçada. Minha mãe havia dito que um jovem casal morava lá agora. Gente bonita, ela disse. Sem filhos, mas com esperança. Eles estavam colocando um pátio assim que tinham o dinheiro.

O próximo recorte foi uma foto. Uma foto de um homem jovem e bonito com cabelo castanho curto e sorriso pateta de olhos arregalados.

Parecia familiar.

Eu o desdobrei.

Era um item do Newark *Star-Ledger*, datado de 5 de janeiro de 1978. A manchete dizia “Manasquan Man indiciado por assassinato” e a história contava como o homem na foto havia sido preso em 25 de dezembro junto com um jovem não identificado em conexão com as mortes esfaqueadas e queimadas de duas adolescentes, Patricia Highsmith, 17, de Manasquan, e Debra Cohen, também 17, de Asbury Park.

Ambas as vítimas exibiam sinais de agressão sexual e, embora ambas tenham sido esfaqueadas repetidamente, a causa da morte foi queimadura. Eles foram encharcados com gás e incendiados em um campo abandonado.

O homem na foto era Woofer.

Minha mãe nunca me contou. Olhei para a foto e pensei que podia ver pelo menos uma boa razão para isso -

eu poderia ter olhado no jornal e visto a foto.

Aos 20 anos, Woofer se parecia tanto com Ruth que era assustador.

Como todos os outros recortes, este tinha sido enfiado em uma caixa de camisa e colocado na escada do sótão e as bordas estavam secas, marrons e desmoronando. Mas notei algo ao longo da margem. Virei-o e reconheci a escrita da minha mãe. Ela havia escrito a lápis, que estava desbotado, mas era legível.

Bem ao lado da manchete e subindo ao lado da foto que ela havia escrito com fina ironia , *eu me pergunto como estão Donny e Willie?*

E agora, na véspera incerta e incerta do meu terceiro casamento, com uma mulher que teria exatamente a idade de Meg se estivesse viva, atormentada por pesadelos, todos relacionados a fracassar novamente, fracassar com *alguém* , descuidadamente deixá-los à mercê grosseira. do mundo — e acrescentando a esses nomes que ela rabiscou ao lado do recorte os nomes de Denise e Eddie Crocker, e meu próprio nome — também me pergunto.

## **Nota do autor: Sobre como escrever a garota da porta ao lado**

“*Quem te ama, baby ?*” diz Kojak.

Bem, com o jogo de azar em Atlantic City mais confiável do mundo, quem sabe? Mas eu sei quem e o que me assusta.

O *que*, em linhas gerais, é o imprevisível. Não que algum encontro casual com uma ruiva me faça correr de volta ao meu apartamento para pegar um crucifixo e alho. Mais ao longo das linhas de Alzheimer, AIDS ou gansos nos adereços do jato. Certo dia, eu estava andando pela Broadway quando uma cômoda inteira de carvalho despencou na calçada dois passos à minha frente. *Isso* me assustou. Me assustou e me deixou louco.

E sinto o mesmo pelas pessoas que me assustam. Eles me irritam. Eu me ressinto de compartilhar meu planeta com idiotas como Bundy que se parecem comigo e falam como eu e que são muito charmosos, exceto que eles têm uma coisa engraçada sobre eles, caramba, eles gostam de morder os mamilos das pessoas.

Isso não é apenas empatia com a vítima. Quer dizer, eu também tenho mamilos.

Sociopatas me assustam e me deixam louco. Não apenas os sociopatas da grande liga – os Mansons e Gary Tisons – mas também os caras que roubam velhinhas com golpes de terra na Flórida. Todos esses tipos sem consciência. Conheço uma mulher cujo marido foi expulso de sua cadeira na Bolsa de Valores e, para cobrir suas dívidas, forjou seu nome para empréstimos que totalizam mais de um quarto de milhão de dólares, para não mencionar os formulários do IRS, e agora o inferno está se espalhando com ônus contra a casa e impostos atrasados e ela - com um filho para sustentar que, tragicamente, ainda ama o cara do jeito que uma criança de oito anos quase ama seu pai - não o vê ou ouve falar dele desde março de 1989. Nem ninguém senão. Ele pulou. Ninguém pode tocá-lo. Enquanto o mundo desce sobre esposa e filho como enxames de moscas.

Eu queria escrever sobre um desses bastardos por um longo tempo. Sua alteridade. E o que acontece conosco, pessoas reais, quando acreditamos que elas são humanas.

Encontrei um em *Bloodletters and Badmen de Jay Robert Nash*.

Seu crime foi incomum e totalmente repulsivo.

Ao longo de meses e com a ajuda de seu filho e filhas adolescentes - e, eventualmente, também das crianças da vizinhança - ela havia torturado até a morte uma menina de dezesseis anos, uma interna, em vista de sua irmã mais nova, ostensivamente para “ensinar-lhe uma lição” sobre como era ser uma mulher no mundo.

Os filhos dela me lembraram algo de *O Senhor das Moscas*. Mas esqueça as crianças — porque aqui está esta *mulher*, este adulto, dando-lhes permissão, orquestrando as coisas e conduzindo-os a cada passo do caminho em algum jogo doentio de *instrução* que tinha algo a ver com uma aversão fundamental por seu sexo e incapacidade de ver qualquer sofrimento, mas seu próprio. Então transmitindo isso para um bando de adolescentes. Os *amigos da garota*.

Havia uma foto dela no livro. Seu crime ocorreu em 1965, quando ela tinha trinta e seis anos. Mas o rosto no livro tinha sessenta anos. Pele manchada e flácida — profundamente enrugada — boca fina e amarga, uma linha do cabelo recuada e cabelos desbotados usados no estilo de uma década inteira antes.

Grandes olhos escuros e profundos que conseguiam parecer assombrados e vazios ao mesmo tempo.

Apavorante. Imediatamente eu estava bravo com ela.

Ela ficou comigo.

Então, alguns anos depois, minha mãe morreu, muito amada, na mesma casa em Nova Jersey em que cresci e que conhecia desde a infância. Em quase todos os aspectos que contavam, ainda era a base para mim. Lidei com ambas as perdas aos poucos, saindo do meu apartamento de vez em quando e passando muito tempo lá fora revisando seus pertences, conhecendo os vizinhos novamente, lembrando.

Na época eu estava reformulando *She Wakes*, meu único romance sobrenatural até hoje. Eu o tinha engavetado por um tempo. E foi bom voltar a ele então porque eu não estava em condições de começar algo novo

– ou algo real – no momento. Uma deusa reencarnada em uma ensolarada ilha grega parecia certa para mim.

Mas aos poucos aquela mulher começou a insinuar novamente.

Talvez fosse o penteado dos anos 1950. Eu não sei.

Mas quando eu estava crescendo, minha rua era um beco sem saída e todas as casas estavam cheias de bebês de guerra. Eu podia imaginá-la *fazendo* isso lá. E então, se você viveu a década de 1950, conhece seu lado sombrio. Todas aquelas pequenas bolhas macias e confortáveis de segredo e repressão, pretas e maduras e prontas para estourar. Havia o tipo perfeito de isolamento e elenco embutido de personagens que eu poderia mudar de forma depois dos reais.

Então pensei, volte para 1958, quando você tinha doze anos. Em vez do centro-oeste, onde realmente aconteceu, use Nova Jersey.

E estando lá, especialmente durante o verão, as coisas continuavam voltando para mim. O cheiro da floresta, as paredes úmidas e sangrentas do porão. Coisas que eu estive muito ocupada para lembrar por anos estavam me mantendo acordada à noite agora. Havia muitos detalhes surgindo para resistir e eu não tentei. Eu poderia até dar um aceno de vez em quando para o que eu gostava na época. Tínhamos riachos e pomares e portas destrancadas. Tivemos Elvis.

Mas eu também não estava fazendo *Happy Days*. Desde *Off Season*, meu primeiro livro, eu não tinha trabalhado em um assunto tão sombrio. E *Off Season* era sobre canibais na costa do Maine por amor de Deus. Ninguém iria levar isso muito a sério, não importa agora que eu fiz a coisa. Considerando que isso era sobre abuso infantil. Abuso tão extremo que, ao escrevê-lo, acabei tomando a decisão de suavizar um pouco do que aconteceu e deixar alguns de fora completamente.

Ainda é muito extremo.

Não havia como contornar isso, não que eu pudesse ver. O problema, na verdade, era mantê-lo extremo sem arrancar todas aquelas crianças reais que são abusadas todos os dias no processo.

A colocação de problemas técnicos ajudou. Eu usei uma voz em primeira pessoa para uma coisa, com o garoto ao lado como narrador. Ele é um

garoto problemático, mas não insensível, que oscila entre seu fascínio pela própria *licença* envolvida e o que sua empatia está lhe dizendo. Ele vê bastante. Mas não tudo.

O que me permitiu esboçar algumas coisas em vez de ir até elas de perto e a todo vapor.

Ele também está falando cerca de trinta anos depois. Ele é um adulto agora, então ele pode editar. Então, em um ponto em que as coisas ficam mais difíceis, eu o faço dizer: *Desculpe, não vou mostrar isso a você.*

*Imagine por si mesmo se você se importa e se atreve. Eu, eu não estou ajudando.*

A voz em primeira pessoa em um livro de suspense pode automaticamente transferir a simpatia do leitor diretamente para o objeto da violência. Eu tinha usado em *esconde-esconde* para esse efeito. Você sabe que quem está falando com você vai sobreviver, então você não tende a se preocupar muito com a segurança física dele. (Embora você possa se preocupar com a segurança moral dele e espero que seja isso que aconteça aqui.) Mas se for bem feito, você se preocupará com a segurança das pessoas com quem ele se importa.

Neste caso, *The Girl Next Door* e sua irmã.

É complicado. Porque se as pessoas com quem ele se importa são insuficientemente atraídas ou simpáticas ou você, como leitor, simplesmente não gosta de advogados ou cães do jeito que ele gosta, você acabará apenas observando os bandidos, a violência ou ambos. Ou fechando o livro para sempre.

Mas não estou muito preocupado com isso (diz ele, sorvendo sua xícara de arrogância.) Se o livro tem uma ambiguidade moral, uma tensão moral, é suposto ter. Esse é o problema que esse garoto tem que resolver o tempo todo, um problema com sua visão das coisas. E não estou muito preocupado porque gosto dessas garotas e acho que isso está claro. Eles não são apenas vítimas. De certa forma – especialmente quando eles se relacionam – eu acho que eles são bem heróicos.

E porque, ao contrário, esses outros tipos me assustam.

Me assuste e sim, por estar na minha cara toda vez que abro um jornal ou ligo o noticiário da noite ou falo com alguma mulher cujo marido bêbado a agrediu novamente, me irrita regamente.

## VOCÊ AMA SUA MULHER?

"Às vezes eu sinto que você está... eu não sei, não está mais *lá*", disse ela. "Não importa o que eu faça, não faria nenhuma diferença, faria. Sabe o que eu quero dizer?"

Eles estavam deitados na cama. Ele estava cansado e um pouco tonto por causa dos uísques depois do trabalho. O *Poder e a Glória de Greene* estava aberto em seu colo. Ele estava na metade da *Baía das Almas de Stone*.

Ela estava certa. Stone obviamente poderia despertar. Ele não podia.

Ela estava indo para a Califórnia em poucos dias, deixando para trás o frio de Nova York e seu próprio frio por mais ou menos uma semana. Seu ex-amante acenou. Talvez ele tivesse se tornado seu amante novamente. Bass não perguntou.

"Eu não estou reclamando", disse ela. "Não estou criticando. Você sabe disso."

"Eu sei."

"E não é só você e eu. Parece que é tudo. Você costumava escrever. Inferno, você costumava pintar. Não é como você."

"É como *parte* de mim, obviamente."

"Não é a melhor parte."

"Nós vamos. Talvez não."

Ela não disse o resto. *Mesmo depois de três anos inteiros ainda é ela, não é.* Ela não tinha a menor vontade de machucá-lo com isso. Ela estava simplesmente observando e deixando-lhe uma abertura caso ele desejasse falar. Ele não. Não era precisamente a perda de Annabel que o incomodava ultimamente. Era o que restava dele na ausência dela. O que parecia significar cada vez menos — uma diferença sutil, mas distinta.

Ele continuou a sentir-se rolando muito abaixo do rastro de águas bravas de sua separação. Lá embaixo, onde a água estava parada, profunda e muito fina.

"Confronte-a", disse Gary.

"Anabel?"

"Sim, Anabel. Quem mais?"

"Depois de todo esse tempo?"

"Meu ponto, exatamente. Você não está ficando mais jovem."

"É mais fácil falar do que fazer. Ela está casada agora, lembra?"

— Você e Laura também. Do seu jeito muito estranho.

Ele estava se referindo a Laura vendo seu antigo amante novamente. Gary não aprovou e não se importou em dizer isso. Eram quatro da manhã. Eles estavam fechando os *Portões do Inferno*. Era uma noite quente de verão e a tripulação de trinta e poucos anos veio até eles rápida e furiosa, apesar das bebidas de nove dólares.

"Confronte os dois então, que diabos."

"Eu nem o conheço. Nós nos encontramos uma vez quando ela estava servindo de bar por cerca de cinco minutos. Não tenho certeza se o reconheceria se ele estivesse sentado bem na minha frente.

"Então talvez isso seja parte do problema. Você não conhece o cara. Então você não sabe o que ele oferece a ela. Você não sabe *por que ele*. Quer dizer, às vezes você conhece o outro cara e ele não é tão grande assim, sabe? Faz ela descer um pouco. Às vezes, isso é exatamente o que você precisa.

"Você sente falta dela e acha que está perdendo essa... enorme personalidade. Mas você só está vendo ela no contexto de vocês dois. Você não tem perspectiva. Você está lá dentro, agitando as coisas. Mexendo com a perspectiva. Você acha que conhece alguém, mas não conhece – não até que você viva com eles ou os veja em alguma situação totalmente nova, como com outra pessoa. Essa é a minha opinião sobre isso, de qualquer



maneira. E ainda acho que você está louco para deixar Laura voar para algum palhaço na Califórnia.

Ele ignorou a última parte. Ele não podia dizer a Laura o que fazer e não iria querer de qualquer maneira. Ele tinha que descobrir que ela sabia o que estava fazendo.

Mas ele achava possível que Gary pudesse saber algo sobre Annabel. Quando ela saiu, ela insistiu em cortá-lo completamente. Sem telefonemas, sem e-mails, sem cartas. Uma ruptura limpa, ela chamou. Ele se lembrou de estremecer com o clichê cru.

A princípio ele não acreditou que ela fosse capaz de um pensamento tão draconiano – não quando se tratava deles – então ele tentou de qualquer maneira. Mas ficou claro que nenhum confronto, nenhum acompanhamento de qualquer tipo que não fosse aparecer em seu apartamento estava prestes a acontecer.

Ele sabia onde aquela pequena visita levaria. O acesso à sua casa era apenas por convite. Isso só lhe renderia a humilhação de ter uma porta uma vez aberta para ele fechada na sua cara.

O último e-mail que ela enviou a ele foi calmo e deliberado, informando que ela havia jogado fora todas as suas fotos e sugerindo que ele fizesse o mesmo. Que iria acelerar o processo de cura. Mais um clichê, mas ele deixou passar. Três meses depois ela se casou com um cara que ela conheceu e namorou por um longo tempo antes de se conhecerem e essa foi a última vez que ele ouviu falar dela.

Ele estava com raiva, magoado e surpreso com ambos os desenvolvimentos. Primeiro o corte e depois o casamento. Mas não haveria tribunal de apelação nem adiantaria uivar ao vento. Parecia intolerável simplesmente parar, renunciar a toda comunicação. Por um tempo Bass quase a odiou.

No entanto, três anos depois, ele não sentia mais raiva. Ele só podia imaginar para onde tinha ido. Porque naquela época *você vai superar isso com o tempo*, além de *fazer uma pausa e acelerar o processo de cura*, parecia o Pai, o Filho e o Espírito Santo de uma conversa psicológica inútil. Eles o enojaram e o enfureceram.

Mas talvez a longo prazo eles tivessem obtido depois de tudo. *Vitória por inanidade.*

Porque aqui estava ele.

Curioso de uma forma passiva sobre se alguma coisa poderia acordar sua bunda morta novamente, ressuscitar seu senso de envolvimento em A Vida Depois de Annabel. Mas a palavra operativa ainda era *passiva*. Confronto? Três anos atrás, em um minuto. Mas agora ele nem tinha certeza se tinha mais energia.

Era possível que o tempo para explicação e compreensão e a mais odiosa de todas as palavras de *fechamento com suspensório e gravata borboleta* tivessem simplesmente chegado e passado.

Ele nunca tinha jogado fora suas próprias fotos.

Então, ele passou por eles pela primeira vez em muito tempo com uma carne enlatada com centeio para o almoço no dia seguinte. Ele sentiu uma pontada breve olhando para eles. O aperto de um músculo que você poderia esticar um momento depois e se livrar.

Ainda assim era algo.

Ele decidiu procurá-la na Internet. Ele tinha pensado em fazer isso antes, mas resistiu, desconfiado de qualquer humilhação adicional.

Ele digitou o nome de solteira dela e não conseguiu nada. Então tentou seu nome de casada. O que voltou foi uma única foto. Uma foto de casamento com dois anos e meio — Annabel e seu marido, Gerard, sorrindo sob um dossel de palmeiras verdes saudáveis em frente a um antigo hotel de Nova Orleans. Annabel estava linda em um vestido verde-claro sem ombros, seu marido um pouco mais baixo do que ela e careca, vestindo uma camisa de manga curta de seda branca, sorriso torto e um chapéu panamá novo. Ela olhou não para a câmera, mas para o céu. E isso era exatamente como ela. Annabel era uma pintora e o céu era seu verdadeiro norte, sua tela.

Era a única coisa familiar.

A legenda dizia APRESENTANDO O SR. E SRA. GERARD PAPA NO MARDI GRAS. OLHA O QUE

FOMOS E FIZEMOS!

A foto estava fora do site de seu marido. Bass não tinha motivos para pensar que tinha um. Não fazia ideia de que o que ele fazia para viver era escrever romances policiais — aparentemente bem-sucedidos. Ele percorreu o local. Capas de livros e resenhas e uma bibliografia e quadro de mensagens e citações de *Publishers Weekly* e Lawrence Block. Não muito pobre. Ele tinha um personagem de série que apareceu primeiro em seis originais de bolso e depois, mais recentemente, em duas capas duras, presumivelmente com brochuras a caminho.

Houve aquela pontada novamente.

Possivelmente a pontada era ciúme. Bass esperava seriamente escrever um dia ele mesmo - o bartender deveria ter sido temporário.

Ou talvez fosse o fato de que ela e Bass também conversaram sobre Nova Orleans juntos, enquanto o mais ao sul que eles chegaram foi Cape May na primavera de seu primeiro ano.

Mas o mais provável é que ele estivesse começando a experimentar o que Gary havia falado.

*Contexto.*

Aqui estava ela, Annabel abraçada na foto. Outra, Annabel diferente. Muito além do alcance ou influência daquela entidade que uma vez foi Annabel e Bass juntos. Com um homem que mal reconhecia, para todos os efeitos um completo estranho. E na presença deste homem — pelo menos naquele dia — ela estava feliz.

Então parecia que ela poderia ser perfeitamente feliz sem ele.

Ele sabia disso, é claro. Qualquer cérebro que se preze poderia disparar essa conclusão. Mas ele achava que a pontada não vinha de lá, mas de alguma área menos apolínea do cérebro. A parte que os homens compartilhavam com cobras, pássaros e dinossauros. Aquela parte que contém uma única coisa acima de tudo auto-evidente – *comer ou ser comido* . Tome ou seja levado.

Apenas uma pontada.

Mas o suficiente para que, alguns dias depois, quando Laura sorriu e lhe deu um beijo de despedida na porta de seu apartamento e arrastou suas malas escada abaixo até o táxi com destino a LaGuardia, começou -

inesperadamente - a passar de pontada a latejar. Para vazar para esse novo *segundo* vazio em sua vida criado pela ausência dela como uma represa de castores quebrada lentamente por uma forte chuva a montante.

Seu foco imediato era Gerard, não Annabel. O que parecia estranho para ele porque, além do site, ele não tinha ideia de quem era Gerard. Bass comprou um de seus livros de bolso, mas odiava thrillers, então, além de ler as primeiras páginas, para verificar se o homem era capaz de lidar com linhas e parágrafos com habilidade mais do que escassa, ele não aprofundou mais. Então, como ele podia sentir uma *animosidade tão crescente* – porque era isso – em relação a alguém com quem ele nunca apertou a mão? De quem hábitos, gostos, voz, inteligência *ou falta de inteligência* ele não sabia?

Como você poderia começar a não gostar do que equivalia a uma abstração humana?

Boa pergunta, pensou ele...

Mas sua vida de sonho não estava pedindo.

E Gerard estava começando a aparecer lá com bastante regularidade.

Em um sonho, ele e Gerard estavam tentando decifrar instruções de cozimento borradas impressas em um saco de comida congelada – algum tipo de pão italiano recheado. Eles precisavam saber o tempo do forno e não podiam ler a maldita coisa. Foi muito frustrante.

Em outro eles estavam jogando xadrez. As peças continuavam a desaparecer. Um peão aqui, um bispo ali.

Bass suspeitava de traição.

Em outra, eles estavam sentados sob uma árvore frondosa no Central Park, observando uma garotinha brincar no trepa-trepa e a garotinha era Annabel. Isso não parecia estranho para nenhum deles. Bass acendeu um Winston e inalou e Gerard se inclinou sorrindo e o arrancou de seus lábios e o jogou. Annabel riu e pulou das barras de macaco e esmagou-o sob os pés. Bass ficou furioso com os dois.

Em seguida, houve o realmente ruim.

*Lá está Gerard, sentado em frente a uma velha mesa de carvalho estilo country, enorme, e ele está amarrado a uma pesada poltrona de madeira.*

*Suas pernas estão amarradas às pernas da cadeira e seus braços estão amarrados aos braços da cadeira. Annabel está longe de ser vista. Gerard olha para Bass, sua testa franzida com ansiedade. Bass pergunta a ele, você ama sua esposa? Ele acena afirmativamente.*

*Então, de repente, há Annabel, igualmente amarrada a uma cadeira semelhante na outra ponta da mesa.*

*Atrás dela há uma porta de tela aberta para a noite estrelada. Mariposas passam pela porta, atraídas pela luz. Uma mariposa luna, da cor de seu vestido de noiva, pousa nos nós dos dedos de sua mão direita, onde agarra a cadeira. Bass o afasta e sua faca de trinchar imediatamente o substitui, grande, afiada e elegante à sua maneira e pronta para cortar todos os quatro dedos e talvez o polegar também para uma boa medida.*

*Ele pergunta a Gerard novamente: Você ama sua esposa? e pressiona a faca suavemente em sua carne.*

*Ele acena que sim e Bass vê que ele está amordaçado agora, assim como ela.*

*Bass tira a faca de seus dedos e a transfere para a mão direita de Gerard e pergunta pela terceira vez: Você ama sua esposa? e ele acena com a cabeça novamente lentamente, parece triste, quase uma reverência educada e cheia de compreensão. Ele estende a mão para colocar a mão livre em cima da faca e empurra de repente para baixo e os gritos por trás da mordida e o som e a sensação da faca quebrando o osso são o que o acordam.*

*Ele repetiu o sonho durante toda a noite nos Portões do Inferno. Ele não cortejou. Simplesmente não iria embora. Gary deveria ter perguntado a ele mesmo como vai? ele teria contado a ele sobre o sonho em um instante com o máximo de detalhes que pudesse reunir, mas ele não perguntou e Bass não podia deixar escapar entre daiquiris de banana e coquetéis de bijuterias.*

*No entanto, foi o sonho e a permanência no sonho que o incitou a agir no dia seguinte.*

*O site oficial de Gerard Pope não tinha endereço de e-mail, mas tinha um quadro de mensagens onde os leitores podiam discutir seu trabalho, trocar observações e opiniões e Bass notou na primeira visita que Gerard tendia a se conectar uma vez por semana no fim de semana e responder quaisquer perguntas que lhe tivessem sido feitas. Ele era regular sobre isso.*

Seu estilo nessas mensagens era encorajadoramente aberto e não afetado. Ele era até engraçado. Acessível.

Bass refletiu que, embora Annabel o tivesse proibido de qualquer contato com ela, ela não disse nada sobre Gerard.

Bass sentou-se, acendeu um cigarro, deu uma tragada profunda e mandou uma linha para ele na noite de quinta-feira, depois do trabalho.

*Boa foto. Ela fica ótima de verde. Eu gosto da aparência do céu distante, é claro. Conheça-o bem. Importa-se de recuperar os velhos tempos que nunca ruim? Se você estiver curioso, o e-mail está acima. Graves* No domingo, ele teve uma resposta.

*Ela provavelmente me mataria por fazer isso, mas sim, acho que estou curioso. Você ainda está no West Side? Em caso afirmativo, curva-se cerca de 1:00 de terça-feira, almoço no Egeu? Melhor, Papa* Então ele usou seu sobrenome também. Interessante.

Ele respondeu por e-mail dizendo que terça-feira estava bem.

Na segunda-feira à noite, ele sonhou com algo completamente diferente. Pelo menos ele pensou que era sobre algo completamente diferente. Era um dia lindo e brilhante e ele estava dirigindo por uma estrada quando outro carro parou ao lado dele e Bass e o motorista se entreolharam. O motorista era uma mulher, uma loira, um pouco acima do peso, ele pensou, mas ela deu a ele um sorriso que simplesmente acenava.

A próxima coisa que ele sabia era que ele estava no carro dela, no banco do passageiro, e a próxima coisa depois disso eles estavam estacionados na beira da estrada e o carro se tornou um trailer e eles estavam nus na cama dela fazendo amor e mesmo que seu corpo tivesse uma qualidade carnuda era muito bom, realmente - nada mal. Ficou ainda melhor quando ela se transformou em uma bela morena esbelta, a modelo Paulina Porizkova, que Bass queria desde que a viu pela primeira vez. E ela continuou fazendo isso - se transformando de Paulina para a loira com o buraco nos dentes e vice-versa.

“Acho que talvez você devesse passar a noite,” ela disse como a loira.

Ele disse: “Achei que você nunca pediria”.

Ele acordou com pouco tempo para tomar banho e fazer a barba e pegar uma xícara de café ao longo do caminho.

O Aegean estava fazendo um almoço moderado e havia muitas mesas abertas, mas Pope estava no bar na esquina, de frente para a porta. Ele imediatamente sorriu e ofereceu sua mão. "Gerard Pope", disse ele.

"João Bass. Como você sabia que era eu?"

"O que? Ah, as fotos."

"Fotos?"

"Sim."

"Ela guardou as fotos?"

"Algumas, eu acho. Eu não sei quantos. Só te conheço pelos que ela me mostrou. Cape May, principalmente.

Você sabe como é com as mulheres – aquelas *que ela* ficava muito bem."

Ele sorriu e abanou a sua cabeça. "Droga."

"O que você vai ter?" disse o barman. Pope estava bebendo um O'Doul's sem álcool.

"Amstel Lite."

"Chegando logo."

"Eu pensei que ela destruiu todos eles."

"Anabel? Annabel não pode jogar fora uma lâmpada queimada.

A cerveja dele chegou completa com caneca fosca e eles pediram cardápios e conversaram sobre curiosidades, principalmente sobre seu site, que Bass disse que admirava e que foi manuseado para ele por um fã no Colorado em troca de colecionáveis, primeiras edições e afins e eles pediram e então gradualmente a conversa começou a ficar mais pessoal e Bass soube que eles haviam se mudado duas vezes em três anos para apartamentos maiores e melhores de Hell's Kitchen para o West Side e finalmente para o Soho. Ele descobriu que dois dos livros de Pope tinham opções de filmes, mas que Pope não estava necessariamente contando com nada para vir deles. Ele descobriu que Annabel estava trabalhando em mídia mista agora, paisagens marinhas como beachcombings estilizados e que eles estavam vendendo

muito bem em seu loft no Soho. Eles estavam trabalhando em um site para promover o material dela também.

Quando terminou sua salada de lula e lula grelhada e Pope seu frango com *limão*, Bass percebeu algo que não o deixou nem um pouco feliz. Ele meio que gostou do cara. Que dor na bunda. E ele adivinhou que Pope podia ver isso em seu rosto porque ele riu.

“Desapontado? Que eu não sou um idiota que você poderia continuar odiando?

"Eu nunca...."

"Vamos. Se você não me odiasse, com certeza estava trabalhando nisso. Olha, eu sou um escritor. Eu sou bom em linguagem corporal. Havia um atizador definitivo na sua bunda quando você entrou. Você acabou de se aliviar disso há pouco tempo.

Ele pensou no sonho, o aceno triste de Gerard para ele que era quase uma reverência. Ele mesmo era muito bom em linguagem corporal. Mas ele só agora percebeu o que o aceno estava dizendo a ele. Não resignação com a faca, que era o que ele pensava que fosse na manhã seguinte. *Reconhecimento* . Reconhecimento do Outro.

Em sua mente ele falou as palavras *do sonho você ama sua esposa?* mas o que saiu dele foi "Você a ama, não é?"

"Claro que eu faço. Ela é muito fácil de amar. Que você de todas as pessoas deveria saber. Ela estava tentando fazer um favor a você, Bass.

"Oh sim? Como assim?" Ele esperava que não saísse tão amargo quanto parecia.

“Te dizendo que ela jogou fora as fotos, para começar. Dizendo para você fazer o mesmo. Mas cortando você. Isso foi o principal.”

*Cortando você*. Ele pensou em seu sonho e de repente ele o esclareceu e quase o assustou. Ele percebeu que nas inversões sutis que os sonhos fariam, não era Gerard sentado amarrado à cadeira. Era *Bass* . Incapaz de se mover ou se defender, incapaz de falar ou argumentar sua posição. Esperando, balançando a cabeça tristemente em reconhecimento *a Gerard*. E finalmente cortado no exato momento do despertar.



“Ela sabia que não iria funcionar. Ela estava tentando te fazer uma gentileza não deixando ir mais longe. E

ela mesma uma gentileza também. Eu também, claro.”

Bass pensou sobre isso. Finalmente ele assentiu.

"Eu tive um sonho com você", disse ele. "Eu acendi um cigarro. Você tirou de mim e jogou fora."

"Pequeno bastardo insistente, hein?"

"Não. Foi para o meu próprio bem."

Eles dividiram a conta.

“Você me perguntou se eu amava minha esposa,” Gerard disse – *embora ele não tivesse, exatamente* . “Se você a ama, fará o mesmo que ela tentou fazer por você. Metaforicamente, pelo menos, jogue essas malditas fotos fora. Rasgue-os em pedacinhos. Talvez algum dia, quando estivermos velhos e grisalhos, você possa pegar um novo.”

"Ou talvez não."

"Ou talvez não. Prazer em conhecê-lo, Bass. Isso nunca aconteceu, mas estou feliz que tenha acontecido, se você entende o que quero dizer."

Bass pediu outra cerveja e bebeu lentamente, pensando nas coisas.

Um pouco depois, ele mudou para uísque.

No meio do segundo, ele saiu para fumar um cigarro e observou a vida nas ruas. Babás e jovens mães vivas com carrinhos duplos. Caminhoneiros entregando produtos de papel e laticínios. Uma mulher do outro lado da rua correndo no semáforo e gritando furiosamente em um celular. Um cara de moicano, mocassins e protetores de ouvido de pele, despido até a cintura, todo moreno e bronzado. *O que há com isso ?* ele se perguntou. *Tonto Novo?* Earmuffs em agosto? Parecia que havia pessoas aqui muito mais estranhas e obsessivas do que ele.

Ele voltou para dentro e terminou seu uísque e tomou outro. Ele bebeu este por um longo tempo. O barman não fez nenhum esforço para conversar com ele. Às vezes eles simplesmente sabiam.

Ele pagou a cerveja e os uísques e foi para casa

O lar era como ele sabia que seria. Vazio. Vazio de Laura, principalmente.

Serviu-se de um último uísque que certamente não precisava e sentou-se pesadamente no sofá e tomou um gole e supôs que deve ter cochilado por um tempo porque a próxima coisa que ele sabia que seu rosto estava molhado de lágrimas, *ele* estava chorando *seu sono agora pelo amor de Deus, isso era diferente* e ele pensou no sonho e no que o sonho talvez quisesse que ele fizesse, então foi até a cozinha, abriu a gaveta e tirou a faca.

Ele olhou para a lâmina longa e pesada. Precisava ser afiado, mas ele achava que daria certo. Ele olhou para os dedos espalhados no balcão. Um símbolo, pensou. Era disso que se tratavam os sonhos, não eram?

Símbolos para o que ainda precisa ser feito em sua vida? Acendeu um cigarro e pensou mais um pouco. *Não*, ele pensou. Isso é mais louco do que os protetores de ouvido. Nem mesmo a ponta de um dedo mindinho.

Você não queria levar essa terminologia de sonho muito literalmente.

Além disso, outra coisa lhe ocorrera. Em seu sonho, o fim de seu caso com Annabel era perda, pura e simples. Simbolizado por alguns dedos ausentes. Ele achava que era mais complexo do que isso.

Você perdeu alguma coisa, com certeza. Mas quando você fez você adicionou algo também.

*Tecido cicatricial* .

Ele poderia viver com isso.

Ele largou a faca e tirou a camisa, deu uma tragada no cigarro e depois o apertou lentamente na carne diretamente sobre onde ele imaginava estar seu coração. Ele queria que a queimadura durasse. Um brinde a você, Annabel, pensou ele. Ele sentiu o cheiro do cabelo do peito queimando e outro cheiro mais doce por baixo e sentiu algo como a picada de uma vespa, afiada e abrupta e depois desaparecendo em um pulsar brilhante quando a brasa se extinguiu.

Ele jogou a ponta no cinzeiro e foi para a bacitracina.

Cerca de sete anos depois, em preparação para a festa de aniversário de dez anos de Annabel e Gerard, ele saiu de um chuveiro fumegante e admirou o

círculo branco pálido que se destacava claramente contra sua carne brilhante.

Laura já estava esperando, vestida e pronta para ir.

Ela sempre esteve um pouco à frente dele.

# DEVOLUÇÕES

"Estou aqui."

"Você é o que?"

"Eu disse que estou aqui."

"Ah, não comece comigo. Não comece."

Jill está deitada no sofá caro manchado com a TV ligada na frente dela sintonizada em algum game show, uma garrafa de Jim Beam no chão e um copo na mão. Ela não me vê, mas Zoey sim. Zoey está enrolada no lado oposto do sofá esperando sua mamada matinal e o sol já nasceu há quatro horas, são dez horas e ela está acostumada com seus Friskies às oito.

Sempre tive a sensação de que os gatos viam coisas que as pessoas não viam. Agora eu sei.

Ela está olhando para mim com uma espécie de interesse suplicante. Olhos arregalados, nariz preto se contorcendo. Eu sei que ela espera algo de mim. Estou tentando dar a ela.

"Você deveria alimentá-la pelo amor de Deus. A caixa de areia precisa ser trocada."

"O que? Who?"

"O gato. Zoey. Comida. Água. A caixa de areia. Lembrar?"

Ela enche o copo novamente. Jill tem feito isso a noite toda e toda a manhã, com ocasionais sonecas curtas.

Foi ruim enquanto eu estava vivo, mas desde que o táxi me derrubou quatro dias atrás na rua 72 com a Broadway, ficou incomensuravelmente pior. Talvez do jeito dela ela sinta minha falta. Acabei de voltar ontem à noite de Deus sabe-onde sabendo que havia algo que eu tinha que fazer ou tentar fazer e talvez seja isso. Tire-a disso.

"Jesus! Deixe-me ir *sozinho*. Você está na minha maldita cabeça. *Saia da minha maldita cabeça!*"

Ela grita alto o suficiente para os vizinhos ouvirem. Os vizinhos estão trabalhando. Ela não é. Assim, ninguém bate nas paredes. Zoey apenas olha para ela, então de volta para mim. Estou de pé na entrada da cozinha. Eu sei que é onde estou, mas não consigo me ver. Eu gesticulo com minhas mãos, mas nenhuma mão aparece na minha frente. Olho no espelho do corredor e não há ninguém lá. Parece que só meu gato de sete anos pode me ver.

Quando cheguei, ela estava no quarto dormindo na cama. Ela pulou e trotou com a cauda preta e branca levantada, a ponta branca enrolada no final. Você sempre pode dizer que um gato está feliz pela linguagem da cauda. Ela estava ronronando. Ela tentou me acariciar com o lado de sua mandíbula onde estão as glândulas odoríferas, tentando me marcar como sua, para me confirmar como os gatos fazem, como ela fez milhares de vezes antes, mas algo não estava certo. Ela olhou para mim intrigada. Inclinei-me para coçar suas orelhas, mas é claro que não consegui e isso pareceu intrigá-la ainda mais. Ela tentou me marcar com as ancas. Não vá.

“Desculpe,” eu disse. E eu era. Meu peito estava cheio de chumbo.

“Vamos, Jill. Levantar! Você precisa alimentá-la. Banho. Faça um bule de café. O que for preciso.”

“Isso é uma loucura”, diz ela.

Ela se levanta embora. Olha para o relógio no manto. Anda com as pernas bambas em direção ao banheiro. E

então eu posso ouvir a água correndo para o chuveiro. Eu não quero entrar lá. Eu não quero observá-la. Não quero mais vê-la nua e não vejo há muito tempo. Ela já foi atriz. Estoque de verão e o comercial ocasional.

Nada importante. Mas Deus, ela era linda. Então nos casamos e logo a bebida social se transformou em beber sozinha e depois beber o dia todo e seu corpo deslizou rapidamente para muito peso aqui, muito pouco ali.

Bolsos de auto-abuso. Não sei por que fiquei. Eu tinha perdido minha primeira esposa para o câncer. Talvez eu simplesmente não suportasse perder outro.

Talvez eu seja apenas leal.

Eu não sei.

Eu ouço a água desligar e um pouco depois ela volta para a sala em seu roupão felpudo branco, seu cabelo enrolado em uma toalha rosa. Ela olha para o relógio. Desce até a mesa para pegar um cigarro. Acende e puxa furiosamente. Ela ainda está trêmula, mas menos. Ela está carrancuda. Zoey a está observando cuidadosamente. Quando ela fica assim, meio bêbada e meio heterossexual, ela é perigosa. Eu sei.

"Você ainda está aqui?"

"Sim."

Ela ri. Não é uma risada legal.

"Com certeza você é."

"Eu sou."

"Besteira. Você me deixou louco enquanto estava vivo. Está me deixando louco agora que você está morto."

"Estou aqui para ajudá-la, Jill. Você e Zoey."

Ela olha ao redor da sala como se finalmente acreditasse que talvez, talvez eu realmente *esteja* aqui e não alguma voz em sua cabeça. Como se ela estivesse tentando me localizar, descobrir a fonte de mim. Tudo o que ela tem que fazer, na verdade, é olhar para Zoey, que está olhando diretamente para mim.

Mas ela está apertando os olhos de uma maneira que eu já vi antes. Um jeito que eu não gosto.

"*Bem, você não precisa se preocupar com Zoey,*" ela diz.

Estou prestes a perguntar o que ela quer dizer com isso quando a campainha toca. Ela apaga o cigarro, vai até a porta e a abre. Há um homem no corredor que eu nunca vi antes. Um homem pequeno, de aparência tímida e sensível, trinta e poucos anos e careca, com um blusão azul-escuro. Sua postura diz que ele está desconfortável.

"Sra. Caçar?"

"Uh-hum. Entre", diz ela. "Ela está bem ali."

O homem se abaixa e pega algo do chão e eu vejo o que é.

Um porta-gato. Plástico com uma frente de metal ralado. Assim como o nosso. O homem entra.

“Jil, *o que você está fazendo ? Que diabos você está fazendo , Jill?*

Suas mãos vão até os ouvidos como se ela estivesse tentando espantar uma mosca ou um mosquito e ela pisca rapidamente, mas o homem não vê nada disso. O homem está focado no meu gato que *continua focado em mim*, quando ela deveria estar olhando para o homem, quando *ela deveria estar vendo o transportador do gato, ela sabe muito bem o que eles significam pelo amor de Deus, ela está indo para algum lugar, para algum lugar que ela não vai gostar .*

“Zoey! Vai! Saia daqui! *Corre!*”

Eu bato palmas. Eles não fazem nenhum som. Mas ela ouve o alarme na minha voz e vê a expressão que eu devo estar usando e no último instante se vira para o homem no momento em que ele a alcança, se abaixa até o sofá e a pega e a empurra de cabeça para dentro do carrinho. . Fecha. Engata as travas duplas.

Ele é rápido. Ele é eficiente.

Meu gato está preso dentro.

O homem sorri. Ele não dá muito certo.

"Isso não foi tão ruim", diz ele.

"Não. Você é sortudo. Ela morde. Ela vai dar uma luta infernal às vezes.”

*"Sua cadela mentirosa "*, digo a ela.

Eu subi diretamente atrás dela agora. Estou dizendo isso no ouvido dela. Eu posso sentir seu coração pulsando com adrenalina e eu não sei se sou eu quem a está assustando ou o que ela acabou de fazer ou permitiu que isso a está assustando, mas ela é toda atriz agora, ela não vai me reconhecer. Nunca me senti tão zangado ou inútil na minha vida.

"Tem certeza que quer fazer isso, senhora?" ele diz. “Nós poderíamos colocá-la para adoção por um tempo.

Não *temos* que eutemizá-la. Claro, ela não é mais uma gatinha. Mas você nunca sabe. Alguma família...”

"Eu te *disse* ", minha esposa de seis anos diz. "Ela morde."

E agora ela está calma e fria como gelo.

Zoey começou a miar. Meu coração começou a quebrar. Morrer era fácil comparado a isso.

Nossos olhos se encontram. Há um ditado que diz que a alma de um gato é vista através de seus olhos e eu acredito nisso. Eu alcanço dentro da transportadora. Minha mão passa *pelo* transportador. Eu não posso ver minha mão, mas ela pode. Ela move a cabeça para cima para acariciá-lo. E a expressão confusa não está mais lá. É como se desta vez ela pudesse realmente me *sentir* , sentir minha mão e meu toque. Eu gostaria de poder senti-la também. Eu a acariciava assim quando ela era apenas uma gatinha, uma criança abandonada, com medo de cada buzina e sirene. E eu estava sozinho. Ela começa a ronronar. Eu descubro algo. Fantasmas podem chorar.

O homem sai com meu gato e eu estou aqui com minha esposa.

Eu não posso seguir. De alguma forma eu sei disso.

Você não pode começar a entender como isso me faz sentir. Eu daria qualquer coisa no mundo para seguir.

Minha esposa continua a beber e pelas próximas três horas eu não faço nada além de gritar com ela, rasgá-la.

Oh, ela pode me ouvir, tudo bem. Estou colocando-a em todos os tormentos que posso reunir, lembrando-a de todos os males que ela já fez a mim ou a alguém, lembrando-a repetidamente do que ela fez *hoje* e eu penso, então este é o meu propósito, é por isso que eu Estou de volta, a razão de eu estar aqui é para fazer essa cadela acabar com ela mesma, acabar com sua vida miserável e eu penso na minha gata e como Jill nunca se importou com ela, cuidou mais dos móveis manchados de vinho do que do meu gato e eu a encorajo em direção à tesoura, eu a encorajo em direção à janela e à queda de sete andares, em direção às facas na cozinha e ela está chorando, ela está gritando, pena que os vizinhos estão todos no trabalho, eles pelo menos a teriam preso. E ela mal consegue andar ou mesmo ficar em pé e eu penso,



*ataque cardíaco talvez, talvez derrame* e eu persigo minha esposa e a exorto a morrer, morrer até que seja quase uma hora e algo comece a acontecer.

Ela está mais calma.

Como se ela não estivesse me ouvindo tão claramente.

Estou perdendo algo.

Alguma energia se afastando lentamente como uma bateria se esgotando.

Começo a entrar em pânico. Não entendo. *Eu ainda não terminei.*

Então eu sinto. Eu a sinto chegar até mim de quarteirões e quarteirões de distância, do outro lado da cidade.

Sinto a respiração lenta. Sinto o coração parar. Eu sinto o fim quieto dela. Eu sinto isso mais claramente do que senti meu próprio fim.

Eu sinto isso agarrar meu próprio coração e *apertar*.

Olho para minha esposa, andando de um lado para o outro, bebendo. E eu percebo algo. E de repente não é mais tão ruim. Ainda dói, mas de uma maneira diferente.

Não voltei para atormentar Jill. Não para destruí-la ou envergonhá-la pelo que ela fez. Ela está se despedaçando. Ela não precisa de mim para isso. Ela teria feito essa coisa terrível de qualquer maneira, com ou sem eu estar aqui. Ela tinha planejado isso. Estava em movimento. Minha presença aqui não a impediu. O

fato de eu estar aqui depois não mudou as coisas. Zoey era minha. E dado quem e o que Jill era, o que ela tinha feito era inevitável.

E eu penso, *para o inferno com Jill. Jill não importa nem um pouco. Nem um pouco. Jill é zero.*

Foi por Zoey que eu estava aqui. Zoey o tempo todo. Aquele momento terrível.

Eu estava aqui para o meu gato.

Aquele último toque de conforto dentro da gaiola. O focinho e o ronronar. Lembrando a nós dois de todas aquelas noites em que ela me confortou e eu a ela. O frágil pincel das almas.

Era disso que se tratava.

Era isso que precisávamos.

O último e o melhor de mim se foi agora.

E eu começo a desvanecer.

**JACK KETCHUM** é o autor dos romances *Off Season*, *Esconde-esconde*, *Cover*, *The Girl Next Door*, *She Wakes*, *Joyride*, *Stranglehold*, *Offspring*, *Red*, *Ladies' Night*, *The Lost* e, sem dúvida, *Right to Life*. Seu conto é coletado em *The Exit at Toledo Blade Boulevard*, *Broken on the Wheel of Sex* e *Pcaceuble Kingdom*.

Seus romances foram traduzidos para o japonês, francês, grego, russo e italiano. Em 1994, sua história “The Box” ganhou o Prêmio Bram Stoker de Melhor Desempenho em Ficção Curta, e sua história “Gone” ganhou o mesmo prêmio em 2000.

Stephen King disse sobre ele que “nenhum escritor que o leu pode deixar de ser influenciado por ele, e nenhum leitor geral que se depara com seu trabalho pode esquecê-lo facilmente”. Em sua introdução a *Off Season: The Unexpurgated Edition*, Douglas E. Winter escreve. “Quando li *Off Season*, eu sabia que seu escritor era diferente, que ele estava trabalhando a partir daquela perspectiva crua e arriscada conhecida como visão pessoal... [Era] o artigo genuíno, seus horrores insistentes, viscerais e perturbadores.”

Ketchum mora em Nova York.